**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

FÁBIO EDUARDO DA SILVA

**Psi: é possível treinar?
Revisando a literatura sobre desenvolvimento psi**

São Paulo
2009

FÁBIO EDUARDO DA SILVA

Psi: é possível treinar?
Revisando a literatura sobre desenvolvimento psi

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia,
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da
Universidade de São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho
Orientador: Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Silva, Fábio Eduardo da.

Psi: é possível treinar? Revisando a literatura sobre desenvolvimento psi / Fábio Eduardo da Silva; orientador Esdras Guerreiro Vasconcellos. -- São Paulo, 2009.

239 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia anomalística 2. Percepção extra-sensorial 3. Experiências anômalas 4. Treinamento psi I. Título.

BF1312

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fábio Eduardo da Silva

Psi: é possível treinar?

Revisando a literatura sobre desenvolvimento psi

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Para minha família e, em especial, para minha esposa, Mariza Paes de Camargo, com muito amor.

AGRADECIMENTOS

Tal como um rio, que não existe se não pela interação de muitos fatores, esse trabalho não teria sido possível sem a cooperação de um grande número de pessoas e/ou instituições. Abaixo se mencionam algumas delas.

Aos fundadores das Faculdades Integradas Espírita (FIES), Professores Octávio Melchíades Ulysséa e Neyda Nerbass Ulysséa, pois que investindo em sonhos construíram realidades inigualáveis.

Ao coordenador do Curso Livre de Parapsicologia, Reginaldo C. Hiroaka, e seu secretário, Jonas Bach, por manterem acesa a carinhosa chama contato social.

Aos precursores da pesquisa parapsíquica nas FIES: Ceslau Z. Jackowski (1945-1998), Joe S. Garcia, Lya Uba, Luiz Henrique Cardoso, Waelson de Oliveira, Sérgio Razende, Cristina Rocha, Hamilton Pereira da Silva, Neusa Ponchieli Lustosa, Tarcísio R. Pallu e Vera L. O. C. Barriónuevo.

A um dos precursores da pesquisa psi nas FIES e também um dos fundadores do Curso Livre de Parapsicologia, professor Carlos Alberto Tinoco, por seu contínuo estímulo e apoiou.

À Wilson Picler, outro precursor da pesquisa psi nas FIES e que tem cooperado significativamente dando suporte econômico a várias atividades relacionadas a pesquisa psi.

À Nadir Martins Ganz, colega que desenvolveu junto conosco alguns trabalhos importantes para o embasamento dessa pesquisa.

Ao Dr. Stanley Krippner, um homem rede, incrível cientista e notável ser humano, por cooperar contínua e decisivamente para o crescimento da pesquisa psi em nossa instituição.

Aos colegas, amigos e instrutores, Wellington Zangari e Fátima Regina Machado, por viverem sonhos audazes e transformá-los em realidade, por compartilhá-los e por cooperarem continuamente com nossas atividades de pesquisa.

À amiga Esther Cabado-Modia, por um especial e carinho apoio.

Aos colegas de supervisão, por viajarem junto comigo neste percurso e auxiliarem a construir este trabalho, tanto em termos cognitivos como afetivos.

Aos Doutores Carlos Alvarado e Nancy Zingrone, pela amizade e apoio contínuo.

Aos meus professores do *Rhine Research Center*, Dra. Cheryl Alexander, Dra. Kathy Dalton, Dr. John Palmer, Dr. Richard Broughton, por terem me introduzido na pesquisa psi internacional.

Aos colegas de trabalho e/ou pesquisa, Margareth Aparecida Bleichwel, Celso Côrtes Cordeiro, Maurício Yanez Alves da Silva e Sibeles Aparecida Pilato.

À amiga e colega, Lizmári Pontoni, por sua competência e sensibilidade.

Aos Participantes de nossos grupos de vivências, por nos ensinarem muito sobre os fenômenos psi.

Se todas essas pessoas/instituições contribuíram de forma muito objetiva a esse trabalho, houve também muitas pessoas e instituições que forneceram auxílios mais sutis, subjetivos, e nem por isso menos importante. Agradecemos em primeiro lugar ao Sr. Walter Correia da Silva, dirigente da União Fraterna Universal, instituição voltada a gerar paz nesse planeta. Uma gratidão muito grande a minha família, por suportar a grande ausência gerada pela dedicação a essa pesquisa. Também pelo amor que mantém o significado da vida.

Por fim, quero agradecer, do nível mais sutil do meu ser, ao Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos, por sua amplitude de mente e coração, arriscando-se (pessoal e profissionalmente) nesta aventura. Por lidar sobriamente com minhas limitações, sofrendo, por vezes, as consequências delas, e por ser um exemplo de integração corpo-mente-emoção-espírito.

RESUMO

SILVA, F. E. **Psi: é possível treinar? revisando a literatura sobre desenvolvimento psi.** 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Estuda as experiências anômalas (EAs), as quais podem ser definidas como incomuns e irregulares, ainda que vivenciadas por uma grande parcela da população. Dentre a variedade de EAs, concentra-se nas experiências relacionadas a psi, que incluem duas categorias. A primeira abrange relatos de percepção extra-sensorial (ESP), ou seja, indicativos da capacidade de se obter informação sem a utilização dos canais sensoriais ou de inferências lógicas. A segunda é chamada de Psicocinesia (PK) e refere-se a relatos da ação ou efeito da mente sobre a matéria, ou seja, quando as preferências ou pensamentos de pessoas parecem afetar o ambiente físico, sem a mediação do sistema muscular ou outra força física ou mecanismo físico reconhecido. Investiga se: a) é possível treinar pessoas para estarem mais aptas para perceber e utilizar os fenômenos psi no contexto experimental e b) se a manipulação de certos fatores pode aumentar significativamente os índices de psi em laboratório. Para tanto, revisa e discute por meio de sistematização a eficácia das pesquisas de treinamentos psi (TP) e os resultados de estudos que manipulam variáveis consideradas psi-condutivas (VCP). Agrupa os estudos nestas duas categorias (TP e VCP), considerando variáveis específicas e comuns para os dois grupos. Avalia os estudos em blocos, segundo as variáveis consideradas, com ênfase nos dados estatísticos e do método. A revisão da literatura ocorre de março de 2007 a fevereiro de 2008 e abrange livros e artigos científicos relacionados ao tema. 128 estudos são revisados, sendo 87 deles relacionados a manipulação de VCP e 41 relacionados ao TP, totalizando 9.153 participantes em 845.815 ensaios. Avalia que 37% dos estudos TP são criticados, sendo a maior parte das críticas endereçada a problemas de método, enquanto que 16% dos estudos VCP recebem críticas. Conclui que os estudos não são eficazes em treinar psi ou manipular variáveis psi-condutivas, ainda que a maior parte deles obtenha resultados significativos e na direção esperada. De uma forma geral eles falham em termos da elaboração de métodos capazes de excluir hipóteses alternativas àquelas testadas, sendo que as principais falhas são: 1. falta de grupos controle; 2. controle inadequado da variável crença, tanto em relação aos sujeitos como aos pesquisadores; 3. falha em avaliar o real aprendizado; a maioria dos estudos são de curta ou curtíssima duração e sem a avaliação e/ou correlação dos fatores, aos quais se atribui aprendizado, com os escores psi. Com exceção de um estudo, os demais não apresentam testes posteriores para verificar a possível manutenção dos níveis de psi alcançados; 4. o efeito experimentador psi e psicológico é amplamente ignorado pela maioria dos estudos; 5. falta de parâmetros padrões para avaliar determinadas características ou estados (ex. hipnose, meditação, ganzfeld); 6. falta de uma abordagem sistêmica e integrada em relação aos fenômenos psi, aos métodos para testá-los e as múltiplas variáveis passíveis de influenciá-lo. Considera estas falhas apresentando sugestões para superá-las e uma proposta inicial exploratória de treinamento psi.

Palavras-chave: Psicologia anomalística; Percepção extra-sensorial; Experiências anômalas; Treinamento psi.

ABSTRACT

SILVA, F. E. **Psi: is it possible to train it?** a review of the literature about psi development. São Paulo, 2009. 239 p. Dissertation (Master's degree). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

This dissertation is about studies of anomalous experiences (AEs), which can be defined as uncommon and irregular, but reported by a large segment of the population. Among the variety of AEs, this work concentrates on psi-related experiences, which includes two categories. The first are reports of extrasensory perception (ESP), which suggest the capacity of obtaining information without the use of the sensory channels or logical inference. The second is called of psychokinesis (PK), which refers to reports of the action or effect of the mind on matter, or when people's thoughts seem to affect the physical environment, without the mediation of the muscular system, a physical force, or a recognized physical mechanism. The study explores if: a) it is possible to train people to be more capable to perceive and use psi phenomena in the experimental context and, b) if the manipulation of some factors can increase psi scores significantly in the laboratory. A review of the research on the effectiveness of psi trainings (PT) and of studies that manipulate psi-conductive variables (PCV) is presented. The studies are grouped in these two categories (PT and PCV), considering specific and common variables for both groups. Studies are evaluated in subgroups, according to specific variables, with emphasis on statistics and methods. The literature review was conducted from March 2007 to February 2008, and it includes books and scientific papers on the topic. 128 studies are reviewed; 87 of them about the manipulation of VCP and 41 of TP, for a total of 9.153 participants in 845.815 trials. 37% of the TP studies are criticized, mostly on methodological grounds, while the same was the case for 16% of the VCP studies. Although most of the studies obtained significant results in the expected direction, it is concluded that they are not effective to train psi or to manipulate psi-conductive variables. In general they fail in terms of the elaboration of methods capable to exclude alternative hypotheses, and the main flaws are: 1. lack of control groups; 2. inappropriate control of the variable of belief, for both the subjects and researchers; 3. lack of evaluation of learning; most of the studies were of brief duration and without the evaluation and/or correlation of the factors to which learning is attributed, and in relation to psi scores. With the exception of one study, the rest do not present subsequent analyses to verify the possible maintenance of the psi levels obtained; 4. the experimenter effect (psi and psychological) is ignored completely in most of the studies; 5. lack of standard parameters to evaluate certain characteristics or states (for example hypnosis, meditation, ganzfeld); 6. lack of a systemic and integrated approach in relation to psi phenomena, to the methods used to test them, and to multiple variables that may influence them. In addition to discussing these problems, suggestions are presented to improve the situation, together with an exploratory initial proposal for psi training.

Keywords - Anomalistic psychology, Extrasensory perception; Anomalous experiences; Psi training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 - Dr. Robert Morris	29
Fotografia 02 - Baralho ESP	34
Fotografia 03 - Dr. Edwin May	39
Fotografia 04 - Dra. Jessica Utts	42
Fotografia 05 - Dr. Stanley Krippner	44
Fotografia 06 - Dr Adrian Parker	47
Fotografia 07 - Pesquisadora Sibele Pilato, preparando uma participante (receptor) em um estudo Ganzfeld manual no CIPE	48
Fotografia 08 - Pesquisador Maurício Yanês da Silva acompanha um participante (emissor) de um estudo Ganzfeld manual do CIPE	49
Fotografia 09 - Dr. Roger Nelson	52
Fotografia 10 - Dr. Dean Radin	57
Fotografia 11 - Dr. Charles Tart	74
Fotografia 12 - Dr. Jeffrey Mishlove	76
Fotografia 13 - Dr. Jim Carpenter	130
Fotografia 14 - Pesquisador H. Kokubo, junto aos estudantes da Escola André Luiz	151
Fotografia 15 - Ficha utilizada no teste de clarividência chinesa	161
Fotografia 16 - Ficha utilizada no teste de clarividência com fotografias	162
Modelo 01 - proposto pelo pesquisador Adrian Parker	197

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 01 - Classificação Beloff	15
Tabela 02 - Resultados dos 10 experimentos do SAIC listados pelo Dr. Edwin May	41
Tabela 03 - Sumário geral estatístico dos experimentos de influência mental direta	61
Tabela 04 - Probabilidades associadas com a performance de emparelhamento de cartas [ESP] no experimento de Dukhan e Rao (1973) sobre os efeitos da meditação sobre a performance de adivinhação psi	99
Tabela 05 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos revisados	164
Tabela 06 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda do quadro 01)	166
Tabela 07 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos ao tipo de manipulação (conforme legenda no quadro 02)	167
Tabela 08 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à Hipnose	168
Tabela 09 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de Hipnose relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)	168
Tabela 10 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à Meditação	170
Tabela 11 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de Meditação relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)	171
Tabela 12 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de Meditação, relativos ao tipo de manipulação (conforme legenda no quadro 02)	171
Tabela 13 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos ao relaxamento	171
Tabela 14 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de relaxamento relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)	172
Tabela 15 - Revisão dos estudos indutivos aos estados de atenção interna	173

Tabela 16 - Pesquisadores que relacionaram aspectos da alteração de consciência no Ganzfeld com a psi	176
Tabela 17 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à criatividade	179
Tabela 18 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de criatividade relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)	180
Tabela 19 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à grupos e a efeitos sociais	182
Tabela 20 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de grupos relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)	182
Tabela 21 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de treinamento psi, relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)	184
Tabela 22 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de treinamento psi, relativos ao tipo de treinamento conduzido	184
Tabela 23 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de treinamento psi, relativos à retro-alimentação	187
Tabela 24 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de retro-alimentação relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e curso do desempenho (vide legenda no quadro 01)	187
Quadro 01 - Legenda das tabelas relativas ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho	166
Quadro 02 - Legenda das tabelas relativas ao tipo de manipulação	167

LISTA DE ABREVIATURAS

APA	<i>American Psychological Association</i> - Associação Psicológica Americana
ASPR	<i>American Society for Psychical Research</i> - Sociedade Americana para Pesquisa Psíquica
CA	Cognição Anômala
CIPE	Centro Integrado de Parapsicologia Experimental
DH	<i>Distant Healing</i> - Cura a Distância
DMILS	<i>Direct Mental Interaction on Living Systems</i> - Interação Mental Direta sobre Sistemas Vivos
EAC	Estados Alterados de Consciência
EAs	Experiências Anômalas
EDA	<i>Electrodermal activity</i> - atividade eletro-dérmica ou resistividade elétrica da pele
EEG	Eletroencefalograma
EFC	Experiências Fora do Corpo
EMC	Estados Modificados de Consciência
EMG	Eletromiograma
EQM	Experiências de Quase Morte
ERD	<i>Event Related Desynchronization</i> - Descincronização Relatada ao Evento
ERPs	<i>Event Related Potentials</i> - Potenciais [do cérebro] relatados ao evento
ESP	<i>Extrasensory Perception</i> - Percepção Extra-sensorial
FIES	Faculdades Integradas Espírita
FRNM	<i>Foundation for Research on the Nature of Man</i> - Fundação para Pesquisa da Natureza do Homem
GEA	Gerador de Eventos Aleatórios
GESP	<i>General Extrasensory Perception</i> - Percepção Extra-sensorial Geral
IBPP	Instituto Brasileiro de Pesquisa Psicobiofísicas
IGPP	<i>Institut fur Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene</i> - Instituto das Áreas Fronteiriças da Psicologia e da Psicohigiene
INPP	Instituto Nacional de Pesquisas Psicobiofísicas
LSD	<i>Lysergsäurediethylamid</i> - dietilamida do ácido lisérgico
LVP	Lembranças de [supostas] vidas passadas
MBTI	<i>Myers Briggs Type Inventory</i> - Inventário de Tipos de Myers Briggs

MRO	Movimentos Rápidos dos Olhos
NPG	Núcleo de Pesquisa Ganzfeld
NSW	<i>Negative Slow Wave</i> - Onda Negativa Lenta
PA	Perturbação Anômala
PEAR	<i>Princeton Engineering Anomalies Research</i> - Pesquisas de Anomalias em Engenharia [da Universidade] de Princeton
PK	<i>Psychokinesis</i> - Psicocinesia
PRP	Percepção Remota Precognitiva
RI	Retro-alimentação Imediata
RNG	<i>Random-number Generator</i> - Gerador de Números Randômicos
RSPK	<i>Recurrent Spontaneous Psychokinesis</i> - Psicocinesia Espontânea Recorrente
RV	<i>Remote Viewing</i> - Visão Remota
SAIC	<i>Science Applications International Corporation</i> - Corporação Internacional de Aplicações da Ciência
SPR	<i>Society for Psychical Research</i> - Sociedade para Pesquisa Psíquica
SRI	<i>Stanford Research Institute</i> - Instituto de Pesquisa de Stanford
TACT	<i>Torrance Assessment of Creative Thinking</i> - Avaliação de Pensamento Criativo de Torrance
TP	Treinamento Psi
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade de Campinas
VIPAC	Vivências para autoconsciência
VPC	Variáveis [consideradas] psi-condutivas
TD	Tomada de Decisão
RP	Resolução de Problemas
PA	Parapsychological Association - Associação Parapsicológica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	PREVALÊNCIA E FENOMENOLOGIA	17
1.2	EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS RELACIONADAS À PSI, SEU ESTUDO (PESQUISA PSI) E PSICOLOGIA	21
1.3	BREVE REFERÊNCIA HISTÓRICA	33
1.4	PRINCIPAIS LINHAS EXPERIMENTAIS CONTEMPORÂNEAS DE PESQUISA PSI	38
1.5	BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA PSI NAS FACULDADES INTEGRADAS ESPÍRITA E MOTIVAÇÃO PESSOAL	62
1.6	JUSTIFICATIVA	68
2	MÉTODO	70
3	APROXIMAÇÃO DO TEMA FOCO DA PESQUISA	73
3.1	REVISÕES DE ESTUDOS PSI	73
3.2	REVISÕES DE ESTUDOS RELATIVOS AO DESENVOLVIMENTO PSI	74
3.3	DESENVOLVIMENTO PSI: CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES BÁSICAS	78
3.3.1	Alguns modelos conceituais para o treinamento psi	79
3.3.2	Considerações sobre o desenvolvimento Psi nas tradições pré-científicas e sistemas populares	85
3.3.3	Estudos experimentais de treinamento psi e de fatores psi-condutivos: características gerais	87
4	RESULTADOS	89
4.1	ESTUDOS EXPERIMENTAIS MANIPULANDO VARIÁVEIS CONSIDERADAS PSI-CONDUTIVAS OU FATORES PSICONDUTIVOS (VPC)	89
4.1.1	Fatores de modificação de consciência	89
4.1.2	Outros fatores ligados aos participantes experimentais	116
4.1.3	Fatores ligados aos alvos	126

4.1.4 Fatores ligados ao ambiente social - psi em grupos	127
4.2 ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE TREINAMENTO PSI (TP)	132
4.2.1 Retro-alimentação	132
4.2.2 Outros métodos	144
4.3 SÍNTESE QUANTITATIVA GERAL DOS DADOS	164
5 DISCUSSÃO	165
5.1 ESTUDOS EXPERIMENTAIS MANIPULANDO VARIÁVEIS CONSIDERADAS PSI-CONDUTIVAS OU FATORES PSI-CONDUTIVOS (VPC)	165
5.1.1 Fatores de modificação de consciência	168
5.1.2 Outros fatores ligados aos participantes experimentais	177
5.1.3 Fatores ligados aos alvos	180
5.1.4 Fatores ligados ao ambiente social - psi em grupos	182
5.2 ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE TREINAMENTO PSI (TP)	183
5.2.1 Retro-alimentação	186
5.2.2 Outros métodos	188
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES	194
6.1 VARIÁVEIS COMUNS E ESPECÍFICAS DOS SISTEMAS DE DESENVOLVIMENTO PSI	194
6.2 DISCUTINDO A EFICÁCIA DOS TREINAMENTOS PSI E OS RESULTADOS DE ESTUDOS QUE MANIPULAM VARIÁVEIS CONSIDERADAS PSI-CONDUTIVAS	195
6.3 REFLETINDO SOBRE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO: É POSSÍVEL TREINAR PSI?	196
REFERÊNCIAS	205
ANEXOS	229

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa focaliza-se no estudo de *experiências anômalas (EAs)*, as quais podem ser definidas como incomuns e irregulares, ainda que vivenciadas por um grande número de pessoas. Acredita-se que elas se desviem da experiência ordinária ou das explicações usualmente aceitas sobre a realidade. A expressão “anômalo” não indica, necessariamente, psicopatologia (CARDEÑA, LYNN, KRIPPNER, 2000). Dentre a variedade de *EAs*, este estudo se concentra na categoria chamada *experiências relacionadas a psi*, as quais têm sido estudadas cientificamente há mais de um século por pesquisadores de diferentes disciplinas (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000).

As *EAs* relacionadas a psi incluem duas categorias básicas¹. A primeira abrange relatos de *Percepção Extra-sensorial (ESP)*², ou seja, indicativos da capacidade de se obter informação sem a utilização dos canais sensoriais ou de inferências lógicas. De acordo com Broughton (1991), Irvin (1999) e Edge, et al. (1986), incluem-se nesta:

- a. *telepatia* (comunicação mental direta), na qual uma pessoa parece obter informação da mente de outra pessoa sem a mediação dos sentidos ou inferência lógica; sendo que a informação obtida precisa estar somente restrita a mente da outra pessoa;
- b. *clarividência* (conhecimento anômalo de eventos distantes), na qual uma pessoa parece obter informação diretamente de um sistema sem a mediação dos canais sensoriais ou inferência lógica, sendo que a informação obtida não pode ser conhecida por outra pessoa (BROUGHTON, 1991; IRVIN, 1999; EDGE, et al. 1986).

Como a distinção entre estes dois tipos de relatos (ou sob condições experimentais, dois tipos de hipotéticas habilidades) é muito difícil, Rhine (1948) cunhou o termo *Percepção*

¹ Tais categorias, e classificações delas decorrentes, não implicam no conhecimento da natureza destes supostos fenômenos, constituindo-se, antes, em tentativa de estruturar os métodos de pesquisa na área.

² ESP - sigla para *Extrasensory Perception*. Atualmente a ESP é também chamada de *Cognição Anômala - CA (Anomalous Cognition - AC)*

Extra-sensorial Geral (*GESP*)³ incluindo a possibilidade tanto da telepatia como da clarividência. Elas parecem ocorrer em relação a fatos presentes, ou seja, ocorrem mais ou menos no momento que o evento a que se referem acontece. A ESP, porém, parece não se restringir ao presente, havendo relatos relativos à obtenção não sensorial ou dedutiva de informações do passado ou futuro (BROUGHTON, 1991; IRVIN, 1999; EDGE, et al. 1986).

- c. *precognição* (conhecimento de fatos futuros por meios não convencionais), podendo se manifestar na forma de clarividência (“ver” eventos futuros) ou telepatia (sentir futuras emoções ou angústias de outras pessoas), esta forma de *ESP* sugere a percepção de informações que ainda não existem e que não podem ser deduzidas pelos fatos presentes. Temporalmente inversa a precognição e muito mais rara que esta, temos ainda a possibilidade da *retrocognição*, na qual uma pessoa relata ter acesso não sensorial ou dedutivo a fatos passados os quais desconhecia (BROUGHTON, 1991; IRVIN, 1999; EDGE, et al. 1986; TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000).

A expressão *precognição* é comumente usada nos artigos de pesquisa e será adotada neste estudo, porém, Beloff (1993) apresenta outra classificação, na qual a *clarividência* e a *telepatia* poderiam se referir a três modalidades de tempo, como mostra a tabela seguinte:

Tabela 1 - Classificação Beloff

Condição suposta de sucesso	Localização suposta do objeto		
	Passado	Presente	Futuro
Agente necessário	Telepatia retrocognitiva	Telepatia contemporânea	Telepatia precognitiva
Agente não necessário	Clarividência retrocognitiva	Clarividência contemporânea	Clarividência precognitiva

(BELOFF, 1993, p.31)

A segunda categoria de EAs relacionadas a psi é chamada de *Psicocinesia* (*PK*)⁴ e refere-se a relatos da ação ou efeito da mente sobre a matéria, ou seja, quando as preferências

³ GESP - sigla para *General Extrasensory Perception*

⁴ *PK* - sigla para *Psychokinesis*. Atualmente a *PK* é também chamada de Perturbação Anômala - PA (*Anomalous Perturbation* - AP)

ou pensamentos de pessoas parecem afetar o ambiente físico, sem a mediação do sistema muscular ou outra força física ou mecanismo físico reconhecido. Sendo bem menos freqüente relatada do que a *ESP*, a *PK* pode ser chamada de *Macro-PK* quando possibilitar a observação visual direta do efeito (ex. movimento de um objeto sem causa explicável) ou *Micro-PK*, quando não for passível de observação, necessitando de mensuração e análises estatísticas (como na influência mental direta sobre equipamentos eletrônicos balanceados - ex. Geradores de Eventos Aleatórios). Quando a aparente ação direta da mente relacionar-se com organismos vivos (ex. aparente ação da mente sobre vegetais, animais ou seres humanos) é chamada de *Bio-PK* ou *DMILS*⁵ (RADIN, 1997; BROUGHTON, 1991; IRVIN, 1999).⁶

Com base no que foi exposto, este trabalho trata de investigar se (a) é possível treinar pessoas para estarem mais aptas para perceber e utilizar os fenômenos psi no contexto experimental e (b) se a manipulação de certos fatores pode aumentar significativamente os índices de psi em laboratório. Buscando respostas a estas questões o trabalho investigativo dessa dissertação é revisar a literatura científica sobre desenvolvimento psi. De forma mais precisa o **objetivo geral** do estudo é: *revisar e discutir por meio de sistematização a eficácia dos treinamentos psi e os resultados de estudos que manipulam variáveis consideradas psi-condutivas*. Para alcançá-lo, os **objetivos específicos**, incluem: o agrupamento dos estudos nestas duas categorias (a. pesquisas de treinamento psi e b. pesquisas que manipulam variáveis consideradas psi-condutivas); a consideração de variáveis específicas e comuns para

⁵ DMILS - sigla para *Direct Mental Interaction on Living Systems*

⁶ Uma terceira categoria está também relacionada a pesquisa psi, ela focaliza-se em experiências ou possíveis fenômenos sugestivos da hipótese da sobrevivência da consciência após a morte física. Esta categoria inclui: a) "Casas Assombradas" (Haunting) ou "Aparições", que se caracterizam principalmente por aparições de "fantasmas" ou bolas de luz e ruídos sem uma causa explicável. Ocasionalmente, ocorrem movimentos de objetos sem explicação aparente. Estão associadas a lugares específicos e costumam ter longa duração. b) Lembranças de [supostas] vidas passadas (LVP) - A pesquisa deste tema está basicamente associada a crianças em tenra idade (normalmente de 2 a 7 anos) que relatam recordarem-se de suas vidas passadas, geralmente, com lembranças associadas à época da suposta morte. c) Experiências Fora do Corpo (EFC), nas quais as pessoas relatam perceber o seu foco de consciência situado em local diferente do seu corpo físico, podendo, algumas vezes, inclusive, ver o seu próprio corpo desta perspectiva. d) Experiências de Quase Morte (EQM) Muitas pessoas passam por morte clínica e dela retornam relatam sentirem-se separadas do seu corpo físico, "reviverem" suas vidas inteiras em segundos, passarem por um túnel, encontrarem uma luz muito forte e parentes falecidos. Ao retornarem, com certa freqüência superam o medo da morte, manifestando novos valores existenciais. e) Pesquisas com Médiuns ou *Drop-in* - certas pessoas relatam experiências de se sentirem interagindo "diretamente" com pessoas falecidas, às vezes dando informações detalhadas sobre a vida dessas pessoas e, em alguns casos, "comportando-se" semelhantemente aos supostos falecidos. Em alguns casos, essas informações podem ser confirmadas. Ainda que tais experiências ou supostos fenômenos estejam relacionados à referida hipótese, existem outras hipóteses que buscam explicá-los. Como o presente trabalho, por razões de método, não inclui esta categoria, ela não é apresentada nem discutida além do que aqui é exposto. No entanto, ela parece ter grande importância no escopo das experiências e capacidades humanas.

os dois grupos, como é mostrado adiante; a apresentação dos dados de forma descritiva e em tabelas, na forma de sínteses ou quantificações; a elaboração de um roteiro de operacionalização dos dados e a avaliação dos estudos em blocos, segundo as variáveis consideradas, com ênfase nos dados estatísticos e do método. Além disto, busca-se possibilitar, a partir dos dados avaliados, reflexões iniciais para a elaboração de um programa de treinamento psi.

A investigação de revisão da literatura ocorre de março de 2007 a fevereiro de 2008, abrangendo livros e artigos científicos relacionados ao tema. Como a literatura nesta área é pequena, não se estabeleceu um limite temporal das publicações.

Os subitens desta introdução apresentam: (1.1) a prevalência e fenomenologia dos fenômenos psi, (1.2) as possíveis correlações entre esta área e a psicologia, (1.3) uma rápida revisão histórica, (1.4) as principais linhas de pesquisa experimental - o que é necessário para a compreensão dos estudos voltados a avaliar o desenvolvimento de psi descritos adiante, (1.5) um breve histórico do envolvimento do acadêmico com a pesquisa psi, no ambiente das Faculdades Integradas Espírita, e dados pessoais indicativos da motivação e significado deste trabalho para o mesmo e (1.6) uma curta justificativa.

1.1 PREVALÊNCIA E FENOMENOLOGIA

Os relatos de *experiências relacionadas a psi* tais como aparente clarividência, telepatia e precognição são muito freqüentes em praticamente todas as culturas ou tradições religiosas. Estudos contemporâneos de levantamento sugerem que cerca de mais de 50% das pessoas, onde esses estudos foram realizados, relatam ter tido tais experiências. Nos EUA, um estudo conduzido pela universidade de Chicago considerou aproximadamente 1.500 pessoas adultas, das quais 67% relataram ter tido alguma experiência psi. Percentuais de relatos Psi

acima de 50% foram encontrados em estudos de levantamentos realizados na América do Norte, Grã-Bretanha, outros países da Europa, oriente médio, Brasil, Ásia e Austrália. A telepatia surge como a experiência psi mais comumente relatada, aparecendo em cerca de um terço ou às vezes na metade das populações. A clarividência aparece nos relatos de um quinto da população. Bem menos freqüentes, os relatos de psicocinesia aparecem entre 5 a 10% de incidência relativa (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000).

Aspectos culturais parecem influenciar a prevalência destes relatos. No Brasil, onde a influência do espiritismo afro-brasileiro parece ser importante, num estudo conduzido por Zangari e Machado (1997), 89,5% de 181 estudantes universitários de São Paulo responderam ter tido ao menos uma experiência psi.

As coleções de estudo de caso sobre as experiências anômalas relacionadas à psi permitem o levantamento de características destes fenômenos. A maior parte dos estudos relaciona-se aos relatos de ESP, sendo que estudos sobre *PK* são bem menos freqüentes. Algumas das principais características encontradas sobre *ESP* serão mostradas abaixo, seguidas das características relacionadas a *PK*.

Dentre os estudos de levantamento de experiências psi mais contemporâneos, destaca-se a coleção de casos feita pela doutora L. E. Rhine, com mais de 10.000 relatos. Ela verificou que 60% destes relatos de Psi relacionam-se a fatos do presente, ocorridos em outro local (não acessível sensorialmente pela pessoa que relata o caso). A maioria dos casos restantes refere-se a fatos futuros - precognição - e uma minoria muito rara a fatos passados - retrocognição. L. E. Rhine classificou seus casos em quatro formas subjetivas pelas quais a aparente informação *ESP* chega à consciência do experimentador: a) impressões intuitivas - um pressentimento ou conhecimento súbito sobre o um evento distante (no tempo ou no espaço), 26 %; b) alucinações - a informação extra-sensorial apresenta-se como uma alucinação sensorial, tal como ver uma aparição ou ouvir uma voz, 9%; c) imagens visuais realísticas - a

maioria das experiências extra-sensoriais deste tipo ocorre através de sonhos, nos quais as imagens são muito detalhadas representando literalmente os eventos aos quais se referem, 44% e d) imagens visuais não realísticas - em contraste com o item anterior este tipo apresenta-se sob a forma imagens associativas, simbólica ou disfarçadas, 21%. A maioria das experiências precognitivas ocorria em sonhos com imagens visuais realistas, enquanto que os relatos relacionados à fatos presentes ocorriam marginalmente mais freqüentes sobre a forma intuitiva (33%) (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000) .

As experiências relacionadas a Psi usualmente incluem apenas parte da informação relacionada ao evento a que se referem, por exemplo, **o que** acontece e com **quem** acontece. As experiências psi mediadas por imagens visuais realísticas apresentaram o mais alto índice de completude de informações (91%), sendo seguidas pelas experiências psi através de imagens não realísticas (72%), intuições (55%) e experiências alucinatórias (32%) (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; IRVIN, 1999).

O conteúdo destas experiências parece ter um significado pessoal para quem as vive, sendo que, freqüentemente, relaciona-se a uma pessoa com vínculos emocionais com aquela que tem a experiência, envolvendo situações de morte, crises pessoais, ou outros fatos importantes. Com freqüência, essas experiências são relatadas como sendo significativas e constrangedoras e, em 36% dos relatos as pessoas estão convictas, no momento em que tem a experiência, de que ela refere-se a fatos reais. Esta convicção é mais presente nas experiências com forma intuitiva (84%) e menos presente naquelas que envolvem imagens visuais não realísticas (19%). Outro aspecto é que a maioria das pessoas que têm tais experiências relata estar sozinha quando as vivenciam, com exceção da forma intuitiva. Durante a experiência, 90% delas relatam estar envolvida em atividades físicas mínimas, sentadas ou dormindo. Apenas 3% delas, relatam estar desenvolvendo atividades fortes, como num jogo ou exercício, durante tais experiências (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; IRVIN, 1999).

Na coleção de casos da doutora Rhine, dos mais de 10.000 relatos apenas 178 relacionavam-se com a *PK* (IRVIN, 1999). O baixo percentual destas experiências aparece também em outros estudos de levantamento (GALLUP, NEWPORT, 1991; DEFLORIN, SCHMIED, 2000; MONTANELLI, PARRA, 2000). Quase todos os casos estudados pela doutora Rhine incluíam duas pessoas muito amigas ou parentes, uma que presenciava a *PK* e a outra que à distância (usualmente) vivia uma crise (sendo que em mais da metade dos casos esta crise se relacionava à morte). Tal configuração sugeria que a pessoa em crise comunicava a outra através de *PK*, porém, alguns poucos casos nos quais havia apenas uma pessoa envolvida, sugeriram que a pessoa próxima é que provocava a *PK*. Assim, refletiu-se sobre a possibilidade de a pessoa que presenciava o evento supostamente *PK* obtinha a informação por *ESP* e reprimia a informação por ser desagradável, produzindo o suposto fenômeno como forma de expressão da mesma (IRVIN, 1999). Os relatos de *PK* estudados não servem como prova para o fenômeno em si, porém sugerem que, se estiver ocorrendo, seu funcionamento é amplamente inconsciente para ambas as pessoas envolvidas e também que o significado pessoal é muito importante nestes eventos, o que tem sido negligenciado pelas pesquisas experimentais (HEATH, 2003).

Num estudo fenomenológico, Heath (2003) analisou aspectos qualitativos de experiências sugestivas de *PK*, através de entrevistas com oito sujeitos. Esses sujeitos foram selecionados por terem sua experiência testemunhada por uma pessoa respeitável, por terem sido testados experimentalmente ou por terem uma reputação de **terem habilidade para** produzir *PK*.

Numa revisão preliminar das transcrições, a autora encontrou a repetição de certas características “chave” que, quando somadas, indicam um tipo primário de experiência *PK*. Essas características envolvem: um estado alterado de consciência com estreitamento da atenção; perda do senso do ambiente; um senso de conexão; dissociação da identidade do eu

individual; suspensão do intelecto; presença freqüente de emoções de pico ou ironia; uma sensação de energia; intenção focalizada; falta de esforço; atenção liberada; abertura para experiência; sensação de impacto, e uma “compreensão”, uma sobreposição entre os estados de *ESP* e *PK* e/ou energia. Essas características variaram: para metade dos participantes, elas pareceram ser primariamente associadas a experiências espontâneas de *PK* e tentativas iniciais de experiências intencionais de *PK*. As variações encontradas foram mais intensas para presença de uma emoção de pico e menos intensas para um EAC e consciência da energia. Os fatores confiança e motivação não se relacionaram com as características chave do fenômeno.

1.2 EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS RELACIONADAS A PSI, SEU ESTUDO (PESQUISA PSI) E PSICOLOGIA

A psicologia e a pesquisa psi - ou pesquisa psíquica como era conhecida em seus primórdios - tiveram uma história proximamente entrelaçada. Ambas compartilharam áreas de interesse e problemas comuns que não podem ser distinguidos facilmente (WATT, 2005).

A psicologia experimental iniciou-se em 1879 com o laboratório de Psicologia de Wilhelm Wundt e muitos psicólogos experimentais europeus e norte-americanos trabalhavam uma perspectiva científica de que a natureza podia ser compreendida através da descoberta de suas leis mecanicistas. Na Inglaterra um grupo dissidente compreendia este modelo como equivocado, visto desconsiderar a influência da mente na natureza. Entre eles, Henry Sidgwick e Edmund Gurney, proeminentes cientistas ligados a *Society for Psychical Research* (Sociedade para Pesquisa Psíquica - SPR), os quais estudaram vários tipos de fenômenos mentais relacionados ao mesmerismo e espiritualismo. Tais fenômenos estão hoje ligados a pesquisa psi, mas eram considerados pelos pesquisadores na época como pertencendo legitimamente a Psicologia. Historiadores indicaram a influência que estes

investigadores tiveram no desenvolvimento de conceitos da psicologia (WATT, 2005).

A pesquisa realizada entre 1882 e 1900 na SPR por Edmund Gurney e Frederic Myers, sobre hipnose e médiuns, foi um esforço para compreender o fenômeno da dissociação e o trabalho da mente subconsciente. Esta pesquisa foi a primeira tentativa britânica institucionalizada de estudar a dissociação de uma forma sistemática. O trabalho de Myers foi particularmente influente no desenvolvimento da psicologia de William James. (ALVARADO, 2002, 2004).

O interesse nos fenômenos psi e no espiritismo foram um fator importante no desenvolvimento de idéias da mente. As observações dos primeiros mesmeristas sobre os fenômenos ocorridos durante os transe, como personalidades secundárias e estados específicos de memória, apoiaram a idéia de níveis não conscientes ou camadas da mente (ELLENBERGER apud ALVARADO, 2003).

Régine Plas (2000 apud ALVARADO, 2003), tendo documentado o trabalho sobre telepatia ("sugestão mental") de Pierre Janet e Charles Richet, entre outros, sugeriu que a idéia de uma mente subconsciente estava diretamente ligada aos estudos de fenômenos psíquicos (psi) na França. As pesquisas da SPR foram influentes durante o século XIX e depois, no desenvolvimento dos conceitos de egos subconscientes e de dissociação. Entre os influenciados pelos estudos da SPR sobre os fenômenos dos médiuns. No que diz respeito a dissociação, estavam Alfred Binet, Pierre Janet e Theodore Flournoy (ALVARADO, 2003).

Outro fato relacionado a esta forte interação inicial entre a pesquisa psi (pesquisa psíquica na época) e a psicologia, foi a marcante participação dos membros da SPR em importantes congressos de psicologia, como no Congresso Internacional de Psicologia Fisiológica em 1889, Paris e no Segundo Congresso Internacional de Psicologia Experimental em 1892, Londres, no qual Henry Sidgwick, presidente da SPR, foi também presidente do congresso, tendo Frédéric W. H. Myers como secretário do mesmo. Outros congressos de

psicologia com a participação ativa de pesquisadores da SPR ocorreram em Munique em 1896, Paris em 1900 e Roma em 1905 (ALVARADO, 2006; FONTANA, KELLY, 2006).

Continuando com estas breves referências históricas, recordamos que Freud se interessou muito pela pesquisa psi (psíquica), tendo feito experimentos de telepatia com sua noiva, com Firenczi e Anna Freud, sendo que os resultados lhe pareceram convincentes. Citou e publicou alguns casos de experiências telepáticas com seus pacientes. Foi membro da SPR e ASPR (*American Society for Psychical Research*, filial americana da SPR) mantendo vívida correspondência com os pesquisadores psíquicos. Apesar de seu interesse, Freud conhecia os perigos científicos deste envolvimento, seus inimigos articulavam boatos de que a Psicanálise era um ramo do ocultismo. Prudentemente afastou-se desta temática, preservando o desenvolvimento da Psicanálise, mas não antes de fazer várias publicações sobre o tema, nas quais apresentou perspectivas diferentes em relação à existência dos fenômenos psi e uma extrema cautela ao abordá-los (INARDI, 1979; LINDMEIER, 2000).

Em 1901, em “Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana” mostra ceticismo e desconfiança (FREUD, 1997a). A seguinte citação, extraída de “Psicanálise e telepatia”, de 1921, mostra um pouco deste seu cuidado (FREUD, 1997b): “Verão que todo o meu material se relaciona apenas ao ponto isolado da transmissão de pensamento. Nada tenho a dizer sobre todos os outros milagres que reivindica o ocultismo”. Em 1922 publica “Sonhos e telepatia” admitindo a realidade dos sonhos telepáticos, porém, mantendo a costumeira cautela (FREUD, 1997c):

Nada aprenderão, deste meu trabalho, sobre o enigma da telepatia; na verdade, nem mesmo depreenderão se acredito ou não em sua existência. Nesta ocasião, propus-me a tarefa muito modesta de examinar a relação das ocorrências telepáticas em causa, seja qual for sua origem, com os sonhos, ou, mais exatamente, com nossa teoria dos sonhos. [...] Mas, se o problema da telepatia é apenas uma atividade da mente inconsciente, então, naturalmente nenhum problema novo se nos apresenta. Pode-se, assim, pressupor que as leis da vida mental inconsciente se aplicam à telepatia.

Outras publicações incluem “O significado oculto dos sonhos” de 1925 e “Sonho e ocultismo” de 1932 (FREUD, 1997d, 1997e).

Se Freud afastou-se da pesquisa psi (psíquica), por razões aparentemente estratégicas, isto não ocorreu com Jung, fato que contribuiu para o afastamento de ambos. Jung relatou ter visões de fantasmas, retrocognições, precognições sobre mortes, fenômenos de efeito físico (*PK*), que inclusive assustavam Freud. (INARDI, 1979) Jung desenvolveu estudos nesta área, por exemplo, fez pesquisas com médiuns. Ele considerava os fenômenos psi como manifestações sincronísticas da psique e também relacionava a origem delas a um nível de rebaixamento mental [não consciente], o nível psicóide, no qual a psique - um microcosmos, “reflete” o universo - o macrocosmos (JUNG, 1990). Ele também manteve uma vívida correspondência com Joseph Banks Rhine, considerado o pai da moderna pesquisa psi experimental (INARDI, 1979).

Tanto Jung como Freud, foram também pioneiros em indicar que experiências anômalas relacionadas a psi ocorrem e afetam processos clínicos ou psicoterapêuticos. Eisenbud (1970) acreditava que a situação emocionalmente intensiva e íntima da psicoterapia é muito favorável para gerar conexões psi entre as pessoas. Vários psicoterapeutas e/ou psicanalistas publicaram estudos/revisões com coleções de casos e/ou formulações teóricas sobre interações psi no contexto e processo psicoterapêutico (FODOR, 1942, 1949; SCHWARTZ, 1965, 1967; MINTZ, 1983; ULLMAN, 1949, 1959, 1974, 1975; SERVADIO, 1935, 1955; EISENBUD, 1946, 1969, 1970; CARPENTER, 1988a, ORLOFF, 1997).

Ehrenwald (1948) também reexaminou processos psicopatológicos de alguns pacientes, considerando a hipótese da telepatia e sugeriu que a esquizofrenia poderia também ser afetada por processos telepáticos “externos”. Outros pesquisadores têm também avaliado possíveis relações entre os fenômenos psi e aspectos psipatológicos (SCHWARTZ, 1967; WAPNICK, 1991; SOUZA, 1991; SILVA NETO, 1996; SILVA, 1997). Como base neles algumas possibilidades são levantadas, naturalmente, carentes de verificações ulteriores: a) os fenômenos psi guardam semelhanças com sintomas psicóticos, podendo aqueles ser

diagnosticados como estes ou vice-versa, podendo, em ambos os casos ocorrer tratamentos inadequados e nocivos; b) parecem existir casos em que tanto os sintomas psicóticos como os fenômenos psi estão presentes; c) os fenômenos psi podem desencadear sintomas psicóticos e até mesmo uma doença grave como a esquizofrenia; d) eles podem também aparecer como consequência de problemas psicológicos e psiquiátricos; e) o treinamento de capacidades psi parece auxiliar no tratamento de alguns transtornos mentais.

Outra importante área de correlação entre a psicologia e a pesquisa psi diz respeito às diferenças individuais, como variáveis psicológicas e/ou de personalidade. É possível refletir nos fenômenos psi como fenômenos psicológicos em função da sua correlação com variáveis psicológicas, tais como crença na existência dos fenômenos, extroversão, estados alterados de consciência. Os resultados de estudos com questionários verificando vários fenômenos (*ESP* e Experiências Fora do Corpo - EFC⁷) também mostraram correlações significativas positivas com suscetibilidade hipnótica, propensão para fantasia, absorção e dissociação (ALVARADO, ZINGRONE, 1998). Outras variáveis que têm sido investigadas com resultados significativos incluem: abertura para experiências, ansiedade e tendências neuróticas, autoconfiança, criatividade e espontaneidade (SCHMEIDLER, 1988). Estudos experimentais têm também encontrado dados significativos para os pólos Intuição/Sentimento/Percepção no *Myers Briggs Type Inventory* - MBTI (PALMER, 1997a, 1997b).

Aproximando-nos mais dos aspectos sociais desta relação entre fenômenos/pesquisa psi e a psicologia, encontramos em Alvarado e Zingrone (1998) que a exposição a estes fenômenos faz as pessoas mudarem atitudes e valores, sendo que para certas pessoas esta mudança ocorre de forma fundamental. Esta informação torna-se mais impactante se lembrarmos que cerca de 50% ou mais de várias populações relatam ter tido experiências

⁷ EFC - indica uma experiência na qual o sujeito relata sentir ou perceber o seu foco de consciência num local diferente de seu corpo, podendo, em alguns casos, vê-lo desta perspectiva.

psi e que ainda, como mostra um estudo feito na Argentina (MONTANELLI, PARRA, 2000), uma parcela considerável de pessoas as considera conflitivas e traumáticas⁸. Tais experiências podem gerar stress nas pessoas que as vivenciam, sendo que isto é mediado pelas significações que têm do evento (CABADO-MODIA, 2008). Ainda que os seres humanos consigam ajustarem-se, em certa medida, a estranheza de uma experiência [psicologia ingênua] (PAIVA, 2007), estas podem ter implicações psicossomáticas e/ou psiconeuroimunológicas, visto que corpo e mente e emoções estão interconectadas e influenciam-se mutuamente (VASCONCELLOS, 1992a, 2000 apud CABADO-MODIA, 2008; VASCONCELLOS, 1992b, 1992c). A maior parte das experiências psi espontâneas parece estar relacionada a situações emocionalmente carregadas, assim, ao acessar a informação ocorre um processamento cognitivo e uma reação ao fato vinculado, ou seja, ao conteúdo da experiência. Ao dar-se conta de que a informação não foi mediada pelos canais sensoriais conhecidos, ocorre outra reação voltada à forma da experiência. As reações podem incluir a negação, sensação de coincidência, naturalidade, a percepção do fato como um dom ou castigo divino e, em casos extremos, a eclosão de um processo disruptivo, o qual pode incluir “vários estados psico-emocionais, tais como: medo, pavor, quebra ou desestrutura da personalidade, entre outros, que promovem uma redução do nível de funcionamento das relações sociais e de autocontrole, aumento das desordens emocionais, a instabilidade na confusão cognitiva no indivíduo” (PALLÚ, 1998). Em função de que grandes parcelas da população vivenciam estas experiências, serviços de “orientação psi” têm sido oferecidos por algumas instituições que desenvolvem pesquisa e educação nesta área, como é o caso das Faculdades Integradas Espírita, em Curitiba, que presta este serviço a comunidade desde o final da década de 1980 (PALLÚ, 1998; EPPINGER, PALLÚ, 1997). Enquanto esta proposta situa-se na área educacional (aconselhamento) e não inclui a abordagem psicoterapêutica,

⁸ Os percentuais de frequência de algumas experiências psi relatadas (1), seguidos do percentual em que foram consideradas conflitivas ou traumáticas (2) são: a) Sonhos ESP (1) 72.3% - (2) 28%; b) Telepatia (1) 82% - (2) 13%; c) PK (1) 12.8% - (2) 5%; d) RSPK1 (Distúrbios eletromagnéticos) (1) 51.7% - (2) 22%; e) RSPK2 (Objetos voando/quebrando) (1) 47.3% - (2) 22%; f) Curas psi (1) 56.5% - (2) 5% e g) EFC (1) 75.7% - (2) 28%

outros trabalhos o fazem, entendendo que a psicologia clínica deve incluir tais demandas. Um exemplo desta abordagem é encontrado no Institut für Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene⁹ (BELZ-MERK, 2000, 2008).

Outra experiência psi que tem sido freqüentemente associada ao stress (gerando conflitos e traumas), no contexto familiar, é a *RSPK* (Recurrent Spontaneous Psychokinesis - Psicocinesia Espontânea Recorrente) ou *Poltergeist*. Constituindo-se num tipo de *Macro-PK* bastante peculiar a *RSPK* é caracterizada principalmente por barulhos, movimentos de objetos, efeitos elétricos e mecânicos, sem uma causa conhecida. Nestes casos mecanismos psicológicos da relação familiar parecem estar envolvidos na causalidade ou sentido do fenômeno (MACHADO, ZANGARI, 1998). Em certos casos, uma terapia familiar que auxilie a reequilibração dos papéis familiares acaba por extinguir o fenômeno (MACHADO, 1996). Em complemento, as condições psicofisiológicas e sociais também precisam ser consideradas juntamente com as variáveis ambientais (MACHADO, 2008).

Como vimos em Alvarado e Zingrone (1998), as experiências psi afetam crenças, atitudes e valores, no trabalho de orientação ou aconselhamento psi observa-se que o contrário também é válido, ou seja, o contexto social e cultural onde as experiências são vivenciadas afeta as reações às mesmas (PALLÚ, 1998; EPPINGER, PALLÚ, 1997). Se por um lado as crenças e práticas de grupos específicos parecem modular o comportamento e a interpretação das experiências vividas (ZANGARI, 2003), por outro, fenômenos psi podem ser importantes (em termos de prevalência e características) na criação e manutenção de certos cultos e crenças. Assim para que psicólogos sociais possam conhecer os costumes, crenças e práticas de lugares e grupos específicos para compreender seus problemas e experiências, precisam também considerar a hipótese dos fenômenos psi (ALVARADO, ZINGRONE, 1998).

Existe certa evidência de que o ambiente grupal facilita fenômenos psi, como por exemplo, grupos religiosos ou folclóricos parecem produzir efeitos de *PK* em geradores de

⁹ <http://www.igpp.de/english/counsel/info.htm>

eventos aleatórios (HIRUKAWA, ISHAKAWA, 2004; HIRUKAWA, et al., 2006). Grupos terapêuticos ou de crescimento pessoal também têm evidenciado *ESP* (MINTZ, 1983; CARPENTER, 1988b, 2002). Talvez, como propôs Murphy (1945), os fenômenos psi dependam mais das relações entre as pessoas do que da capacidade de apenas um sujeito. Ou talvez a coerência mental entre os participantes dos grupos seja o ponto chave, perspectiva que tem inspirado trabalhos experimentais de *PK* com resultados positivos (LEE, 1996; LEE, IVANOVA, 1996; RADIN, ATWATER, 2006; WILLIAMS, 2007). E esse efeito parece não se restringir a pequenos grupos, como sugere os estudos de *campo da consciência*, nos quais a mudança de estado de consciência de grandes populações de indivíduos aumenta a ordem dos resultados RNG (NELSON, 1999; BROUGHTON, 1999). Para Radin (1997) os estudos do campo da consciência têm implicações sociais, visto que qualidade de nossos pensamentos poderia influir na construção de eventos globais.

Bem, se estes fenômenos existirem de fato (existe controvérsia científica sobre esta evidência), eles indicariam que as capacidades humanas foram subestimadas e que está incompleto o que a ciência atual sabe sobre a natureza do universo (RADIN, 2006). Neste caso, como foi sugerido anteriormente, teriam eles implicações sobre a comunicação, percepção, memória, e comportamento humano? Se não estivermos tão separados uns dos outros como acreditamos, teria a psi alguma função no comportamento coletivo? Influenciaria nossas emoções, cognição e outros processos orgânicos? Haveria alguma correlação entre psi e características de personalidade, crenças, estilos cognitivos, motivações, inconsciente? Afetaria processos clínicos e/ou psicopatológicos?

Naturalmente que o conhecimento científico atual não permite respostas conclusivas a tais questões, mas muitos esforços têm sido realizados tanto por psicólogos como por pesquisadores psi. Aliás, estas duas designações não são mutuamente exclusivas. Por ser o campo da pesquisa psi necessariamente interdisciplinar, um pesquisador psi pode ter

formações em várias áreas da ciência, como por exemplo, em biologia, física e psicologia. É mais comum do que possa parecer que psicólogos desenvolvam pesquisa psi. No Reino Unido, por exemplo, várias universidades têm em seus departamentos de psicologia, pesquisadores e/ou linhas de pesquisa (ao nível de Mestrado e/ou Doutorado) relacionadas a psi, por exemplo: Coventry University, Liverpool Hope University College, Liverpool John Moores University, Nene University College, University of Cambridge, University of Hertfordshire, University of London, University of Middlesex, University of Northampton, University of Manchester e York University. O grande responsável pela multiplicação da pesquisa psi no Reino Unido foi o Dr. Robert L. Morris (1942-2004) (vide fotografia¹⁰), o qual permaneceu por 19 anos como chefe da Cátedra Koestler de Parapsicologia do

Fotografia 01 - Dr. Robert Morris em 2003, Vancouver.

Departamento de Psicologia da Universidade de Edinburgh. Ele supervisionou 30 Ph.D.s em pesquisa psi, sendo que 12 deles conquistaram posições acadêmicas permanentes em outras universidades, nas quais ensinam e pesquisam temas psi. Assim, os doutores formados por ele, passaram a formar novos

doutores (CARPENTER, 2004). O interesse de psicólogos pela pesquisa Psi, não é restrito ao Reino Unido, por exemplo, um dos maiores pesquisadores Ganzfeld (importante técnica experimental que utiliza privação sensorial para pesquisar psi), o Dr. Adrian Parker, desenvolve seus estudos no departamento de Psicologia da Universidade de Göteborg, Suécia. Neste país temos também o Centro para Pesquisa da Consciência e Psicologia Anômala (*Center for Research on Consciousness and Anomalous Psychology*), no departamento de psicologia da Universidade de Lund, coordenado pelo Dr. Etzel Cardeña.

Na Alemanha, vemos uma versão diferenciada (em termos de nomenclatura) da pesquisa psi, o Instituto das Áreas Fronteiriças da Psicologia e da Psico higiene (Institut für

¹⁰ Todas as fotografias apresentadas neste trabalho são de autoria do acadêmico.

Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene - IGPP), o qual foi fundado pelo Psicólogo, Médico e Parapsicólogo Hans Bender (1907-1991). O IGPP emprega 40 pesquisadores em tempo integral, e mantém uma ótima relação com a Universidade de Friburgo, a qual tem uma Cátedra de Áreas Limítrofes da Psicologia. Na Austrália temos a Universidade de Adelaide e a Universidade New England, ambas com pesquisa psi em seus departamentos de psicologia. Nos EUA, podemos citar Universidade de Virgínia, com pesquisas psi na sua divisão de Estudos de Personalidade, West Georgia College e Universidade do New México e seus departamentos de psicologia e o Saybrook Institute and Graduate School e sua Cátedra de Estudos da Consciência.

Neste rápido vôo, chegamos ao Brasil, onde a pesquisa psi destaca-se, em especial, na Universidade de São Paulo. Em 1975, Adelaide Pettes Lessa defendeu sua tese sobre precognição nesta Universidade. Mais recentemente, sob a orientação dos eminentes Doutores Geraldo José Paiva e Esdras Guerreiro Vasconcellos, do departamento de Psicologia Social e do Trabalho, novas dissertações e teses tem sido conduzidas com temas da Pesquisa Psi. Entre elas a tese de Fátima Regina Machado (2009), intitulada: *Experiências Anômalas na Vida Cotidiana: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo*. Fátima também realizou mestrado e outro doutorado com temas psi na PUC-SP (MACHADO, 1996, 2003). Em 2008, o psicólogo Wellington Zangari, que tradicionalmente tem realizado pesquisas nessa área, inclusive sua dissertação, doutorado e pós-doutorado, ingressou como professor doutor no mesmo departamento, o que se constitui num marco histórico, visto que desenvolve pesquisas e orienta projetos com ênfase em Pesquisa Psi em nível de pós-graduação. Também implantou, no mesmo departamento, a disciplina “Experiências Anômalas: introdução crítica à Psicologia Anomalística e suas relações com a Psicologia Social”. Outras instituições que têm também favorecido estudos psi incluem a UNICAMP, com a tese de Konrad Lindmeier (1998), Universidade São Francisco,

UFJF, UFPR, UFRJ e UFSC.

Estas rápidas menções não têm por objetivo de cobrir todos os casos, nacionais e internacionais, de pesquisas psi ligadas aos departamentos ou institutos de Psicologia em Universidades, servem apenas para mostrar o interesse e envolvimento da Psicologia na pesquisa psi. Interesse este que pode ser também evidenciado pela indicação deste campo de pesquisa nos livros texto de psicologia. Smith e Ferrier (1999) fizeram uma revisão sobre as reportagens de pesquisa psi nos livros introdutórios de ensino da psicologia, publicados em língua inglesa entre (1990 - 1999). O resultado do presente estudo indicou que 46% (18 livros) dos 39 livros revisados apresentaram reportagens sobre parapsicologia, as quais variaram quanto à qualidade e quantidade. Um exemplo dessas publicações é o texto clássico *Introduction to Psychology* de Atkinson, et al. (2000), o qual traz um capítulo de sete páginas sobre as investigações psi, concentrando-se principalmente nos estudos psi Ganzfeld e seus debates. Esse livro, um dos mais utilizados nas universidades norte-americanas, foi também traduzido para diversos idiomas, inclusive para a língua portuguesa. A pesquisa usando a técnica Ganzfeld tem produzido uma base considerável de dados e, em função disso, gerado polêmicas em torno dos resultados das meta-análises que avaliam esses estudos. Interessante notar que parte dessa discussão tem sido travada num dos periódicos profissionais mais importantes da psicologia, o *Psychical Bulletin*, publicado pela *American Psychological Association* - APA. (BEM, 1994; BEM, HONORTON, 1994; HYMAN, 1994; MILTON, WISEMAN, 1999, 2001; STORM, ERTEL, 2001). Os estudos de Psicocinesia com Geradores de Eventos Aleatórios (ação direta da mente sobre sistemas físicos) também têm sido discutidos neste periódico da APA (BÖSCH, STEINKAMP, BOLLER, 2006a, 2006b; RADIN, NELSON, DOBYNS, HOUTKOOPER, 2006; WILSON, SHADISH, 2006).

Outro exemplo importante da *aproximação/integração* destas duas áreas, a qual tem sido *renomeada* por alguns pesquisadores por “Psicologia Anomalística”, é o livro *Varieties*

of anomalous experience: examining the scientific evidence, editado pela *American Psychological Association* em 2000 (CARDEÑA, LYNN, KRIPPNER, 2000). Em formato grande (18.5x26.0 cm), com 476 páginas, esse impressionante livro aborda todos os fenômenos estudados na pesquisa psi (e outros não estudados por ela) trazendo inclusive o debate sobre as pesquisas Ganzfeld.

Continuando com o foco em pesquisa, apresentam-se três contribuições metodológicas feitas pelos pesquisadores psi à psicologia: 1) Os métodos “cegos” (duplo ou triplo cego) amplamente utilizados nas pesquisas psicológicas, foram originalmente criados e aprimorados por pesquisadores psi no século 18, entre eles, Charles Richet, através de seus estudos de adivinhação de cartas; 2) o uso da aleatorização para permitir a inferência estatística é também fruto da superação de problemas metodológicos de pesquisas psi e 3) mais modernamente, buscando lidar com os problemas de replicabilidade experimental, os pesquisadores psi contribuíram fortemente para esta questão através dos estudos de Meta-análise, originalmente desenvolvidos por Rosenthal. (WATT, 2005)

Watt (2005) indica que a história (relacionada ao surgimento da psicologia e pesquisa psi) parece estar se repetindo, considerando que atualmente parece haver uma nova tendência da psicologia de se orientar por uma perspectiva reducionista. Isto é visto no Reino Unido, onde áreas como psicolinguística e neurociência cognitiva estão prosperando fortemente, as quais se focalizam em processos cognitivos individuais. Em contraste a psicologia social, enfatizando as interações interpessoais complexas, tem menos apoio, desenvolvimento e status. A pesquisa psi ou psicologia anomalística pode auxiliar a equilibrar esta tendência, evidenciando os aspectos mais amplos da experiência humana [que transcendem o sistema sensorio-motor individual], os quais são relatados por grandes parcelas da população. “Esta não é uma área periférica [*fringe*] da experiência humana- é bastante central.” (WATT, 2005, p. 218). Talvez esta seja a principal contribuição da pesquisa psi, não apenas à psicologia, mas

para a ciência como um todo: auxiliar na mudança científico-social paradigmática.

1.3 BREVE REFERÊNCIA HISTÓRICA¹¹

A primeira investigação sistemática de vários tipos de experiências anômalas foi conduzida pela *Society for Psychical Research* - SPR (Sociedade para Pesquisa Psíquica¹²), a qual foi fundada em 20 de fevereiro de 1882 por um grupo de notáveis cientistas e acadêmicos reunidos em Londres, sob a liderança do professor Henry Sidgwick (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; BROUGHTON, 1991). A SPR tinha por objetivo: "investigar aquela grande quantidade de fenômenos discutíveis ... sem preconceito ou predisposição de qualquer tipo, e no mesmo espírito exato e não apaixonado de investigação que tem permitido à Ciência resolver tantos problemas" (Society for Psychical Research, 1882-1883, p.2 apud TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000) Entre os fenômenos foco de investigação da SPR estavam a telepatia, clarividência e outros relacionados, tais como personalidade, fenômenos dissociativos, hipnose, cognição pré-consciente (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; BROUGHTON, 1991). A SPR estabeleceu rapidamente os padrões para os estudos de caso e também métodos para pesquisa experimental. Para disponibilizar seu trabalho a pesquisadores de outros países, a SPR criou um periódico acadêmico e atas de seus encontros científicos. Foram conduzidos vários tipos de estudos experimentais, nos quais já se utilizava a aplicação de avaliações estatísticas, porém, a contribuição mais duradoura foi a coleção de casos de aparição, publicados no livro *Phantoms of the Living*, por Edmund Gurney, Frederic Myers e Frank Podmore (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; BROUGHTON, 1991).

Em função da liderança de William James e outros, alguns anos depois da fundação da

¹¹ Além de serem breves, as referências apresentadas concentram-se basicamente na Inglaterra e Estados Unidos, importantes e mais bem conhecidos pólos históricos desta área, no entanto, outros países europeus, países latino-americanos e asiáticos realizaram importantes estudos na área. Uma revisão histórica ampla desta área constituir-se-ia, em nível de mestrado ou doutorado, em pesquisa importante.

¹² Pesquisa psíquica, pesquisa psi, metapsíquica, parapsicologia, psicobiofísica, psicofísica, psicologia paranormal e psicologia anomalística são algumas designações do campo de pesquisa dos fenômenos anômalos relacionados a psi.

a SPR, surge nos EUA, em 1885, a American Society for Psychical Research (ASPR), com o objetivo de conduzir investigações no campo da pesquisa psíquica (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000; BROUGHTON, 1991).

Os primeiros estudos experimentais de psi nos EUA foram conduzidos nas universidades de Stanford [telepatia com cartas de jogar, por John E. Coover, em 1917] e Harvard [telepatia com estudantes de psicologia, por George Estabrooks em 1927], mas foi a partir da chegada dos biólogos J. B. Rhine e sua esposa L. E. Rhine na Universidade de Duke, também em 1927, que os estudos sobre fenômenos anômalos relacionados a psi tiveram um

Fotografia 2: Baralho ESP.

novo e revolucionário impulso (BROUGHTON, 1991; RADIN, 1997). Neste ano o renomado psicólogo britânico William MacDougall, o qual apoiava fortemente a pesquisa psíquica, tornou-se o chefe do departamento de psicologia da Universidade de Duke, convidando o casal Rhine para um semestre de pesquisas no departamento de psicologia desta universidade. Sob a influência de MacDougall o casal Rhine permanece nesta instituição e passa a desenvolver estudos sistemáticos sobre psi. Em 1930 J. B. Rhine tem a oportunidade de iniciar sua própria pesquisa, com crianças da localidade tentando adivinhar cartas com números. Buscando aprimorar sua metodologia, J. B., como era chamado por seus colegas, solicitou a Karl Zener, um colega especialista em percepção, que desenhasse um novo conjunto de cartas que pudessem ser facilmente memorizadas e distinguidas. Surgem então as cartas *ESP* (fotografia ao lado), compostas por cinco símbolos (ondas, quadrado, círculo, cruz e estrela) que se repetem cinco vezes, totalizando 25 cartas.

Nos anos seguintes, J.B. e seus colegas conduziram as séries mais conhecidas de pesquisa experimental de psi. Através de um baralho *ESP* embaralhado, uma pessoa agia como emissor, selecionando a carta superior e tentando transmitir mentalmente o símbolo

para outra pessoa (o receptor), situada em local distante. Através de um esquema de tempo pré-arranjado ou de um sinal, o emissor passava a ver e mentalizar sucessivamente cada uma das cartas para o receptor, o qual anotava seus palpites, 25 deles para cada baralho. O número de acertos na comparação entre a ordem dos palpites e das cartas era comparado com a expectativa prevista para o acaso. Iniciava-se assim, por meio dos trabalhos de J. B. Rhine, uma série de pesquisas e publicações que revolucionaram a pesquisa nesta área (BROUGHTON, 1991; RADIN, 1997).

Em 1937 é criado o *Journal of Parapsychology* para demarcar a área da pesquisa psíquica, a qual se focaliza na perspectiva experimental dos fenômenos. Os livros e artigos produzidos por Rhine e colaboradores despertaram a comunidade científica, provocando uma série de críticas, principalmente de caráter metodológico. Tal controvérsia envolve a comunidade de psicólogos, o que levou a criação de uma sessão de debate sobre os "métodos experimentais de pesquisa ESP" durante a convenção anual da *American Psychological Association- APA* (Associação Americana de Psicologia). Neste debate participaram três pesquisadores favoráveis a hipótese *ESP* (incluindo J.B. Rhine) e três céticos em relação a esta hipótese. Ao final do debate, Rhine e seus colegas foram fortemente aplaudidos. Naturalmente que a psicologia profissional não se abriu para esta nova área científica, porém tornou-se mais tolerante a esta possibilidade (BROUGHTON, 1991). Outro aspecto importante é que ocorreram replicações dos trabalhos do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke. Uma na Universidade de Colorado (MARTIN; STRIBIC, 1938) e outra na Hunter College, de Nova Iorque (RIESS, 1937).

Em 1940 Rhine e colaboradores publicam *Extrasensory Perception After Sixty Years* (considerando estudos feitos entre 1880 a 1940), sumarizando 145 estudos experimentais de ESP, nos quais participaram centenas de sujeitos, realizando milhões de ensaios, constituindo-se numa persuasiva evidência para a realidade dos hipotéticos fenômenos [telepatia,

clarividência ou *GESP*]. A resposta da comunidade psicológica foi relativamente positiva, sendo que a maioria das revistas profissionais da psicologia revisaram o livro e, independente da aceitação das evidências para ESP, deram-lhe uma atenção cuidadosa e sóbria, passando a aceitar esta área como uma atividade científica legítima. Outro efeito positivo da referida publicação foi a adoção da mesma nas aulas de introdução à psicologia na universidade de Harvard, para os anos acadêmicos de 1940-41 (RHINE et al, 1940; RADIN, 1997; RAO, 1984; BROUGHTON, 1991).

O trabalho de Rhine e seus colaboradores permitiu que esse campo de pesquisa fosse aceito como legítimo, vindo a se espalhar por diversas outras universidades nos EUA, como por exemplo, na massiva replicação e extensão feita na universidade do Colorado do trabalho desenvolvido na universidade de Duke. Em 1957 foi fundada a *Parapsychological Association* (Associação de Parapsicologia), entidade profissional que passou a integrar pesquisadores psi de vários países. Em 1969 essa associação foi aceita como afiliada da *American Association for the Advancement of Science*, evidenciando uma relativa respeitabilidade conquistada no meio científico. Modificando o enfoque para a perspectiva experimental (em vez da ênfase maior em estudos de caso e de levantamento), trabalhando com pessoas comuns, em vez de "psíquicos" aparentemente extraordinários e abandonando as questões relacionadas à hipótese da sobrevivência da consciência após a morte, pela inabilidade metodológica de acessar tais questões de forma inequívoca, Rhine provocou uma mudança de paradigma no campo da investigação das experiências anômalas relacionadas à psi. Após a sua morte, em 1980, e ainda hoje tal influência pode ser sentida (PALMER, 1998, BROUGHTON, 1991).

A década de 60 trouxe, principalmente para os EUA, uma revolução cultural. Dentre os fatos que marcaram essa época estão a rebeldia da juventude, a liberdade maior de expressão, a liberação sexual, a emancipação da mulher e o uso de alucinógenos,

principalmente o LSD e a Mescalina. O uso dessas drogas tinha um caráter de crítica a sociedade, e também buscava possibilitar experiências de maior interiorização e ampliação da consciência. Esses fatos despertaram em muitos psicólogos o interesse pelo estudo da “vida mental interior” (EYSENCK, SARGENT, 1993; ZANGARI, 1996).

Os pesquisadores de psi sempre se interessaram em estudar informações sobre estes hipotéticos fenômenos, advindas das mais diversas fontes. Os estudos arqueológicos mostram que as culturas “primitivas” tinham grande conhecimento do uso de alucinógenos naturais para intensificar as experiências psíquicas. Textos milenares sobre o Yoga relacionam o desenvolvimento das capacidades extra-sensoriais ou mesmo a levitação, com a prática da meditação. No período histórico conhecido como mesmerismo, os casos de transe hipnótico também aparecem associados com os efeitos paranormais. Os relatos de muitas pessoas indicam que a *ESP* ocorre com frequência em sonhos (EYSENCK, SARGENT, 1993; ZANGARI, 1996).

Todos esses fatores colaboraram para que vários pesquisadores de psi se afastassem dos clássicos testes de resposta fechada, nos quais os sujeitos, após adivinharem centenas de cartas, ficavam cansados, aborrecidos e desmotivados. Essa nova geração de pesquisadores buscava desenvolver métodos mais motivadores, que reproduzissem da melhor forma possível em laboratório, o ambiente e o estado natural nos quais a psi ocorria espontaneamente. Havia também o interesse em estudar a correlação dos Estados Alterados de Consciência (ex. sonhos, relaxamento, meditação, hipnose, privação sensorial) com o desempenho psi, visto que existia farto material anedótico indicando essa correlação. Surgem então os métodos de *resposta livre*, nos quais os sujeitos são encorajados a relatarem livremente suas experiências e estados interiores, tais como sonhos, fantasias, sentimentos, pensamentos, sensações, etc. Esses métodos estão mais voltados a investigar a natureza ou o processo da psi (EYSENCK, SARGENT, 1993; ZANGARI, 1996; RADIN, 1997; PALMER, 1998). Os métodos de

respostas livres mais conhecidos são os testes com sonhos, a técnica de *Remote Viewing* (Visão Remota) e a técnica *Ganzfeld*.

A partir dos anos 90 os estudos psi passaram a sofrer a influência do desenvolvimento tecnológico (em particular dos computadores) e retornam ao objetivo de prova (evidenciar a existência dos hipotéticos fenômenos psi) do período Rhine, com ênfase na replicação e na utilização das técnicas estatísticas de meta-análise¹³. Surge o interesse por teorias físicas e os estudos voltados a explorar as aplicações práticas de psi (PALMER, 1998).

1.4 PRINCIPAIS LINHAS EXPERIMENTAIS CONTEMPORÂNEAS DE PESQUISA PSI

Do prisma fenomenológico, as pessoas que vivenciam as EAs relacionadas a psi acreditam que algum processo anômalo esteja envolvido nas suas experiências. Porém, só parece ser possível avaliar essas alegações através de estudos de laboratório. Do prisma experimental, *psi* (não mais se referindo a experiências, mas sim a processos anômalos) é definida como uma hipótese relacionada à transferência anômala de informação e/ou energia (TARG, SCHLITZ, IRVIN, 2000). Como é mostrada adiante, a evidência experimental para a hipótese de psi é foco de controvérsia científica. Abaixo são mostradas, de forma muito breve, as linhas contemporâneas mais importantes de pesquisa psi experimental.

Estudos psi com a técnica de Remote Viewing (Visão Remota)

O termo *Remote Viewing* (RV) foi criado por Russell Targ, Harold E. Puthoff e Ingo Swan. Os dois primeiros são físicos e desenvolveram pesquisas no Instituto de Pesquisa de

¹³ Esse método, o qual tem sido muito utilizado nas ciências sociais, de comportamento e médicas, é amplamente aceito em termos de poder confirmar a replicabilidade de experimentos. Através dele é possível avaliar integradamente os resultados de várias investigações independentes (RADIN, 1997). Em estatística, uma meta-análise combina os resultados de vários estudos que se dirigem a um conjunto de hipóteses de pesquisa relacionadas. (Tradução livre de <http://en.wikipedia.org/wiki/Meta-analysis>)

Stanford (SRI - *Stanford Research Institute*), inicialmente filiado a Universidade de Stanford e, posteriormente, no final de 1970, independente desta, como SRI International. Ingo Swan é artista plástico e participou como sujeito nas pesquisas de RV (TARG; PUTHOFF, 1978; MAY, MCMONEAGLE, 1998).

Nos anos 70 diversas agências do governo dos Estados Unidos iniciaram um programa no SRI International que, coordenado Puthoff e Targ, buscou pesquisar a capacidade de RV ou de “ver a distância” (Clarividência) e sua possível aplicação prática. As agências governamentais desejavam utilizar a RV como uma nova fonte de informações, que, mesmo não sendo completamente corretas, poderiam ser associadas a outras informações, auxiliando a montar uma espécie de “quebra cabeças” nas dinâmicas de espionagem (RADIN, 1997; TARG, KATRA, 1998).

Entre os anos 70 e 90 houve várias mudanças neste instituto. Em 1976, outro físico junta-se a equipe, o Dr. Edwin May. Em 1982 Targ deixa a equipe, o que veio ocorrer também com Puthoff em 1985, quando então May torna-se diretor do *Cognitive Sciences Laboratory* - Laboratório de Ciências Cognitivas. Entre 1985 e 1989 houve um período de maior expansão, com a equipe de trabalho formada por 12 pesquisadores (RADIN, 1997; MAY, MCMONEAGLE, 1998).

Fotografia 03 - Dr. Edwin May em 2005, Palo Alto, Califórnia.

Em 1991, ocorre nova mudança, surge o SAIC: *Science Applications International Corporation* - Corporação Internacional de Aplicações da Ciência, que passou a desenvolver pesquisas mais rigorosamente controladas, guiadas por um comitê interdisciplinar de supervisão científica, 50 consultores e numerosos subcontratantes. Porém, em 1994, o projeto foi encerrado, após duas décadas de patrocínio governamental, que totalizou cerca de 20.000.000 de dólares. A partir de 1996 o SAIC transforma-se no *Laboratories for*

Fundamental Research - Laboratório para Pesquisa Fundamental e prossegue suas pesquisas através de novos patrocínios (UTTS, 1995; RADIN, 1997; MAY, MCMONEAGLE, 1998).

No desenho experimental básico, um sujeito tentava desenhar ou descrever ou ainda ambos, um local alvo distante, uma fotografia, um objeto ou um curto vídeo clipe. Porém, as fontes sensoriais de informações sobre o alvo estavam bloqueadas. Em alguns casos o sujeito era acompanhado por um experimentador que também desconhecia o alvo. Noutros casos trabalhava sozinho. Na maioria dos ensaios os sujeitos recebiam um retorno posterior sobre o alvo correto. Em certos experimentos existia um emissor que olhava o alvo, antes, durante ou depois da sessão. Já em outros experimentos não se utilizava o emissor. Em alguns desses experimentos, que envolviam locais alvos, os emissores - equipe alvo - visitavam o local escolhido. Os alvos eram aleatorizados para cada ensaio e avaliação era feita por juízes cegos, que observando 5 possíveis alvos, dos quais 4 eram falsos e 1 verdadeiro, e comparando-os com a resposta do sujeito atribuía uma posição para cada alvo. Aquele que fosse colocado na 1ª posição (1) deveria ser o mais semelhante com a resposta. Na avaliação estatística, médias significativamente menores que 3 indicariam evidência para percepção anômala (TARG; PUTHOFF, 1978; UTTS, 1995).

Numa análise global dos experimentos SRI (1973 - 1988), vemos que o número total de experimentos foi 154, nos quais participaram 227 sujeitos, realizando mais de 26.000 ensaios (20.000 com respostas fechadas). A análise estatística mostrou que os escores encontrados ocorreriam por acaso uma vez a cada 10^{20} vezes ($p < 10^{-20}$). Como os primeiros experimentos no SRI continham problemas metodológicos, a hipótese psi não pode ser considerada como a única explicação para esse resultado. Porém o fato do mesmo nível de escores ter sido mantido nos experimentos mais recentes, os quais não continham mais as falhas iniciais, sustenta a idéia que as mesmas não foram as responsáveis pelos resultados (UTTS, 1995).

Considerando a era SAIC (1991-1994), observa-se que os estudos focaram tanto na replicação dos primeiros resultados como na compreensão do funcionamento de psi. Como alguns desses experimentos tiveram um desenho similar aos do SRI, é possível verificar se houve uma replicação daqueles resultados. Porém, outros estudos diferiram dos desenhos de RV e exploraram novas modalidades experimentais. Conforme Utts (1995, p. 302), abaixo se apresenta uma tabela destes experimentos e seus resultados:

Tabela 2 - Resultados dos 10 experimentos do SAIC listados pelo Dr. Edwin May

Exp.	Título	Ensaio	Tamanho do Efeito (ES)	Valor <i>p</i>
Experimentos de Visão Remota				
1	Dependência do alvo e do emissor	200	.124	.040
4	Aumento da detecção da CA ¹⁴ com codificação binária	40	-.067	.664
5	CA nos Sonhos Lúcidos - base	24	.088	.333
6	CA nos Sonhos Lúcidos - piloto	21	.368	.046
Comportamento da Descincronização Relacionada ao				
9	Evento (<i>ERD - Event Related Desynchronization</i>) da CA	70	.303	.006
10	Entropia II	90	.550	9.1 x 10 ⁻⁸
Outros experimentos				
2	CA de alvos binários	300	.123	.017
3	Replicação de MEG	12,000s	MEA ¹⁵	MEA
7	Observação distante	48	.361	.006
8	Investigação sobre ERD e EEG	7,000s	MEA	MEA

¹⁴ CA - sigla para Cognição Anômala, sinônimo de fenômenos anômalos relacionadas a psi nas formas de telepatia, clarividência ou precognição. CA indica que processos anômalos mediam tais fenômenos.

¹⁵ MEA - Média Esperada por Acaso.

Fotografia 04 - Dra. Jessica Utts em 1999, Palo Alto, Califórnia.

Sobre esses resultados, Utts¹⁶ (1995, p. 311) comenta: “Está claro para essa autora, que a Cognição Anômala é possível e foi demonstrada. Esta conclusão não está baseada em crença, mas sobre critérios científicos comumente aceitos. O fenômeno foi replicado num número de formas através de laboratórios e culturas.” Porém, essa mesma autora indica que não há certeza se houve um real avanço no entendimento da CA, e que, não se deve mais investir recursos em pesquisas voltadas para a prova; eles devem, sim, ser investidos em estudos voltados ao entendimento do processo, como a CA funciona.

Outra grande série de experimentos de RV foi desenvolvida no Laboratório de Pesquisas de Anomalias em Engenharia da Universidade de Princeton (*Princeton Engineering Anomalies Research* - PEAR¹⁷ - *Laboratory*) por Robert Jahn, Brenda Dunne e Roger Nelson. Os experimentos começaram em 1978; alguns deles foram feitos na forma retrocognitiva, mas a maior parte dos testes usou a forma precognitiva (PRP - Percepção Remota Precognitiva), na qual as impressões do sujeito são relatadas e registradas antes que o agente visite o alvo, e muitas vezes ainda antes que o alvo seja aleatorizado (JAHN, DUNNE, NELSON, 1997; RADIN, 1997).

Num relatório que sintetizou 25 anos de pesquisas com RV, Robert Jahn e Brenda Dunne (apud RADIN, 2006, 2008) indicaram que entre 1976 e 1999 foram realizados 653 ensaios formais, com 72 participantes, sendo a maioria na forma pré-cognitiva, obtendo-se um resultado estatístico que poderia ter sido resultado do acaso uma vez em 33 milhões de

¹⁶ A Dra. Jessica Utts é Professora de estatística na Universidade da Califórnia, em Davis.

¹⁷ O PEAR foi estabelecido na Universidade de Princeton, em 1979, pelo Dr. Robert Jahn, quando Diretor da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas, voltado ao estudo científico rigoroso da interação da consciência humana com equipamentos e sistemas físicos, bem como processos comuns da prática contemporânea da Engenharia. Até fevereiro de 2007 [quando PEAR encerrou suas atividades], um grupo interdisciplinar composto por engenheiros, físicos, psicólogos e profissionais da área de humanas, conduziram uma ampla agenda de experimentos, buscando o desenvolvimento de modelos teóricos complementares para possibilitar uma maior compreensão do papel de consciência dentro de realidade física. [...] Na maior parte de sua história o PEAR desenvolveu dois programas experimentais paralelos, em "interação máquina-ser humano" e "percepção remota." http://en.wikipedia.org/wiki/Princeton_Engineering_Anomalies_Research_Lab
A continuidade de seus trabalhos se dará através da *International Consciousness Research Laboratories* (Laboratórios Internacionais de Pesquisa de Consciência - http://www.icrl.org/home/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1), iniciada em 1990 pelos fundadores do PEAR. <http://www.princeton.edu/~pear/future.html>

vezes.

Estudos psi através de sonhos

Desde a antigüidade os sonhos aparecem associados com os fenômenos psi. Era-lhes atribuído um sentido sobrenatural. São incontáveis os sonhos proféticos relatados historicamente (EYSENCK; SARGENT, 1993). Louisa E. Rhine coletou uma amostra de 7.119 casos de experiências espontâneas de ESP, verificando que 65% delas ocorriam durante os sonhos (HONORTON, 1976).

Ainda que a publicação de pesquisas com sonhos e psi remonte o século 19, a maioria delas apresentava falhas metodológicas (CASTLE, 1977). Um marco nestes estudos veio a ocorrer somente nos anos 60, no Laboratório de Sonhos do Centro Médico de Maimonides, Nova Iorque, onde uma grande série de pesquisas de sobre *ESP* através dos sonhos foi conduzida por Montague Ullman, Stanley Krippner e outros colaboradores (EYSENCK; SARGENT, 1993).

Essas pesquisas foram publicadas em mais de 50 artigos individuais, que foram resumidos por Ullman e Krippner, em 1970, numa monografia técnica - *Estudos de sonhos e telepatia* - publicada pela Fundação de Parapsicologia. Uma versão popular desse trabalho foi apresentada por Ullman, Krippner e Vaughan em 1973, através do livro *Sonhos Telepáticos (Dream Telepathy)*, que foi revisado e reeditado em 1989 (CASTLE, 1977; ULLMAN, KRIPPNER, VAUGHAN, 1989).

Ullman iniciou os experimentos preliminares em 1960 e teve suas pesquisas auxiliadas pela descoberta dos períodos de Movimentos Rápidos dos Olhos (MRO), mas o laboratório de sonhos se estabeleceu realmente no Centro Médico de Maimonides em 1962. Ullman, como chefe do departamento de Psiquiatria e Sol Feldstein, um estudante graduado, trabalharam na

elaboração dos detalhes experimentais que embasariam todos os experimentos posteriores. Quando o primeiro estudo formal estava começando, em 1964, Stanley Krippner juntou-se ao grupo e em 1967, Charles Honorton também passou integrar a equipe (CASTLE, 1977; KRIPPNER, 1994; EYSENCK; SARGENT, 1993).

Fotografia 05 - Dr. Stanley Krippner (que participou dos estudos sobre sonhos no do Centro Médico de Maimonides) em 2001, Nova Iorque.

No desenho experimental básico o receptor dormia no laboratório de sonhos; ele permanecia numa sala com isolamento acústico e era monitorado por EEG (Eletroencefalograma) durante toda a noite. Depois que o receptor dormia, o alvo - uma reprodução de uma pintura - era escolhido através de uma tabela de números aleatórios. Lacrado em um envelope opaco, o alvo era então entregue ao agente, que só poderia abri-lo depois que estivesse na sala de emissão, onde passaria toda a noite e desenvolveria as atividades de emissão. A distância entre a sala do emissor e receptor variou conforme os experimentos. Nos primeiros testes essa distância era de 9.7 metros, posteriormente passou a ser 29.8 metros e finalmente foi de 22.5 quilômetros (CASTLE, 1977).

Um monitor, situado noutra sala, acompanhava o EEG do receptor durante toda a noite. Quando o EEG indicava que o receptor estava no período MRO, esse monitor transmitia um sinal eletrônico para o emissor, indicando que deveria (re)iniciar as atividades de emissão. O monitor então aguardava cerca 10-20 minutos de período MRO e, através de um intercomunicador, acordava o receptor, solicitando-lhe que descrevesse seu sonho, o qual era gravado em fita. Ao final do relato tanto o receptor como emissor voltavam a dormir, pois o monitor continuaria a detectar os períodos MRO, e acordá-los nos momentos apropriados (CASTLE, 1977; EYSENCK; SARGENT, 1993).

Na manhã seguinte solicitava-se ao receptor que fizesse outras possíveis associações

com os seus sonhos. Normalmente também lhe era mostrado um conjunto de 8 ou 12 (conforme o estudo) fotografias de arte, para que as ordenasse e taxasse sua confiança (1-100) em cada uma, no sentido de quão próximas elas se correlacionavam como conteúdo ou emoções dos seus sonhos. Uma dessas fotografias era a cópia daquela que tinha sido enviada na noite anterior. Além da avaliação do próprio sujeito, mais três juízes externos avaliavam os experimentos. Eles recebiam uma transcrição completa dos sonhos e o conjunto de alvos utilizado, e também indicavam a ordem e a taxa de confiança para cada fotografia. Nenhum contato entre emissor e receptor era permitido e, a pessoa que pela manhã, fazia os questionamentos sobre os sonhos e orientava o julgamento dos alvos, não tinha nenhum conhecimento do alvo correto. Os alvos eram escolhidos aleatoriamente de uma coleção de centenas de reproduções artísticas, de tal forma que seria improvável que correspondessem consistentemente com qualquer imagem dos sonhos (CASTLE, 1977; EYSENCK; SARGENT, 1993).

Numa meta-análise dos estudos com sonhos do Centro Médico de Maimonides, Radin (1997) indica que, entre 1966 - 1973, 450 sessões de sonhos foram publicadas em artigos de jornais. Combinados os resultados de todas essas sessões apresentam a média geral de acertos de 63%, contra a média esperada por acaso seria 50%. Isso ocorreria por acaso 1 vez em 75 milhões de vezes.

E. Belvedere e D. Foulkes da Universidade de Wyoming publicaram um estudo em 1971 (apud CASTLE, 1977), no qual tentaram replicar os experimentos de Maimonides, tendo encontrado resultados não significativos. Os procedimentos foram muito similares aos de Maimonides, porém com algumas diferenças psicológicas. Em Maimonides as pessoas eram extremamente amigáveis, enquanto que em Wyoming o clima era formal.

Vários outros estudos psi envolvendo os sonhos foram conduzidos, como por exemplo, no Laboratório da *Parapsychology Foundation*, na Escola de Medicina da

Universidade de Boston (CASTLE, 1977), na Universidade de Cambridge (EYSENCK; SARGENT, 1993), no Instituto de Parapsicologia, Argentina (KREIMAN, 1994), no Centro Integrado de parapsicologia Experimental, Brasil (NOGUEIRA, et.al, 2004) na Universidade de Edimburgo, Escócia (MORRIS, WATT, 1997), entre outros. Em 2003, Sherwood e Roe (apud RADIN, 2006, 2008) da Universidade de Northampton, Inglaterra, conduziram uma meta-análise de todos os estudos psi com sonhos desde as pesquisas no Instituto de Sonhos de Maimonides até os últimos estudos com sonhos, incluindo aqueles onde os participantes dormem e sonham em suas casas. O critério seguido considerou a testagem da possibilidade de informações distantes serem obtidas em sonhos e a condução do estudo sob condições de controle, as quais pudessem descartar outras possibilidades, tais como vazamentos sensoriais ou erros de memória. Considerando 47 estudos de 20 pesquisadores, num total de 1.270 ensaios, a taxa de acerto encontrada foi de 59,1%, sendo 50% esperado por acaso. Tal resultado seria esperado por acaso uma vez em 22 bilhões de vezes. O efeito engavetamento, ou seja, publicar apenas os estudos com resultados significativos, o que elevaria a significância geral dos dados, parece não dar conta do resultado obtido. Para que tal magnitude fosse encontrada através deste efeito cada um dos 20 pesquisadores deveria ter conduzido e não publicado 35 estudos com resultados não significativos, com 27 ensaios cada, totalizando 18.900 ensaios. Como cada ensaio ocorre ao longo de uma noite, mais de 50 anos de pesquisas deveria ter sido feita e não publicada.

Estudos psi com a técnica Ganzfeld

Ganzfeld é uma palavra alemã que significa campo completo ou campo homogêneo. A técnica tem origem nos estudos da Gestalt. Metger usou esse termo pela primeira vez em 1930 num estudo de percepção tridimensional do espaço. Submetidos a uma baixa iluminação os

sujeitos desse estudo, passaram a perceber o espaço como que preenchido por um nevoeiro. Hochberg, Triebe e Seaman publicaram em 1958 uma pesquisa, na qual utilizavam meias bolinhas de pingue-pongue para criar um campo visual translúcido e verificar a adaptação da cor no Ganzfeld, testando assim a teoria de Koffka de que um campo homogêneo de cor se tornaria cromaticamente neutro depois de uma exposição prolongada. Os resultados mostraram que a cor verde tornava-se neutra ou desaparecia em 6 minutos, enquanto o mesmo ocorria em 3 minutos com a cor vermelha (DALTON, 1997a, 1997b).

Bentox e Scott, mencionados por Dalton (1997a), realizaram em 1958 vários estudos voltados a compreender os lapsos de atenção criados pela privação de estímulos do ambiente durante períodos prolongados. Os sujeitos experimentais ficavam 24 horas deitados confortavelmente dentro de um cubículo a prova de som e luz, saindo apenas para comer e ir ao banheiro. Eles sentiam o que pode ser denominado de fome, ansiedade ou desejo de estímulos, o que compensavam cantando, falando com eles mesmos ou assobiando. Além disso, mergulhavam num sonho acordado (atividade alucinatória) ou períodos de escurecimento, nos quais a experiência visual desaparecia completamente. Muito dos relatos desses sujeitos é similar àqueles reportados por pessoas no estado hipnagógico. Witkin e Lewis (apud DALTON, 1997a) desenvolveram experimentos utilizando a técnica Ganzfeld para estudar o estado hipnagógico. Porém, utilizaram uma versão refinada da técnica, incluindo a audição de um ruído branco (som homogêneo e sem um padrão), o qual buscava facilitar a sonolência dos sujeitos e permitir a observação do fluxo de consciência dos mesmos, através da verbalização contínua dos seus pensamentos, imagens e sentimentos. Eles também eram submetidos a um campo visual homogêneo vermelho, através do uso de meias bolas de

Fotografia 06 - Dr Adrian Parker, um dos precursores da técnica Ganzfeld, apresentando o resultado de suas pesquisas 41ª Convenção da PA ocorrida na cidade de Halifax, Canadá, em 1998.

pingue-pongue, e permaneciam numa posição reclinada. Em 1969, Bertini, Witkin e Lewis (apud DALTON, 1997b) apresentaram a técnica Ganzfeld como uma forma de facilitar em condições laboratoriais a produção de imagens alucinatórias do tipo hipnagógica. Ocorre que ao longo da história, os supostos fenômenos psi têm sido relacionados com sonhos, hipnose, meditação e outros estados de atenção interna ou Estados Modificados de Consciência (EMC), produzidos de forma natural ou deliberada. Essa relação é evidenciada pelo estudo de casos espontâneos, pelos relatos provenientes de diversas práticas culturais, por observações clínicas e por estudos experimentais. Segundo Honorton (1977), esses estados facilitariam a detecção o “fraco sinal da psi” através da redução dos estímulos sensoriais e somáticos (ruído), ou seja, a privação sensorial seria a chave para a freqüente associação entre a psi e os Estados Modificados de Consciência (EMC). Assim, esse pesquisador propõe o modelo da redução do ruído, baseado no qual a técnica Ganzfeld passa a ser utilizada na pesquisa da hipótese psi.

O primeiro estudo psi Ganzfeld foi realizado por Honorton e Harper (1974) e contou com 30 sujeitos. Os alvos eram rolos de gravuras estereoscópicas, relacionadas tematicamente. O resultado geral foi significativo, $p = .017$. Um fato curioso é que durante esse mesmo período dois outros experimentos foram conduzidos com a mesma técnica, sem que os pesquisadores soubessem dos trabalhos uns dos outros (PARKER, 1975a; BRAUD, WOOD, BRAUD, 1975).

No desenho básico da técnica ganzfeld em estudos psi utiliza-se um emissor e um receptor, que ficam em salas diferentes, separadas por certa distância (entre poucos a dezenas de metros) para reduzir-se a possibilidade de alguma comunicação sensorial não prevista (DALTON, 1997b).

Num ambiente tranquilo e sem nenhuma ameaça, o

Fotografia 07 - Pesquisadora Sibel Pilato, preparando uma participante (receptor) em um estudo Ganzfeld manual no CIPE.

receptor é solicitado a sentar numa poltrona confortável ou deitar numa maca, e relaxar. São-lhe colocados o microfone de lapela, os fones de ouvido e as meias bolas de pingue-pongue (sobre os olhos, fixadas por um esparadrapo poroso), sobre as quais incidirão duas luzes vermelhas (entre 25 a 50 w). Usam-se sugestões gravadas voltadas a induzir ao relaxamento físico (ex. relaxamento progressivo de Jacobson) e mental profundo. Estas induções podem durar aproximadamente de 15 a 25 minutos, e no final sugerem ao sujeito que focalize ou imagine gentilmente a informação alvo. Solicita que assuma uma postura de passividade em relação ao teste. Ao final das induções toca-se um ruído branco (ruído com todas as frequências apresentadas de forma aleatória, algo semelhante a turbina de um avião) que tem a duração aproximada entre 20 a 30 minutos. Esse ruído auxilia no isolamento dos sons externos e oferece um estímulo auditivo homogêneo, o qual, através da habituação cognitiva, acaba não mais sendo percebido e, tal como a luz vermelha, estimula com que a atenção do participante volte-se para os seus processos internos.

Após o preparo do receptor, segue-se para a sala do emissor, o qual, após se acomodar, também recebe induções para relaxamento. O pesquisador retorna a sua sala e também houve as referidas induções, mas somente o receptor ouve o chiado branco (DALTON, 1997b).

Fotografia 08 - Pesquisador Mauricio Yanês da Silva acompanha um participante (emissor) de um estudo Ganzfeld manual do CIPE.

Após o relaxamento, o emissor tenta “transmitir” um alvo (uma fotografia, imagem impressa ou um vídeo com cerca de 1 minuto) para o receptor, que estará ouvindo o ruído branco e descrevendo em voz alta as suas impressões, pensamentos, imagens mentais e sensações. O emissor

pode ouvir os relatos do receptor, tendo, dessa forma, uma retroalimentação de sua atividade. O pesquisador também ouve o receptor, podendo anotar seus relatos. Ao final do chiado

branco (de 20 a 30 min.) o receptor deve avaliar 4 alvos (somente um deles foi transmitido pelo emissor) e escolher qual deles relaciona-se ou assemelha-se mais com sua experiência ganzfeld (seus relatos), para tanto retira suas meias bolas de pingue-pongue dos olhos. Em alguns casos o receptor recebe auxílio do pesquisador, noutros retira seus equipamentos e faz o julgamento sozinho (DALTON, 1997b; SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2005).

Em ambos os casos o emissor continua a ouvir o receptor e a torcer para que o mesmo faça a escolha certa. Terminada a avaliação os participantes reúnem-se numa sala e o alvo é revelado. Após, receptor, emissor e pesquisador conversam sobre a experiência (DALTON, 1997b; SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2005).

A metodologia acima está sendo substituída pela metodologia Ganzfeld digital (ou Digiganz), constituindo-se como tendência desta pesquisa, sendo atualmente desenvolvida em pelo menos quatro locais: Liverpool Hope University através dos Doutores Matthew Smith e Chris Roe (SMITH, FOX, WILLIAMS, 2000); Northhampton University com o Dr. Simon Sherwood (DALTON, 2002), Universidade de Gothenburg com o Dr. Adrin Parker e seus colaboradores (PARKER, WESTERLUND, GOULDING, WACKERMANN, 2001; GOULDING, WESTERLUND, PARKER, WACKERMANN, 2001) e no Centro Integrado de Parapsicologia Experimental, FIES, Brasil (PILATO, HIRAOKA, SILVA, 2004; SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2005).

Como é indicado anteriormente, os estudos Ganzfeld produzem uma vasta base de dados e, conseqüentemente, discussões, através das meta-análises que os avaliam, sobre se esses dados suportam ou não a hipótese psi,. (BEM, 1994; BEM & HONORTON, 1994; BEM, PALMER, BROUGHTON, 2001; HONORTON, 1977, 1985; HONORTON, ET AL. 1990; HYMAN, 1985, 1994; HYMAN & HONORTON, 1986; MILTON, 1999; MILTON & WISEMAN, 1997, 1999, 2001; PALMER, BROUGHTON, 2000; RADIN, 1997; SCHMEIDLER, EDGE, 1999; STORM, ERTEL, 2001, 2002).

Numa meta-análise recente, Radin (2006) considera os estudos Ganzfeld publicados de 1974 a 2004, num total de 88 pesquisas, 3.145 ensaios, dos quais 1.008 apresentaram acerto, ou uma média combinada de acerto de 32% contra 25% esperados por acaso. Este desvio ocorreria 1 vez por casualidade a cada 29 quintilhões de vezes.

Estudos de Micro PK e Campo da Consciência

Os estudos experimentais em psicocinesia passaram a ser sistematizados a partir de 1935 por de J. B. Rhine, Louisa Rhine e outros colegas da Universidade de Duke. Esses estudos estavam centrados na tentativa de influenciar os resultados de lançamentos de dados de jogar. Muitas críticas foram feitas a esses estudos, contexto que inspirou o físico alemão Helmut Schmidt (SCHMIDT, 1976, EYSENCK, SARGENT, 1993), o qual enfatiza a importância dos registros automatizados de dados como uma forma de prevenir uma possível distorção dos resultados em função de problemas por parte do registro humano dos mesmos. Por sua vez, Schmidt (1976), que considera grande a importância da aleatoriedade na seleção dos alvos dos experimentos psi, desenvolveu um equipamento que se utiliza do decaimento radioativo do Isótopo Estrôncio-90, no qual os elétrons são detectados por um contador *Geiger*, conectado a um oscilador eletrônico de alta velocidade, que gira entre vários estados eletrônicos, geralmente em número de quatro. Ao ser detectado o elétron passa paralisar o oscilador e, por meio de um dispositivo de lâmpadas numeradas, é possível observar se o resultado produzido. Este, por sua vez, é registrado automaticamente no equipamento (EYSENCK, SARGENT, 1993). Com esse equipamento Schmidt realizou experimentos de clarividência, precognição e psicocinesia, sendo que neste os sujeitos se concentravam para que as lâmpadas se acendessem numa proporção diferente daquela esperada por acaso. Como encontrou resultados altamente significativos, Schmidt certificou-se de que a máquina estava

funcionando bem, realizando extensas séries de controle, ou seja, nas quais não havia nenhuma intenção voltada a modificar o funcionamento da mesma. Em mais 5 milhões de ensaios controle, bem como muitas verificações posteriores, Schmidt não encontrou nenhuma prova de que o equipamento estava funcionando incorretamente (EYSENCK, SARGENT, 1993).

Noutro equipamento, modificou os estados de saída de forma que apenas 2 resultados eram possíveis, dessa forma o mesmo ficou conhecido como gerador (binário) de eventos aleatórios ou GEA (ou no inglês *RNG - random-number generator*). Em 1971 Schmidt publica um experimento no qual utilizou esse equipamento, que produzia o acendimento de lâmpadas coloridas dispostas na forma de círculo. O objetivo do experimento consistia em que o sujeito, quebrando a aleatoriedade do acendimento das lâmpadas, fizesse com que elas piscassem no sentido horário, completando uma volta completa. Os resultados obtidos com um dos sujeitos selecionados foram altamente significativos, sendo esperados por acaso uma vez a cada cem milhões de vezes (EYSENCK, SARGENT, 1993).

Em 1987 Dean Radin e Roger Nelson (RADIN, 1997) conduziram uma meta-análise dos experimentos RNG. Baseando-se em 152 referências publicadas entre 1959 a 1987, encontraram 832 estudos conduzidos por 68 diferentes pesquisadores, incluindo 597 estudos

Fotografia 09 - Dr. Roger Nelson em 2005, Palo Alto, Califórnia, apresentando um trabalho sobre RNG.

experimentais e 235 estudos controle. Dos 597 estudos experimentais, 258 foram desenvolvidos na Universidade de Princeton (laboratório PEAR), que também relatou 127 estudos controle. Os resultados experimentais encontrados poderiam ser explicados por acaso uma vez a cada 1 trilhão de vezes. Em 1996 Roger Nelson e seus colegas da universidade de Princeton avaliam o efeito RNG de 1.262 experimentos

independentes gerados por 108 pessoas, como associado a uma probabilidade que se esperaria devido ao acaso uma vez a cada 4000 vezes (RADIN, 1997).

No final de 1995, começo de 1996 foi criado o consórcio de laboratórios para estudar anomalias relacionadas à consciência, buscando uma colaboração multidisciplinar entre 3 grupos de pesquisa, o grupo de Princeton, Friburg e Giessem. O projeto inicial de maior importância voltou-se para replicar e estender os resultados dos experimentos com Gerador de Números Randômicos (RNG) do laboratório PEAR de Princeton. Os resultados falharam em replicar aqueles obtidos no PEAR. Porém, subconjuntos de dados afastaram-se significativamente da expectativa do acaso, sugerido anomalias estruturais (NELSON et al., 2000a, 2000b, 2000c).

Radin (2006) atualizou sua meta-análise sobre os estudos com RNG, encontrando 400 deles que totalizam 1,1 bilhão de bits. O resultado geral é de baixa magnitude, porém seria associado à casualidade na proporção de 50.000 para 1.

Com o intuito de otimizar os resultados o grupo de Princeton desenvolveu estudos com dois sujeitos agindo conjuntamente nas tarefas *PK* e foi verificado que o efeito “operador combinado”, especialmente daquelas duplas formadas por parceiros com vínculo afetivo de sexos diferentes, obtinha pontuações 4 vezes melhores que as obtidas por sujeitos agindo de forma isolada (EYSENCK, SARGENT, 1993). Seria esse resultado fruto da “combinação de forças” ou da mútua estimulação via vinculação afetiva? Não é possível responder essa questão, porém ela nos remete a uma outra área de pesquisa, bastante recente, que investiga justamente o efeito da grupalidade e intencionalidade concentrada num tema ou foco sobre sistemas físicos, em especial sobre RNGs. Trata-se da pesquisa do Campo da Consciência ou Campo REG.

Nos experimentos de campo com RNGs a mudança de estado de consciência de pequenos ou grandes grupos de indivíduos parece aumentar a ordem dos resultados dos

RNGs. Um estudo que exemplifica essa área foi desenvolvido por Richard Broughton (1999), que examinou os dados de 9 RNGs gerados em várias partes do mundo, durante a chegada do ano “novo” de 1999. Dezesesseis locais foram monitorados (16 zonas de tempo), oito deles foram escolhidos pelo critério de desenvolverem celebrações máximas e mais oito para celebrações mínimas na entrada do ano. Como era esperado, os dados recolhidos em torno dos primeiros minutos, para a virada do ano das zonas de celebração máxima, foram significativos, $X^2=43761,1$, $df=43200$, $p = .03$. Já os dados das zonas de celebração mínima não foram significativos, $X^2=43413,8$ $df=43200$. A soma dos dados de controle, tomados no dia dois de janeiro, para ambos os tipos de zona, não foram significativos (BROUGHTON, 1999).

Estudos como esses têm sido realizados com sucesso por outros investigadores, como Dean Radin, Dick Bierman (RADIN, 1997). Num estudo da mesma natureza, Hirukawa e Ishakawa (2004) encontraram um desvio significativo ($p = .041$) durante uma festa folclórica no Japão (Nebuta), sendo que o pico mais elevado encontrado nos dados foi também durante o festival ($p = .00093$). O primeiro autor desse estudo esteve no Brasil em 2006 participando do II Encontro Psi, em Curitiba e também da I Jornada de Estados Modificados de Consciência. Como Antropólogo, participou de todos os rituais oferecidos no evento e, junto com seu colega H. Kokubo, aproveitou para verificar anomalias em 3 RNGs, dois dos quais foram levados para os locais dos rituais e o terceiro foi mantido no hotel, como forma de gerar dados de controle. Dados significativos foram obtidos durante os rituais do Santo Daime, Casa das Pirâmides e Aty Guarany (HIRUKAWA, et al., 2006). Além de significativos os dados mostram um padrão semelhante e coerente entre si, que é a ascensão do desvio até um pico, usualmente em torno do meio da atividade, seguida de uma descida gradativa que se dirige para o término da atividade. Com base nisso poderia se supor que a expansão da consciência pode ser objetivamente observada no comportamento anômalo do

RNG. Naturalmente que essa especulação precisa ser verificada através de muitos estudos, principalmente considerando-se o efeito experimentador. Porém, é possível afirmar que essa área de pesquisa apresenta-se como instrumento complementar de investigação do processo psi, podendo ser utilizado juntamente com outras pesquisas, tal como já vem sendo feito no Ganzfeld e no DMILS.

Estudos psi com variáveis fisiológicas

Usam-se variáveis fisiológicas no estudo psi para: a) aprender mais a respeito dos processos mentais; b) mensurar processos inconscientes; c) detectar diferentes estados da mente; d) tentar descobrir mecanismos físicos da psi; e) treinar a regulação de processos fisiológicos através da retro-alimentação (ALEXANDER, 1998).

Esses estudos podem ser divididos em duas categorias, que envolvem: a) correlações psicofisiológicas com a percepção consciente da psi ou o desempenho psi e b) medidas fisiológicas como detectores inconscientes da psi (MORRIS, 1977; RADIN, 1997; ALEXANDER, 1998).

a. Correlações psicofisiológicas com a percepção consciente da psi ou o desempenho psi

O parâmetro que tem sido mais freqüentemente utilizado é o registro EEG occipital, sendo que muitos estudos têm se concentrado em verificar a relação entre a abundância de ondas alfa e a proporção das escolhas corretas as relacionadas a psi. Porém os resultados com EEG obtidos até essa data são confusos e contraditórios (MORRIS, 1977; ALEXANDER, 1998). Dentre estudos que abordaram perspectivas diferentes desta, destacam-se os de Willian G. Braud (BRAUD, BRAUD, 1974; BRAUD, 1975, MORRIS, 1977), com os sujeitos que

ouviam fitas com instruções para relaxamento obtendo melhores resultados psi que aqueles que ouviam fitas com instruções para tensão. Os sujeitos com resultados positivos apresentavam significativamente menos atividades musculares frontais (EMG - eletromiograma) quando obtinham as impressões dos alvos em relação ao começo ou ao fim da sessão. O relaxamento fisiológico sugeriu também o rebaixamento da frequência e aumento da amplitude no EEG; uma menor taxa cardíaca, pressão sanguínea e atividade vasomotora; um aumento na resistência basal da pele; redução no consumo de oxigênio e uma redução no nível lactato sanguíneo.

Alguns estudos atuais trabalham com participantes que apresentam fortes evidências de psi buscando-se avaliar variáveis neurofisiológicas durante a execução de suas tarefas sugestivas de psi (ALEXANDER, PERSINGER, ROLL, WEBSTER, 1998). Outra área estudada busca relacionar dados *ESP* com a lateralidade cerebral. Os resultados também têm sido contraditórios (ALEXANDER, BROUGHTON, 1999).

b. Medidas fisiológicas como detectores inconscientes da psi

Existem evidências de que a psi correlaciona de muitas formas com variáveis fisiológicas, as quais são plenamente mensuráveis. Porém, no nível cognitivo, a psi parece manifestar-se de forma complexa, confusa e possivelmente seja processada em algum nível de forma incorreta pelo sujeito. Outro aspecto é que muitas respostas fisiológicas foram freqüentemente correlacionadas com o começo da exibição/evento do alvo, enquanto que as referências cognitivas, tais como os relatos ou o comportamento dos sujeitos não correlacionaram. Isso pode indicar que a mensagem psi seja menos processada ou talvez distorcida.

Em função disso, seria mais apropriado usar eventos fisiológicos como medida da psi em vez de respostas cognitivas mais elaboradas e freqüentemente incorretas (MORRIS,

1997).

Uma síntese das principais áreas relativas a esse tópico é apresentada a seguir:

- *A sensação ou sentimento de estar sendo observado à distância (fitar à distância)* constitui-se em um dos tipos de estudos sobre *Interação mental direta sobre sistemas vivos* ou *DMILS*¹⁸. Esses estudos se inspiraram em crenças antigas que afirmam ser possível perceber quando alguém nos observa mesmo quando não estamos olhando. Essa sensação visceral pode ser entendida como uma influência mental distante sobre o sistema nervoso. O receptor tem o seu sistema nervoso monitorado, usualmente através da EDA¹⁹, sendo filmado durante a sessão. O emissor, localizado em local distante, pode ver o receptor através de um monitor em momentos escolhidos aleatoriamente. O receptor não sabe quando o emissor está olhando para ele ou ela. (RADIN, 1997)

Fotografia 10 - Dr. Dean Radin em 2005, Palo Alto, Califórnia.

Em 2004, uma meta-análise sobre os estudos de fitar à distância foi publicada pelos pesquisadores psi da Universidade de Freiburg, Alemanha, no prestigiado *British Journal of Psychology*. Stefan Schmidt e colaboradores (2004) consideraram 15 experimentos entre 1989 e 1998, totalizando 379 ensaios. Os resultados foram significativos, ainda que num efeito pequeno ($p = .01$), impossibilitando desconsiderar a hipótese de uma anomalia (psi) relacionada a intenção à distância.

- *Efeito pressentimento ou Precognição fisiológica* é uma área de pesquisa que explora possíveis respostas inconscientes do sistema nervoso para eventos futuros. Essa resposta, conhecida como efeito pressentimento, constitui-se num senso vago ou sentimento de que

¹⁸ DMILS - sigla para *Direct Mental Interaction on Living Systems* – *Interação mental direta sobre sistemas vivos*.

¹⁹ EDA - Electrodermal activity - atividade eletro-dérmica, resistividade elétrica da pele, resposta galvânica da pele

alguma coisa está para acontecer, porém, sem nenhuma consciência sobre algum evento em particular. Buscando simular tal efeito, Radin (1997) conduziu estudos de laboratório na universidade de Nevada, Las Vegas. Neles o participante sentava-se confortavelmente numa cadeira próxima de um monitor colorido de computador, tendo mensurada sua atividade elétrica da pele, taxa cardíaca e o volume de sangue na ponta do dedo. O sistema mostrava-lhe, alternadamente, imagens aleatorizadas de um conjunto de 120 fotografias coloridas. Após uma fotografia ser aleatorizada o computador só mostrava a tela em branco, a qual permanecia por 5 segundos, até que a imagem fosse mostrada por 3 segundos. Seguia-se então 5 segundos com a tela em branco e mais 5 segundos de descanso, também com a tela em branco. Após o computador mostrava uma mensagem sugerindo ao receptor que reiniciasse o processo quando estivesse pronto para isso. Durante esses 18 segundos todas as informações fisiológicas eram registradas pelo computador. Em cada ensaio os participantes assistiam 40 fotografias, 1 de cada vez. As fotografias utilizadas dividiam-se em duas categorias: a) imagens calmas, consideradas agradáveis tais como paisagens, cenas da natureza e pessoas alegres e b) imagens emocionais, consideradas estimulantes, perturbadoras ou fotografias chocantes, incluindo cenas eróticas e de autópsia.

(RADIN, 1997, p.120)

Como era esperado, logo após a exibição das fotografias emocionais, ocorria um aumento da atividade elétrica da pele dos participantes, a qual retornava à sua normalidade no período de descanso. O que foi surpreendente, porém previsto, é que antes do estímulo emocional ser mostrado, a atividade elétrica da pele do sujeito começava a subir, antecipando a situação futura, o que não ocorreu para esse mesmo período com os estímulos calmos. Essa

diferença é chamada de efeito pressentimento, indicando que experiência futura pode afetar o sistema nervoso no presente. Quando questionados, após o experimento, se estavam conscientes de que tais gravuras iriam aparecer, a maior parte dos sujeitos respondeu negativamente, sugerindo que o efeito pressentimento é um processo amplamente inconsciente (RADIN, 1997).

Os resultados combinados das mudanças na atividade elétrica da pele em relação aos dois tipos de estímulos confirmam as previsões feitas. Esses resultados referem-se a 900 ensaios (317 gravuras emocionais e 583 gravuras calmas) envolvendo 24 participantes. Replicações desse estudo foram realizadas pelo próprio autor (RADIN, 1998) e pelo professor Dick Bierman (BIERMAN, 2000, RADIN, 1997) da Universidade de Amsterdam.

- *Testes clínicos de Cura a Distância* (DH – *Distant Healing*) pode ser conceituada como o ato ou ação mental para beneficiar à distância o bem estar físico e/ou emocional de outra pessoa. A controvérsia em torno da DH se baseia na falta de pesquisas formais que avaliem a DH exercida por longos períodos sobre sujeitos que não tenham conhecimento desse fato, e que sejam monitorados também por períodos longos para determinar o real efeito da DH sobre a saúde (SICHER, TARG, MOORE, SMITH, 1998).

Os estudos contemporâneos parecem ter corrigido essas falhas.

Astin, Harkness e Ernst (2000) conduziram uma meta-análise de estudos que avaliaram o efeito DH como complemento a tratamentos médicos. Eles consideraram dados eletrônicos (MEDLINE, PsychLIT, EMBASE, CISCOR e Cochrane) até 1999 que se ajustavam nos seguintes critérios: escolha aleatória, controle adequado do placebo, publicação *peer-reviewed journals*, estudos clínicos (em lugar de experimentais), e uso de participantes humanos. 23 estudos (5 com oração como DH, 11 com Toque Terapêutico [sem contato] e 7 com outras formas de DH) foram examinados, incluindo 2.774 pacientes. 57% (13) destes

estudos mostraram resultados positivos e significantes, 39% (9) não tiveram nenhum resultado significativo em contraste com grupo de controle e 4% (1) apresentou um efeito negativo. Os autores concluíram (ASTIN, HARKNESS, ERNST, 2000, p. 903): "As limitações metodológicas de vários estudos dificultam fazer conclusões definitivas sobre a eficácia da cura distante. Porém, dado que aproximadamente 57% dos ensaios mostraram um efeito positivo no tratamento, a evidência mostra méritos que requer estudos adicionais."

- *Potenciais do cérebro relatados ao evento (ERPs): psi inconsciente e fisiológica* - área que é exemplificada por dois estudos, um deles McDonough, Warren e Don (1998, 1999) utilizaram uma amostra de 20 jogadores (jogos de azar) os quais realizaram um teste de psi respostas fechadas por computador. A partir dos resultados anteriores os autores previram que a onda lenta negativa (NSW - *Negative Slow Wave*) medida em 150-500 ms pós-estímulo teria uma maior amplitude negativa largamente distribuída nas áreas do "couro cabeludo" quando estimulada pelo alvo correto em relação aos alvos falsos. Os resultados encontrados confirmaram os estudos prévios sugerindo a ocorrência inconsciente ou pré-consciente de psi. O resultado da discriminação consciente dos alvos não foi significativo, porém, a diferença da resposta do cérebro para os alvos e não alvos evidenciou que os sujeitos detectaram a informação Psi. Usando duas medidas complementares da atividade 40 Hz do cérebro (40Hz evocados, e 40 Hz induzidos), os mesmos pesquisadores (2000) reconsideraram a mesma pesquisa comentada. Ambas as medidas mostraram significativamente mais 40Hz na apresentação das cartas alvos do que para as cartas não alvos. A análise da atividade 40 Hz evocada repete parcialmente resultados anteriores desse mesmo laboratório e mostra um poder maior 40 Hz para os alvos psi do que para os não alvos.

- *DMILS com seres humanos*, a maioria destes estudos utilizou uma metodologia na qual

um agente ou emissor tentava influenciar, através de alguma informação emocional significativa, um receptor, o qual tinha o seu sistema nervoso central monitorado. A mais ampla série destes experimentos foi conduzida por William Braud e seus colegas, sendo a maior parte deles desenvolvidos *no Mind Science Fondation* em Santo Antônio no Texas (EUA). Braud e Schlitz (BRAUD, SCHLITZ, 1991; RADIN, 1997) resumiram seus experimentos, conduzidos por mais de 17 anos. Foram 37 estudos utilizando diferentes medidas fisiológicas, tais como atividade elétrica da pele, reações ideomotoras, tremores musculares, pressão sanguínea e taxa de hemólise. Também foram conduzidos experimentos tendo como objetivo a locomoção de pequenos animais e a orientação de peixes. Ao todo foram 655 sessões envolvendo 449 pessoas ou animais agindo como receptores, 153 pessoas agindo como emissores e 13 experimentadores principais. Conforme tabela a seguir, 57% desses experimentos foram significativos ao nível de significância .5, ou seja, eram esperados que apenas 5% deles alcançassem esta significância. O resultado combinado desses experimentos seria obtido por acaso uma vez a cada 100 trilhões de vezes.

Tabela 3 - Sumário geral estatístico dos experimentos de influência mental direta

Sistema de alvo	Número de sessões	Z médio	Z de Stouffer	(ES) Efeito	Percentual de
				Tamanho médio	experimentos significativos
Atividade elétrica da pele (influência)	323	1.05	4.08	.25	40 %
Atividade elétrica da pele (atenção)	78	.84	1.68	.18	100 %
Reações ideomotoras	40	1.72	2.98	.39	67 %
Tremor muscular	19	-.42	-.59	-.14	0 %
Pressão sanguínea	41	1.35	1.91	.36	50 %
Orientação de peixes	40	1.88	3.78	.56	75 %
Locomoção de pequenos animais	40	1.90	3.81	.58	75 %
Taxa de hemólise	74	2.43	4.20	.46	67 %
Combinação de todos os sistemas	655	1.34	7.72*	.33	57 %

* $p = 2.58 \times 10^{-14}$ unilateral

(BRAUD, SCHLITZ, 1991, p.30)

Como pode ser visto acima, parte desses experimentos (15 deles) avaliou a atividade elétrica da pele dos sujeitos. Radin (1997) apresenta uma combinação do resultado desses experimentos EDA com o resultado de 4 replicações, totalizando 400 sessões individuais. A combinação desses resultados oferece uma evidência positiva para a influência distante sobre a EDA de 1.4 milhões para 1 contra o acaso.

Stefan Schmidt e colegas (2004) da Universidade de Freiburg publicaram uma meta-análise que considerou 40 estudos DMILS conduzidos entre 1977 e 2000, totalizando 1,055 ensaios. Os resultados foram significativos, numa proporção de 1.000/1 contra o acaso. Com base nestas pesquisas é possível afirmar que existe uma forte evidência de que pessoas podem responder fisiológica e inconscientemente a influências mentais de pessoas que se encontram à distância.

1.5 BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA PSI NAS FACULDADES INTEGRADAS ESPÍRITA E MOTIVAÇÃO PESSOAL

A pesquisa psi surge nas Faculdades Integradas Espírita (FIES), situada em Curitiba, Paraná, em função da criação do Curso Livre de Parapsicologia em 1979, por Octávio Melchíades Ulyséa e sua esposa, Neyda Nerbass Ulyséa. Em 1984 o professor Joe Garcia ingressa no referido curso para lecionar a disciplina de Prática em Parapsicologia Experimental e em 1986 este professor assume a cadeira de Parapsicologia Experimental unificando as duas disciplinas, teórica e prática. Em 1987, no Primeiro Congresso Holístico Brasileiro e Internacional, ocorrido em Brasília, o mesmo professor conhece o Dr. Stanley Krippner, o qual passou a enviar material teórico para o professor Joe, estimulando-o para a pesquisa. Em 1988 este professor cria um grupo de estudos sobre temas ligados à técnica Ganzfeld e em 1989 vai aos EUA e visita o curso de Mestrado em Parapsicologia da

Universidade John Kennedy e a Fundação para Pesquisa da Natureza do Homem (FRNM - *Foundation for Research on the Nature of Man*), obtendo material teórico e conhecendo o laboratório de Ganzfeld da FRNM. Neste mesmo ano, o professor Joe cria um novo grupo de estudos realizando alguns testes psi em condições de relaxamento. Em 1990 o Dr. Krippner vem a Curitiba para realizar palestras e trazer mais material.

Entre 1990 a 1991 o professor Ceslau Z. Jackowski (1945-1998) foi coordenador do Laboratório de Parapsicologia Experimental e realizou diversos experimentos utilizando a privação de sentidos sensoriais. Em 1991 o professor Joe cria outro grupo de estudos (do qual participaram Vera Lúcia O. C. Barrionuevo, Lya Uba, Luiz Henrique Cardoso, Maria Lúcia de Jesus, Waelson de Oliveira, Sérgio Razende, Fernando Alencar e Alexandre Januzeck) e vai aos EUA realizar o Curso de Verão em Parapsicologia na FRNM, vindo a conhecer a Dra. Kathy Dalton. Com o seu retorno, houve uma tentativa de implantação do Núcleo de Pesquisa Ganzfeld (NPG) nas FIES, porém, por falta de espaço, o projeto teve que aguardar. (BARRIONUEVO, 1994)

Em 1993 Tarcísio R. Pallu e Vera L. O. C. Barrionuevo foram aos EUA e fizeram o mesmo curso; ao retornarem conseguiram o espaço para a implantação do NPG. A partir do conhecimento adquirido na FRNM e com o auxílio das orientações do professor Joe Garcia, Vera e Tarcísio concretizaram a implantação do NPG em 06/10/93 (BARRIONUEVO, 1994).

O NPG pesquisou com vários sujeitos e teve a participação de diversos estagiários. Com a afastamento da Prof. Vera em 1996, por motivos pessoais, o laboratório ficou desativado por 6 meses. A síntese dos trabalhos e pesquisas realizadas nesse período foi apresentada na Argentina, no *Tercer Encuentro Psi* (BARRIONUEVO; PALLU, 1998) e num artigo para a Revista Argentina de Psicologia Paranormal (BARRIONUEVO; PALLU, 2000).

Em 1997 o Professor Carlos Alberto Tinoco retorna a direção do curso de Parapsicologia e convida o professor Fábio Eduardo da Silva para reestruturar o laboratório.

Com o auxílio do professor Joe, nesse ano realiza-se um curso com a Dra. Kathy Dalton (EUA), voltado à capacitação na técnica Ganzfeld.

Em 1998 realizam-se modificações físicas e técnicas para fazer adequações com especificações de segurança. O professor Fábio vai aos EUA e realiza o *Summer Study Program*, no Rhine Research Center (antigo FRNM).

Em 1999 o laboratório recebe novas melhorias, cria-se um grupo de estudos (com a participação de 11 estudantes do 2o. ano do Curso de Parapsicologia) e desenvolvem-se duas pesquisas: 1) Motivação e Psi na Técnica Ganzfeld, por Margareth Aparecida Bleichwel, e 2) Sonhos e Ganzfeld, por Ricardo Eppinger, que, tendo feito o Curso de Parapsicologia das FIES, realizou seu doutorado na Universidade de Edimburgo (Escócia), tendo sua pesquisa realizada no Laboratório Ganzfeld das FIES.

Em 2000 o professor Fábio elabora e envia um projeto de pesquisa (Ganzfeld e Não-Ganzfeld) para a Fundação Bial de Portugal, envolvendo também, Margareth A. Bleichwel, Celso C. Cordeiro, Sibeles A. Pilato, Maurício Y. A. da Silva e Reginaldo Hiraoka. Em 2001 o projeto é selecionado e, com os recursos recebidos, adquirem-se novos equipamentos, conclui-se o conjunto de 80 alvos dinâmicos (vídeos) e inicia-se a referida pesquisa, a qual é concluída em março de 2002. Neste mesmo ano, com o auxílio dos professores Reginaldo Hiraoka, Sibete Pilato e do programador Renato Collin, o professor Fábio elabora novo projeto para a Fundação Bial (Ganzfeld Digital Fisiológico). Em novembro o projeto é selecionado, recebendo recursos para a execução ao longo de 3 anos. Iniciam-se também mudanças estruturais e físicas no Laboratório Ganzfeld, que passa a integrar uma estrutura maior com mais dois laboratórios - Laboratório DMILS e de Micro PK: o CIPE (Centro Integrado de Parapsicologia Experimental). Neste ano, também se inicia a realização de eventos profissionais para pesquisadores psi: o Encontro Psi. Sua primeira edição foi nacional, sendo que as subseqüentes (II em 2004, III em 2006 e IV em 2008) contaram com

pesquisadores de vários países, como EUA, França, Israel, Chile, Argentina, Japão e Reino Unido.

Em 2003, iniciaram-se as atividades da nova pesquisa “Ganzfeld Digital Fisiológico: em busca de uma medida mais objetiva para psi” e as publicações da primeira pesquisa (SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2003; SILVA, HIRAOKA, PILATO, 2003). Em 2004 os resultados do estudo Ganzfeld e Não Ganzfeld são apresentados no 5º Simpósio da Fundação Bial, em Portugal, realiza-se o II Encontro Psi e, em decorrência deste evento, inicia-se um intercâmbio de cooperação entre as FIES e dois pesquisadores Japoneses: Prof. Hideyuki Kokubo (pesquisas colaborativas em DMILS e clarividência) do *International Research Institute* (Chiba) e o Prof. Tatsu Hirukawa (pesquisas colaborativas em Campo da Consciência com RNG) da Meiji University (Tokyo). Em 2005 ocorrem novas publicações e (SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2005) e desenvolve-se uma pesquisa de Cura à Distância com paciente autistas, num intercâmbio entre pesquisadores do Brasil, Japão, Chile e Peru.

Em 2006 o estudo Ganzfeld Digital Fisiológico continua a ser desenvolvido, por uma nova equipe de programadores; conclui-se a pesquisa de Cura à Distância com paciente autistas; com a colaboração do Professor Kokubo, realiza-se a pesquisa “DMILS EDA e vínculos afetivos”, na qual se verificaram mudanças fisiológicas (resistividade elétrica da pele) numa participante, decorrentes da intenção remota de outra participante e realiza-se o III Encontro Psi. Nos anos de 2007 e 2008 dá-se continuidade aos estudos em curso.

Retornando as origens da pesquisa psi nas FIES, outro fato precisa ser apresentado: a criação em 1982, pelo professor Octávio Melchíades Ulyséa, do Instituto Nacional de Pesquisas Psicobiofísicas - INPP. A direção inicial ficou a cargo dos professores Cristina T. da C. Rocha, Nilton Rocha e Luciano Rocha. O INPP teve como referência original, o Instituto Brasileiro de Pesquisa Psicobiofísicas (IBPP) de São Paulo e seu principal objetivo é estimular e realizar pesquisas na área da Psicobiofísica. Este termo, criado na década de 60

pelo Eng.º Hernani Guimarães Andrade, guarda alguma semelhança, em sentido, com a designação “pesquisa psi”, porém distingue-se pela ênfase na pesquisa de experiências ou possíveis fenômenos anômalos sugestivos da hipótese da sobrevivência da consciência após a morte física, tais como aqueles indicados na nota de roda-pé número 6. Entre 1982 à 1986 o INPP esteve sob a direção científica de Cristina Rocha, desenvolvendo estudos e mantendo intercâmbios com pesquisadores nacionais e internacionais. Nos anos 90 o professor Reginaldo Hiraoka assume a direção do INPP, dando continuidade a algumas pesquisas, porém enfatizando a comunicação social, através de palestras e encontros de cunho educativo. O INPP participou, juntamente com o CIPE, do intercâmbio “Brasil x Japão” (envolvendo os pesquisadores Kokubo e Hirukawa em estudos de RNG), na realização de pesquisas Ganzfeld e na organização dos Encontros Psi e das Jornadas de Estados Modificados de Consciência. Criou o UNEPSI, um grupo de vivências de psi, com objetivo de estudar as funções psi e estimular a vivência destes supostos fenômenos.

Este resumido histórico apresenta um pouco das atividades relativas à pesquisa psi nas FIES, bem como o envolvimento deste acadêmico em algumas destas atividades, porém, não esclarece sobre o interesse nos estudos de treinamento psi, foco desta pesquisa. Para tanto se apresentam dados mais pessoais, solicitando a compreensão do leitor para esta necessidade. Foi na adolescência, em Santa Cruz do Sul, RS, que surgiu neste acadêmico um forte impulso para o processo de autoconhecimento e desenvolvimento psíquico, tendo participado de vários grupos com esta finalidade e lido a literatura disponível na época. Este movimento motivou a sua mudança à Curitiba em 1991, para realizar o Curso de Parapsicologia das FIES. Neste curso, a disciplina que mais se identificava com a sua busca pessoal era chamada de VIPAC (Vivências para autoconsciência). Inspirada nas psicologias Social, Humanista e Transpessoal e na necessidade de oferecer um instrumento vivencial de desenvolvimento pessoal, a disciplina foi criada pela Professora Neyda Nerbass Ulyséa logo no surgimento do Curso de

Parapsicologia. O ambiente grupal afetivamente aquecido, onde a criatividade (como a dança e as artes plásticas), os estados modificados de consciência (relaxamentos, concentrações), o contato com a vida emocional e o estímulo as experiências psi (testes de clarividência, visão remota, telepatia, entre outros) favoreceu-lhe fortes experiências de crescimento, sugerindo-lhe, também, uma área de atuação futura, o que de fato ocorreu. Após o curso foi monitor na disciplina, tornando-se facilitador, posteriormente. Seja como aluno ou facilitador, pode vivenciar e ouvir freqüentes relatos de experiências relacionadas a psi, as quais se integravam significativamente nas dinâmicas vividas pelo grupo. Mas, nesse ínterim, movido pela oportunidade e decisões inspiradas durante estados modificados de consciência, iniciou estudos sobre estatística e pesquisa experimental, vindo a atuar como professor também nestas áreas. Ingressou na pesquisa científica quantitativa, inicialmente contrastante com as práticas voltadas para o autoconhecimento. Porém, na primeira pesquisa realizada - telepatia em Ganzfeld (SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2003; SILVA, HIRAOKA, PILATO, 2003) pareceu-lhe que certas duplas pareciam aprimorar-se com os ensaios. Elas também faziam voluntariamente experimentos informais em outros ambientes e momentos, como por exemplo, marcavam um horário para que pudessem “transmitir” à distância e entre si alguma informação (um desenho, um local). Elas previram que melhorariam seu desempenho e assim pareceram demonstrá-lo. Este fato fez unir as duas perspectivas vividas - vivências de grupo e pesquisa experimental - sugerindo intimamente que seria possível, ao menos em parte, estimular os supostos fenômenos psi e aprender ou desenvolver a habilidade de melhor percebê-los e decidir através deles. Essa suposição interna vem orientando o trabalho que é desenvolvido com grupos (que é apresentado adiante) e motiva a presente pesquisa.

1.6 JUSTIFICATIVA

Considerando o desenvolvimento das pesquisas psi no meio universitário (no nível de mestrado e doutorado), observa-se uma considerável expansão, principalmente no Reino Unido, porém, em quantidade elas ainda são muito menos expressivas que outras áreas do conhecimento científico. No Brasil, onde também ocorre uma expansão dos estudos psi (ainda que de forma muito mais reduzida), esta área é pouquíssimo desenvolvida.

Focalizando nos trabalhos de revisão de estudos de desenvolvimento psi (objetivo desta pesquisa), verifica-se que existe um número muito pequeno de trabalhos, evidenciando que esta área tem sido desprivilegiada academicamente no nível internacional (no Brasil ela inexistente) e, portanto, constitui-se numa importante lacuna do conhecimento científico.

Como apresentado no item 1.2, as experiências psi (que possivelmente envolvem processos anômalos, como sugerem fortemente os estudos experimentais) são amplamente relatadas pela população e têm forte impacto para a vida das pessoas, tanto num plano individual como coletivo, assim, considera-se que o desenvolvimento do conhecimento nesta área é muito importante, podendo trazer positivas contribuições sociais.

Em termos da psicologia, como indicado no mesmo item, vemos que as implicações da pesquisa psi são grandes e que a integração destas áreas vem ocorrendo, em especial na Europa (WATT, 2005) e EUA (CARDEÑA, LYNN, KRIPPNER, 2000). No que no Brasil esta integração parece estar começando, em particular no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Com base nestes fatos, reflete-se que o conhecimento desta área pelos profissionais da psicologia e por aqueles que ainda estão cursando a sua formação pode trazer reflexões profundas sobre a natureza do ser humano, suas capacidades, sobre as noções de normalidade (do ponto de vista estatístico) e saúde mental, com possível melhoria profissional.

Uma última consideração é que o presente estudo (teórico) é pensado para embasar estudos futuros (empíricos) de aplicação de treinamento que auxilie a utilização dos fenômenos psi na tomada de decisão e resolução de problemas. Ou seja, busca-se explorar a integração o conhecimento científico com a vida prática das pessoas, o que já vem sendo feito por outros pesquisadores psi (BORGEOIS, PALMER, 2003; BIERMAN, 2000, 2004).

2 MÉTODO

Material: livros e artigos científicos relacionados ao tema (livros publicados por editoras nacionais e estrangeiras e em periódicos indexados)

Procedimento: coletar, ler e sistematizar, segundo critérios discriminados a seguir.

Os estudos considerados foram agrupados em dois grupos: a) pesquisas de treinamento psi e b) pesquisas que manipulam variáveis consideradas psi-condutivas.

A sistematização considera variáveis específicas e comuns para os dois grupos de estudo, como segue:

Variáveis específicas dos *Estudos de treinamento psi*:

- a. *tipo de treino conduzido* - se da **percepção e aprendizado** de características pessoais relacionadas aos fenômenos psi (retro-alimentação), ou de **habilidades** relacionadas ao desempenho psi (meditação, visualização, relaxamento, criatividade, hipnose, crença em psi), ou ainda um misto entre estes;
- b. *ênfase teórico adotado* - por quais razões entende-se que tal treinamento aumentará as habilidades psi.
- c. o tempo de duração do estudo;
- d. o contexto social do mesmo;
- e. o critério de seleção dos participantes;
- f. dados dos pesquisadores (crenças em relação a psi e formação)

Variáveis específicas dos *Estudos que manipulam variáveis consideradas psi-condutivas*:

- a. se ocorre a exposição por parte dos participantes a condições consideradas psi-condutivas e de que tipo (incluindo-se dinâmicas de grupos, hipnose, relaxamento,

- meditação);
- b. ou se os participantes são seleccionados justamente por manifestar determinadas características consideradas psi-condutivas (meditadores, artistas, relatos anteriores de psi, afetividade entre a dupla;
 - c. ou ainda se ambas as condições são observadas;
 - d. se os fatores ou variáveis estão relacionadas especificamente ao emissor ou agente, receptor ou percipiente, aos pesquisadores, aos alvos experimentais ou aos fatores alteração da consciência, ou alguma composição destes;

Variáveis comuns para os dois grupos:

- a. informações de identificação: o código do artigo ou estudo²⁰, os autores e ano de publicação, o desenho experimental básico; *se houve críticas ao método empregado (indicadas por revisores do estudo ou pelo acadêmico)*, o número de participantes e de ensaios;
- b. o tipo de fenômenos psi almejado: se *GESP* (telepatia/clarividência), clarividência, *PK* (micro-macro), *PK (DMILS)* ou precognição;
- c. a forma de verificação adotada: se o método utiliza respostas fechadas, livres, fisiológicas, encobertas ou outras;
- d. a relevância dos resultados estatísticos quanto ao desempenho psi do grupo ou condição teste, sempre que houver, ou geral se não houver: não apresentados, não significativos ($p \geq .05$), significativos ($p < .05$), muito significativos ($p < .01$) e altamente significativos ($p < .001$).

Estas informações são apresentadas na forma descritiva e também organizadas em

²⁰ Criado pelo acadêmico para facilitar a organização e síntese dos dados, se constituirá de dois possíveis conjuntos de letras (TP: treinamento psi; VPC: variáveis psi-condutivas), seguidas de dois dígitos numéricos, indicadores da ordem dos artigos.

tabelas, na forma de sínteses ou quantificações, auxiliando na visualização, compreensão e síntese dos dados. Para tanto, utiliza-se um roteiro de operacionalização dos dados, conforme pode ser visto no anexo 01.

Como vários dos estudos considerados não são obtidos a partir dos artigos originais²¹, principalmente aqueles mais antigos, muitas destas informações não estão disponíveis nos mesmos, impedindo a sua avaliação. Os **estudos de treinamento psi** são em menor número que os **estudos manipulando variáveis consideradas psi-condutivas**, assim estes foram descritos em maior quantidade, mas menor detalhamento. Alguns subgrupos foram tratados a partir de outras revisões, incluindo pesquisas de meta-análise que avaliam grandes quantidades destes estudos. Os estudos de treinamento psi, por outro lado, são apresentados em menor quantidade, mas com maior detalhamento.

Com objetivo de oferecer parâmetros de reflexão com relação aos estudos científicos avaliados, bem como inspirar verificações futuras, foram ainda consideradas avaliações de outro autor sobre abordagens não científicas de treinamento psi.

²¹ Sempre que possível, trabalhou-se com as fontes originais. Tal procedimento implicou no contato com os autores ou pesquisadores que pudessem conseguir tais fontes.

3 APROXIMAÇÃO DO TEMA FOCO DA PESQUISA

3.1 REVISÕES DE ESTUDOS PSI

Os estudos de revisão apresentam sínteses sistemáticas e análises de vastos conjuntos de dados de um determinado tema científico específico. A categorização e sistematização de dados são cruciais para o avanço de qualquer área científica. Além de apresentar um panorama sintético da área e um balanço dos resultados obtidos, estes estudos também a fazem sugestões para trabalhos futuros (KRIPPNER, 1997). Com relação às pesquisas psi, várias revisões têm sido conduzidas, algumas têm foco mais quantitativo, como as meta-análises, que avaliam a combinação de resultados de uma série de pesquisas experimentais, através da codificação das variáveis que se deseja estudar. Como ferramenta científica voltada a mostrar um efeito global quantitativo, e a sua variação, sobre uma série de replicações, os resultados de tal técnica têm servido como base para o debate sobre a evidência da existência dos fenômenos anômalos relacionados a psi, com base em dados experimentais (STEINKAMP, 1998, MILTON, 1999).

Outros estudos de revisão menos quantitativos incluem as pesquisas com fenômenos espontâneos supostamente relacionados à psi. Além dos diferentes métodos utilizados, estes estudos apresentam sínteses e correlações dos resultados, auxiliando a compreensão dos dados advindos de contextos naturais, os quais podem ser muito úteis na percepção qualitativa de psi, ou voltada a explorar a sua natureza, auxiliando na elaboração de métodos experimentais e abordagens teóricas (STOKES, 1997).

Estudos de revisão podem também incluir temas históricos, teóricos e metodológicos.

Não é possível falar de estudos de revisão de pesquisas relacionadas a psi sem mencionar a série de livros editados por Stanley Krippner - *Advances in Parapsychological*

Research - com seus 8 volumes. Estes livros contemplam exclusivamente estudos de revisão nesta área (KRIPPNER, 1997).

3.2 REVISÕES DE ESTUDOS RELATIVOS AO DESENVOLVIMENTO PSI

Como é visto a seguir, existem poucos estudos de revisão relativos ao desenvolvimento psi. Os três que são comentados brevemente seguem a cronologia de suas publicações.

Revisão de Charles T. Tart - 1975

Tart (1975) apresenta em seu livro “*Learning to use extrasensory perception*” a aplicação básica da teoria do aprendizado para a ESP. Assim sua revisão concentra-se em estudos psi que, direta ou indiretamente, utilizaram retro-alimentações em seus métodos. No capítulo 1

Fotografia 11 - Dr. Charles Tart em 2005, Palo Alto, Califórnia.

comenta que o aprendizado realiza-se pelas retro-alimentações imediatas (RI²²) sobre o desempenho e que a maioria dos estudos psi da época (os quais usavam o método de respostas fechadas na adivinhação de cartas com símbolos - baralhos *ESP*) não utilizavam RI, favorecendo a extinção do fenômeno estudado, o que ficou conhecido por efeito declínio. Na sua perspectiva, para os sujeitos sem habilidades *ESP* o trabalho com RI não terá feito; para aqueles com pouca *ESP* a RI deve estabilizar seu desempenho e reduzir a velocidade da extinção; mas aqueles que tiverem uma habilidade *ESP* acima de um limite crítico (avaliado estatisticamente) o processo de aprendizado deverá predominar. No capítulo 2 Tart revisa os estudos psi publicados entre 1964 e 1975 que utilizaram procedimentos de RI. No capítulo 3 mostra um estudo seu de pequena escala e reflete sobre a necessidade de expandir sua

²² Nos experimentos Psi com RI, os participantes recebem a informação sobre seu acerto ou erro imediatamente após cada palpite.

abordagem de aprendizagem para incluir os casos de resultados psi significativamente negativos (psi-missing). O teste mais importante de sua teoria é mostrado no capítulo 4 através de um estudo de 3 fases, sendo a primeira um teste de seleção de participantes (para que a teoria seja testada são necessários sujeitos com *ESP* num nível médio ou alto), a segunda um estudo de confirmação dos sujeitos e a terceira o treinamento psi com RI. Os resultados, segundo Tart, confirmaram sua teoria. Os processos mentais do sujeito que obteve maior sucesso são mostrados no capítulo 5, enquanto que no capítulo 6, Tart apresenta a combinação dos resultados de seus estudos com os revisados por ele, indicando o forte suporte para sua teoria. Para tanto apresenta uma lista dos estudos, com o número de sujeitos, a informação se houve declínio nos resultados (o que seria contrário a sua abordagem) e os resultados que suportam sua abordagem, selecionando dados favoráveis. Um aprofundamento teórico de sua abordagem é feito no capítulo 7 e um sumário do livro é apresentado no capítulo 8.

Esta revisão cobre uma grande quantidade de trabalhos, direta ou indiretamente voltados ao desenvolvimento psi através da RI, apresenta uma abordagem teórica testável e útil e os estudos que o autor realizou com a finalidade de testá-la. Seu método de avaliar os estudos cobertos é o estatístico, ou seja, a significância dos resultados obtidos pelas diferentes testes estatísticos. Porém, na avaliação coletiva dos estudos, seleciona informações dos mesmos que corroboram a abordagem teórica adotada, algo evidentemente tendencioso. A apresentação dos dados das pesquisas também não segue um padrão coerente, sendo que algumas são mais bem descritas do que outras. Mais detalhes dos trabalhos cobertos por Tart, seus próprios estudos e sua abordagem teórica são vistos adiante.

Revisão de Jeffrey Mishlove - 1983

A revisão realizada por Mishlove (1983) é mais ampla que a anterior, cobrindo

praticamente todos os tipos de estudos relacionados ao desenvolvimento psi e também estudos que manipulam variáveis psi condutivas. O livro “*Psi development systems*”, utilizado em nossa pesquisa, constitui-se numa versão revisada da sua tese de doutorado, obtida em 1980 junto a Universidade da Califórnia em Berkeley. No

Fotografia 12 - Dr. Jeffrey Mishlove em 2003, Vancouver.

capítulo 1 indica que o desenvolvimento de uma matriz disciplinária na Parapsicologia, baseada em sistemas tradicionais e populares de desenvolvimento psi foi retardada pela controvérsia sobre a existência de psi e sobre a própria validade da parapsicologia como ciência. Apresenta 3 abordagens teóricas sobre o desenvolvimento psi: o modelo de reforçamento retro-alimentativo proposta por Charles Tart, a teoria da redução do ruído de Charles Honorton e a perspectiva sistêmica para o desenvolvimento psi. Esta última é utilizada pelo autor como uma forma de comparar e avaliar os diferentes sistemas de desenvolvimento psi. Como considera em sua revisão tanto sistemas científicos como tradicionais e populares de desenvolvimento psi, Mishlove utiliza formas alternativas de avaliação dos mesmos, incluindo avaliação livre de metas, a qual considera o impacto (previsto e não previsto) dos programas em relação as necessidades das populações impactadas, sendo orientada para os consumidores, para suas necessidades sociais. Tal abordagem pode questionar o impacto que as pesquisas psi têm na população, bem como auxiliar a construir estratégias para legitimar e suprir as necessidades públicas. Outra abordagem usada é a do “advogado-adversário”, na qual considera os casos mais fortes a favor e contra um determinado programa. No “modelo conhecedor” também utilizado como forma alternativa de avaliação, dados humanísticos e artísticos são considerados como referências avaliativas. Por fim, a meta-avaliação é também utilizada, na qual os princípios da avaliação são usados para avaliar a avaliação em si mesma. No capítulo 2 são apresentados os

dados das tradições pré-científicas (ex. Xamanismo, Adivinhação, Yoga, Budismo, entre outros). Uma variedade de sistemas de treinamento psi contemporâneas é apresentada no capítulo 3, como Espiritismo, Teosofia, Antroposofia, Meditação Transcendental, entre outros. No capítulo 4 os estudos experimentais (Hipnose, Yoga, Meditação, relaxamento e retro-alimentação) são apresentados e o coeficiente psi (cálculo estatístico descrito adiante) é utilizado para avaliar os resultados dos estudos e abordagens (grupos de estudos). Ao final deste capítulo o autor apresenta possíveis desenhos experimentais voltados a avaliar um sistema de desenvolvimento psi. No capítulo 5, após apresentar um resumo dos capítulos anteriores, o autor utiliza vários parâmetros sistêmicos para comparar os diferentes sistemas de desenvolvimento psi. Os parâmetros utilizados são: objetivos do sistema, forma de administração, medidas de desempenho, desenvolvimento intencional e não intencional de psi, exterocepção e interocepção, processamento das entradas sensoriais, memória, subconsciente, avaliação e tomada de decisão, senso de tempo-espço, senso de identidade, comportamentos motores e glandulares para o mundo externo, instrução pessoal por um professor, seleção dos candidatos, uso do segredo, valor que é atribuído para Psi, ênfase resultados rápidos, estrutura religiosa, outras realidades ou dimensões do ser, estados alterados de consciência para induzir Psi, estrutura lógica para entender Psi, conceitos pseudocientíficos, ênfase na psicocinesia, retro-alimentação, habilidades hipercognitivas, exercícios físicos, mudança e desenvolvimento da personalidade, exercícios físicos, dinâmicas de grupo, verificação dos resultados Psi, instrumentos e implementos para a ativação Psi, existência de dados relacionados a psi. O capítulo é concluído com reflexões do autor sobre a possibilidade de uma nova matriz disciplinária na pesquisa Psi (Parapsicologia).

O trabalho de Mishlove (único nesta área) é amplo em termos de quantidade de dados (que podem ser vistos adiante) e método. Nota-se, no entanto, que o autor considera numa mesma categoria estudos focados no treinamento de habilidades psi e aqueles voltados a

manipular variáveis consideradas psi condutivas, diferença esta, considerada nesta pesquisa. Como o autor considera abordagens pré-científicas e populares, utiliza-se de complexas técnicas de avaliação. Como o presente estudo focaliza-se em estudos científicos, considerando os resultados de abordagens diferentes somente como reflexão para propostas futuras, a forma de avaliação aqui adotada é simplificada, dando ênfase aos dados quantitativos.

Revisão de Gissurarson - 1997

Fazendo parte do volume 8 da série “*Advances in Parapsychological Research*”, a revisão de Gissurarson (1997) é a mais recente dentre as que foram apresentadas até o momento, focalizando-se nos estudos de *PK*. O autor apresenta uma introdução, com a descrição de seu método, o qual inclui a distinção entre os estudos voltados a testar a eficácia de certo método (psi condutivo) e os estudos de treinamento psi. É nele que nos inspiramos para fazer tal distinção nesta pesquisa. Após a introdução, avalia 6 categorias de estudos (hipnose, Ioga e meditação, retro-alimentação, reforçamento negativo e punição, e imagens visuais). Para cada categoria faz uma apresentação ao tema, os estudos com descrição detalhada, comentários e avaliação, que incluem críticas aos métodos utilizados. No item final de seu artigo apresenta um sumário das avaliações, com ênfase em falhas de método que precisam ser corrigidas e sugestões de áreas promissoras, algumas pouco exploradas.

Em termos de método, esta revisão é mais rigorosa, inspirando o presente trabalho. A restrição aos estudos de *PK* limita a sua utilização, porém fornece dados importantes e relativamente recentes nesta área.

3.3 DESENVOLVIMENTO PSI: CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

Segundo Jeffrey Mishlove (1983, p.27) a expressão “*desenvolvimento psi* se refere

àqueles processos pelos quais os indivíduos obtêm um aumento na sua experiência de fenômenos psi”. Tal conceito pode ser dividido em três categorias: *acidental*, *não intencional* e *intencional* (MISHLOVE, 1983).

A categoria *acidental* refere-se aos indivíduos que relatam ter o início da experiência de psi de forma espontânea, freqüentemente seguido de um acidente físico, uma cirurgia, uma experiência de quase morte, um encontro com uma pessoa carismática supostamente possuidora de habilidades psi ou um encontro próximo com ÓVNI. Na categoria *não intencional* incluem-se os relatos de pessoas que passam a desenvolver psi a partir de algum treinamento não voltado a esta finalidade. Culturalmente psi aparece relacionada à Ioga e meditação, a psicoterapia, arte dramática (teatro), *biofeedback*, artes marciais, análise de sonhos, profissão literária e atletismo. A categoria *intencional* inclui disciplinas, tradições, programas e sistemas de treinamento voltados diretamente para desenvolver as habilidades psi (MISHLOVE, 1983, p.28).

3.3.1 Alguns modelos conceituais para o treinamento psi

Retro-alimentação-informação (extra-sensoriomotor) - Charles Tart

O modelo conceitual mais extensivo de treinamento psi é o modelo de retro-alimentação-informação (extra-sensóriomotor) proposto por Charles Tart (apud. MISHLOVE, 1983).

Tart sugeriu que a informação psi passa inicialmente por um mecanismo "receptor Psi", o qual funciona de forma intermitente. O fluxo de informação Psi pode também passar através de dois hipotéticos componentes adicionais, um processamento específico de informação Psi e um processamento inconsciente, ambos funcionando também de forma intermitente. Cada um desses componentes pode enviar informações adicionais a mente

consciente, indicando que eles estão em operação, sendo talvez possível para a mente consciente exercer um pouco de controle sobre a operação deles. No entanto Tart observou que a mente consciente (avaliação de sentido e tomada de decisão) não apenas recebe uma informação mediada pela ESP, mas é também influenciada: a) por informações advindas dos sentidos sensoriais, b) pela memória, c) por processos inconscientes e d) por fixações, estratégias, sentimentos e pensamentos irrelevantes (MISHLOVE, 1983).

Tart sustenta que o aprendizado *ESP* ocorreu quando sujeitos foram hábeis para desenvolver estratégias para obter informação correta mediada por e *ESP* a respeito do alvo, obter retro-alimentação imediata sobre a efetividade destas estratégias, categorizar e lembrar destas estratégias, e finalmente desenvolver estratégias novas e mais efetivas após avaliar os resultados dos ensaios prévios. As estratégias podem ser relacionadas a vários sinais internos, tais como imaginação mental ou sensações fisiológicas, que podem acompanhar a informação psi-mediada correta; ou as estratégias podem envolver tentativas de controle dos sistemas internos de processamento de informação-psi para causar o aparecimento de informações relevantes do alvo na mente consciente (MISHLOVE, 1983, p. 31).

Tart (apud. MISHLOVE, 1983, p. 31) sugere procedimentos secundários, ainda não testados, que poderiam facilitar o aprendizado do processo de ESP, tais como técnicas para auxiliar os sujeitos a clarear, organizar e a reter as memórias dos ensaios experimentais; restrição da duração das sessões de treinamento para que os participantes não se aborreçam e nem percam a motivação; desenvolvimento da motivação dos participantes para que possam desenvolver continuamente atividades difíceis de discriminação de processos mentais sutis, mas que não produzam dificuldades psicológicas que os distraiam do processo de aprendizado; treinamento da introspecção para que consigam fazer discriminações sutis entre os aspectos do seu campo experiencial; desenvolvimento de habilidade para superar estratégias de adivinhação mal adaptadas, desenvolvimento de um relacionamento tranquilo (relaxado) e amigável entre participantes e pesquisador; situações tipo jogo e uma atitude do tipo "não tente, apenas deixe acontecer".

Redução do ruído - Charles Honorton

Outra perspectiva importante no treinamento de habilidades Psi é o modelo de

"**redução do ruído**", o qual sugere um problema de ruído no sinal na obtenção de uma clara informação mediada por psi. As fontes de este ruído poderiam advir de pensamentos ou imaginação irrelevante, atividade do sistema nervoso autônomo, atividades somáticas, estimulação sensorial exteroceptiva (MISHLOVE, 1983).

Com base na observação de dados experimentais, clínicos e de fenômenos espontâneos, Honorton (1994, p.205) pergunta: "O que os sonhos, hipnose e meditação têm em comum que levaria cada um deles a facilitar a performance de um teste de *ESP*?" Sua resposta indica três fatores: a) o relaxamento físico; b) a redução do processamento perceptivo ordinário (privação sensorial) e c) um nível suficiente de estimulação cortical para sustentar uma atenção a consciência (HONORTON, 1994). A partir da referência de que os estados de atenção interna facilitam a detecção da psi através da redução dos estímulos sensoriais e somáticos, que mascaram o fraco sinal da psi, Honorton (1977, 1994) sugere que a privação sensorial seja a chave para a freqüente associação entre a Psi e os Estados de Atenção Interna, e dessa forma propõe o modelo da redução do ruído, baseado no qual a técnica Ganzfeld passa a ser utilizada na pesquisa psi.

Honorton entendia que o cérebro fica muito ocupado processando os sinais sensoriais normais e assim não registra os sinais da *ESP*. Os sinais externos são diminuídos, através da privação sensorial, buscando-se fortalecer os fracos sinais da psi. Os Estados Alterados de Consciência ou Estados de Atenção Interna (sonho, hipnose, meditação, etc.) favoreceriam a psi por reduzirem drasticamente os sentidos normais (EYSENCK, SARGENT, 1993).

O Modelo da redução do ruído afirma que o Ganzfeld deve realçar a psi visto que reduz o ruído sensorial. Essa redução ocorre pela habituação do cérebro que deixa de prestar atenção às sensações que não mudam como foi observado e documentado em experiências psicológicas convencionais. Essa habituação não ocorre imediatamente, mas se desenvolve com o tempo. Quanto mais tempo se passa no ganzfeld mais ela aumenta. Testes

convencionais mostraram que a maior parte das pessoas precisa de 15 a 20 min. para chegar a uma profundidade de linha de base. Em consequência disso a força do efeito psi deve aumentar com o aumento da habituação, que é crescente com o tempo. Duas predições testáveis surgem então: 1. Uma curta exposição não deveria incrementar a Psi - essa predição ainda não conta com o apoio experimental suficientemente significativo. 2. Os conteúdos recebidos pelos receptores nas últimas fases da sessão ganzfeld deveriam coincidir melhor com o alvo do que nas primeiras fases, quando ainda não estão habituados - essa predição já conta com maior apoio experimental; pesquisadores de Cambridge obtiveram resultados que a suportaram (EYSENCK, SARGENT, 1993).

Outra predição dessa teoria se encontra na *Hipótese da mudança de estado*. Segundo essa hipótese, quanto mais alterado for o estado de consciência do sujeito, maior será o seu desempenho extrasensorial. Vários pesquisadores forneceram base experimental para essa predição (EYSENCK, SARGENT, 1993). Para uma melhor visualização das origens do modelo da redução do ruído bem como detalhes da sua dinâmica, vide anexo 02.

Abordagem sistêmica para o desenvolvimento psi

A abordagem sistêmica, desenvolvida por Ludwig Von Bertalanffy e colaboradores (apud MISHLOVE, 1983) elaborou uma perspectiva filosófica e metodológica que impactou de forma revolucionária em diversas áreas do conhecimento, grupos sociais, movimentos econômicos, administrativos, entre outros.

Churchman (apud MISHLOVE, 1983, p.33) apresenta cinco constatações básicas sobre sistemas, as quais são relacionadas com aspectos de um sistema de desenvolvimento Psi:

- a. Os objetivos totais do sistema e, mais especificamente, as medidas de performance do sistema total - aumentar os escores ESP, evidenciados por uma curva de aprendizagem

- positiva sob condições de controle experimental;
- b. O ambiente do sistema: as limitações fixas - o laboratório no qual treinamento ocorre, seu ambiente social interno e sua inserção na sociedade onde existe, incluindo se existem mecanismos de limitação, restrição ou constrangimento, implícitos no universo físico voltado a permitir os processos Psi;
 - c. As fontes do sistema - a habilidade Psi inata dos participantes, a habilidade experimental do pesquisador, a sensibilidade das medidas do laboratório e as habilidades psicológicas e sociais dos funcionários do laboratório;
 - d. Os componentes do sistema, suas atividades, metas e medidas de performance - o desenho e os procedimentos experimentais utilizados, os alvos *ESP* e os mecanismos de retro- alimentação e
 - e. A administração do sistema - recai sobre o pesquisador e também, em alguns casos, sobre o patrocinador.

Tart (apud. MISHLOVE, 1983, p.33-34) apresenta uma perspectiva sistêmica para os estados de consciência, na qual a consciência é vista como um subsistema, tal perspectiva inclui dez subsistemas as maiores:

- a. exterocepção sensorial do ambiente externo;
- b. interocepção sensorial do que o corpo está sentindo e fazendo;
- c. processamento automático das entradas sensoriais, selecionando e abstraindo das mesmas de forma a perceber somente o que é importante para os padrões e pessoais e culturais;
- d. memória;
- e. subconsciente, referindo-se a processos que ocorrem fora do estado o ordinário de consciência mas que podem se tornar conscientes em estados alterados de consciência

- discretos;
- f. emoções;
 - g. avaliação e tomada de decisão ou os hábitos e habilidades cognitivas;
 - h. senso de tempo-espaço, a construção psicológica do espaço do tempo na qual os eventos são alocados;
 - i. senso de identidade ou a qualidade adicionada a experiência que a torna pessoal e
 - j. saídas (comportamentos) motoras musculares e glandulares para o mundo externo e o corpo.

Num sistema de desenvolvimento psi a consciência individual é vista como um subsistema de um sistema maior, que inclui as atividades de grupo, a harmonia pessoal com o professor, a estrutura filosófica ou mitológica, o sistema de valores, os padrões éticos, a disciplina física e mental, entre outros fatores (MISHLOVE, 1983).

Vários aspectos podem ser úteis na discussão de características de sistemas de desenvolvimento psi:

- A função da instrução pessoal por um professor
- Os procedimentos de seleção dos candidatos para o desenvolvimento Psi;
- O uso do segredo
- A ênfase resultados rápidos,
- O valor que é atribuído para Psi em si,
- A ênfase em considerações éticas
- A ênfase numa estrutura lógica para entender Psi,
- Ênfase sobre outras realidades ou dimensões do ser
- A ênfase nos estados alterados de consciência para induzir Psi,

- Ênfase na psicocinesia,
- Utilização de retro-alimentação para o aprendizado Psi,
- Utilização de habilidades hipercognitivas como concentração e meditação,
- Utilização de exercícios físicos
- Utilização de instrumentos e implementos para a ativação Psi,
- A ênfase na mudança e desenvolvimento da personalidade,
- Utilização de dinâmicas de grupo no desenvolvimento Psi,
- Ênfase na verificação dos resultados Psi.

Esses fatores podem relacionar-se uns com os outros e também com os subsistemas dos estados de consciência acima indicados.

3.3.2 Considerações sobre o desenvolvimento Psi nas tradições pré-científicas e sistemas populares²³

Thorndike (apud. MISHLOVE, 1983) sugere que no início à da época pré-científica todos eram mágicos, buscando a aplicar a filosofia mágica em suas vidas. Nesta filosofia a mente possui habilidades naturais para interagir magicamente com o ambiente, incluindo outras mentes. As denominações para tais experiências eram diferentes, mas não é difícil de interpretá-las com a nomenclatura contemporânea dos fenômenos psi.

"Desta forma, todas as tradições pré-científicas envolviam sistemas de desenvolvimento Psi ostensivos, originados num ambiente que aceitava implicitamente a existência de Psi, ou o sobrenatural, ou intervenção divina, com somente um mínimo de controvérsia." (MISHLOVE, 1983, p. 43)

²³ Tais considerações buscam oferecer subsídios para uma avaliação dos sistemas científicos e desenvolvimento Psi mais ampla, bem como informar sobre as fontes de inspiração para alguns deles.

Considerando diversas tradições, tais como o Xamanismo, Adivinhação, Ioga, Budismo, Sufismo, Judaísmo e Cerimonial Mágico, Mishlove (1983) indica que essas tradições envolvem estruturas cognitivas que explicam os fenômenos psíquicos, seja por vias metafísicas, espiritualísticas ou teísticas. O treinamento Psi oferecido por estas tradições é naturalmente influenciado pelas crenças da cultura e fatores históricos, econômicos e políticos. Este treino incluía também a percepção de formas arquetípicas, tais como forças de energias de um plano espiritual, figuras mitológicas e metafísicas. Ainda que um possível produto da imaginação, tais experiências poderiam servir para derrubar as barreiras mentais que inibem o uso de Psi.

Todos os sistemas de treinamento Psi pré-científicos [...] enfatizaram o valor da instrução pessoal por alguém experiente. Todas elas usaram alguma combinação de exercícios de concentração, exercícios de respiração, regulação da dieta, regulação do comportamento, solidão, segredo, música, movimento, estados alterados de consciência, roupas especiais ou jóias, e mantras, orações ou recitações particulares. [...] O campo de condições dos sistemas de treinamento pré-científicos oferecem um ambiente emocional encorajador. (MISHLOVE, 1983, p. 68-69)

Ainda que a evidência científica da eficácia de tais sistemas seja inexistente, tais dados não podem ser desconsiderados visto que estudos experimentais utilizando o relaxamento e meditação, originalmente desenvolvidos naquelas tradições, têm produzido resultados Psi significativos (MISHLOVE, 1983).

Considerando-se os sistemas populares de desenvolvimento Psi, observa-se que muitos deles são continuações das tradições antigas, ainda que, nos contextos modernos, várias características foram modificadas, por exemplo, a ênfase na instrução a partir de um professor é a retirada, presumivelmente em função dos meios de comunicação de massa e técnicas de marketing. A maior parte destes programas trabalha com a perspectiva de resultados rápidos e atribui um valor maior a Psi em vez de considerá-la como subproduto de um desenvolvimento espiritual mais amplo. Com vistas a agradar o público mais cientificamente orientado, muitos programas contemporâneos buscaram imitar a linguagem e o estilo científico sem, no entanto,

utilizar o rigor da ciência, algumas vezes interpretando incorretamente os dados científicos para que suportem as perspectivas da instituição. Os sistemas populares de desenvolvimento Psi, podem também produzir outros enganos, como na falha em distinguir experiências Psi genuínas de experiências psicológicas ou fenômenos fisiológicos não relacionados à Psi. Por exemplo, o fenômeno da imagem posterior da retina, o fenômeno da sinestesia psicológica ou a fotografia Kirlian como a percepção psíquica da aura. Outro engano ocorre ao treinar leitores psíquicos, para que acreditem que durante um transe todas as imagens mentais ou idéias que lhes surgem têm origem Psi. Por vezes, pode ainda ocorrer a simulação de eventos psi com a intenção de manipular e obter a credibilidade pública (MISHLOVE, 1983).

Apesar destas observações e de não haver evidências científicas de que tais programas consigam efetivamente desenvolver habilidades Psi em seus participantes, também não é possível afirmar que não o façam (MISHLOVE, 1983).

3.3.3 Estudos experimentais de treinamento psi e de fatores psi-condutivos: características gerais

Entre as várias características que diferenciam estudos experimentais dos sistemas de desenvolvimento Psi das tradições pré-científicas e populares a mais evidente relaciona-se com a forma de medir a Psi. Os estudos experimentais buscam obter medidas de *ESP* e *PK* sob condições de controle, em qualidade e quantidade que permitam excluir hipóteses alternativas. Outra importante diferença refere-se ao contexto ou a atmosfera social. As pesquisas são administradas por pesquisadores, os quais respondem para as instituições que os contratam e também para a comunidade científica à qual pertencem. Neste contexto, Psi quase nunca é vista como um subproduto do desenvolvimento espiritual ou da personalidade, diferente disso, é subordinada às necessidades do experimento (MISHLOVE, 1983).

O objetivo dos experimentos não é tanto treinar ou desenvolver habilidades Psi como testar hipóteses relativas a manifestação de Psi sob condições de tratamento diferentes. Desta forma, como uma regra, a pesquisa parapsicológica aborda o desenvolvimento Psi com mínima consideração para o desenvolvimento continuado dos sujeitos, além das necessidades do experimento. O reforçamento social do uso de Psi fora do laboratório é mínimo. Além de obter resultados relativamente rápidos no laboratório, pouca ou nenhuma atenção é colocada sobre fatores como oferecer uma estrutura cognitiva para o entendimento de Psi, considerações éticas relativas ao uso de Psi, treinamento continuado em habilidades hipercognitivas, e desenvolvimento e integração da personalidade. Num sentido literal, sujeitos em estudos de pesquisa tornam-se estatísticas. Raramente eles são igualmente considerados "estudantes", cujo crescimento e bem-estar continuado (ainda que num sentido limitado) é de interesse do pesquisador. (MISHLOVE, 1983, p. 143-144)

Em contraste com sistemas tradicionais e populares, que buscam manipular os vários subsistemas da consciência e do ambiente simultaneamente, os estudos experimentais tentam isolar estas partes da configuração completa para manipular seletivamente a mínima quantidade possível de variáveis. Se por um lado, tais estudos procuram exercer controle sobre variáveis que lhes parecem importantes, por outro, a maior parte deles não gerencia a possível influência por parte do experimentador. Sem que o "efeito experimentador", tal como é conhecido, seja controlado não é possível saber se o resultado positivo obtido é devido às predições teoricamente orientadas ou ao efeito Psi do experimentador²⁴. Em outras palavras, se tal efeito não é controlado, não é possível avaliar se a maior ou menor eficácia se deve a abordagem do estudo ou ao experimentador que a conduz (MISHLOVE, 1983).

Como é observado adiante, estas críticas parecem continuar válidas para a maioria dos estudos contemporâneos sobre desenvolvimento Psi.

²⁴ Existem basicamente duas possibilidades de influência por parte do experimentador. Uma delas refere-se ao efeito psicológico, ou seja, características psicológicas do experimentador influenciam os participantes e afetam o resultado do experimento. A outra, o efeito parapsicológico, considera que os possíveis efeitos psi observados nos resultados são devidos, ao menos em parte, a capacidade psi do experimentador.

4 RESULTADOS

4.1 ESTUDOS EXPERIMENTAIS MANIPULANDO VARIÁVEIS CONSIDERADAS PSI-CONDUTIVAS (OU FATORES PSI-CONDUTIVOS) (VPC)

Na busca de obter replicabilidade experimental (foco na prova ou evidência) e melhor compreensão das características dos supostos fenômenos psi (foco no processo ou natureza), pesquisadores psi têm buscado mapear e testar sistematicamente inúmeras variáveis que parecem estar relacionadas ao sucesso no contexto do laboratório: os fatores psi-condutivos (DALTON, 1997d). Diferente dos estudos de treinamento, freqüentemente mais abrangentes, as pesquisas que manipulam as VPC são mais pontuais e restritas. Estes fatores podem estar relacionados aos estados modificados [ou alterados] de consciência (EMCs), ao ambiente social no qual o estudo ocorre, aos participantes experimentais, aos pesquisadores e aos alvos experimentais. Como a literatura nesta área é muito vasta, exploramos de forma sucinta os estudos relacionados aos EMCs, a uma das características de personalidade (criatividade), ao ambiente social, apresentando apenas sínteses de dados dos demais fatores.

4.1.1 Fatores de modificação de consciência

Estudos sobre Hipnose

De acordo com James Braid (apud MISHLOVE, 1983), hipnose refere-se a um estado alterado de consciência induzido através de sugestões por um operador hipnótico através de vários tipos de técnicas. Dentre as características relacionadas à hipnose encontra-se a passividade, a redistribuição da atenção, aumento no comportamento de atuação ou

dramatização (*role-playing*), redução do teste de realidade e aumento da tolerância para distorções sobre a realidade, e hiper-sugestibilidade.

Relatos indicando treinamento hipnótico para habilidades Psi têm sido registrados desde o século XVIII. Mas foi no século XIX, através de um dos comitês de trabalho da SPR que tal relação começou a ser estudada cientificamente. No entanto, tais estudos não apresentam controles metodológicos suficientes para que seus dados sejam considerados válidos (MISHLOVE, 1983).

Honorton (1977) faz uma avaliação de estudos relacionados ao que considerou de Estados de Atenção Interna, aos quais inclui a meditação, relaxamento, privação sensorial e hipnose. Baseados na sua revisão, no levantamento de Mishlove (1983) de Schmeidler (1988) e de Gissurarson (1997), os estudos abaixo são descrito.

[VPC01] O primeiro estudo sistemático foi realizado por Grela (1945). Nele onze sujeitos foram alocados para um grupo de hipnose, enquanto que dez participantes formaram o grupo de sugestão desperta (em estado de vigília). Os participantes do grupo de hipnose realizaram adivinhações com baralho *ESP* em três subgrupos: 1) em estado de esperto sem sugestões e nem induções hipnóticas; 2) com condução hipnótica e sugestões positivas no sentido de crença na *ESP* e na possibilidade de demonstrá-la no experimento e 3) condução hipnótica mais sugestões no sentido de desacreditar na possibilidade da *ESP* ou duvidar da sua capacidade de demonstrá-la. Os participantes do grupo de sugestão desperta receberam sugestões semelhantes ao subgrupo 2 do grupo de hipnose. Este grupo obteve acertos significativos ($p = .007$), enquanto que os mais baixos acertos foram produzidos pelo subgrupo 3 do grupo de hipnose. A diferença no resultado entre esses dois grupos foi significativa. Os participantes subgrupo 1, do grupo de hipnose e de sugestão desperta obtiveram resultados devidos ao acaso. A diferença dos resultados entre os dois grupos maiores (grupo de sugestão desperta x grupo de hipnose) não foi significativa.

[VPC02] Fahler (1957) desenvolveu um estudo com 4 participantes, realizando testes de clarividência e precognição em estado desperto e de hipnose. Os escores Psi em estado de hipnose foram significativos tanto para a clarividência ($p = .001$) como para a precognição ($p < .05$). Acertos devido ao acaso foram encontrados na condição desperta e a diferença entre esta e a condição de hipnose mostrou-se significativa ($p < .01$). No total foram 9.000 ensaios, divididos em 360 testes de 25 ensaios cada. Este estudo foi replicado e estendido em três experimentos por Fahler e Cadoret (1958).

[VPC03] Castle e Davis (1962) desenvolveram um estudo comparando escores *ESP* em três grupos de participantes (suscetibilidade hipnótica muito alta [20 sujeitos], suscetibilidade hipnótica moderada [20 sujeitos] e não suscetibilidade-estado desperto [56 sujeitos]), os quais realizaram cinco condições (normal esperto, atividade motivada desperta, hipnose, 9 com sugestões positivas para o sucesso de performance pós-hipnótica). Os grupos com hipnose realizaram 360 testes, enquanto o grupo sem hipnose realizou 240 testes. Os escores mais altos foram encontrados na condição de hipnose sem sugestões e a diferença dos resultados entre esta condição e do estado normal foram marginalmente significativos.

[VPC04] Casler (1962) comparou 2 grupos de participantes (um grupo com tratamento hipnótico e outro sugestões em estado desperto para obter escores altos de ESP) em 2 tarefas ESP. Os participantes do grupo de hipnose obtiveram escores ($n=2.200$, $p < .0014$) significativamente mais altos após receberem sugestões hipnóticas para alto desempenho *ESP* do que aqueles para os quais estas sugestões não foram dadas ($p < .005$).

[VPC05] Casler (1962) publicou dois experimentos, sendo que no primeiro 48 participantes foram divididos em quatro grupos. O primeiro grupo realizou testes psi de clarividência em duas condições de hipnose (a. sugestões hipnóticas para o alto desempenho psi e b. adivinhação psi sob estado de hipnose, porém sem sugestões para altos escores). O segundo grupo de hipnose vivenciou condições idênticas ao anterior, com exceção de que os

testes psi envolvidos eram de telepatia. Os dois grupos restantes realizaram testes de telepatia e de clarividência em estado de vigília, sem indução hipnótica anterior. Como a taxa de acertos para os métodos de clarividência e telepatia foram quase idênticas, os resultados foram combinados. Escores psi significativos foram encontrados para a condição de hipnose com sugestões positivas ($p = .0042$), o que não ocorreu com os escores para a condição de hipnose sem sugestões explícitas, os quais ficaram próximo do acaso. A diferença entre as duas condições alcançou significância ($p = .006$). As duas condições de vigília obtiveram resultados próximos do acaso. [VPC06] Um estudo de confirmação envolveu 15 participantes, os quais completaram testes de adivinhação psi de clarividência em condições de vigília e de hipnose, sendo que sugestões positivas para o alto desempenho psi foram dadas em ambas as condições. Escores significativos foram obtidos para a condição de hipnose ($p = .0093$), sendo que a condição de vigília apresentou escores próximos do acaso. A diferença entre eles foi significativa ($p = .007$). Para estes estudos, não foi indicado o que o experimentador era "cego" em relação as condições dos sujeitos, assim a diferença dos escores pode ter relação com a expectativa do experimentador.

[VPC07] Rao (apud MISHLOVE, 1983) relatou uma série de testes ($n=1000$) com um único sujeito em estado de hipnose (com sugestões para o alto desempenho psi) e de vigília, sendo que os acertos obtidos na condição de hipnose foram significativamente mais altos que aqueles em condição de vigília ($p < .02$). A condição de vigília apresentou escores psi negativos, foram mais expressivos do que os acertos positivos da condição de hipnose, fato que pode sugerir novamente o efeito da expectativa tanto do experimentador como do participante.

[VPC08] Edmunds e Jolliffe, comentados por Mishlove (1983), realizaram um estudo no qual a diferença entre os escores *ESP* das condições de hipnose e vigília não foi significativa, tampouco os resultados *ESP* em geral o foram. Curiosamente os participantes do

experimento realizaram uma série de cerca de 20 sessões de hipnose antes do início do estudo, com o objetivo de familiarizá-los com a técnica e condicionados para que entrassem rapidamente em transe hipnótico durante o estudo.

[VPC09] Honorton (1964) conduziu um experimento no qual experimentador estava de alguma forma "cego" para as condições de tratamento dos grupos. De fato o experimentador sabia quando os participantes estavam sob o estado de hipnose, no entanto, foi previsto que metade dos participantes do grupo de hipnose deveria ter um escore significativamente abaixo da média esperada por acaso. A outra metade deveria ter escores acima do acaso. O experimentador não sabia quais participantes deste grupo eram previstos para ter escores acima ou abaixo do acaso. Seis sujeitos fizeram oito testes de clarividência no estado de esperto e de hipnose, totalizando 400 ensaios, 200 em cada condição. Os participantes previstos para acertarem abaixo do acaso na condição de hipnose efetivamente o fizeram ($p < .003$). Os sujeitos previstos para obter escores altos na condição de hipnose obtiveram acertos próximos do acaso, tal como os participantes do grupo da condição de vigília. A diferença prevista entre os acertos acima e abaixo da média foi significativa ($p < .003$).

[VPC10] Honorton (1966) replicou este estudo com 20 participantes, sendo que os resultados foram semelhantes aos anteriores com escores significativamente abaixo da média no grupo de hipnose previsto para tal, mas não significativamente acima da média para os participantes do grupo de hipnose com esta previsão. A diferença entre os acertos altos e baixos do grupo de hipnose foi novamente significativa ($p = .006$). A diferença entre os escores da condição de hipnose e a condição de vigília também se mostraram significativos ($p = .017$).

[VPC11] Honorton (1969) repetiu este experimento mais uma vez, porém em vez de usar induções hipnóticas experimentou instruções de imaginação-desperta, verificando a

perspectiva de que estados modificados de consciência não são necessários para a obtenção de resultados semelhantes àqueles produzidos no estado de hipnose, se os participantes estiverem em condições apropriadas de motivação. Resultados marginalmente significativos foram obtidos entre as condições de sugestão e não sugestão para os escores altos ($p = .34$), porém, na condição de sugestão, a diferença entre os escores altos e baixos não foi significativa.

[VPC12] Krippner (1968) publicou um estudo o qual 16 participantes foram alternadamente alocados em grupos de hipnose e vigília. O objetivo era obter informações *ESP* de gravuras observadas por emissores num local distante, considerando três condições: a. sugestões positivas para promover a imaginação relevante sobre o alvo; b. um cochilo no laboratório, com sugestões para sonhar com uma gravura alvo; c. sessões posteriores de sonhos diários, mantidos por uma semana após a sessão de laboratório. Para o grupo de hipnose, o cochilo pós-hipnótico foi relacionado significativamente a relatos relativos ao alvo ($p < .01$). Os dados combinados relativos à condição hipnótica foram associados a uma probabilidade menor que .001.

[VPC13] Moss, Paulson, Chang, and Levitt (1970) relataram uma pesquisa com oito grupos (emissores e receptores) hipnotizados e mais nove grupos de participantes não hipnotizados. Estes participantes relatavam experiências psi prévias e tinham participado com sucesso em experimentos psi. Os alvos constituíram-se de slides audiovisuais com conteúdo emocional. O grupo hipnotizado apresentou um escore psi geral significativo ($p < .001$), enquanto os resultados do grupo não hipnotizado foram próximos do acaso.

[VPC14] Honorton e Stump (1969) conduziram um estudo com 6 participantes com a alta sugestibilidade, para os quais, durante o estado hipnótico, foi dada a sugestão para sonhar com o conteúdo de uma gravura alvo escondida. Após cada período hipnótico, após retornarem ao estado desperto, eles foram solicitados a relatar seu sonho, sendo logo em seguida hipnotizados novamente, para um novo ensaio, até que completassem 4 sonhos. Ao

final destes foram-lhes mostradas 4 gravuras e, sem conhecimento da ordem correta, foi solicitado que eles pareassem seus relatos dos sonhos com as gravuras. Eles foram aptos a fazer esta correlação de forma significativa ($p = .016$). Este estudo foi replicado pelo autor (HONORTON, 1972).

[VPC15] Keeling (1971) fez um estudo com 3 sujeitos com alta sugestibilidade hipnótica, os quais realizaram quatro sessões cada. Nas duas primeiras eles foram treinados em hipnose, com ênfase no sonho hipnótico. Nas sessões seguintes, destinadas ao teste psi, dois participantes agiram como receptores enquanto que o terceiro agiu como emissor, sendo que tanto o emissor como os receptores foram hipnotizados, por diferentes pesquisadores, recebendo instruções para ter sonhos hipnóticos. O sonho hipnótico do emissor foi orientado através de duas ou três sentenças descritivas, escolhidas aleatoriamente, enquanto que os receptores receberam instruções para ter sonhos que correspondessem com aquele experimentado pelo emissor. O resultado geral foi significativo ($p < .03$) e apresentou escores significativamente melhores na segunda metade do experimento ($p < .02$), tal como encontrado no estudo de Honorton (1972).

[VPC16] Glick e Kogen (1971) publicaram um estudo no qual dois receptores hipnotizados, produziram imagens hipnóticas dirigidas a 5 gravuras alvo escondidas. A correspondência entre os alvos e os relatos foi significativa para três juízes em relação a um sujeito ($p < .001$) e para um juiz para o outro sujeito ($p < .01$).

[VPC17] Rechtschaffen (apud MISHLOVE, 1983) realizou um estudo piloto no qual emissor e receptor foram hipnotizados, recebendo sugestões para terem sonhos hipnóticos. O receptor recebeu instruções para sonhar com os conteúdos sugeridos pelo emissor. A correspondência entre os relatos e os alvos em alguns casos foi impressionante, alcançando significância no geral ($p < .01$).

[VPC18] Parker e Beloff (1970) apresentaram dois estudos voltados à replicar os

resultados de Honorton e Stump (1969). O primeiro experimento envolveu oito participantes, os quais realizaram duas sessões, seguindo os procedimentos do estudo foco da replicação. A correspondência entre o alvo e os relatos foi significativa para a primeira sessão ($p = .018$), ocorrendo um declínio significativo em relação a segunda sessão ($p = .011$). [VPC19] No segundo estudo teste os participantes completaram uma sessão cada. O resultado geral deste estudo não foi significativo.

[VPC20] Rhine (GISSURARSON, 1997) publicou um estudo exploratório verificando os efeitos da hipnose sobre os escores *PK*. Cinco sujeitos participaram individualmente tentando afetar a queda de 96 dados de jogar. A sessão iniciou com uma série controle de testes *PK*, pré-hipnótica. Os sujeitos foram então hipnotizados e receberam instruções para ter grande confiança na sua habilidade de influenciar a queda dos dados de acordo com a sua vontade, e que seriam capazes de fazê-lo através de um esforço concentrado. Após estas sugestões, os sujeitos foram trazidos ao estado de consciência desperta, no qual realizaram nova série de testes *PK*. Os participantes apresentaram escores *PK* acima da média esperada por acaso antes da indução hipnótica, e resultados próximos da média após esta indução. Dois participantes foram hipnotizados novamente e receberam sugestões de que participariam de um teste adicional, porém que naquele momento se sentiriam livres e tranquilos em relação ao experimento, que se sentiriam relaxados e que desfrutariam o lançamento dos dados com um agradável espírito de jogo. Os dois participantes tiveram acertos acima do acaso e significativamente maiores do que a condição hipnótica anterior.

[VPC21] Breederveld e Jacobs (apud GISSURARSON, 1997) realizaram uma pesquisa para verificar se a combinação entre hipnose e sugestões para altos escores conduziria a escores *PK* melhores que a condição sem indução hipnótica. O alvo do experimento foi uma loteria alemã, na qual seis números entre 1 e 49 eram escolhidos

semanalmente. A seleção dos participantes foi divulgada na televisão e cinco séries experimentais foram conduzidas, cada uma com dez sessões. Antes do experimento seis números foram escolhidos como alvos. Em condição de hipnose e vigília, um sujeito procurou afetar o sorteio ao assisti-lo pela televisão, para que este correspondesse com os números escolhidos. Quando em condição de hipnose recebia sugestões e de que ao observar os números sorteados eles deveriam corresponder aos números escolhidos previamente. Após o sorteio o sujeito era retirado do estado hipnótico. Os resultados mostraram uma significativa diferença nos acertos entre ambas as condições ($p \text{ dif.} = .002$) com vantagem para a condição de hipnose. Uma análise complementar mostrou acertos psi-negativos no estado desperto, os quais contribuíram mais para a diferença entre as condições do que os acertos psi-positivos na condição de hipnose.

Estudos sobre de meditação

Segundo Honorton (1977) a associação entre meditação e fenômenos *ESP* remonta à Índia antiga, e seus vedas (livros sagrados). Relatos de que os siddhis (capacidades especiais que incluem os fenômenos psi) se manifestam como subproduto da meditação são comuns em praticamente todos os primeiros escritos sobre Yoga. Patanjali, considerado o fundador do sistema Raja Yoga, dedicou 4 capítulos de seu Yoga Sutras (considerado mais velho o livro texto do Yoga) para classificar os siddhis. O Raja Yoga compreende oito estágios, os quais podem ser descritos como um sistema progressivo de "redução do ruído psicofísico". Os primeiros cinco estágios estão voltados a reduzir sistematicamente as causas externas da distração mental. Os dois primeiros (Yama e Niyama) buscam a redução das distrações relacionadas à com a emoção e o desejo. O terceiro e quarto (Asana e Pranayama) estão enfocados na redução de distrações corporais. O quinto envolve a retirada da atenção dos

órgãos sensoriais, buscando isolar a consciência da percepção do mundo externo. Os três últimos estágios estão enfocados na redução do ruído interno ou causas internas cognitivas de distração, o que é obtido pelo aumento da concentração. Esta (Dharana) é alcançada quando atenção delimitada aos limites de um simples objeto ou imagem durante certo período de tempo. A meditação (Dhyana) envolve a manutenção da concentração por um longo período de tempo. É caracterizada por um menor movimento da atenção em relação aos limites do objeto ou imagem. O último estágio (Samadhi) é caracterizado por uma continuidade total da atenção sobre o objeto ou imagem. A intenção é absorvida no objeto, ocorrendo a dissolução da diferenciação entre sujeito e objeto. Este nível é associado com a experiência de transcendência do espaço-tempo. Em conjunto, estes três últimos níveis são chamados por Patanjali de Samyama, e a realização dos mesmos produziria os fenômenos psi.

[VPC22] Gertrude Schmeidler (apud HONORTON, 1977) conduziu um estudo com 6 estudantes de graduação de psicologia, os quais completaram testes de adivinhação psi antes e depois de instruções e práticas de Yoga (respiração e meditação) as quais foram propiciadas por Swami Madhavananda Saraswati. Os testes psi prévios as instruções e práticas tiveram resultados devido ao acaso enquanto que os testes posteriores mostraram significância ($n=150$, $p = .01$).

[VPC23] Dukhan e Rao (apud HONORTON, 1977) realizaram estudos na Índia, no Ananda Ashram, com a orientação do Swami Gitananda. Os participantes do estudo piloto e do primeiro experimento confirmatório foram estudantes ocidentais que estavam participando de um curso de treinamento para professores de Yoga. Eles foram testados através de cartas *ESP* antes e depois das práticas de meditação. No estudo piloto, 27 estudantes foram classificados como juniores ou seniores conforme o seu nível de desenvolvimento no Yoga. Assim, 15 participantes juniores fizeram 11.600 testes psi com baralho *ESP* antes e a mesma quantidade depois das práticas. Os juniores obtiveram acertos psi negativos e positivos

significativos nas condições pré-teste de pós-teste respectivamente, sendo também significativa a diferença entre as condições. Os escores obtidos pelos doze estudantes seniores mostraram-se devido ao acaso em ambas as condições.

[VPC24] No primeiro estudo confirmatório (n=27.100), nove estudantes seniores (que eram os juniores do primeiro estudo) e mais nove novos estudantes juniores (novos estudantes do Ashram) fizeram novos testes. Os resultados se repetiram para os juniores, obtendo acertos psi negativos significantes para a condição pré-teste e acertos psi positivos significativos na condição pós-teste, sendo diferença significativa. Este resultado foi também obtido pelos estudantes seniores.

[VPC25] No segundo estudo confirmatório (n=22.000) participaram 14 estudantes indianos (7 juniores e 7 seniores). Os juniores alcançaram acertos psi negativos significantes na condição pré-teste e acertos devidos ao acaso a condição pós-teste, com a diferença entre elas alcançando significância estatística. Os seniores obtiveram acertos psi negativos e positivos significativos nas condições pré-teste e pós-teste respectivamente, com a diferença entre as condições também encontrando significância.

A tabela abaixo apresenta os níveis de significância dos três estudos e uma combinação dos resultados, segundo Honorton (1977, p.440):

Tabela 04 - Probabilidades associadas com a performance de emparelhamento de cartas [ESP] no experimento de Dukhan e Rao (1973) sobre os efeitos da meditação sobre a performance de adivinhação psi

Estudo	Juniors			Seniores		
	Pré-teste	Pós-teste	Diferença	Pré-teste	Pós-teste	Diferença
Piloto	.005	.03	.01	n.s.	n.s.	n.s.
Exp. 1	.0001	.0001	6.5×10^{-5}	.03	.02	.004
Exp. 2	.006	n.s.	0.05	.01	.00012	.006
Combin.	10^{-6}	10^{-4}	10^{-5}	.012	10^{-4}	2×10^{-4}

[VPC26] Osis e Bokert (apud MISHLOVE, 1983) conduziram o um estudo extenso com sujeitos pré-selecionados a partir de relatos de experiências psi prévias. Os participantes foram divididos em grupos compatíveis, com seis ou oito indivíduos, e se encontraram semanalmente e em sessões de 2 horas durante o período de seis meses. Instruções sobre meditação e tradições espiritualistas foram fornecidas bem como o encorajamento dos participantes para seguirem a prática da meditação que achassem mais significativa e efetiva no nível pessoal. Após o período de meditação os participantes faziam testes ESP, e preenchiam questionários de humor e personalidade, voltados a verificar o efeito da meditação. O estudo encontrou uma relação complexa e entre acertos e erros psi e um número de variáveis de personalidade. Dois fatores que se destacaram na análise correlacional foram a transcendência do eu (ego) e a abertura. Mishlove (1983) entendeu que não houve clara relação entre as técnicas meditativas e os escores positivos de ESP.

[VPC27] Braud e Hartgrove (apud MISHLOVE (1983) conduziram uma pesquisa com praticantes de meditação transcendental (MT), os quais foram comparados com um grupo de controle. 10 participantes em cada grupo realizaram testes de clarividência de resposta-livre e testes de *PK* com gerador binário de números aleatórios. Os meditadores obtiveram resultados significativamente mais altos que os não meditadores na atividade de clarividência ($p = .024$, unilateral), no entanto nenhum dos grupos obteve resultados psi significativamente acima do acaso. Os grupos também não diferiram com relação aos escores *PK*, os seus resultados combinados produziram um significativo escore *PK* negativo ($p = .034$, bilateral).

[VPC28] Honorton (apud GISSURARSON, 1997) conduziu um estudo com um praticante de MT, o qual buscou afetar o gerador de eventos aleatórios (PSIFI) o qual promovia retro-alimentação auditiva para acertos (meta alta) e para erros (meta baixa), de forma alternada e automática, sem que o participante soubesse que tipo de retro-alimentação estava ocorrendo. Na primeira fase dos 10 testes experimentais das condições pré e pós-

meditação, o sinal sonoro esteve associado com os acertos, sendo que o contrário ocorreu na segunda metade destes testes. Na condição de pré-meditação os escores para os dois tipos de retro-alimentação não diferiram do acaso, o que também ocorreu com os escores *PK* durante a meditação de 25 minutos, durante a qual não havia retro-alimentação. Os escores *PK* para a condição posterior à meditação foram significativamente elevados para o período de meta alta ($p = .024$, bilateral) e dentro do acaso para o período de meta baixa. A diferença entre destes períodos foi significante ($p = .0054$, bilateral). O pesquisador concluiu que o efeito *PK* pode ser guiado pela retro-alimentação dirigida e que este efeito, marginalmente significativo, obtido durante a meditação e sem retro-alimentação, sugeria que esta pode não ser necessária para a condição de *PK*.

[VPC29] Solfvin, Krieger e Roll (apud MISHLOVE, 1983) trabalharam com um grupo de 16 Juniores e Seniores de uma escola privada que solicitou um mini curso sobre psi e estados alterados de consciência, o qual teve a duração consecutiva de 9 dias. Em seis destes dias sessões de visão remota foram conduzidas, sendo precedidas por períodos de meditação. Em função do "efeito empilhamento" (no qual os acertos em testes psi são inflados quando um grupo de pessoas tenta obter informação psi de um único alvo) uma votação de consenso foi utilizada para indicar o escore *ESP* do grupo, o qual não alcançou significância. Uma análise de correlação estatística *post-hoc* mostrou escores *ESP* positivos quando a maioria do grupo gostava do agente emissor e negativa quando o grupo não gostava do emissor ($p = .02$).

[VPC30] Matas e Pantas (apud HONORTON, 1977) compararam os escores *PK* de dois grupos de participantes. Um dos grupos era composto por 25 participantes que antes do experimento havia praticado meditação por no mínimo seis meses. O outro grupo era composto por 25 visitantes estudantes que haviam demonstrado interesse em ser testados, mas que nunca haviam praticado meditação. Para o grupo de meditação foi dado 15 minutos para meditar antes da atividade *PK* através de um gerador eletrônico de eventos aleatórios. O grupo

de meditação obteve sucesso na atividade *PK* ($p = .014$), o que não ocorreu com um grupo controle o qual obteve escores relacionados ao acaso. A diferença no resultado entre os dois grupos foi significativa ($p = .003$).

[VPC31] Schmidt e Pantas (apud HONORTON, 1977) realizaram três séries de experimentos com um meditador zen, o qual realizava vinte minutos de meditação antes de um teste de *PK* com um equipamento eletrônico. Na primeira série realizou 14 testes com 25 ensaios cada obtendo acertos significativos ($p = .012$, $n=350$). Na segunda série realizou mais vinte testes obtendo um resultado altamente significativo ($p = 6,3 \times 10^{-5}$, $n=500$). Na última série, mais vinte testes realizados e novos resultados significativos ($p = .0093$, $n=500$). Os escores combinados fornecem um $p = 2.2 \times 10^{-6}$.

[VPC32] Honorton e May (apud HONORTON, 1977) realizaram um estudo no qual 10 sujeitos buscaram afetar um gerador binário de eventos aleatórios (*PSIFI - Psi Feedback Instrument*), no sentido de obter escores altos e baixos. Os sujeitos receberam retro-alimentação auditiva que lhes informava a magnitude do desvio de retro-alimentação visual indicando a direção do desvio. Em conjunto, os participantes obtiveram escores acima do acaso no nível significativo para a condição de escores altos ($p = .009$, unilateral), mas dentro do acaso para a condição de escores baixos. A diferença entre as condições foi significativa ($p = .035$, unilateral). Cinco dos participantes obtiveram individualmente diferenças significativas na direção esperada ($p = .00006$) e 4 destes eram meditadores. Os pesquisadores também notaram um significativo efeito de declínio ainda que sujeitos recebessem retro-alimentação auditiva e visual.

[VPC33] Palmer, Khamashta e Israelson (apud MISHLOVE, 1983) conduziram um estudo ganzfeld com vinte sujeitos praticantes de meditação transcendental. Quando, ao final da sessão, os participantes foram solicitados a julgar os alvos, seus resultados desviaram do acaso na direção negativa num nível não significativo. Quando juízes independentes fizeram a

avaliação dos alvos com base nos relatos dos participantes, os escores psi desviaram do acaso na direção positiva num nível também não significativo. A diferença entre as duas avaliações alcançou significância estatística ($p < .001$). Os pesquisadores enfatizaram que esses resultados ilustram, dramaticamente, o efeito do julgamento sobre os escores psi em experimentos de resposta livre.

[VPC34] Scheidler (apud GISSURARSON, 1997) realizou um teste com três sujeitos, um dos quais era experiente em meditação. O alvo constituía-se num registrador elétrico de temperatura (thermistor) colocado a certa distância do sujeito, o qual deveria tornar o equipamento mais frio ou mais aquecido, numa seqüência contrabalançada. O resultado do participante meditador apresentou uma diferença significativa de acordo com as instruções (acertos psi positivos) na primeira metade da sessão ($p < .001$) e uma diferença significativa contrária às instruções (acertos psi negativos) na segunda metade ($p < .001$).

[VPC35] Schmidt e Schitz (apud GISSURARSON, 1997) realizaram um estudo, no qual 96 meditadores foram comparados com 181 não meditadores. Sinais de um gerador binário de eventos aleatórios foram transferidos para uma fita cassete na forma da seqüência de diferentes tipos de tons e sons. As fitas então foram enviadas por correio para cada um dos sujeitos, os quais os ouviram nas suas residências tentando afetar os tons e sons, no sentido de alterar a seqüência binária. O estudo foi conduzido através de oito experimentos com diferentes métodos. Num deles cada fita cassete continha 320 intervalos aleatórios de tons melódicos alternados com 320 intervalos aleatórios de barulho de desmoronamento. A alternância entre os intervalos de tons e de barulhos foram divididas em dez grupos de 32 pares de tons-barulhos. O objetivo dos participantes, neste caso, era estender os tons e cortar os intervalos com barulhos. Como previsto os meditadores tiveram escores acima do acaso ($p = .00047$, unilateral), em contraste com um grupo controle que obteve resultados devido ao acaso. A diferença entre os resultados dos dois grupos foi significativa ($p = .00074$,

unilateral). Cassetes com seqüências aleatórias pré-registradas de controle, as quais ninguém tentou influenciar, mostraram dados devido ao acaso.

[VPC36] Rao, Dukhan e Rao (apud SCHMEIDLER, 1994) pesquisaram 59 participantes os quais realizaram testes psi de resposta fechada e livre antes e depois de meia hora de meditação. Os resultados em ambos os métodos foram altamente significativos após a meditação.

[VPC37] Harding e Thalbourne (apud SCHMEIDLER, 1994) buscaram recrutar participantes com treinamento em meditação transcendental, porém encontraram resistência para falar sobre testes psi. Apesar disso conseguiram 14 meditadores para conduzir experimentos *ESP* de resposta fechada (adivinhação de cartas) de resposta livre. Dez participantes, sem treinamento em meditação, compuseram o grupo de controle. Dos escores de ambos os grupos foram relacionados ao acaso.

[VPC38] Braud e Boston (apud SCHMEIDLER, 1994), foram convidados por meditadores treinados os quais desejavam realizar testes *ESP*. 25 meditadores realizaram experimentos de resposta livre e obtiveram escores acima do acaso em nível significativo.

Estudos sobre relaxamento

[VPC39] Honorton (1977) indica que o primeiro estudo sistemático voltado a explorar o efeito do relaxamento na performance psi foi iniciado por Gertrude Schmeidler (1952), a qual aplicou testes de clarividência com cartas *ESP* em pacientes hospitalizados com concussão e pacientes com outras desordens, verificando que aqueles obtiveram escores psi e significativamente superiores que estes ($p = .02$). Com base nos dados de entrevista e protocolos Rorschach esta pesquisadora supôs que o desempenho superior daqueles pacientes foi devido ao nível de relaxamento maior, receptividade para experiência e uma vontade

positiva de responder para o mundo externo. [VPC40] Para testar essa hipótese Gerber e Schnreidler (1957) conduziram um estudo com pacientes de uma maternidade. Os pacientes considerados relaxados (por um avaliador "cego" em relação aos escores psi) obtiveram acertos psi positivos insignificantes ($p = 3 \times 10^{-5}$), em contraste com aqueles avaliados como não relaxados, os quais apresentaram um escore psi negativo significativo ($p = .06$). A avaliação do nível de relaxamento foi algo subjetiva, o que pode retirar a validade dos dados obtidos.

[VPC41] Braud and Braud (apud MISHLOVE, 1983; HONORTON, 1977) conduziram uma série de experimentos utilizando uma variação do relaxamento progressivo e Jacobson (1929), o qual envolve, basicamente, tensão e relaxamento alternados de cada parte do corpo até que um profundo estado de relaxamento muscular seja alcançado. A variação introduzida continuava com instruções para relaxamento mental, inicialmente sugerindo a visualização de cenas agradáveis, sendo seguidas de instruções para o esvaziamento mental e busca de um estado de passividade. O participante recebia também a instrução de que uma gravura alvo ser-lhe-ia transmitida por um emissor e que, assim, impressões sobre aleatória gravura poderiam ser recebidas. Na seqüência, ocorria um período de "impressão" de cinco minutos, acompanhado por chiado branco. Durante esse período, os relatos do receptor eram gravados em fitas. Durante o relaxamento do receptor um emissor localizado no local remoto escolhia aleatoriamente uma gravura alvo (de um conjunto de 150), concentrando-se nela, procurando "alucinar" texturas, sabores, odores e sons que pudesse ser inspirados nas gravuras. Isso tinha por objetivo envolver todos os sentidos sensoriais com o alvo. As correspondências entre os alvos e o relato do receptor eram feitas (por um juiz) através da classificação "cega" entre 5 gravuras e o relato, conforme o nível de semelhança. No primeiro estudo, um participante sem relato de experiências psi prévias, realizou cinco sessões, uma por dia, e conseguiu classificar corretamente seus relatos com as gravuras enviadas, obtendo

assim um nível de significância relacionado a $p = .004$.

[VPC42] No segundo experimento com relaxamento progressivo, 6 participantes foram testados, fazendo um ensaio cada um. Os emissores foram suas esposas. Novamente todas as avaliações alcançaram correspondências corretas, mostrando nível de significância ($p = .004$).

[VPC43] Os experimentos três a sete foram conduzidos com participantes em grupos, de 6 e 11 sujeitos, os quais tentaram obter informações sobre um alvo simples. Três desses experimentos obtiveram sucesso, porém em função do efeito empilhamento (vários participantes buscando obter informação de um mesmo alvo), os resultados das sessões foram reduzidas pelo voto de consenso e o resultado não alcançou significância.

[VPC44] Braud e Braud (1974) publicaram estudos de replicação daqueles anteriores. No primeiro deles 16 participantes realizaram uma sessão cada, utilizando o mesmo método acima, com exceção de que, após a avaliação (julgamento) dos alvos, os participantes foram solicitados a indicar o nível de relaxamento em que se encontravam, considerando uma escala de dez pontos. Eles obtiveram doze acertos e quatro erros; resultado significativo ($p = .038$). Os participantes quem identificaram corretamente os alvos obtiveram níveis relatados de relaxamento significativamente mais altos que aqueles que não foram capazes de identificar os alvos ($p < .04$).

[VPC45] No segundo experimento vinte participantes foram alocados para dois grupos e o nível do relaxamento foi avaliado por registros EMG. Um dos grupos ouviu induções para relaxamento, gravadas em uma fita, enquanto que o outro confiou induções para tensão, também através de uma fita gravada. O resultado geral do experimento mostrou 15 acertos e 5 erros, evidenciando significância ($p = .021$). Em acréscimo, os participantes do grupo de relaxamento alcançaram resultados psi significativamente maiores (9 acertos e 1 erro: $p = .011$, unilateral) que aqueles do grupo de tensão (6 acertos e 4 erros: resultados devido ao

acaso), com a diferença relacionada a $p < .025$. Os participantes do grupo de relaxamento mostraram decréscimos significativos na atividade EMG ($p < .005$), enquanto que os participantes do grupo de tensão mostraram aumentos significativos nesta atividade ($p < .025$), sendo que esses dados correlacionaram com os de auto-relato sobre o nível de relaxamento.

[VPC46] Braud e Braud (apud MISHLOVE, 1983) passaram a explorar uma hipótese complementar à do relaxamento, na qual o funcionamento mental do "hemisfério-direito", oposto ao "hemisfério-esquerdo", estaria relacionando a mudança para um estado psi-condutivo. Para testar essa hipótese, 20 estudantes universitários, destros, foram alocados em dois grupos de 10. O grupo "hemisfério-esquerdo" ouviu, através de fones de ouvido, induções gravadas, de 23 minutos, as quais incluíam a contagem de letras em palavras, problemas matemáticos, diagramação mental de sentenças, problemas lógicos e racionais, analogias, estimação de tempo, trechos de leituras de filosofia lingüística, leis constitucionais, física, entre outros. As induções do grupo "hemisfério-direito", também gravadas em 23 minutos, incluíam música, sons ambientais naturais de oceano, vento, chuva, trovões, pássaros, grilos, fogo e sons eletronicamente sintetizados sugerindo profundidade e imaginação. Como em experimentos anteriores, os alvos constituíam-se de gravuras, que foram observadas por um emissor, o qual não sabia do grupo de receptores. Os resultados do grupo "hemisfério-direito" indicaram acertos psi negativos significantes ($p = .0112$), enquanto que o grupo "hemisfério-esquerdo" apresentou resultados devidos ao acaso. A diferença entre os dois grupos foi marginalmente significativa ($p < .05$). A variação do desconhecimento do emissor quanto ao grupo de emissores pode ter tido alguma influência no experimento.

[VPC47] Braud e Braud (apud MISHLOVE, 1983, p.172) apresentam mais estudos utilizando fitas gravadas com induções psi-condutivas, porém neste caso as induções incluíam: relaxamento muscular progressivo, exercícios autogênicos, instruções para a

concentração em imagens visuais, imagens sinestésicas, respiração, sugestões para quietude mental e para um breve sonho desperto relacionado a gravuras alvo. As instruções eram acompanhadas de sons ambientais naturais.

Os pesquisadores basearam a elaboração desta fita do que chamaram de "modelo de redução de ruído da otimização psi". O ruído que poderia interferir no processo psi poderia surgir de diferentes fontes: a) estimulação sensorial exteroceptiva - ruído perceptual, sensorial; b) atividade muscular somática - ruído corporal; c) atividade autonômica excessiva - ruído emocional, excesso de excitação; d) atividade mental excessiva, especialmente e) a analítica, linear, lógica e mais "hemisfério-direito" - ruído cognitivo; f) ruído produzido pelo esforço excessivo de se obter informações psi e g) interferência de outros sinais psi irrelevantes ao alvo. Para cada uma dessas fontes de ruído os pesquisadores sugeriram técnicas de redução, ainda que neste estudo de 1977 muitas delas não foram incluídas na gravação. Este estudo estava voltado para verificar se a combinação de diferentes técnicas de redução de ruído poderia ser utilizada com sucesso em experimentos psi. A indução utilizada nestes estudos tinha 45 minutos de duração.

No experimento piloto pesquisadores agiram como receptores, testando em si mesmos a nova indução. Um assistente agiu como emissor, para um total de 6 ensaios, com cada pesquisador participando em três deles. Os conjuntos de alvos utilizados eram compostos de 4 gravuras, sendo que a escolha do alvo correto em primeiro ou segundo lugar era considerado um acerto. Em seis ensaios ocorreram seis acertos ($p = .016$), quatro deles diretos, ou seja, com alvos indicados na primeira posição ($p = .038$).

[VPC48] Um experimento de confirmação foi realizado numa sala de aula na universidade Texas Southern, com os participantes sendo testados em quatro grupos, que totalizavam 100 integrantes. Cada participante recebeu um alvo separado, contido num envelope opaco e fechado. Após o período de recepção, os participantes foram solicitados a

ordenar seus relatos em relação a quatro possíveis alvos que lhes foram apresentados. Os resultados indicaram 63 acertos ($p = .047$) e 37 erros, com 36 acertos diretos ($p = .0055$).

[VPC49] Stanford e Mayer (apud MISHLOVE, 1983) conduziram outra replicação dos estudos dos Braud com relaxamento muscular progressivo e, através de 21 voluntárias, estudantes da universidade de Virgínia. Os conjuntos de alvos eram compostos cinco gravuras. Nove das participantes obtiveram acertos diretos ($p = .019$). A correlação entre as respostas dos participantes para a questão sobre a quietude mental e seus acertos psi foi positivamente significativa ($p = .05$, unilateral). Quando os sujeitos foram, numa avaliação posterior, divididos em dois grupos com relação a questão acima, o grupo de alto relaxamento mental ($N = 10$) obteve escores *ESP* e significativamente superiores ($p < .008$, unilateral), enquanto que o grupo de baixo relaxamento mental obteve escores abaixo da média num nível não significativo. A diferença entre os escores dos dois grupos alcançou significância ($p < .02$, unilateral).

[VPC50] Charleswoth (apud MISHLOVE, 1983) desenvolveram uma pesquisa com relaxamento muscular progressivo e induções de imaginação visual mental através de diferentes cenas ambientais, as quais eram acompanhadas por sons ambientais voltados a estimular a realidade da imaginação visual. No primeiro experimento, 40 estudantes da universidade Huston foram incluídos no grupo experimental, enquanto que vinte estudantes participaram do grupo controle, o qual recebeu instruções (mais breves) de relaxamento, mas não de visualização. Seguindo os mesmos métodos de resposta livre utilizados pelos Braud, foram obtidos em 28 acertos e 12 erros para a condição experimental, resultado que apresenta significância e estatística ($p = .0089$, unilateral). O grupo controle apresentou resultados devidos ao acaso.

[VPC51] Um segundo estudo utilizando a mesma metodologia, com exceção dos participantes, incluiu pares de gêmeos do mesmo sexo, cada dupla agindo como emissores e

receptores. Quatorze duplas femininas e seis masculinas foram gêmeos idênticos, em adição outro grupo foi formado por dez pares femininos e dez pares masculinos e gêmeos fraternos. Para o grupo de gêmeos idênticos houve 7 acertos e 13 erros, resultado devido ao acaso. Para o grupo de gêmeos fraternos observou-se 15 acertos e 5 erros, resultado significativo ($p = .021$). A diferença entre os dois grupos também mostrou significância ($p = .0125$).

[VPC52] Wood, Kirk e Braud (apud Mishlove, 1983) apresentaram um estudo no qual compararam a condição de relaxamento com a condição ganzfeld, os resultados em ambas as condições foram devidos ao acaso.

[VPC53] Miller e York (apud Mishlove, 1983) usaram um teste clarividência e com respostas livres para testar participantes após exercícios de relaxamento progressivo. Os resultados não foram estatisticamente significativos.

[VPC54] Altom e Braud (apud Mishlove, 1983) utilizaram seleções musicais como alvos para 30 receptores, os quais o ouviram 15 minutos de exercícios de relaxamento através de uma fita gravada. Os participantes foram alocados em dois grupos experimentais, com o método de clarividência e outro com método de telepatia. Os resultados gerais foram significativos e praticamente iguais para os dois grupos ($p = .049$).

[VPC55] Braud e Thorsrud (apud HONORTON, 1977) conduziram uma pesquisa com 16 participantes, os quais tentaram obter informações psi de gravuras alvo, observadas por emissores, após completarem 25 minutos de exercícios autogênicos e de relaxamento mental e muscular. Após concluir o julgamento dos alvos, os participantes permaneceram mais 15 minutos num período de incubação, ao final do qual eles foram questionados sobre possíveis detalhes adicionais, que teriam percebido/lembrado sobre o alvo durante tal período. Em seguida, fizeram um segundo julgamento das quatro gravuras alvo. As lembranças dos participantes a respeito dos alvos foram idênticas antes e depois do período de incubação. Os escores alcançaram significância ($p = .038$).

[VPC56] Braud, Smith, Andrew, e Willis (apud MISHLOVE, 1983) publicaram três estudos com atividades *PK* sobre gerador de eventos aleatórios, posteriores a procedimentos de indução para o relaxamento. O experimento constituiu-se numa tentativa de replicação do estudo de Braud e Braud (1975) que explorou a hipótese complementar à do relaxamento, relacionada ao funcionamento mental do "hemisfério-direito", em contraste ao do "hemisfério-esquerdo". No primeiro experimento o grupo (N=10) que recebeu o "modo 1" de relaxamento (condição de indução do funcionamento do "hemisfério-direito") obteve resultados significativos de ψ positivo ($p = .02$), enquanto que o grupo do "modo 2" (condição de indução do funcionamento do "hemisfério-esquerdo"- N=10) obteve significantes resultados ψ negativo ($p = .011$). A diferença dos dois grupos foi significativa ($p = .002$).

[VPC57] O segundo experimento, 20 participantes compuseram cada um dois grupos. Nos resultados, os participantes do "modo 1" obtiveram escores ψ positivos significativos ($p = .025$, unilateral) e os participantes do "modo 2" apresentaram escores relacionados ao acaso. A diferença dos dois grupos foi significativa ($p < .05$).

[VPC58] No terceiro experimento, com condições praticamente idênticas ao segundo, ambos os grupos tiveram desempenho próximo do acaso.

[VPC59] Rao (apud MISHLOVE, 1983) realizou uma pesquisa com um único sujeito, o qual em condição de relaxamento e de vigília procurou obter informações de palavras alvo escritas em inglês e Telengu. Escores ψ gerais não foram obtidos, com os resultados se devendo ao acaso. No entanto houve uma diferença significativa para os escores das palavras em Telengu, entre as condições de vigília (ψ negativo) e de relaxamento (ψ positivo).

[VPC60] Casler (1982) perguntou para seus 60 participantes se eles esperariam ter melhores resultados ψ se eles tentassem fortemente ou se eles não tentassem nada. Então cada um deles realizou oito ensaios *GESP* com respostas livres para gravuras alvo, sendo que

4 ensaios incluíram instruções para uma recepção relaxada (condição de passividade), com os demais ensaios incluindo instruções para a concentração (condição ativa). Não foram encontrados efeitos significativos para a expectativa ou para as instruções passivas x ativas. Casler atribuiu os resultados ao efeito experimentador, visto que se tornou indiferente ao testar mais e mais sujeitos. Uma análise *post hoc* mostrou que os primeiros vinte sujeitos obtiveram escores mais altos na condição passiva, os ensaios posteriores mostraram escores próximos do acaso.

[VPC61] Musso e Granero (1982) publicaram um estudo no qual 78 participantes fizeram dois ensaios psi de respostas livres durante instruções para relaxamento e mais dois ensaios com instruções para concentração. Os escores foram significativamente altos, porém não houve diferença entre as duas condições.

[VPC62] Ballard, Cohee e Eldridge (1983) consideraram que os níveis de baixa ansiedade eram equivalentes ao estado de relaxamento. Seus 40 participantes obtiveram uma relação nula entre relaxamento e acertos psi, tanto para os alvos agradáveis como desagradáveis.

[VPC63] Tornatore (1984) trabalhou com doze pares de crianças, sendo que para metade delas desenvolveu exercícios de relaxamento antes dos testes psi. Os escores das duas condições não mostraram diferença significativa entre si.

[VPC64] Kanthamani (1985) fez três séries de testes com estudantes de uma escola secundária, nas quais metade das instruções estava voltada a induzir uma atitude passiva agradável durante os ensaios psi. As instruções restantes sugeriam uma atitude ativa na qual os participantes deveriam estar alertas e tentar com bastante esforço. Participantes fizeram seis testes com cartas *ESP*, as quais provêm 25 ensaios em cada teste. 26 estudantes da 1ª série estavam num clube de psicologia enquanto que 33 da terceira série foram indicados pelos seus professores de psicologia. Os participantes destes dois grupos tiveram escores mais

altos de psi na condição de relaxamento, alcançando significância se seus escores forem somados. 37 estudantes que participaram na segunda série eram membros de um clube de ciência e seus escores foram significativamente mais altos na condição ativa.

[VPC65] Ballard (1988) contrasta, neste estudo, relaxamento e tensão, alvos agradáveis e desagradáveis. Para identificar estas características dos alvos o pesquisador fez um pré-teste no qual os alvos foram avaliados pelo grupo e individualmente. Após, os participantes fizeram testes psi em duas condições, uma com instruções para relaxamento e outra com instruções para tensão. Os dados mostraram que sujeitos do grupo controle (tensão) tiveram significativos acertos psi positivos para os alvos agradáveis e acertos psi negativos para os alvos desagradáveis. Os participantes do grupo relaxamento os resultados foram inversos. Estes dados estão em concordância com pesquisas psicológicas, e sugere que o nível ideal de excitação varia tanto com o estado prévio como com estímulos. Talvez para os participantes relaxados os estímulos agradáveis tenham sido muito suaves e insípidos para a praia o seu interesse, enquanto que aqueles menos agradáveis pudessem atrair-lhes a atenção. Já os participantes do grupo tensão poderiam ter sentido as gravuras desagradáveis como estimulantes de um nível ainda maior de tensão, tornando-se aversivas.

[VPC66] Honorton e Barksdale (1972) publicaram três estudos exploratórios nos quais verificaram o efeito da tensão e relaxamento muscular sobre resultados *PK*. No primeiro, seis participantes buscaram simultaneamente afetar um gerador de eventos aleatórios binário, realizando 80 testes de 16 ensaios sob duas condições (uma de relaxamento e a outra de tensão muscular). Para cada condição havia ainda dois tipos de instrução, uma que sugeria a concentração ativa, na qual o participante deveria exercitar o esforço consciente na direção do alvo, e a outra que sugeria uma concentração passiva, na qual o participante não deveria fazer esforço algum consciente na direção do alvo. O pesquisador Honorton cativou o gerador para estes ensaios com o grupo. Os resultados gerais foram significativos ($p < .04$, bilateral) bem

como a diferença entre as condições de tensão x relaxamento ($p < .02$, bilateral). Os resultados na condição de tensão foram independentemente insignificantes acima do acaso ($p < .005$). Em termos tipo de instrução, observou-se uma interação significativa entre os ensaios com instruções de concentração passiva e tensão muscular ($p < .002$).

[VPC67] No segundo estudo, uma tentativa de replicação, 10 participantes trabalharam de forma individual, sendo que desta vez Barksdale acionou o gerador de eventos aleatórios. Os resultados foram devidos ao acaso e os escores obtidos os ensaios com tensão muscular foram ligeiramente maiores que aqueles com relaxamento, mas a diferença não foi significativa.

[VPC68] Um terceiro experimento foi conduzido, com Honorton servindo como o único sujeito. Ele obteve escores *PK* positivos significativos na condição de tensão ($p < .00005$) e escores *PK* negativos (abaixo da média esperada por acaso) também num nível significativo ($p < .0005$), sendo a diferença entre as condições igualmente significativa ($p < .0005$). Este estudo reforça a perspectiva de que o experimentador pode afetar os dados psi dos experimentos que conduz, visto que o próprio pesquisador evidenciou possuir as mesmas capacidades que testa em seus participantes.

Observações sobre as pesquisas psi com sonhos, ganzfeld que podem também ser consideradas psi-condutiva.

Como foi visto no item da apresentação das principais técnicas experimentais contemporâneas de pesquisa psi, uma delas inclui os sonhos. Além dos relatos, históricos e contemporâneos, de experiências psi em sonhos, esta relação é também fortemente baseada em estudos experimentais, como foi indicado nos experimentos realizados no centro médico de Maimonides e em pesquisas posteriores, como mostrado através dos estudos de meta-

análise. Por esta razão, estado modificado de consciência natural do sonho é também considerado psi-condutivo.

Embora que os estudos de Maimonides tenham obtido resultados excelentes, a sua replicação foi e é muito difícil. Os sujeitos precisam dormir muitas noites no laboratório, um ambiente que lhes é estranho. Nem o pesquisador nem o emissor (no caso da pesquisa de telepatia) podem dormir durante as noites de experimentos e, além disso, os equipamentos são muito caros (por ex. EEG), bem como os profissionais treinados para operá-los (EYSENCK, SARGENT, 1993; ZANGARI, 1996).

Quando o programa de pesquisas em Maimonides estava terminando, concluiu-se que os requisitos de dinheiro e tempo eram grandes obstáculos e que se precisava desenvolver um estado que induzisse a *ESP* tão favoravelmente quanto o sonhar, mas que fosse mais barato e rápido. Charles Honorton (1946-1992), que fez parte das pesquisas com sonhos de Maimonides, achava que a direção tomada pelas pesquisas - explorando os EMC - estava correta. Seu enfoque baseava-se na análise de estudos de casos espontâneos; no estudo de textos antigos, como os Sutas de Patanjali e nos escritos de médiuns e psíquicos, entre outros. A partir desses estudos ele encontrou algumas condições comuns, favoráveis ao aparecimento da psi: a. relaxamento e vazio mental, b. aquietamento dos sentidos sensoriais, c. atitude mental de introversão. Com base nesses e outros estudos, e inspirado na pesquisa com sonhos, Honorton passou a utilizar em suas pesquisas a técnica Ganzfeld de privação sensorial, a qual produz um estado semelhante ao do sonho, porém com duração e custos muito menores. (EYSENCK, SARGENT, 1993; ZANGARI, 1996)

A pesquisa Ganzfeld pode ser considerada como produto da evolução dos estudos psi com outros estados modificados de consciência, como meditação, relaxamento, hipnose e sonho. Possivelmente por esta razão é que se tornou a principal técnica atual de pesquisa psi dos fenômenos de telepatia e clarividência, alcançando resultados cumulativos tão ou mais

impressionantes que aqueles obtidos nas técnicas anteriores. Assim, o estado ganzfeld também pode ser considerado psi-condutivo.

4.1.2 Outros fatores ligados aos participantes experimentais

As pesquisas psi contemporâneas (principalmente com a técnica Ganzfeld) têm focalizado sua atenção sobre outros fatores considerados psi-condutivos, considerando a psi em contexto de laboratório como sendo fruto da interação entre múltiplas variáveis. Esta perspectiva, ao menos em parte, tem desfocado a atenção dos fatores de modificação de consciência (ALVARADO, 2000). Alguns destes fatores serão visto a seguir, porém, de forma bem resumida e, principalmente, através da análise de conjuntos de dados de várias pesquisas, visto que, em geral e para muitos deles, não foram conduzidas pesquisas exclusivas para testá-los.

Características de personalidade

Extroversão x Introversão - nos anos 40 Palmer (1978, 1982) encontrou repetidamente correlações positivas entre escores psi e extroversão. Eysenck (apud SCHMEIDLER, 1988) fez um levantamento de pesquisas psi e extroversão encontrando que em quase todos os estudos os extrovertidos obtinham resultados significativamente melhores que os introvertidos. Numa meta-análise, Honorton, Ferrari e Bem (1992) encontraram correlações positivas significativas entre psi e extroversão em 60 estudos, apresentando uma forte confirmação desta correlação tanto em estudos de resposta fechada com estudos de resposta livre, sendo que estes mostraram uma correlação maior. Nesta mesma publicação os pesquisadores apresentaram uma nova pesquisa, na qual consideraram os escores de

extroversão de 221 participantes de pesquisas ganzfeld conduzidas no laboratório de Honorton. Os resultados mostraram uma correlação significativa de .18 entre extroversão e escores psi na técnica ganzfeld.

Schmeidler (1994) conclui sua revisão sobre este tópico indicando que as metas-análises feitas mostraram uma pequena mais altamente significativa e positiva relação entre extroversão e escores psi em experimentos de resposta livre. Um exemplo recente pode ser observado em Morris, Summers e Yim (2003).

Porém, Schmeidler (1988) indica que certas condições são necessárias para se obter esses resultados: 1. os extrovertidos têm melhores escores quando a novidade está envolvida e declinam com a monotonia; 2. eles respondem melhor em grupo do que em testes individuais; 3. eles precisam de um nível de estimulação ideal mais alto que os introvertidos, por exemplo, uma sala de aula ou um laboratório é mais estimulante e favorável ao desempenho do extrovertido e menos favorável ao introvertido, enquanto que, na sua própria casa ou na casa de amigos, um ambiente menos estimulante, o introvertido terá um melhor desempenho que o extrovertido.

Abertura x defensiva - a pessoa relacionada à abertura demonstra-se imaginativa, preferindo a variedade em vez da monotonia, independência em vez da conformidade e acomodação. Schmeidler (1988) revisou para os estudos, os quais utilizar diferentes métodos para acessar esses fatores, concluindo que os resultados tendem a indicar consistentemente maiores escores psi para a abertura e o contrário para a defensiva. Wat (apud SCHMEIDLER, 1988) conduziu uma meta análises de três estudos que verificaram a defensividade em relação a psi, encontrando uma positiva e altamente significativa correlação entre sucesso psi e baixa defensividade. Schmeidler (1994) conclui sua revisão sobre estas pesquisas confirmando a perspectiva anterior do efeito da abertura x defensiva na previsão de resultados psi, porém

acrescenta que este poder de previsão é pequeno.

Pólo sentimento/percepção (PF) no inventário de tipos Myers Briggs (MBTI). Os participantes com este pólo podem ser descritos como pessoas flexíveis e adaptáveis, com sensibilidade interpessoal, que procuram experiências novas e analisam atividades subjetivas. O melhor desempenho dessas pessoas está associado à sua abertura, adaptabilidade e motivação para situações e experiências novas. Como pode ser visto esta descrição é relativamente semelhante com aquela sobre abertura, descrita acima. Numa análise inicial e exploratória de seus próprios estudos ganzfeld, Honorton e Schechter (1986) identificaram que 4 fatores correlacionavam positiva e significativamente com o sucesso psi, uma delas foi pólo sentimento/percepção (PF) no inventário de tipos Myers Briggs (as demais foram: a) experiências anteriores de psi; b) prática em disciplina mental; c) testagem psi anterior em laboratório)

Noutra análise, Honorton (1992) considerou todos os dados Ganzfeld produzidos até o fechamento do seu laboratório, voltando a encontrar correlações positivas entre os quatro fatores e o sucesso psi Ganzfeld. Verificou também que os sujeitos que satisfaziam aos quatro fatores apresentavam resultados muito significativos, porém, o número de sujeitos com essas quatro características, era muito pequeno, dessa forma, Honorton concentrou-se num modelo com três dos fatores, excluindo o aspecto da testagem anterior em laboratório. Os 71 participantes que satisfizeram esse modelo de três fatores alcançaram uma taxa de 44% de acerto (0.001), o que levou Honorton a sugerir esse modelo para outras pesquisas Ganzfeld, visto que utilizando esse critério na seleção dos sujeitos experimentais se poderiam aumentar as chances de êxito nos experimentos. Broghton et al. (1989) encontraram resultados significativos em seus estudos Ganzfeld os quais oferecem suporte ao modelo dos quatro fatores de Honorton.

Outros estudos que encontraram suporte para o pólo PF ou F relacionados aos escores psi incluem Honorton e Schechter (1986), Broughton, Kanthamani e Khilji (1989), Palmer (1997a, 1997b, 1998b), Parker e Grams (1997) Parker, Grams e Pettersson (1998) e Silva, Pilato, Hiraoka (2003).

Criatividade

[VPC69] Moss e Gengerelli (1968) publicaram um estudo de telepatia com respostas livres e alvos emocionais multimídia (slides acompanhados de som). As duplas foram compostas por um ou dois artistas profissionais (houve 38 artistas e 5 psíquicos profissionais numa mostra de 144 voluntários). As duplas compostas por artistas tiveram escores significativamente maiores ($p = 5 \times 10^{-6}$) que aquelas não compostas por artistas, as quais apresentaram escores relacionados ao acaso.

[VPC70] Buscando replicar o trabalho anterior Moss (1969) classificou os participantes como artistas quando eles trabalhavam profissionalmente como escritores, atores, compositores, pintores, entre outros. Os não artistas foram assim designados em função de sua profissão ser considerada menos criativa, como engenheiros, secretárias, donas de casa, professores, psicólogos, entre outras. As trinta duplas de artistas obtiveram acertos psi significativos ($p = .003$, unilateral) enquanto que as 43 duplas de não artistas tiveram escores relacionados ao acaso, sendo que a diferença entre elas mostrou-se significativa ($p = .05$). Uma crítica endereçada a esse estudo indicou que o pesquisador não era cego para a classificação dos participantes dos dois grupos, permitindo a possibilidade de que o mesmo os tenha tratado de forma diferente (ainda que de forma inconsciente), buscando o obter o resultado previsto.

[VPC71] Tentando replicar os resultados de Moss, Gelade e Harvie (1975) testaram 40 duplas (emissores e receptores), com todos os receptores e 15 emissores artistas (pintores,

poetas, compositores, atores e músicos). Houve também um grupo de não artistas. Os alvos constituíram-se de slides temáticos com som e emocionalmente excitantes. Em cada sessão foram realizados cinco ensaios consecutivos, com a retro-alimentação ao final de cada ensaio. Ainda que o grupo de artistas tenha obtido escores mais positivos que os não artistas, com 39 acertos em 65 ensaios, este resultado não alcançou significância, bem como o resultado geral, que não mostrou indícios de psi. Uma análise posterior mostrou que os acertos feitos por duplas de artista foram significativamente maiores que aqueles compostos por outras duplas.

[VPC72] Jackson, Franzoi, and Schmeidler (1977) testaram 40 estudantes colegiais com a metodologia de respostas fechadas para clarividência usando cartas ESP, realizando seis testes de 25 ensaios cada um. Metade dos participantes eram estudantes de psicologia, enquanto que a outra metade eram estudantes de música. O estudo não apresentou resultado geral significativo de psi, nem tão pouco uma diferença significativa entre os músicos e os não músicos.

[VPC73] Braud e Lowenstern (1982), realizaram um experimento no qual mediram o nível de criatividade dos participantes através do teste *Alternate Uses*. Com o método de resposta livre, indução para estado modificado de consciência e gravuras como alvos, 20 garotas foram testadas como um grupo, ainda que cada sujeito registrasse suas próprias impressões para os alvos. O teste de criatividade foi realizado antes da tarefa psi, a qual era precedida por uma fita de 45 minutos de indução para relaxamento, exercícios autógenos, música, efeitos de som natural, meditação, imaginação, vazio mental e outras instruções relacionadas ao funcionamento do hemisfério direito. Ainda que o escore psi tenha sido relacionado ao acaso, os escores de criatividade das participantes que tiveram acerto psi foram significativamente mais altos do que aqueles das participantes que obtiveram erros ($p < .05$, bilateral).

[VPC74] Sondow (1986) realizou testes ganzfeld para explorar a relação entre

hipnotisibilidade, criatividade e psi. 60 participantes não selecionados, trinta homens e trinta mulheres, realizaram duas sessões cada. Eles preencheram quatro medidas de criatividade, sendo três delas padronizadas e a outra de auto-relato sobre o seu nível de criatividade. Novamente os escores psi não se mostraram significativos e, em adição, nenhuma das escalas correlacionou significativamente com os acertos psi.

[VPC75] Schlitz e Honorton (1992) realizaram um estudo com 20 estudantes da escola de arte Julliard, de Nova Iorque. Dez eram estudantes de teatro, oito de música e dois de dança. Eles realizaram experimentos ganzfeld de telepatia, precedidos do teste *Torrance Assessment of Creative Thinking*. O resultado geral foi significativo com 50% de acertos psi ($p = .014$), sendo que os músicos produziram os mais altos escores (75% de acertos, $p = .042$), seguidos pelos estudantes de teatro (40% de acertos, $p = .22$), com os estudantes de dança não obtendo nenhum acerto. No entanto, não houve correlação significativa entre os escores psi e as medidas de criatividade.

[VPC76] Morris, Cunningham, McAlpine e Taylor (1993) tentaram replicar estudo de Schlitz e Honorton (1992), através 16 pares de artistas ou músicos, os quais agiram como receptores numa pesquisa ganzfeld usando alvos dinâmicos (vídeos). Cada dupla realizou dois ensaios, revezando as posições de emissor e receptor. Antes dos estudos os participantes completaram um questionário de auto-relato do nível criatividade. Os resultados mostraram-se significativos, com 40,6% de acertos ($p < .05$), com os participantes que se consideraram altamente criativos obtendo resultados significativamente melhores que os demais ($p < .025$).

[VPC77] Dalton (1997a, 1997c) realizou seu doutorado na universidade de Edimburgo, Escócia, na cátedra Koestler de Parapsicologia, departamento de psicologia, explorando relações entre criatividade e psi. 128 participantes, distribuídos em grupos de 32 (de artistas, músicos, escritores criativos e atores) preencheram o teste *Torrance Assessment of Creative Thinking* (TACT) antes das sessões ganzfeld. Eles obtiveram 47% de acertos ($p =$

7 x10-8), porém a correlação entre os escores de criatividade e os acertos psi não foi significativa, ainda que tenha ocorrido na direção prevista. Enquanto subgrupos, os músicos obtiveram 56% de acertos ($p = .0001$), sendo que a correlação entre o escores Z e a forma verbal do TACT mostrou-se significativa ($p < .02$). Os artistas obtiveram 50% de acertos ($p < .002$), com os escritores e os atores obtendo, separadamente, 41% de acertos ($p < .037$), sendo que os atores apresentaram uma correlação significativa entre o escores Z e a forma verbal do TACT ($p < .02$).

[VPC78] Morris, Summers e Yim (2003), fizeram uma pesquisa psi com Sistema ganzfeld automatizado da Cátedra Koestler de Parapsicologia (Departamento de Psicologia) da Universidade de Edimburgo. 40 participantes criativos (22 músicos e 18 artistas visuais) contribuíram com uma sessão cada, na condição de receptores. O emissor foi um investigador que não agia como experimentador para aquela sessão, para o qual foi mostrado um vídeo clipe aleatório. O resultado geral indicou 37.5 % de taxa de acertos (15 acertos em 40 ensaios), indicando significância ($p = .05$, unilateral). O subgrupo artistas obteve taxa de acerto de 44.4 %.

Crença em psi - efeito cabras e ovelhas

O efeito *sheep-goat* (ovelhas-cabras) diz respeito à atitude do participante em relação à psi e a influência desta nos escores psi, aqueles que acreditam em psi (ao menos como uma possibilidade) foram designados como ovelhas, enquanto que aqueles que não acreditam foram chamados de cabras. Palmer (1977) indica que este efeito talvez tenha sido o que mais foi estudado como fator de previsão dos escores psi. A primeira investigadora a estudá-lo foi Gertrude Schmeidler, que em 1942 começou a realizar provas psi com psicólogos e estudantes da universidade de Harvard. Participantes fizeram provas de psi com cartas *ESP*, tentando

adivinhar a ordem das cartas que estavam embaralhadas e localizadas no local. Antes do experimento a pesquisadora indagava os participantes sobre sua atitude em relação à psi. As ovelhas (crentes) obtinham escores psi significativamente acima das cabras (descrentes). Entre 1945 e 1951 Schmeidler realizou 14 experimentos e os resultados se repetiram confirmando sucessivamente o efeito. Foram cerca de 300.000 ensaios advindos de 1.308 pessoas. As chances de tais resultados combinados poderem ter sido obtidos por acaso é de 1 em 10 milhões (EYSENCK, SARGENT, 1993). Palmer (apud PALMER, 1977) revisou 17 experimentos de resposta fechada com cartas ESP, publicados entre 1947 e 1970, dos quais 13 mostraram o efeito em foco, sendo que seis deles mostraram resultados significativos na direção prevista. Palmer (1977) revisou mais onze experimentos, dos quais 3 não mostraram o efeito e 8 mostraram, 7 dos quais com a diferença entre os dois grupos alcançando significância. Lawrence (apud IRVIN, 1999) conduziu uma meta-análise de estudos mais recentes, confirmando o efeito, porém indicando efeito tamanho geral é muito pequeno (0,03). Num experimento interessante, Lovitts (1981) enganou seus participantes informando que o experimento tinha o objetivo de provar a inexistência de psi (*disproving ESP*), gerando um resultado inverso do efeito, ou seja, as ovelhas mostraram escores psi abaixo do acaso e as cabras apresentaram escores psi positivos. Tais dados sugerem que os participantes parecem usar a psi em conformidade com suas crenças a respeito dela. Infelizmente não houve replicações deste estudo até o momento.

Pesquisador psi-condutivo e efeito experimentador

O efeito experimentador, no qual alguns pesquisadores conseguem consistentemente mais sucesso que outros, obtendo evidência para psi, continua ser o maior desafio da pesquisa psi. A expressão "experimentador psi-condutivo" refere-se a um pesquisador

consistentemente de sucesso (SMITH, GORDON, 2002). Algumas variáveis possivelmente relacionadas a ele incluem a crença em psi expressa, a expectativa de sucesso dos resultados experimentais, sua "aquecida" cordialidade na relação com os participantes, e características de personalidade. Com exceção desta última característica, Smith (2001) indica existir evidência experimental que suporta a relação positiva das demais variáveis com os resultados experimentais. Smith e Gordon (2002) encontraram também uma pequena evidência de que a prática de disciplina mental (por exemplo, a meditação) ou a experiência pessoal de psi são fatores que podem prever o sucesso para um experimentador.

Porém, Smith (2001) sugere que a natureza de tais efeitos não é compreendida, apontando algumas questões que precisam ser respondidas através de estudos futuros: a) as variáveis psi-condutivas do experimentador são independentes uma da outra? b) as variáveis psi-condutivas do experimentador são independentes de outras variáveis psi-condutivas? c) como as variáveis psi-condutivas do experimentador afetam os escores psi? Para esta pergunta o pesquisador levanta duas hipóteses, numa delas as variáveis de crença em psi e expectativa de sucesso são comunicadas aos participantes e influenciam as suas crenças e expectativas em relação ao experimento. A outra sugere que a fonte psi não pode ser claramente delimitada nos experimentos psi, permitindo que os efeitos do experimentador sobre os resultados sejam mediados pela sua própria psi. d) poderiam as variáveis psi-condutivas do experimentador ser exploradas para aumentar os efeitos psi?

Alguns estudos têm dado suporte à idéia de que as variáveis acima indicadas produzem efeitos nos experimentos psi. Por exemplo, a atitude em relação à psi (crença ou descrença), expressa direta e indiretamente pelo pesquisador aos participantes de seus estudos, foi investigada em dois estudos de fitar à distância, técnica na qual o pesquisador pode observar, através um circuito fechado de televisão, o participante, situado numa sala remota. O objetivo do estudo é verificar se resistividade elétrica da pele do participante se modifica

quando ele é observado, sem que ele saiba quais são os momentos de observação e não observação, os quais são designados aleatoriamente. Dois pesquisadores, Marilyn Schilitz (proponente de psi) e Richard Wiseman (céptico em relação a evidência psi experimental) conduziram estudos sobre as mesmas condições, sendo que os resultados de Schilitz mostraram-se consistentemente acima do acaso, enquanto que aqueles obtidos Wiseman mostraram-se consistentemente dentro do acaso (WISEMAN E SCHLITZ, 1997, 1999).

A expectativa de sucesso, que poderia também ser fator operante nos estudos acima indicados, conta com considerável evidência empírica no sentido de que pode afetar as respostas dos participantes numa ampla gama de estudos psicológicos (ROSENTHAL, 1976) e também relacionados a psi (PARKER, 1975b; TADDONIO, 1976; MISHLOVE, 1983; SCHMEIDLER, 1994; SCHLITZ, HONORTON, 1992; DALTON et al 1994; HONORTON, 1992). Em termos da qualidade da relação entre pesquisador e participantes, um ambiente experimental aquecido (afetuoso) e com atmosfera informal também tem sido relacionado ao sucesso psi (HONORTON, RAMSEY e CABIBBO, 1975; EDGE, FARKASH, 1982). No entanto, alguns estudos falharam em replicar ou testar algumas das variáveis acima indicadas (CRANDALL, 1985; SCHLITZ et al. 2005; SMITH, SAVVA, 2008)

A importância destas variáveis e dos seus possíveis efeitos sobre os escores psi é imensa. Por um lado, compreender melhor o efeito experimentador, numa perspectiva prática, pode ser a última barreira para identificar um procedimento experimental replicável, que qualquer investigador competente possa utilizar e obter evidência para psi. No entanto, por outro lado, o efeito experimentador tem um potencial teórico importante, se, por exemplo, for confirmado que o pesquisador representa uma fonte igual ou maior de psi que os participantes, então a função do observador em todos os tipos de observação precisarão ser reavaliadas (SMITH, 2001). E não apenas as pesquisas relacionadas a psi, mas, estas precisariam ser em grande medida reconsideradas em termos da eficácia de seus métodos de

manipular variáveis. Se este for o caso, novos métodos precisarão ser elaborados.

4.1.3 Fatores ligados aos alvos

A escolha do material dos alvos apropriados pode ser uma característica vital na pesquisa psi (PARKER, GRAMS, PETTERSSON, 1998), porém muito difícil em função da falta de resultados experimentais consistentes e coerentes em termos de discriminar as características de sucesso e de fracasso dos alvos psi (DELANOY, 1988).

Alguns fatores que contam com mais suporte experimental são apresentados de forma breve. O primeiro deles relaciona-se com a emocionalidade dos alvos. A inspiração para considerar este fator vem do estudo dos casos de fenômenos psi espontâneos, os quais, em sua maioria, envolvem o recebimento de uma mensagem emocional ou emoção, quase sempre relacionadas a eventos negativos envolvendo seres humanos (DELANOY, 1988; WATT, 1988).

Ainda que os resultados experimentais sejam contraditórios, não permitindo o estabelecimento de conclusões definitivas (DELANOY, 1988), eles indicam questões que precisam ser mais bem exploradas. Em seus estudos Ganzfeld, Bierman (1995, WEZELMAN; BIERMAN, 1997) encontrou mais acertos para os alvos emocionais, expressando emoções positivas ou negativas. Em dois estudos de *GESP* em sonhos, Dalton, Steikamp e Sherwood (1996) obtiveram a maior parte dos acertos com os alvos negativos ou ameaçadores; os alvos neutros tiveram a pior taxa de acerto. Outros estudos que oferecem um relativo suporte experimental para emocionalidade dos alvos incluem Kreiman e Ivinsky (1998) Parker, Grams e Petersson (1998) William e Duke comentados por Delanoy (1988), Sondow, Braud e Barker também citados por Delanoy (1988).

O segundo fator é a preferência e significância dos alvos para os sujeitos

experimentais. Segundo Delanoy (1988, 1989), o conteúdo dos alvos pode afetar os escores psi, porém, isso é limitado ao nível que esses conteúdos interagem com os conteúdos psicológicos dos sujeitos e com suas preferências pessoais. Alguns resultados experimentais significativos que suportam esta hipótese incluem: Dean e Nash (1967), Johnson e Nordbeck (1972), Braud e Loewenstern, (1982); Williams e Duke (1979) e Sondow, Braud e Barker (1981), Roll e Solfvin (1976); Roll, Solfvin e Krieger (1978) e Silva, Pilato e Hiraoka, (2003).

O terceiro fator considera alvos dinâmicos x estáticos, sendo que os primeiros (vídeo-clipes) são considerados por vários pesquisadores como sendo o melhor tipo de alvo para a pesquisa de EAC e Psi, possivelmente por serem mais próximos das cenas da vida real, com cor, som, movimento e emoção (DALTON, UTTS, 1995; HONORTON, et al., 1990; DALTON, 1997d; PARKER, GRAMS, PETTERSSON, 1998; PARKER, 2000). Em 187 sessões autoganzfeld, Honorton e Schechter (1986) encontraram o que os alvos dinâmicos foram independentemente significativos ($p = .0068$) enquanto que os alvos estáticos tiveram acertos dentro do que se esperava por acaso. Considerando uma base de dados ampliada - 355 sessões autoganzfeld - Honorton, et al. (1990) verificaram que o desempenho dos alvos dinâmicos foi altamente significativo ($p = .0000019$), enquanto que os alvos estáticos não mostraram significância; a diferença entre ambos se mostrou significativa ($p = .002$).

4.1.4 Fatores ligados ao ambiente social - psi em grupos

[VPC79] Entre 1964 e 1970, Dean e Mihalasky (apud SMEIDLER, 1988) coletaram uma quantidade muito grande de dados, durante palestras sobre a *ESP* em convenções de negócios e reuniões de comunidade, entre outros. Seus 102 grupos incluíram 41 que eram compostos somente por homens, 14 somente com mulheres e 47 com ambos os sexos, totalizando quase 5.000 pessoas. A palestra enfatizava que a precognição poderia ser útil na

tomada de decisões, e era seguida por testes de precognição com alvos que ainda selecionados e as respostas avaliadas por computador, o qual também gerava os alvos (números). Os pesquisadores iniciaram com algumas hipóteses, as quais foram descartadas, dando lugar a duas outras. Eles basicamente previram que os escores de precognição seriam altos para a) os homens dinâmicos que estivessem em grupos "dominados por homens" e b) mulheres dinâmicas em grupos "dominados por mulheres" (*male and female-dominated groups*). Este fator de dominância era decidido a partir da observação de quem organizou a palestra, se homens ou mulheres. Os participantes dos grupos recebiam cartões que deviam ser perfurados, marcando respostas de várias questões incluindo o gênero, sua atitude em relação a psi, a escolha entre cinco metáforas para o tempo (indicação que foi usada para definir se o participante era dinâmico ou não) e, por fim, a escolha, mas com colunas seguintes, de um entre dez dígitos como resposta ao teste de precognição. Os resultados gerais foram nulos para os grupos do mesmo gênero e para os participantes não dinâmicos. Porém, para os grupos mistos em relação ao gênero, ambas as hipóteses obtiveram confirmação. Para 21 grupos "dominados por homens" os escores psi de 534 homens dinâmicos foram significativamente altos, e para 26 grupos "dominados por mulheres" os escores de 334 mulheres dinâmicas foram também significativamente altos. Um efeito contrário (espelho) foi encontrado por análises posteriores. Os 146 homens dinâmicos dos grupos "dominados por mulheres" obtiveram escores significativamente abaixo da média, enquanto que as 270 mulheres dinâmicas dos grupos "dominados por homens" obtiveram escores abaixo do acaso, porém num nível não significativo. Este efeito parece fazer muito sentido para a cultura naquela época, na qual as diferenças entre os gêneros no meio organizacional e social eram muito mais marcantes que no momento atual.

[VPC80] Uma análise posterior, do trabalho de Friedman, Scmeidler e Dean (apud SMEIDLER, 1988) parece suportar as hipóteses acima verificadas. Das onze classes colegiais

que Friedman testou seis foram desequilibradas em termos de gêneros dos participantes. Nestas classes, 325 participantes daquelas com o gênero mais numeroso (iguais aos seus) obtiveram acertos psi positivos, enquanto que 29 participantes dos grupos com o gênero menos numeroso (iguais aos seus) obtiveram resultados abaixo do acaso, sendo que a diferença entre os escores dos dois grupos foi insignificante.

[VPC81] Kanthamani, comentada por Schmeidler (1988), realizou pesquisas verificando a dominância dentro dos grupos e o seu efeito sobre escores psi. Os participantes (estudantes de uma escola secundária) foram alocados em duplas pelo critério de serem do mesmo gênero e possuírem relação de amizade. A pesquisadora realizou pré-testes e registrou seu julgamento sobre o membro dominante da dupla. As duplas então realizaram jogos competitivos de psi, intragrupo. Os resultados ocorreram na direção prevista, com os participantes dominantes em cada dupla obtendo resultados psi significativamente maiores que os não dominantes. Aqueles obtiveram psi positivo enquanto que estes, psi negativo.

[VPC82] Schmeidler (apud SCHMEIDLER, 1988) publicou um estudo no qual participaram crianças envolvidas num curso de parapsicologia. O instrutor aplicava o *Nowli's Mood Adjective Checklist*, escalas de cabra-ovelha e um teste de clarividência. Os resultados mostraram uma alta correlação entre os escores psi e os índices de concentração, afeto social e jocosidade. No segundo estudo os resultados se repetiram. Importante notar que o instrutor que aplicava os testes, era “cego” para as hipóteses experimentais e tampouco realizava a avaliação dos mesmos, que eram feitas por Schmeidler noutra cidade. Esta pesquisadora não participou de forma presencial nos experimentos.

[VPC83] Condey, citado por Schmeidler (1988), desenvolveu uma pesquisa com participantes que realizaram testes psi, sendo que os resultados foram comparados em termos de grupos maiores e menores, e conjuntos de amigos e de desconhecidos. Para cada conjunto de participantes um sujeito agia como um receptor e os demais como emissores. O

pesquisador previu escores *GESP* mais altos para os conjuntos de amigos em relação aos conjuntos de desconhecidos e para os grupos maiores em relação aos grupos menores. Os resultados da análise inicial não mostraram significância, porém em análise complementar não prevista, o pesquisador observou que em grupos grandes, de amigos, havia dois subgrupos menores, um formado por pessoas que tinham se encontrado apenas socialmente e outro de pessoas que haviam trabalhado junto (ex. na comunidade, no teatro). Para este grupo de pessoas os resultados *GESP* foram significativamente maiores em relação àquele grupo. Como em qualquer outra análise posterior, suas conclusões precisam ser tomadas apenas como inspiração para verificação futuras.

[VPC84] Schmeidler (1988) indica que Wiesinger reportou um trabalho o qual analisou os padrões intragrupais e a sua relação com escores psi. 325 estudantes colegiais suíços e alemães obtiveram escores nulos em relação aos alvos psi propostos. O pesquisador então comparou as respostas entre os estudantes, omitindo aquelas das crianças sentadas próximas umas das outras - colegas e vizinhos, encontrando uma correspondência significativa geral entre as respostas. Em outra análise, considerou as respostas da criança menos popular da classe, como se fosse o alvo, comparando-as com os resultados das outras crianças. Os dados mostraram escores significativamente abaixo da média esperada, como se as crianças estivessem evitando as respostas do colega menos popular. Em contrapartida, fez o

Fotografia 13 - Dr. Jim Carpenter em 2005, Palo Alto, Califórnia.

mesmo com as respostas da criança mais popular, encontrando escores significativamente acima do acaso. Estes dados sugerem que os efeitos intragrupais sobre psi podem seguir padrões esperados dos efeitos intragrupais em outras formas de comportamento. Não ficou claro nos dados se tais análises foram ou não previstas pelo estudo.

[VPC85] Dr. Jim Carpenter (1988b), psicólogo

clínico, desenvolveu várias pesquisas com os *Quasi-therapeutic Groups*, compostos por participantes interessados tanto em psi como psicodinâmica. Nestes grupos os participantes (em torno de 6, variando de encontro para encontro), inicialmente, discutiam sobre suas experiências (como reagiam uns com os outros) com o objetivo do auto-ajustamento, depois avaliavam individualmente 4 gravuras considerando a semelhança delas com o que aconteceu durante a sessão. Uma das gravuras apresentadas era o alvo do teste e o acerto era indicado quando o alvo correto havia sido avaliado em primeiro ou segundo lugar. No trabalho piloto os escores foram inicialmente muito significativos porém na sessões finais declinaram. Carpenter então acrescentou uma avaliação de como tinha sido a sessão para o grupo, por exemplo se uma sessão os deixou com ansiedade, com sentimento "de não encontrar uma saída", ou se depois da sessão eles se sentiram bem, espontâneos, motivados para experiências novas e o autodescobertas. Nas 16 avaliadas desta forma, as oito melhores mostraram 7 acertos psi, enquanto que nas oito piores sessões dois acertos foram obtidos. A diferença entre os escores mostrou-se significativa, e pode ser relacionada com os fatores de abertura e defensiva.

[VPC86] Carpenter (2002) dá continuidade aos seus estudos com os *Quasi-therapeutic Group*, seguindo a metodologia anteriormente descrita, porém acrescentando a avaliação de várias questões relativas a qualidade da sessões, com escala de sete pontos. Com os grupos variando entre 5 a 8 participantes, Carpenter sumariza dados de 386 sessões, indicando o escore de 224 acertos binários, resultado significativo (58% de acertos, $p = .001$). Nas correlações com as avaliações dos participantes com os escores psi, o pesquisador encontrou que a sessões com um alto nível de risco mas baixos níveis de ansiedade/agressividade-ferimentos são aquelas mais psi condutivas, e também as mais positivas, no sentido de que conteúdos pessoais profundos são discutidos e todos os membros participam ativamente. Nelas, coros de vigorosas gargalhadas, ou lágrimas divididas, marcaram momentos de

resolução e união na vida do grupo. Carpenter conclui indicando que seu estudo oferece evidência de que processos ocorridos na psicoterapia de grupo podem expressar informações psi, e que estas são mais esperadas nos momentos em que o fluxo de material (conteúdos pessoais) e os sentimentos são moderadamente intensos, mas não quando são intensos de tal forma a gerar sentimentos de dor ou de dificuldades insolúveis.

[VPC87] Targ e Katra (2000) conduziram um estudo de visão remota no contexto de grupo. Estudo ocorreu numa conferência em, na cidade de Arco, Itália, com um grupo de 24 participantes, muitos dos quais eram curadores psíquicos ou "trabalhadores de energia" (energy workers). Seguindo a perspectiva de trabalhos anteriores destes pesquisadores, uma especial atenção foi dada para a criação de um sentimento de comunidade e coerência de intenção com o grupo durante os três dias de atividades. Nas quatro das cinco sessões de aula, testes divisão remotas foram conduzidos os membros trabalhando em pares. Os alvos foram gravuras de cenas externas, ocultados em envelopes opacos fechados, os quais foram abertos ao final de cada ensaio,¹ após a avaliação de quatro gravuras, uma das quais constituía-se no alvo correto.¹⁴ acertos foram obtidos evidenciando um nível de significância ($p = 5 \times 10^{-4}$).

4.2 ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE TREINAMENTO PSI (TP)

4.2.1 Retro-alimentação

A perspectiva de treinamento Psi baseada na retro-alimentação busca a ensinar ao participante reconhecer pistas mentais internas ou estados associados com a informação mediada por Psi. Baseada na teoria clássica de aprendizado da psicologia, esta abordagem trabalha basicamente com o reforçamento positivo (através da retro-alimentação) dos palpites ou tentativas corretas do participante (MISHLOVE, 1983).

Num artigo de 1966, Tart apresentou seu modelo de aprendizagem experimental, o qual envolvia os seguintes aspectos: a. retro-alimentação imediata após cada resposta ESP; b. uma situação de teste intrinsecamente psi-condutiva, para que houvesse alguma *ESP* ocorrendo no primeiro plano para ser reforçada; e c. um procedimento experimental oportuno que não distraísse o participante da situação de aprendizagem. O segundo aspecto é muito importante neste modelo, significando que *ESP* só pode ser aprendida se o participante mostrar algum desempenho *ESP* para que possa ser reforçado, e desta forma diferenciado do ruído positivo de reforçamento para as respostas ligadas ao acaso (MISHLOVE, 1983; TART, 1975).

Em seu livro, *Learning to use extrasensory perception*, Tart (1975) faz uma revisão de artigos experimentais publicados entre 1964 e 1975, os quais utilizaram retro-alimentação imediata. Inicialmente, Tart (1975) revisa 7 estudos conduzidos com sujeitos que aparentemente não apresentam *ESP*. O modelo de Tart não prevê o aprendizado de *ESP* para estes casos, visto que, segundo Tart, se não houver um desempenho inicial de ESP, não se poderá reforçar os acertos *ESP* e, desta forma, implementar um aprendizado. Coerente com a abordagem Tart, todos estes estudos apresentaram resultados Psi não significativos (BELOFF, 1969; BANHAM, 1970; BANHAM, 1973; BELOFF, BATE, 1971; THOULESS, 1971; DURCKER, DREWES, 1976 e JAMPOLSKY, HAIGHT, 1975). Passamos a descrever, conforme revisão de Tart (1975), os estudos com sujeitos medianamente talentosos²⁵ em relação a Psi, para os quais a abordagem de Tart prevê a estabilidade do desempenho Psi e, em alguns casos, a melhora deste desempenho.

[TP01] Mercer (1967) conduziu um estudo no qual 20 participantes realizaram 14 sessões de 20 ensaios cada, num teste de adivinhação binária. Dois grupos foram formados,

²⁵ Tal classificação baseou-se no critério de que os resultados psi iniciais são significativos mas apresentam um coeficiente psi menor que 0,5. O coeficiente psi foi proposto por Timm (1973) como uma proporção de ensaios na qual a ESP é corretamente usada, independente do número de possibilidades de escolhas ESP. O coeficiente psi para o acerto ESP é dado pela fórmula " $\psi = (H - n.p)/n.q$ ", onde "p" é a probabilidade de acerto, "q" é a probabilidade de erro ($q=p-1$), "H" é o número de acertos e "n.p" são os acertos esperados por acaso, obtidos pela multiplicação de "n", número total de ensaios, por "p", a probabilidade de acerto. O numerador indica o número possível de acertos por ESP, enquanto o denominador indica a média de erros esperada por acaso. O coeficiente psi para acertos varia entre 0 (somente acertos esperados por acaso) até 1 (um acerto a cada ensaio)

sendo que aquele que recebeu retro-alimentação imediata apresentou significativamente mais acertos ($p < .0006$) que o grupo que não recebeu retro-alimentação, para o qual os resultados se deveram ao acaso.

Schmidt (1970) criou um aparelho eletrônico de 4 possíveis escolhas para testar ESP. O participante escolhia um dos botões o qual correspondia a lâmpada alvo escolhida por ele como a próxima possível a se acender. O equipamento então acendia aleatoriamente uma das quatro lâmpadas coloridas, permitindo, desta forma, uma retro-alimentação automática. Utilizando este aparelho, [TP02] Schmidt (1969a) relatou dois estudos sobre precognição, no qual participaram 4 sujeitos, os quais foram selecionados por apresentarem um desempenho *ESP* mediano. O resultado para cada estudo foi altamente significativo ($P < 10^{-8}$). No outro artigo, sobre os mesmos estudos, Schmidt (1969c) comenta que não houve, nestas pesquisas, nem aumento nem declínio consistente dos resultados para qualquer dos sujeitos. Os participantes realizaram mais de 16.000 ensaios cada no primeiro estudo e mais 4.000 ensaios cada no segundo estudo. Dois participantes realizaram ambos os estudos, totalizando cada um, 20.000 ensaios. desta forma o total de ensaios chega a 72.000.

[TP03] Noutro estudo Schmidt (1969b) utilizou alvos impressos numa fita de papel caracterizando, desta forma, uma pesquisa de clarividência. Tal como no experimento anterior, os participantes foram selecionados por seu desempenho *ESP* mediano, sendo que o um dos participantes havia participado do estudo acima comentado. Resultados altamente significativos foram novamente encontrados para o grupo de participantes, que realizaram no total mais de 15.000 ensaios.

[TP04] Haraldsson (1970) modificou o equipamento de Schmidt de forma a permitir dois tipos que retro-alimentação. Em um deles os sujeitos recebiam retro-alimentação completa, na qual o equipamento acionava a campainha indicando o acerto e acendia a lâmpada alvo. No outro a retro-alimentação era parcial, com a campainha indicando o acerto

mas as lâmpadas foram desconectadas de forma que os sujeitos não conseguiam saber qual a lâmpada correta no caso do erro de seu palpite. O desenho experimental focava na precognição, com os sujeitos oferecendo seus palpites antes do equipamento selecionar o alvo. Inicialmente o pesquisador conduziu um estudo de seleção com 74 sujeitos, totalizando 740 ensaios. 11 participantes que obtiveram o coeficiente ψ .02 ou maior foram selecionados para o estudo principal. Eles realizaram um número variável de sessões até que a meta de 100 sessões para o grupo fosse alcançada. Os resultados foram significativamente acima do acaso para condição de retro-alimentação completa ($p < .002$) e menos significantes para condição de retro-alimentação parcial ($p < .04$), sendo que a diferença entre ambos não foi significativa. Não foram apresentados dados sobre declínio da performance através do tempo.

[TP05] Lewis e Schmeidler (1971) conduziram um estudo de biofeedback imediato (EEG) para treinar o ritmo alfa. Num desenho voltado a Precognição, os pesquisadores utilizaram o equipamento de Schmidt de 4 alternativas, na modalidade de retro-alimentação parcial indicada acima. 14 sujeitos casuais realizaram pré-testes, nos quais tiveram tempo livre para praticar, seguidos de pós-testes. Os resultados dos pré-testes foram acima da média, mas num nível não significativo, enquanto que os resultados de pós-testes ocorreram também acima da média, mas num nível de significância estatística ($p = .02$). A diferença entre eles, no entanto, não se mostrou significativa. Observaram-se significativamente mais acertos para os participantes que mostraram mais ritmo alfa que o usual.

[TP06] Honorton (1971b) publicou um estudo realizado com um sujeito com a reputação de ser sensitivo. Utilizando a máquina de respostas binárias de Schmidt, a qual oferece imediata retro-alimentação acendendo a lâmpada correta, com desenho voltado a verificar a precognição, o participante realizou 1920 ensaios por sessão totalizando 15.360 ensaios. O resultado geral foi significativamente acima do acaso ($p = .002$) e a curva de desempenho ao longo dos ensaios mostrou-se ascendente, porém não significativa.

[TP07] Honorton (1970, 1971a) MacCollan e Honorton (1973) conduziram três estudos. 20 participantes foram divididos entre o grupo experimental, para o qual existiu retro-alimentação imediata e grupo de controle, o qual recebeu retro-alimentação falsa. Os participantes precisavam adivinhar as cartas de baralho Zener completo e fechado (cinco cartas de cinco símbolos: estrela, ondas, quadrado, círculo e cruz, totalizando 25 cartas). Eles também precisavam indicar quando se sentiam particularmente confiantes a respeito de seus palpites, ou seja, de que seus palpites estavam corretos em relação as cartas alvo. Ambos os grupos inicialmente realizavam uma sessão utilizando a técnica *Down Through* (de cima para baixo). Essa técnica consiste em deixar o maço de baralhos previamente aleatorizado, sobre a mesa; fechado na sua caixa. O sujeito escreve seus palpites, na folha de registro apropriada, quanto aos símbolos das cartas do baralho na disposição de cima para baixo. Nesta primeira sessão não existe retro-alimentação para os grupos. O grupo experimental realiza então mais três sessões, recebendo retro-alimentação parcial imediata, ou seja, a cada palpite correto o experimentador informa: acerto! No grupo de controle desenvolve-se procedimento semelhante, a exceção de que, no um número fixo e igual de vezes para as três sessões, o experimentador informa acertos aos participantes quando, na verdade, eles não acertaram. Ou seja, se oferece uma retro-alimentação falsa. Nos dois estudos de Honorton (1970, 1971a) utilizou-se de retro-alimentações falsas como controle, já no estudo de MacCollan e Honorton (1973) o controle foi realizado através da ausência da retro-alimentação para um grupo. Nos três estudos ocorreu um aumento na proporção nas indicações de confiança corretas (quando o participante informava sua confiança no acerto e efetivamente acertava) dos pré-testes, seguidos dos períodos de prática com a retro-alimentação e o pós-teste. Nos três estudos 30 dos 34 sujeitos mostrou aumento na habilidade de indicar sua confiança corretamente, o que pode significar que eles aprenderam a respeito dos seus processos internos relacionados ao seu correto desempenho *ESP*. Nos dois estudos de Honorton (1970, 1971a) não houve

aumento nos acertos *ESP* para o grupo ao qual foi dada retro-alimentação falsa. No primeiro e terceiro estudos, os grupos que receberam retro-alimentação (verdadeira) demonstraram acertos *ESP* significativos nos escores totais, ainda que tais resultados não diferissem significativamente daqueles anteriores ao treino.

[TP08] Kreiman e Ivinsky (1973) replicaram os primeiros dois estudos de Honorton (1970, 1971a) com um grupo maior. Eles não encontraram o aumento na proporção de indicação correta da confiança dos acertos, porém observaram um aumento significativo dos resultados *ESP* depois do treinamento de retro-alimentação.

[TP09] Schmidt e Pantas (1972) desenvolveram um estudo de precognição com a máquina de 4 escolhas de Schmidt, utilizaram retro-alimentação completa e imediata, com a lâmpada alvo acendendo a cada ensaio. Grupos de sujeitos, selecionados ao acaso, foram instruídos a tentarem errar e, tão logo o um sujeito acertava ele era substituído por outro do grupo, e assim sucessivamente. Os pesquisadores mostraram manipular atmosfera psicológica da condição de teste e ainda que eles desejassem que sujeitos acertassem, foi-lhes pedido que errassem. 500 ensaios foram realizados e os resultados mostraram-se significativamente acima do acaso ($p < .01$). Observou-se também um pequeno aumento percentual na taxa de acertos da primeira para segunda metade do experimento (28,4% para 29,2%), o qual, todavia, não alcançou insignificância estatística.

[TP10] Dagle (1968) desenvolveu três estudos com atividade *GESP* de escolha binária, utilizando retro-alimentação imediata. Os estudos alcançaram resultados positivos significativos, porém como a escolha binária foi realizada através de um baralho fechado, sem reposição das cartas, é possível que alguns participantes tenham memorizado os alvos já utilizados e modificados suas estratégias para evitá-los, obtendo, desta forma, melhores resultados por meios dedutivos.

[TP11] Faute (1973) desenvolveu dois estudos verificando o efeito da retro-

alimentação quase imediata. No primeiro estudo, 2 estudantes de faculdade, selecionados por acreditarem na *ESP* e serem amigos, realizaram uma atividade *GESP* de 4 escolhas. A mulher agia como emissora e o homem como receptor. Quando um receptor não queria fazer sua adivinhação, lhe era permitido passar, ou seja, pular o ensaio presente, seguindo para o próximo. Foram realizados 100 ensaios sem retro-alimentação e os resultados apresentaram-se dentro da média esperada por acaso (24,7% acertos). 528 ensaios com retro-alimentação quase simultânea (variando entre 1 a 3 segundos) produziram uma média de 31,5% de acertos ($p = .008$). No entanto este estudo foi criticado por não definir previamente o número de ensaios por sessão e o número total de ensaios do experimento. Isto permite a interrupção do estudo em momentos favoráveis aos bons resultados, considerando a flutuação dos escores.

[TP12] O segundo estudo de Fauts (1973) constituiu-se numa atividade *GESP* de 3 escolhas desenvolvida numa classe com 53 estudantes, novamente com a possibilidade de "passar". Quando um sinal luminoso na frente da sala era ligado, cada estudante tentava adivinhar o que um emissor noutra sala estava se concentrando, registrando seu palpite numa folha. Foram realizados 24 ensaios sem retro-alimentação, seguidos de 96 ensaios com retro-alimentação, dada pelo instrutor a cada período de 10 segundos. Os ensaios sem retro-alimentação apresentaram 31,6% de acertos, resultado abaixo da média esperada por acaso, enquanto que aqueles ensaios acompanhados de retro-alimentação obtiveram 35,4%, resultado significativamente acima da média esperada por acaso ($p = .004$). Infelizmente os estudantes tiveram a oportunidade de escrever suas respostas depois de terem recebido a retro-alimentação. Quando indagados sobre essa possibilidade doze deles confirmaram terem realizado este procedimento. Desta forma, não é possível ter certeza se outros estudantes também fizeram o mesmo.

[TP13] Sanford e Keil (1975) desenvolveram um estudo com um simples sujeito (Stanford), utilizando uma atividade *GESP* de 4 escolhas, através de um equipamento o qual

indicava o alvo através de lâmpadas. O pesquisador ficava noutra sala com o aparelho o qual se lecionava o alvo correto, o receptor distante da sala anotava sua escolha numa folha. O estudo ocorreu com retro-alimentação parcial, quando ocorria no acerto uma luz vermelha acendia-se para o receptor, por ocasião do erro a luz não se estendia e o receptor não conhecia o resultado correto. Foram desenvolvidos 600 ensaios em dez sessões, sendo que na metade delas o receptor estava em estado ordinário de consciência (vigília) e na outra metade em estado de profundo relaxamento auto-induzido. O resultado geral não diferiu do acaso, ocorrendo uma melhora na performance, a qual também não encontrou significância ($p = .11$). O escore da condição de vigília foi significativo ($p < .05$) o que não ocorreu com o escore do estado de relaxamento. O registro manual dos dados pelo experimentador podem também permitir a possibilidade de erros.

[TP14] Targ, Cole e Puthoff (1974) conduziram 4 estudos sobre a possibilidade de aprendizado. Utilizaram um equipamento eletrônico (*Aquarius Model 100 ESP Trainer*) de 4 escolhas (com símbolos os Zener da cruz, círculo, quadrado e estrela) que provê retro-alimentação imediata.

A maior parte dos seus sujeitos não mostrou ESP, e dentre aqueles que o fizeram, poucos foram hábeis para mantê-la elevada nos estudos adicionais. O mesmo é válido para aqueles que mostraram inclinações [de desempenho] positivas insignificantes (ainda que seus escores *ESP* totais não foram significantes). Um sujeito de 147 foi hábil para mostrar consistentemente a um bom resultado *ESP*, e, em dois estudos nos quais ele apresentou resultados significantes [...] a sua inclinação [de desempenho], embora positiva, não foi estatisticamente significativa, sugerindo que ele foi hábil para manter elevada a sua performance *ESP* sem extingui-la, porém não mostrando aprendizagem clara. (TART, 1975, p.29)

[TP15] Targ, e Hurt (1972) utilizaram um protótipo do equipamento *Aquarius ESP Trainer*, com retro-alimentação imediata, de 4 escolhas para conduzir um estudo com 12 participantes, escolhidos não por habilidade e *ESP*, mas pelo interesse em utilizar o equipamento. Entre estes participantes apenas 1 (uma criança) mostrou evidentes resultados *ESP* em testes de clarividência com o equipamento. Realizou 64 sessões com 24 ensaios cada

obtendo uma média de 8.6 acertos por série ($p = 10^{-15}$). Ela mostrou no desenvolvimento claro através dos ensaios aprendendo a acertar em níveis muito altos de significância. Na seção 65 o equipamento foi modificado para testar precognição, fato que não foi informado ao participante, o qual passou a acertar dentro do acaso. No transcorrer de 28 sessões a sua performance aumentou para um nível semelhante aos seus acertos na testagem de clarividência. A inclinação de seus escores numa linha de regressão indicou .56 ($p < .01$). Tart (1975, p.31) considerou este caso com uma clara evidência de aprendizagem, porém demonstrou dúvidas sobre as precauções contra fraude feitas pelos pesquisadores, ainda que o equipamento, presumivelmente, não permitia esta possibilidade.

[TP16] Kelly e Kanthamani (1972) utilizaram um equipamento eletrônico simples de 4 alternativas com retro-alimentação imediata (SCHMIDT e PANTAS, 1972). Um participante altamente talentoso de *ESP* o qual, só em condições experimentais controladas obteve resultados altamente significativos, 180 acertos em 508 ensaios, sendo que a média esperada por acaso era 127 ($p < 10^{-7}$). Quando o equipamento foi modificado para registrar automaticamente os resultados através da perfuração em papel, seus escores baixaram de 33,3% para 27% de acertos (ainda acima do acaso). Após um período de raiva em relação ao equipamento e de frustração em relação a suas habilidades *ESP*, o participante resolveu que, apesar da modificação no equipamento, ele iria reaprender sua habilidade e, em oito dias de prática concentrada e intensa com o equipamento, ele elevou seus escores de 27% para 30%, o que sugere o aprendizado ou re-aprendizado.

[TP17] Kanthamani e Kelly (1974), com o mesmo participante talentoso, relataram outro experimento, utilizando baralhos com 52 cartas, as quais deveriam ser adivinhadas a cada sessão, com a retro-alimentação imediata. Os maços de 52 cartas foram formados a partir da mistura de 10 baralhos, assim, a informação da carta adivinhada não afeta as próximas adivinhações. Houve 4 séries experimentais, sendo as duas primeiras de 13 sessões e as duas

últimas de 10 sessões. O resultado geral, avaliado pelo escores Z de Fisher, não foi significativo para as duas primeiras sessões, mas foi altamente significativo para as duas últimas sessões, o que pode, novamente, sugerir um processo de aprendizado.

[TP18] Schmidt e Pantas (1972) desenvolveram a segunda parte do estudo com a máquina de 4 escolhas de Schmidt utilizando retro-alimentação completa e imediata (ver TP09). Um dos autores, Lee Pantas, por demonstrar alta habilidade *ESP* em testar a si mesmo, agiu como sujeito e pesquisador deste estudo. Desenvolveu 500 ensaios divididos em 20 sessões de 25 ensaios. Trabalhando lentamente, fazendo uma sessão por dia e praticando meditação zen por vinte minutos antes de cada sessão, obteve resultado acima do acaso ($p = 5 \times 10^{-5}$), no entanto, não foram apresentados os dados sobre a inclinação da curva da sua performance.

Tart (1975, p.33) conclui sua revisão, indicando que para os estudos com sujeitos talentosos, observa-se uma habilidade *ESP* fixa e altamente significativa (que não se extingue) ou um aumento claro de desempenho, o que indica aprendizagem.

[TP19] Tart (1975) também desenvolveu uma série de experimentos para testar sua perspectiva de aprendizagem. Inicialmente testou 1500 sujeitos com o objetivo de selecionar os melhores. Em seguida desenvolveu mais dois estudos de confirmação, nos quais participaram 47 e 23 sujeitos respectivamente. 70 participantes realizaram ensaios com o equipamento *Aquários* (de 4 escolhas) obtendo resultados significativos ($p = .03$), enquanto 68 participantes foram testados com o equipamento *ESP Trainer* (de 10 escolhas), obtendo resultados fortemente significativos ($p = 10^{-4}$). A performance dos participantes mostrou uma curva de aprendizado positiva, porém não significativa.

[TP20] Dando continuidade aos testes Tart (1975) desenvolveu o estudo de treinamento, no qual participaram 42 sujeitos, porém apenas cerca de um terço completou os 20 testes previstos. Os resultados foram altamente significativos. Considerando todos os

sujeitos, os acertos no *Aquários* (de 4 escolhas) indicou um $p = 4 \times 10^{-5}$, enquanto que no *ESP Trainer* (de 10 escolhas) os acertos evidenciaram um $p = 10^{-23}$. A taxa de acertos para os 15 sujeitos que completaram todos os testes no *Aquários* rendeu um $p = 4 \times 10^{-4}$, sendo que os 10 sujeitos completaram todos os testes no *ESP Trainer* obtiveram acertos associados a $p = 2 \times 10^{-25}$. Nestes dois últimos estudos o equipamento *ESP Trainer* apresentou significativamente mais acertos que o *Aquários*, este fato pode ter sido gerado por erros de anotação, visto que os escores daquele equipamento não foram registrados automaticamente (como no *Aquários*) e sim por experimentadores.

[TP21] Tart, Palmer e Tegington, citados por Mishlove (1983), desenvolveram um estudo buscando replicar o sucesso do experimento de treinamento *ESP* anterior. Num procedimento de seleção, 1.835 sujeitos foram testados e 78 selecionados para um estudo o adicional de confirmação. Destes apenas sete completaram estudo de treinamento, com uma versão completamente automatizada do equipamento *ESP Trainer* (de 10 escolhas). A soma dos escores do grupo ficou próxima esperado por acaso. Três sujeitos completaram o estudo de treinamento com o equipamento *Aquários* (de 4 escolhas), obtendo escores significativos ($p = 4 \times 10^{-4}$), porém a curva de aprendizado foi negativa num nível não um significativo. Os pesquisadores observaram que poucos sujeitos talentosos foram selecionados para garantir um estudo confirmatório da hipótese de aprendizagem.

[TP22] Braud e Braud, também comentados Mishlove (1983), publicaram um estudo de *PK* com o equipamento de gerador de eventos aleatórios binários de Schmidt, utilizando retro-alimentação limitada. Os participantes foram selecionados apenas pelo seu interesse e entusiasmo, obtendo resultados marginalmente significativos apenas na condição sem retro-alimentação. Um segundo estudo, utilizando somente esta condição obteve resultados *PK* significativos.

[TP23] Mishlove (1983) indica que Braud e Wood publicaram um estudo no qual dois

grupos independentes e sujeitos tentaram obter informação *ESP* em condições ganzfeld. Durante as sessões de prática a informação constituía-se de slides vistos por um pesquisador familiar numa sala diferente. Havia três condições, sendo que a **primeira** (pré-teste) ocorria sem retro-alimentação; na **segunda** (prática) ocorriam quatro sessões de prática, cada uma com dois períodos de retro-alimentação; a **terceira** e última (pós-teste) constituía-se de dois períodos sem retro-alimentação. Durante as sessões de prática a retro-alimentação era fornecida por um sinal sonoro ativado para qualquer relato do conteúdo do slide alvo. O procedimento para o grupo controle era idêntico com exceção de que não recebiam qualquer retro-alimentação durante a sessão de prática. O grupo teste (com retro-alimentação) mostrou um aumento significativo nos escores *ESP* da condição pré-teste para a condição pós-teste ($p < .02$), porém o resultado pós-teste foi apenas marginalmente acima da média esperada por acaso ($p < .05$). O grupo controle mostrou resultados não significativos em ambas as condições (pré-teste e pós-teste). Uma crítica e endereçada a este trabalho aponta que os experimentadores não eram "cegos" na condição de pós-teste, ou seja, conheciam o conteúdo dos alvos [procedimento não usual em estudos com esta técnica, visto facilitar o vazamento de informações do alvo].

[TP24] Tart e Targ, comentados por Schmeidler (1994), realizaram um estudo utilizando tecnologia mais moderna para reexaminar o efeito da retro-alimentação. Um equipamento selecionava aleatoriamente os alvos e registrava as respostas. Metade dos ensaios recebia retro-alimentação para os acertos, o que não ocorria com a outra metade, sendo que a ordem era feita de forma aleatória e desconhecida tanto pelos sujeitos como pelos pesquisadores. Neste experimento de clarividência participaram 8 sujeitos sem nenhuma experiência em testes Psi (para os quais os resultados *ESP* foram insignificantes para ambas as condições) e três sujeitos psi talentosos. Um deles, o qual acreditava que a retro-alimentação era necessária para o sucesso do experimento, obteve escores significativamente

acima do acaso para a condição de retro-alimentação e significativamente abaixo do acaso para a condição de controle. Os dois outros participantes, para os quais o efeito da retro-alimentação não era necessário para a produção de ESP, mostraram escores no nível do acaso para a condição de retro-alimentação e significativamente acima do acaso para a condição de controle.

4.2.2 Outros métodos

[TP25] Mishlove (1983) indica que Friedman, Gantz e Sinclair publicaram em 1973 um estudo inovador que envolveu um treinamento intensivo com 12 horas de duração, incluindo auto-hipnose e relaxamento com sugestões positivas para obtenção de escores ESP. Participaram 48 sujeitos, divididos em 9 pequenos grupos que realizaram separadamente o treinamento de 12 horas. Antes do treinamento os participantes preencheram questionários sobre a sua atitude em relação a *ESP* e fizeram dois pré-testes de habilidade *ESP* (com cartas *ESP* e testes de resposta livre com alvos fotográficos). Após o treinamento dos participantes fizeram novos testes ESP. Os resultados dos pré-testes (para os dois métodos) foram significantes ao nível estatístico para os pré-testes e significantes para os pós-testes ($p < .05$), no entanto a diferença entre eles não foi significativa, para ambos os métodos. Os autores indicaram que a significância dos testes de resposta livre foram causadas pelo resultado altamente significativo de um participante, assim consideraram prematuro atribuir o resultado positivo dos pós-testes ao processo de treinamento. Experimento careceu ainda de um grupo controle para o qual fossem dadas experiências intensivas comparáveis, porém não relacionadas ao treinamento ESP. Os autores sugeriram que melhores resultados seriam obtidos em dois por *workshops* de 8 horas.

[TP26] Barker, Messer e Drucker, citados por Mishlove (1983), publicaram um estudo

semelhante, ligado ao centro médico de Maimônides (Nova Iorque). O objetivo era estabelecer um sistema de aprendizado positivo para grupos entre 9 e várias centenas de pessoas. Estes grupos incluíram desde estudantes acadêmicos até pessoas (não estudantes) interessadas nos fenômenos psi. O procedimento geral incluía: a) a exibição de um filme de vinte minutos sobre o trabalho do laboratório de Maimônides, o qual apresentava uma introdução geral a pesquisa *ESP* relacionada aos estados modificados de consciência e trechos com acertos de alta qualidade em experimentos com sonhos ou ganzfeld. O vídeo enfatizava que psi era uma capacidade humana latente e não uma característica de poucos indivíduos talentosos. b) a discussão sobre as diferentes formas que a psi pode ser mediada para que se torne consciente (ex. memória, associações verbais e imagens) e a descrição de exemplos de experiências psi no dia-a-dia. c) explicação sobre a natureza dos experimentos *ESP* de respostas livre, seguida de exercícios de relaxamento. d) condução do experimento, que constituía na tentativa de obter informações sobre gravuras alvo, mantidas à distância. Os sujeitos eram solicitados a relatar a presença ou ausência de 10 categorias relacionadas aos alvos, faziam isso levantando suas mãos. Um julgamento considerando a maioria era efetuado. No estudo piloto com oito sessões de grupo, os acertos indicaram $p < .005$. Outras seis sessões completaram um estudo formal, obtendo uma taxa de acertos semelhante. Em função do pequeno número de ensaios o resultado geral foi apenas marginalmente significativo ($p = .045$).

[TP27] Morris, Nanko e Phillips (apud MISHLOVE, 1983) treinaram sujeitos em dois tipos de visualização para produzir efeitos *PK*, uma delas dirigida ao processo e a outra a tarefa. Os participantes tinham dois ou três minutos antes do início do experimento para construir suas imagens mentais. No estudo piloto a maior parte dos acertos ocorreram na a visualização dirigida a tarefa ($p < .01$). No segundo estudo vinte estudantes participaram, sendo que dez deles tinham experiência prévia em cursos de desenvolvimento mental. Na

primeira sessão os resultados foram semelhantes ao do estudo piloto com escores significativos para a visualização dirigida a tarefa e não significativos para o outro tipo de visualização. Na segunda sessão os resultados se repetiram, sendo que os dados combinados de todos os ensaios nos quais a visualização dirigida a tarefa foi utilizada renderam uma probabilidade menor que .0001.

[TP28] Sean O'Donnell, apresentado por Mishlove (1983), propôs um treinamento com retro-alimentação e adivinhação com resposta fechada, que enfatiza as características psicológicas da situação de aprendizagem. Nos primeiros estágios o autor indica que há a necessidade da total solidão. Uma rigorosa disciplina e o treino diário (com cerca de 45 dias) de no mínimo 100 ensaios é necessário. Como este treinamento o autor indica que sujeitos tiveram escores psi relacionados ao nível de probabilidade .0000000001. Esta reivindicação não é descrita de forma suficientemente detalhada para uma avaliação científica.

[TP29] Os pesquisadores russos Lee e Ivanova (1996; LEE, 1997) realizaram um estudo no qual treinaram grupos para realizarem testes de *PK* utilizando hélices. 80 participantes masculinos, organizados em grupos 12 grupos de 3 a 7 pessoas, fizeram tentativas sincronizadas de efeito *PK* sobre as hélices. Os autores partem do princípio de que usando grupos com esforço sincronizados, a tarefa *PK* é dividida em pequenas partes, facilitando o resultado buscado e minimizando a possibilidade de efeitos negativos futuros na saúde dos participantes. Os grupos foram inicialmente formados aleatoriamente. O critério de seleção foi a vontade dos participantes de desenvolver suas habilidades psi. Eles fizeram o teste de perfil individual de assimetrias funcionais humanas (*individual profile of human functional asymmetries - IPFA*) em métodos de treinamento rápido, testes de habilidades Psi, segundo os métodos de Rhine, bilocação e conhecimento dermo-ótico, bem como testes psicológicos. Foram também utilizados vários tipos de “recepção psicotécnica”, advindos de livros antigos de magia, do Egito, da China e Tibete, e de um grupo de esportistas (hóquei e

basquete) tal como acoplar as mãos na forma de anel, passando por um círculo de “energia”, rotação pelas mãos em cima da hélice.

Para treinar os participantes e desenvolver suas habilidades *PK*, foram usados estágios profundos de hipnose (I e II), com sessões que duraram entre 1 a 1,5 horas. Cada grupo fez entre 5 a 7 sessões, nas quais os colaboradores permaneciam com os olhos fechados, deitados de costas em divãs ou colchonetes, com as cabeças dirigidas ao centro. Os instrutores eram dispostos em forma de estrela. No centro, no mesmo nível dos instrutores, ficava a mesa com as hélices (experimentais e de controle), distante no mínimo 80 cm. dos participantes, os quais não se movimentaram durante as sessões hipnóticas. Duas ou três hélices (experimentais) eram colocadas nesta mesa central ao grupo. Outras hélices, também dispostas nesta mesa, serviram como controle. A tarefa do grupo era afetar mentalmente as hélices experimentais. As hélices eram fabricadas com diferentes materiais (folhas de metal, papel, plástico leve), com peso variando entre 03 a 2,5 gramas, dispostas horizontalmente sobre uma haste vertical, sendo cobertas por um recipiente de vidro transparente, interiormente recoberto com um filme condutor feito de carbono. Os movimentos das hélices foram filmados por câmeras de vídeo.

Antes da sessão hipnótica, o grupo incumbia-se de girar a hélice com e sem a tampa de vidro, a qual representava uma espécie de barreira psicológica. Ao produzir o movimento sem a tampa (através de campos eletrostáticos) tal barreira era quebrada, visto o reforço obtido na autoconfiança.

Na sessão hipnótica os participantes foram sugestionados quanto a utilidade das suas habilidades, a crença nas suas forças e oportunidades ilimitadas, ou seja, sugestões para destruir suas barreiras psicológicas. A recepção meditativa foi usada no processo de trabalho, bem como representações de energias coloridas (sugerindo o conceito de chakras coloridos, com o qual foram previamente familiarizados), então, lentamente, com duração de até 5 min. a sincronização de esforços era feita para obter o efeito *PK* nas hélices experimentais,

encerrando-se a sessão. Após, os participantes novamente procuram afetar as hélices, usando a impressão pós-hipnótica. Desta vez ficavam com os olhos abertos e sentados em torno da mesa. Normalmente a rotação *PK* da hélice ocorria após 3 ou 4 sessões hipnóticas, quando iniciava também nas tentativas pós-hipnóticas. Na quinta sessão o efeito dos resultados alcançava o máximo de significância, sendo que os participantes podiam prolongá-lo por meia hora, em sucessões de 2 a 5 rotações, com velocidade e ângulos amplos (de 700 a 1600 graus). Da sexta sessão em diante os resultados decresciam, como se o grupos “perdessem a fragrância”. Depois de repetidas sessões, no período de 2 a 3 semanas, o efeito *PK* podia ser obtido sem hipnose, mas era bem menor e exigia do grupo muito esforço.

Melhores efeitos *PK* foram obtidos através do uso de energias meditativas com as cores laranja e violeta, que eram “concentradas dentro do grupo” e depois “removidas do ambiente”. Tais cores “formavam um campo uniforme”, como um “redemoinho” no sentido horário, abaixo da hélice. Em concordância com esta sincronização, foi observada uma sincronia entre os parâmetros bio-elétricos dos participantes, avaliados por ECG, SGR, EMG e frequência cardíaca. Para auxiliar esta sincronização uma fonte sonora rotativa foi disposta sobre os participantes. A fonte de som rodava sobre eles (o raio e a velocidade podiam ser controlados) no mesmo sentido das sugestões do redemoinho de cores. Esta rotação, em combinação com a alternância de frequências e intensidades criava a sensação subjetiva de volume de energia em movimento, variando-se as cores, conforme a frequência dos sons. Em vários casos também foi usado um anel de arame grosso com diâmetro entre 3 a 5 metros, colocado nos colchonetes sob as costas dos participantes, os quais podiam segurar o anel com a mão durante a sessão hipnótica. Tal artefato (inspirado na literatura mística) auxiliou a concentração dos participantes nas tarefas propostas.

Movimentos (diferentes) da hélice foram registrados para todos os 12 grupos. Nas primeiras sessões os graus variavam entre 30 a 560 e os movimentos eram caóticos e em

várias direções. Tanto as hélices controles como as experimentais eram afetadas. Nas sessões seqüentes a qualidade do efeito melhorou, seguindo na direção proposta e afetando somente a hélice experimental.

Após as sessões hipnóticas os participantes faziam um pequeno descanso, discutiam os resultados e assistiam aos vídeos dos seus resultados (da sessão anterior). Depois buscavam novamente afetar a hélice em condição vigília pós-hipnótica em períodos de 30 a 90 min., sendo que três dos doze grupos conseguiu efeitos *PK* nestas sessões.

Através de análises das pesquisas psicológicas os pesquisadores sugerem que no processo hipnótico os efeitos individuais na estrutura grupal são praticamente nulos no tocante ao fenômeno *PK*, enquanto que nas tentativas em vigília ocorre o contrário.

[TP30] Pesquisadores do Laboratório de Ciências Somáticas da Universidade Yunnan, na China (YU et al., 1998) indicaram ter desenvolvido e utilizado métodos de treinamento de *ESP* e *PK* com 46 trabalhadores jovens (alguns com relatos de experiências psi) entre 1986 e 1993. Os treinamentos variam de duração, por exemplo, um grupo de 11 jovens demonstrou evidências de psi após 18 dias de treinamento. Este inclui a exibição de vídeos sobre *ESP* e *PK*, relaxamento físico e concentração da atenção (indutivo de visualização). Vários testes psi são realizados. Um deles verifica clarividência através da adivinhação de figuras de números ou letras chinesas que são escritas em papéis e ocultadas em envelopes. Noutra a *GESP* é verificada utilizando-se os mesmos tipos de alvos, porém uma pessoa tenta transmiti-los para outra. Os critérios de avaliação consideram o acerto total quando a informação precisa é percebida, e parcial quando parte da mesma é obtida. Procedimentos de controle de vazamento sensorial não foram descritos para estas técnicas. Os testes de *PK* incluem operar mentalmente uma calculadora eletrônica e quebrar ou entortar palitos ou arames. As metodologias específicas também não foram descritas no artigo consultado.

[TP31] Dentre as técnicas desenvolvidas pelos pesquisadores da Universidade

Yunnan, uma delas, ligada a Clarividência, parece ser interessante no processo de treinamento psi. Kokubo, e Yamamoto (1999) que estiveram naquela universidade para conhecer os estudos realizados lá, descrevem a técnica em três estágios. No primeiro deles ocorre um teste de seleção das crianças (este método foi desenvolvido para trabalhar principalmente com crianças). Na próxima fase as crianças selecionadas são treinadas de quatro a seis vezes por mês até que suas habilidades se tornem estabilizadas. O terceiro estágio inclui um treinamento especial como preparação para experimentos científicos. Em todas as fases a técnica constitui-se em adivinhar letras ou figuras escritas em um pequeno pedaço de papel (ex. 3 x 3 cm) macio, o qual é dobrado para ocultar as informações alvo. Inicialmente os participantes recebem instruções sobre a técnica durante vinte minutos. Durante a testagem cada participante recebe um destes papéis e o coloca na orelha, devendo concentrar sua atenção nele. Ocasionalmente o experimentador envia energia qí para os participantes. Após obter a informação mental sobre o alvo (o que demora em torno de 13 min.), o participante registra esta informação numa folha de papel e levanta sua mão para que o pesquisador possa retirar o pedaço de papel dobrado de sua orelha, verificar o resultado e colá-lo na mesma folha onde o participante fez seus desenhos e/ou notas. Desta forma, o sujeito obtém retro-alimentação rápida da experiência, passando para mais um ensaio. Em 1997 os pesquisadores de Yunnan, desenvolveram um teste de seleção com 51 crianças, as quais, no período de 2 horas, realizaram 179 ensaios, dos quais 18 foram considerados acertos. A avaliação dos acertos e erros é feita pelo experimentador através da comparação dos alvos com os desenhos realizados, um ponto fraco da técnica visto permitir um nível grande de subjetividade. Melhor seria que juízes “cegos” recebessem vários alvos e desenhos e buscassem pareá-los, permitindo assim uma avaliação estatística dos resultados.

[TP32] Yoichiro Sako (1998), do *ESPER Lab, Sony Corporation*, utilizou esta técnica e com uma participante, realizando 35 ensaios durante oito dias, indicando que a mesma

obteve 51,4% de acertos perfeitos. A mesma crítica acima cabe para este estudo.

[TP33] Kokubo e colaboradores (2004, 2006) aplicaram esta técnica de treinamento

Fotografia 14 - Pesquisador H. Kokubo, junto aos estudantes da Escola André Luiz, em Curitiba, 2004.

psi-condutivo em 11 crianças brasileiras entre 10-14 anos, estudantes da Escola André Luiz, em Curitiba. As informações alvo foram adaptadas para o contexto cultural em foco, utilizando-se letras do alfabeto Português e pequenos desenhos geométricos. Dois encontros de 90 minutos foram conduzidos com 93 (52 e 41) ensaios feitos, sendo introduzidos por explicações, sugestões de

respiração profunda e automassagem facial. Para cada encontro cerca de 4 a 5 respostas foram semelhantes aos alvos. Dados de RNG foram também coletados, indicando um desvio cumulativo, relativo ao período da testagem, muito próximo dos 5% de significância.

[TP34] Delanoy (1982) apresenta um estudo de treinamento psi com a técnica ganzfeld. Seis participantes foram escolhidos por apresentarem escores acima da média da população em extroversão (no inventário de personalidade de Eysenck) e em crenças na experiência *ESP* (na escala de cabras e ovelhas de Haraldsson). Este critério de seleção foi adotado porque os referidos fatores são considerados psi condutivos, ou seja, facilitadores de psi em contexto experimental. O mesmo ocorreu com a técnica experimental (ganzfeld), escolhida por ser estimuladora de estados modificados de consciência, também considerados psi condutivos. Ao final de cada ensaio os sujeitos faziam um relato introspectivo detalhado das experiências vividas no experimento, isto tinha por finalidade estimular o aprendizado da distinção entre as respostas mediadas e não mediadas por psi. Assim foi previsto que os escores aumentariam através das sessões, como produto do suposto aprendizado. Buscava-se também descobrir as várias estratégias empregadas pelos sujeitos durante as sessões ganzfeld. O resultado geral do experimento (N=72, 12 ensaios para cada participante) não foi

significativo em termos de acertos psi. No entanto, os três primeiros sujeitos que foram testados apresentaram um escore psi negativo (psi-missing) em nível significativo ($p = .016$ bilateral). Os outros participantes tiveram escores positivos, mas não num nível significativo. Dos seis participantes dois alcançaram resultados significativos individualmente e em direções opostas: um escore psi negativo ($p = .008$ bilateral) e o outro, acertos na direção esperada ($p = .034$, bilateral). Tanto no nível individual como coletivo, os escores não mostraram ascensão no decorrer dos ensaios. A análise dos relatos introspectivos mostrou algumas tendências e dificuldades dos participantes: a) a maioria dos participantes tendia a desconsiderar as impressões que lhes pareciam surgidas inteiramente de processos pessoais ou preocupações, concluindo que tais experiências não estavam relacionadas aos alvos; b) todos os participantes em algum momento tentavam "enviar a sua mente" para o alvo que o agente estava assistindo. Estas duas inclinações [a e b] tendiam a romper o estado alterado de consciência que havia sido alcançado, conduzindo a sentimentos de frustração, como se os sujeitos tivessem falhado na atividade de receber as informações do alvo. c) as imagens mentais que apareciam, com certa frequência eram vagas ou obscuras. Em vez de descrevê-las da melhor forma possível, os participantes em geral tendiam a interpretá-las com base em coisas familiares (ex. um sólido retangular liso era interpretado como uma porta). d) através de pensamentos associativos, estas interpretações faziam emergir vívidas imagens, as quais eram descritas detalhadamente. e) o processo de avaliação dos alvos (quando o participante escolhe qual dentre os quatro alvos foi o “enviado”), a maior parte dos sujeitos achou difícil avaliá-los sem ser influenciado por suas preferências estéticas e emocionais. f) os participantes também falharam em observar os alvos a partir de componentes isolados, como cor e forma, por exemplo, distinguindo-os do ambiente que os envolvia.

[TP35] Delanoy, Morris e Watt (2004) realizaram um estudo de treinamento ESP, considerando as diferenças e preferências individuais de aprendizado. Os participantes foram

apresentados a uma variedade de técnicas mentais sugeridas pela cultura popular, relatos de psíquicos talentosos e alguns resultados experimentais considerados favoráveis ao sucesso de psi. Os participantes tiveram várias oportunidades de praticar estes exercícios em associação com alvos *ESP* de resposta livre (vídeos de 1 min. e gravuras estáticas), utilizando o procedimento informal. Foram também solicitados a treinar (as técnicas com os alvos) em casa por no mínimo 30 min. diários, 6 dias na semana. Através deste treinamento, foi esperado que os participantes conseguissem aprender por eles mesmos a sua forma particular de responder aos alvos. 14 participantes realizaram duas sessões preliminares, vinte sessões (de duas a três horas de duração) de treinamento e uma sessão de manutenção. Os testes formais de *ESP* (de respostas livres com vídeos e gravuras - clarividência) foram conduzidos durante cada sessão de treinamento. O resultado geral ($n=174$) não foi significativamente acima do caso. Uma análise secundária mostrou que a performance na segunda metade dos ensaios foi maior que na primeira, porém num nível não significativo. As sessões associadas com os exercícios de imaginação obtiveram resultados melhores que aquelas associadas com exercícios de concentração, com a diferença quase alcançando significância ($p = .057$, bilateral). Apresentando suas impressões sobre o estudo, os participantes indicaram que o mesmo incorporou uma quantidade muito grande de informações novas num curto período de tempo. Indicaram também que a sua performance foi melhor na sua prática de exercícios *ESP* em casa ($n= 920$, $Z=8,84$) do que no contexto formal de teste do laboratório, apesar de terem gostado das sessões, principalmente dos exercícios de relaxamento. A maioria dos participantes achou que não era necessária alternar a ênfase do estudo em várias técnicas, e que gostaram de ter trabalhado em profundidade somente com um treinador. Muitos participantes relataram ter aumentado o nível de autoconsciência sobre sentimentos e intuições, seus processos internos de uma forma geral. A maioria relatou que as mudanças foram positivas, e alguns indicaram fazer uso prático destas intuições.

[TP36] BRIONES (1983) e HONORTON (1977) comentam sobre Milan Rylz, pesquisador checo, desenvolveu um treinamento hipnótico para ESP, o qual envolvia três fases: a. indução hipnótica e sugestões para o desenvolvimento da imaginação visual; b. provas de *ESP* e c. transferência da capacidade *ESP* para o estado de vigília (RYLZ, 1962).

Na primeira fase busca-se induzir o sujeito ao estado profundo de hipnose que lhe permitisse visualizar corretamente qualquer imagem sugerida, bem como mantê-la na mente durante um longo período de tempo. Durante estas sessões também eram feitas sugestões no sentido de aumentar a confiança na capacidade de conseguir resultados *ESP* positivos. Após o sujeito conseguir manter a sua imaginação e representações visuais, inicia-se as provas de *ESP*, nas quais deve acessar um objeto fora de seu campo visual. Em todo o procedimento ocorre retro-alimentação imediata, com vistas a superar erros. As provas deste nível têm como objetivo familiarizar o sujeito com a *ESP* e, tão logo alcance escores elevados, passa a realizar provas sistemáticas com métodos mais rigorosos, para evitar vazamentos sensoriais. A última fase busca tornar o sujeito independente do processo e hipnótico e, através de sugestões pós e hipnóticas, permite que o indivíduo consiga relaxar a si próprio e fazer as experiências *ESP* em estado de vigília. O treinamento é concluído quando o sujeito consegue manifestar suas habilidades *ESP* com total independência do contexto experimental.

A duração desse método varia entre vários meses até anos, permitindo uma relação muito próxima entre o experimentador e os participantes. Este autor relatou ter treinado desta forma 463 participantes (incluindo aqueles que participaram apenas algumas sessões), mas que apenas 57 manifestaram um nível estável de ESP. No entanto a maioria dos resultados publicados refere-se a dois participantes. Um deles, Pavel Stepanek, foi testado por 6 grupos de pesquisadores em 27 estudos, ao longo de mais de dez anos, sendo que a maioria dos estudos pareceu evidenciar as habilidades *ESP* deste sujeito (PRATT, 1973). Sua habilidade ESP, no entanto, se restringia a adivinhar as cores de cartolinas ocultas em envelopes

opacos. Rylz (apud BRIONES, 1983) realizou 38.500 provas, com 24.915 acertos, o que poderia ser relacionado ao acaso uma vez em bilhões de vezes. Várias pesquisas relataram tentar replicar os estudos de treinamento de Rylz sem, no entanto, alcançar sucesso (BELOFF, MANDLEBERG, 1966; HADDOX, 1966; STEPHENSON, 1965). Porém, todos esses estudos fizeram modificações no programa de Rylz (HONORTON, 1977).

[TP37] Luiz Fernández Briones (1983) da Sociedade Espanhola de Parapsicologia, funda a *Comission de Desarrollo de la ESP* em 1975, dando início a uma série de estudos teóricos e empíricos sobre o tema. Seu livro, *Desarrollo de la Percepción Extrasensorial*, apresenta um resumo dos estudos conduzidos entre 1975 e 1980.

Seu trabalho buscou encontrar uma técnica que permitisse aumentar a eficiência das capacidades paranormais, em condições que se pudesse conhecer as variáveis implicadas neste aprendizado. A maior dificuldade encontrada por ele foi manter o interesse dos participantes dos testes e no treinamento por um período de tempo amplo (vários meses). Sua investigação foi classificada em duas fases metodológicas diferentes, sendo que a primeira utilizou hipnose e mecanismos de gratificação imediata e a segunda, iniciada a partir dos anos 80, utilizou relaxamento, concentração com grupos muito pequenos, e mecanismos de retro-alimentação imediata. Seu livro apenas apresenta os resultados da primeira fase, a qual se transcreve a seguir, de forma breve.

Seu processo de treinamento tinha várias fases, iniciando com o contato inicial, no qual os sujeitos e o experimentador se conheciam, buscando-se alcançar um ambiente o mais agradável possível. Ao receber a solicitação de uma pessoa para participar do treino, o primeiro objetivo era conhecer a personalidade desta pessoa para poder enquadrá-la em um grupo de trabalho adequado. Assim, no primeiro encontro ocorria uma entrevista informal com o pesquisador, o qual apresentava de forma breve os objetivos e técnicas implicados do treinamento, e ao mesmo tempo buscava obter informações sobre as motivações do

participante, permitindo conhecer os seus campos de interesse. Os participantes eram voluntários visto que não havia recursos para pagá-los.

Com base nos dados obtidos, criavam-se grupos reduzidos de investigação, freqüentemente formados por quatro participantes de forma que, a cada experiência individual, um agia como emissor, outro como receptor e os outros dois como controladores da emissão e recepção. Os grupos eram formados buscando-se colocar pessoas com idades parecidas e se possível com o mesmo status social e cultural (a maior parte dos participantes foram estudantes universitários entre 22 e 25 anos), visto que é mais fácil que se crie uma estrutura afetiva e de comunicação positiva em pessoas que tenham estes requisitos. Também foram evitados grupos com pessoas que apresentassem divergências ideológicas muito marcantes. Todos esses cuidados estavam voltados a estimular a manutenção das pessoas no trabalho, visto que estariam juntas durante vários meses. Como muitas delas não permaneciam nestas atividades, não foi possível definir um tempo padrão do treinamento.

Na continuação, faziam-se reuniões de grupos, para divulgar a técnica e repartir responsabilidades. Buscava-se envolver os participantes de uma forma ativa, para que não se sentissem como cobaias de laboratório e sim como os próprios pesquisadores, responsáveis pela adequação e conclusão das experiências, assim como rigor e seriedade. Estimulava-se também a curiosidade para os temas em foco, para que com passar do tempo os próprios participantes pudessem informar seus grupos de trabalho e equipes especializadas. Buscava-se ainda a criação de um ambiente de camaradagem que favorecesse a obtenção de resultados positivos e evitasse inibições.

Iniciavam então as provas psi em estado de vigília, sendo que emissores e receptores eram formados por preferências pessoais, podendo as duplas ser reorganizadas com o tempo. Era realizado o mínimo de 200 ensaios de resposta livre, com vários tipos de alvos, sendo que as provas oficiais utilizavam conjuntos com cinco alvos, semelhante aos estudos de visão

remota. Estas provas foram consideradas como pré-testes, anteriores ao treinamento.

Iniciavam-se então as sessões hipnóticas, que ocorriam duas vezes por semana com duração de 3 horas cada. Tanto emissores quanto receptores eram induzidos ao transe hipnótico, quando então se realizavam as provas psi, com duração aproximada de 1 hora e meia. Ao final os sujeitos eram trazidos de volta ao estado desperto, quando se anotava as suas impressões quanto a técnica empregada e seu estado de ânimo. Também se reuniam os resultados da experiência, incluindo a observação dos controladores. A avaliação do grupo também era considerada neste momento, seja com relação a experiência atual, seja quanto ao que esta experiência mudou em relação as experiências anteriores. As primeiras sessões buscavam aumentar a receptividade dos participantes, sendo utilizados diferentes tipos de alvos como objetos diversos e imagens. Os controles experimentais também não eram tão rígidos nos primeiros ensaios, permitindo que sujeitos obtivessem pistas sensoriais e sucessos evidentemente não relacionados à psi, mas aumentariam o nível de aceitabilidade dos acertos. Quando este nível era obtido, bem como a adequação das duplas, os controles experimentais se tornavam mais rigorosos. Os participantes (emissor e receptor) permaneciam em salas distintas, que contavam com controladores elétricos luminosos de emissão e recepção. Estes permitiam que diferentes alvos pudessem ser enviados, escolhidos à distância, sem contato sensorial, e obtida a retro-alimentação imediata quando acertados (ainda que neste caso o receptor não conhecesse o alvo enviado, apenas que o tinha acertado). A escolha dos alvos (gravuras em envelopes) era feita através de tabelas de números aleatórios. Os controladores, participantes voluntários que cuidavam tanto do emissor como do receptor, tinham por função: a) hipnotizar e desipnotizar os sujeitos, b) vigiar seu estado hipnótico, c) anotar os relatos, movimentos e atitudes bem como o tempo dos ensaios, d) manejar o equipamento controlador, e) dar sugestões de reforçamento no caso do acerto, f) relaxar os sujeitos entre uma série e outra, as quais tinham longa duração produzindo cansaço dos participantes e g)

resolver qualquer imprevisto que pudesse surgir.

Foram realizadas milhares de provas com 14 participantes, porém a maior parte deles realizou apenas as primeiras fases, como as entrevistas, induções hipnóticas e primeiros testes. Completaram um número suficiente de sessões somente dois participantes (J.J. e A.P). Cada um deles realizou 650 ensaios, divididos em três partes, 250 antes, 200 durante e 200 a pós o treinamento. Os resultados de AP foram fortemente sugestivos, visto que iniciou com escores relacionados ao acaso e terminou com escores muito superiores ao acaso ($CR=3,6$). Um teste X^2 também evidenciou significância no aprendizado deste participante a um nível significativo ($p = .01$). JJ também apresentou resultados ao acaso no início e significativos no final, evidenciando ainda um nível de aprendizado significativo.

Uma crítica pode ser endereçada a este estudo. O fato dos participantes agirem tanto como sujeitos experimentais quanto como pesquisadores, aliado ao fato de que o pesquisador principal não relata ter estado presente em todos os ensaios, pode sugerir que falhas metodológicas tenham ocorrido nos experimentos.

[TP38] Braud, comentado por Schmeidler (1988), testou sete sujeitos com um gerador de eventos aleatórios, o qual mostrava uma luz vermelha após cada acerto. Os escores foram acima do acaso, porém não num nível significativo. Os participantes então tiveram seis sessões semanais de treinamento da imaginação e de visualização de cores. Braud, que agiu como instrutor nestas sessões, também solicitava que os participantes fizessem exercícios diariamente em sua casa. Após o treinamento, um novo teste com o gerador de eventos aleatórios mostrou escores *PK* altamente significativos, e significativamente maiores que aqueles obtidos no pré-teste. Cada participante obteve escores maiores no pós-teste e houve ainda uma positiva e significativa correlação entre a quantidade de exercícios feitos em casa e os escores *PK*. O pesquisador sugere que um treinamento prolongado em imaginação pode facilitar psi, ainda que um treinamento curto não o consiga. Schmeidler (1988) comenta este

experimento sugerindo a possibilidade do efeito experimentador, visto que Braud pode ser considerado um pesquisador psi-condutivo. Ela ainda acrescenta que testes posteriores poderiam ter verificado se os níveis de *PK* foram mantidos. Neste caso, a testagem com outro experimentador poderia também ser útil.

[TP39] Um estudo conduzido por Radin e Atwater (2006) buscou verificar se a coerência mental de um grupo produziria uma ordem estatística em geradores de eventos aleatórios binários (RNGs). A coerência mental foi treinada em grupos que ouviram simultaneamente ritmos de batida binaturais (envolvendo tons de 400 Hz e 406 Hz sobrepostos, os quais são ouvidos juntamente com uma batida de 6 Hz) por mais de 6 horas por dia como parte de um workshop de seis dias. As audições também incluíam técnicas de relaxamento, a simulação de sons ambientais, controle da respiração e visualização e afirmações induzidas. RNGs alocados em local distante foram usados como controle. Os resultados mostraram um desvio positivo para os RNGs do workshop ($p = .0005$, unilateral) e um inexplicável e forte desvio negativo nos RNGs distantes ($p = 9,6 \times 10^{-11}$, bilateral).

[TP40] Estudo semelhante ao anterior foi desenvolvido por Williams (2007) e buscou explorar a correlação entre coerência mental de grupo e desvios estatísticos em RNGs, um estudo foi conduzido através de um workshop de cinco dias, com onze sessões, envolvendo 10 participantes. Os trabalhos incluíam experiências psíquicas e incorporação. Os resultados mostraram um desvio coletivo na direção oposta do que foi prevista, porém sem significação estatística. Análises *post hoc* que incluíram apenas as sessões "ativas" do workshop (sessões que envolviam exercícios de grupo relacionados à psi, tais como: dança da alma, meditação de cura, regressão de memória, leitura psíquica, psicometria, e sessão psi) mostraram um significativo desvio negativo ($p = .037$).

[TP41] Como última abordagem de treinamento psi, desta sessão, apresenta-se brevemente a experiência que tem sido realizada com grupos de vivências nas Faculdades

Integradas Espírita, junto ao seu curso de Parapsicologia. Como não se trata de uma pesquisa, os resultados obtidos não podem ser atribuídos ao método utilizado. Porém, a abordagem talvez auxilie esta pesquisa, razão pela qual é apresentada. Os grupos têm sessões semanais de 2 horas pelo período de 9 meses, com intervalo de duas a três semanas no meio deste período. Este acadêmico atua como facilitador, tendo auxílio de co-facilitadores. Outros facilitadores também desenvolvem atividades semelhantes com outros grupos. Entre 7 a 15 pessoas, de ambos os gêneros participam das atividades. O trabalho busca estimular 4 fatores: a) a autopercepção sistemática (treino da auto-observação); b) os fatores psi-condutivos; c) o desenvolvimento interpessoal/emocional e d) a utilização de psi no dia-a-dia e em testes psi, no grupo e em laboratório (tomada de decisão, resolução de problemas e orientação pessoal).

Buscando alcançar estes objetivos são realizadas práticas, as quais podem ser divididas em cinco modalidades: 1) cognição - inclui testes psicológicos (ex. Kersey e Quati), a elaboração e manutenção de um diário pessoal (que inclui o registro de sonhos), técnicas de auto-observação e práticas de resolução de problemas e tomada de decisões; 2) corpo - integrando várias práticas corporais de percepção, expressão e dinamização (ex. diferentes tipos de danças - infantis, de outras culturas, circulares); 3) emoção - com foco na conscientização e transformação de processos emocionais, inclui uma variedade de dinâmicas, jogos, vivências (ex. relaxamentos com visualização induzida) e instrumentos; 4) intuição-psi - contempla uma variedade de práticas de modificação de consciência, de estímulo à criatividade, bem como diferentes testes psi (ex. visão remota, telepatia com desenhos, clarividência chinesa e com gravuras impressas, diagnóstico psíquico, entre outros) e outras técnicas e 5) aspectos coletivo-sociais - integrando práticas de desenvolvimento interpessoal (ex. resolução de conflitos e problemas em grupo, percepção e aprimoramento da comunicação verbal e não verbal, incluindo o trabalho com a retro-alimentação, trabalho da liderança), de conscientização de padrões culturais e econômicos e sociais (ex. questionário

de valores).

As sessões seguem mais ou menos o seguinte padrão: a) entre 20 a 30 minutos de práticas corporais, seguidas de retro-alimentação sobre as mesmas; b) uma prática principal relacionada com um dos tópicos acima indicado, com cerca de 1 hora, também sendo seguida de retro-alimentação e c) uma prática breve de modificação de consciência, como por exemplo, a concentração na chama de uma vela, seguida de breves relatos.

Em 2008 dois grupos foram conduzidos, sendo que no segundo semestre eles foram unificados em função da desistência de alguns participantes. Entre novembro e dezembro foram conduzidos testes psi para avaliar as habilidades psi dos participantes. Quatro tipos de testes são realizados, sendo que o resultado de três deles é resumido a seguir. O teste que não é apresentado (telepatia com desenhos) não teve ainda suas avaliações concluídas, por juízes independentes.

Fotografia 15 - Ficha utilizada no teste de clarividência chinesa.

O **primeiro** teste utilizou a técnica de "clarividência chinesa", muito similar ao que foi expresso anteriormente, porém incluindo um sistema de avaliação mais objetivo, baseado em juízes independentes que, pareando "às cegas" os desenhos feitos pelos participantes com os alvos, permitem a avaliação estatística. Foram realizadas duas séries, sendo que na primeira quatro participantes realizou 16 ensaios cada um. Seus dados foram avaliados por quatro juízes independentes e os

resultados mostraram-se significativos, tanto para os acertos diretos, (quando o juiz indicava o alvo correto, em relação ao desenho, na primeira posição) como binários (na qual o juiz indicava o alvo correto, em primeiro ou segundo lugar) ($p = .041$). Na segunda série, 10

participantes realizaram 16 ensaios cada e os dados foram novamente avaliados por quatro juízes independentes. Os resultados foram significativos para os acertos binários ($p = .03$), mas não para os acertos diretos. Nesta série foi incorporada a variável da prática de modificação de consciência. Assim os participantes faziam oito ensaios, realizavam uma prática de concentração de 20 min., utilizando como foco a chama de uma vela e ouvindo o som de um *Ourin* (instrumento tibetano semelhante a um sino, mas que quando friccionado adequadamente produz um som agudo contínuo) e, procurando não sair do estado obtido, realizavam mais 16 ensaios. Os dados relativos aos ensaios antes da prática indicada foram relacionados ao acaso, tanto os acertos diretos como os binários. Os testes posteriores a prática obtiveram significância independente, seja para os acertos diretos ($p = .017$) como para os binários ($p = .0041$). A diferença entre as duas condições foi também significativa para os acertos diretos ($p = .03$) e binários ($p = .028$).

Fotografia 16 - Ficha utilizada no teste de clarividência com fotografias.

O **segundo** teste utilizou uma técnica semelhante à anterior, porém, os alvos foram pequenas gravuras impressas por computador, ocultadas duplamente em envelopes opacos pretos. O participante recebia dez envelopes numerados, com alvos diferentes. Concentrava-se sobre um deles e, quando percebia ter obtido alguma informação mental sobre o mesmo, fazia um desenho colorido em uma ficha apropriada, a qual continha dez retângulos. A ordem dos desenhos seguia uma referência aleatória, indicada no canto esquerdo da folha. Abria então o envelope e, obtendo retro-alimentação de sua experiência, colava a gravura noutra ficha, no retângulo numerado, relativo ao alvo em questão. A ordem dos alvos era crescente. Após completar os desenhos para os dez alvos, o participante colava uma folha na outra. Estas folhas eram então enviadas para os juízes independentes, porém a ordem aleatória correta da correspondência

entre alvos e desenhos era recortada da folha antes, e guardada em local seguro. A fotografia acima mostra estas fichas já coladas e sem a ordem correta da correlação alvo-desenho. 5 participantes realizaram vinte ensaios cada um, dez na condição de vigília e 10 na condição posterior à prática de concentração (igual a descrita acima). Os resultados gerais (baseados na avaliação de quatro juízes independentes) foram muito significativos para os acertos diretos ($p = .0006$) porém devido ao acaso para os acertos binário. Este dado sugere que as percepções obtidas tiveram bastante qualidade, visto que a probabilidade de acertar diretamente um alvo, ou seja, que o juiz indique a correlação correta em primeiro lugar, é de .1 (uma chance em dez), que é a metade da chance de acertar na forma binária ($p = .2$, ou duas chances em dez). Os dados relativos aos testes anteriores à prática de concentração mostraram-se devido ao acaso, enquanto que os escores após a prática obtiveram significância somente para os acertos diretos ($p = .0003$). A diferença dos escores entre as duas condições não foi significativa.

No **terceiro teste** utilizou-se a técnica do diagnóstico psíquico, na qual os participantes recebem uma ficha que contém as iniciais do nome de uma pessoa desconhecida. Eles tentaram obter informações não sensoriais sobre esta pessoa, registrando-as numa ficha, de duas maneiras; uma livre na qual podem anotar todas as suas impressões e também marcar em um desenho humano algum local que julguem significativo à sua percepção (por exemplo, o local de uma possível enfermidade orgânica). A outra forma é objetiva, constituindo-se de 10 questões de dupla escolha (condição - se vivo ou falecido, sexo, idade, estatura, cor dos olhos, cor natural dos cabelos, tipo físico, grau de instrução, estado "civil" e saúde), que devem ser marcadas de acordo com a percepção obtida. Oito participantes preencheram 4 fichas cada um, sendo 2 antes e duas depois da prática de modificação de consciência, totalizando 320 ensaios. Os resultados não tiveram significância estatística geral, nem relacionada às condições experimentais.

4.3 SÍNTESE QUANTITATIVA GERAL DOS DADOS

Como pode ser visto na tabela 5, abaixo, 128 estudos foram revisados diretamente, sendo 87 deles relacionados a manipulação de variáveis consideradas psi-condutivas (VCP) e 41 relacionados ao treinamento de psi (TP). Esta desproporção reflete apenas suavemente a pouca atenção que os estudos de treinamento recebem dos pesquisadores psi. 37% dos estudos TP receberam críticas (de outros pesquisadores ou deste acadêmico), sendo que a maior parte delas foi endereçada a problemas de método, enquanto que apenas 16% dos estudos VCP receberam críticas. Essa diferença é natural em função de que a complexidade dos estudos de treinamento é maior. O número de participantes nos estudos VCP também é proporcionalmente bem maior que aquele relacionado aos estudos TP, o que sintoniza com a queixa de alguns pesquisadores quanto a dificuldade de obter participantes para estudos desta natureza. A grande quantidade de ensaios para os dois tipos de estudo, ainda que igualmente desproporcional para os estudos VCP, advém principalmente de pesquisas com geradores de eventos aleatórios, representando um conhecido desequilíbrio quantitativo na produção de ensaios ligados *GESP* e precognição em relação a *PK*.

Tabela 05 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos revisados

Tipo de estudo	Número de estudos	Receberam críticas		Não receberam críticas		Número de participantes	Número de ensaios
De manipulação de variáveis psi-condutivas	87	14	16%	73	84%	8.114	687.538
De treinamento psi	41	15	37%	26	63%	1.039	158.277
Total		-		-			

A pormenorização dos dados (incluindo aqueles não revisados diretamente) é feita no item discussão, para que as reflexões fiquem mais próximas da fonte sintetizada das informações. Quadros com os dados brutos podem ser vistos nos anexos 03 e 04.

5 DISCUSSÃO

5.1 ESTUDOS EXPERIMENTAIS MANIPULANDO VARIÁVEIS CONSIDERADAS PSI-CONDUTIVAS (OU FATORES PSI-CONDUTIVOS) (VPC)

Como pode ser visto na tabela abaixo, os estudos de VCP concentraram-se principalmente em dois tipos de fenômenos, *GESP* e clarividência, estando presentes de forma equilibrada em 76% dos estudos revisados. Em segundo lugar entre os fenômenos aparece a *PK*, com apenas 16%. Distante, e presente apenas 2% de estudos, surge a precognição. Este panorama reflete, ao menos em parte, o foco principal os estudos de VCP na pesquisa psi contemporânea. Na forma de verificação observamos um equilíbrio entre pesquisas de resposta fechada (a maior parte delas realizadas com baralhos ESP, com uma pequena contribuição dos estudos de *PK*) e pesquisas de respostas livres (45% e 49% respectivamente). Os dados sobre a significação estatística dos resultados destas pesquisas são bastante positivos, com cerca de 73% dos estudos alcançando significância, quando apenas 5% seriam esperados por acaso. Os dados do curso do desempenho indicam que, em 48% dos estudos os participantes aumentaram seu desempenho ou que o grupo teste, para o qual alguma condição psi-condutiva foi utilizada, apresentou escores superiores que o grupo de controle. Em apenas 15% destes estudos observou-se o contrário e em 24% estas avaliações não foram pertinentes ao método do estudo.

Tabela 06 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda do quadro 01)

	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	35	35	15	0	2	6	38%	38%	16%	0%	2%	6%
1c.Forma de verificação	40	44	0	0	1	4	45%	49%	0%	0%	1%	4%
1d.Resultados estatísticos	1	22	36	19	9	0	1,1%	25%	41%	22%	10%	0%
1e. Curso do desempenho	4	13	5	42	2	21	4,6%	15%	6%	48%	2%	24%

Quadro 01 - Legenda das tabelas relativas ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho

Tipo de estudo	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	<i>GESP</i>	Clarividência	<i>PK</i> (micro-macro)	<i>PK</i> (DMILS)	Precognição	Não disponível
1c.Forma de verificação	Resposta fechada	Resp. livre	Resposta fisiológica	Resposta encoberta	Outro	Não disponível
1d.Resultados estatísticos	não apresent.	não significativo ($p \geq .05$)	significativo ($p < .05$)	muito significativo ($p < .01$)	altamente significativo ($p < .001$)	não pertinente
1e. Curso do Desempenho psi	não apresent.	declínio ou grupo teste com menor escore psi que o controle	estabilidade ou grupos teste e controle com resultados iguais	aumento ou grupo teste com melhores escores psi que o controle	misto	-

Os dados a respeito do tipo de manipulação das variáveis psi-condutivas, apresentados na tabela abaixo, indicam que 34% dos estudos que expuseram os participantes a determinadas condições, o fizeram com “relaxamento”, o qual pode ser considerado como a forma mais simples de modificação de consciência voluntária. Ele é seguido pelos estudos de hipnose, meditação e grupos. Estes, tendo ficado em último lugar, podem refletir também o pouco valor ou atenção que recebem dos pesquisadores psi, ainda que possam se constituir em espaço privilegiado de produção e estudo qualitativo dos fenômenos em foco. O individual parece ter supremacia em relação ao social, no que diz respeito ao estudo destes fenômenos. Quando os participantes foram selecionados por manifestarem determinadas características

psi-condutivas, destaca-se a criatividade e a disciplina mental (práticas de relaxamento concentração meditação entre outros). Tais fatores psi-condutivos se relacionaram principalmente aos estados modificados de consciência (77%) e fatores ligados aos sujeitos experimentais (23%).

Tabela 07 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos ao tipo de manipulação (conforme legenda no quadro 02)

Tipo de manipulação	11	12	13	14	15	Tot	11	12	13	14	15
3a1 Exposição dos participantes a condições psi-condutivas.	9	20	30	11	1	71	10%	23%	34%	13%	1%
	21	22	23	24	25		21	22	23	24	25
3a2 Os participantes são selecionados por características psi-condutivas.	6	10	0	0	0	16	7%	11%	0%	0%	0%
	12	3	4	5			12	3	4	5	
3b. Os fatores ou variáveis estão relacionadas	20	0	0	67		87	23%	0%	0%	77%	

Quadro 02 - Legenda das tabelas relativas ao tipo de manipulação

Tipo de manipulação	11	12	13	14	15
3a1 Exposição dos participantes a condições psi-condutivas.	Grupos e efeitos sociais	Hipnose	Relaxamento	Meditação	Outros
	21	22	23	24	25
3a2 Os participantes são selecionados por características psi-condutivas.	Disciplina mental	Criatividade	Relatos ou desempenho psi	Afetividade entre a dupla	Outros
	12	3	4	5	
3b. Os fatores ou variáveis estão relacionadas	ao receptor e/ou emissor	ao pesquisador	aos alvos experimentais	fatores de modificação da consciência	

5.1.1 Fatores de modificação de consciência

Estudos sobre Hipnose

Como pode ser visto na tabela abaixo, a maior parte dos 21 estudos sobre hipnose e psi revisados foi realizada com a metodologia de respostas fechadas, testando o fenômeno de clarividência. Em segundo lugar nos estudos de *GESP* com respostas abertas. 86 % apresentaram significância estatística, sendo que em 57% dos casos os resultados foram na direção prevista e 24% na direção oposta.

Tabela 08 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à Hipnose

	No. estudos	Receberam críticas		Não receberam críticas		No. participantes	No. ensaios
Estudos de Hipnose	21	3	14%	18	86%	289	16.800

Tabela 09 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de Hipnose relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)

Tipo de estudo	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	9	12	2	0	1	0	38%	50%	8%	0%	4%	0%
1c.Forma de verificação	13	8	0	0	0	0	62%	38%	0%	0%	0%	0%
1d.Resultados estatísticos	1	2	9	7	2	0	4,8%	10%	43%	33%	10%	0%
1e. Curso do desempenho	1	5	0	12	0	3	4,8%	24%	0%	57%	0%	14%

Esses dados podem indicar que a hipnose é psi-condutiva, particularmente se comparada com as condições de controle. No entanto parece não ser possível fazer tal afirmação, visto os estudos realizados não evidenciaram ter tido procedimentos metodológicos que excluíssem outras possibilidades. Por exemplo, somente num estudo o pesquisador estava parcialmente cego para as condições de tratamento experimental [VPC09].

Para os demais estudos, tendo o objetivo de confirmar sua hipótese, os pesquisadores podem ter afetado os participantes, que eram praticamente os mesmos os dois grupos (teste de controle), para que realizassem um desempenho melhor na condição teste. Assim, os resultados podem ter sido influenciados pelo efeito experimentador psicológico. Palmer, comentado por Schmeidler (1994), relata que quando fez seu terceiro experimento, no qual um grupo de participantes foi hipnotizado, ele não tinha expectativas de sucesso para aquela condição e não encontrou escores *ESP* elevados.

O efeito experimentador psi é outra alternativa forte, visto que alguns experimentadores evidenciaram psi, como Honorton, o qual conduziu vários estudos. Também não ficou claro o papel das sugestões positivas ou da ausência delas e a relação com os escores psi, os resultados não mostram uma direção clara. Talvez o estado hipnótico permita uma concordância maior dos participantes para com as expectativas do experimentador, afetando também o fator crença, ou os resultados se devam pela modificação de consciência, com a restrição do ruído sensorial e externo e interno, como supõe a teoria da redução do ruído.

Outras dificuldades metodológicas, segundo STANFORD (1987) incluem a falha na utilização de medidas padrões sobre sugestibilidade hipnótica, sobre métodos padronizados de indução hipnótica e formas de avaliar o quanto o estado mental dos participantes realmente modificou-se. Os estudos revisados nesta pesquisa também falharam em lidar com essas dificuldades.

Estudos sobre meditação

Como pode ser visto na tabela abaixo, os 17 estudos de meditação revisados se concentraram em testar os fenômenos de clarividência e *PK*, principalmente sob condições de respostas fechadas. Eles apresentaram 47% de escores na direção prevista (grupo teste x

grupo controle) e 71% de resultados significativos. No entanto, apesar de estes dados indicarem um efeito positivo na produção psi, também falharam no nível metodológico.

O estudo [VPC25] pode exemplificar o efeito sobre escores psi das crenças dos estudantes de Yoga, de que a prática do Yoga aumentaria suas habilidades psi. Porém, tal expectativa pode ser impossível de ser eliminada, ainda que possa ser manipulada. Se não considerada, ela pode inflar os resultados pela obtenção de escores abaixo do acaso na condição de controle. Para contrabalançar este efeito, os escores reais de psi precisam ser mais considerados do que a diferença entre a condição pré e pós-teste. O estudo [VPC27] sugere este efeito, com os meditadores obtendo resultados significativamente mais altos que os não meditadores, porém nenhum dos grupos obteve resultados psi significativamente acima do acaso.

A variável modificação de consciência (em decorrência das práticas de meditação) não foi avaliada nestas pesquisas. O estudo [VPC26] buscou correlacionar técnicas meditativas e os escores positivos de ESP, sem alcançar sucesso. Outro fator que foi observado nos estudos é ampla variedade de procedimentos, do que se chama de meditação, impedindo a uma uniformidade na testagem do estado ou condição avaliada.

Tabela 10 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à Meditação

	No. estudos	Receberam críticas		Não receberam críticas		No. participantes	No. ensaios
Estudos de Meditação	17	4	24%	13	76%	571	73.956

Tabela 11 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de Meditação relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)

Tipo de estudo	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	2	6	6	0	0	1	13%	40%	40%	0%	0%	7%
1c.Forma de verificação	11	3	0	0	1	0	73%	20%	0%	0%	7%	0%
1d.Resultados estatísticos	0	5	4	6	2	0	0%	29%	24%	35%	12%	0%
1e. Curso do desempenho	3	2	0	8	1	3	18%	12%	0%	47%	6%	18%

Tabela 12 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de Meditação, relativos ao tipo de manipulação (conforme legenda no quadro 02)

Tipo de manipulação	11	12	13	14	15	Tot	11	12	13	14	15
3a1 Exposição dos participantes a condições psi-condutivas.	0	0	0	11	0		0%	0%	0%	65%	0%
3a2 Os participantes são selecionados por características psi-condutivas.	6	0	0	0	0		35%	0%	0%	0%	0%
3b. Os fatores ou variáveis estão relacionadas	1	0	0	16			6%	0%	0%	94%	

Estudos sobre relaxamento

Tabela 13 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos ao relaxamento

	No. estudos	Receberam críticas	Não receberam críticas	No. participantes	No. ensaios
Estudos de relaxamento	30	4	13%	26	87%
				748	88.824

Tabela 14 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de relaxamento relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)

Tipo de estudo	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	14	9	6	0	0	2	45%	29%	19%	0%	0%	6%
1c.Forma de verificação	9	19	0	0	0	2	30%	63%	0%	0%	0%	7%
1d.Resultados estatísticos	0	10	14	4	2	0	0%	33%	47%	13%	7%	0%
1e. Curso do desempenho	0	6	2	8	1	13	0%	20%	7%	27%	3%	43%

Os 30 estudos de relaxamento concentraram-se mais na testagem do fenômeno *GESP* com metodologia de respostas livres e, como os outros fatores, apresentam uma quantidade grande de resultados com significância estatística (67%), porém apenas 27% dos estudos apresentaram dados na direção prevista, sendo que em 20% deles os resultados ocorrem na direção oposta e 7% se mantiveram equivalentes nas condições testadas. Chamam também a atenção os 43% de estudos para os quais não é pertinente ao método avaliar este curso, ou seja, não trabalharam com condições de controle. Ainda assim, os estudos sobre relaxamento e psi, indicam que as técnicas de relaxamento podem se constituir numa perspectiva de sucesso para a indução de psi. No entanto, não está clara a possível influência do experimentador sobre os experimentos. Por exemplo, o piloto estudo [VPC47] no qual os Braud participaram como sujeitos e obtiveram sucesso evidencia a influência psi dos próprios experimentadores. Desde que os experimentos conduzidos por eles obtiveram mais sucesso que a maior parte dos outros estudos, e que não foram amplamente replicados, é possível pensar que o sucesso foi alcançado devido à influência deles e não do método testado. Este fato também foi evidenciado na série [VPC67, 68 e 69], na qual Honorton, agindo como o pesquisador que acionava o RNG, obteve sucesso em contraste com seu colega, Barksdale, que não obteve resultado significativo no estudo o qual controlou o equipamento. No último estudo Honorton participou como sujeito obtendo escores *PK* altamente significativos.

O relaxamento também pareceu interagir com outras variáveis, como estilos pessoais, o que pode ser deduzido no estudo [VPC64] e, no qual os estudantes do clube de ciência obtiveram escores significativamente mais altos na condição ativa.

As pesquisas psi com sonhos e ganzfeld que podem também ser consideradas psi-condutivas, mas como saber se é a modificação de consciência que produz esse efeito?

Como o último item dos fatores psi-condutivos relacionados a modificação de consciência refletiu-se que o estado modificado de consciência do sonho é também psi-condutivo, em função dos estudos estatisticamente significativos com esta técnica. Discutiu-se também que a técnica ganzfeld constituiu-se numa evolução das técnicas anteriormente apresentadas. Honorton (1977) estava convencido de que a modificação de consciência era a chave para a produção de psi no contexto de laboratório. Numa revisão destas técnicas encontrou um resultado conjunto muito significativo, como pode ser visto abaixo.

Tabela 15. Revisão dos estudos indutivos aos estados de atenção interna

Procedimento	Número de estudos	Número de estudos significativos ($p < .05$)	Significância combinada de todos os estudos
Meditação	16	9	6×10^{-12}
Hipnose	42	22	7.5×10^{-11}
Relaxamento induzido	13	10	1.2×10^{-9}
Estimulação GZ	16	8	2.1×10^{-9}

(HONORTON, 1977, p.466)

Porém, podemos afirmar que estas técnicas alteram a consciência, ou que a alteram da mesma forma para todos os sujeitos, ou ainda, que induzem um estado de atenção interna

como afirmava Honorton? Segundo Alvarado (1998, 2000) a resposta é não! O fato de uma pessoa passar pela experiência Ganzfeld (tomada como exemplo, visto que é a que mais se destaca na pesquisa psi contemporânea) não assegura que ela terá uma alteração de consciência, ou caso ocorra essa alteração, que ela será pronunciada. O próprio Alvarado (1998, 2000) comenta que na sua própria experiência Ganzfeld nunca sentiu uma alteração marcada no seu estado de consciência, e comenta ainda que Edwin May (pesquisador da técnica de Visão Remota a qual não se utiliza de indução a estado de alteração de consciência) fez um comentário similar à sua experiência Ganzfeld. O pesquisador Alejandro Parra do Instituto de Psicologia Paranormal da Argentina, o qual também desenvolve pesquisas Ganzfeld (PARRA, VILLANUEVA, 1998, 2000), relatou que também não sentiu que sua consciência tivesse sido alterada na experiência Ganzfeld. Alvarado (1998, 2000) indica que não se deve confundir a técnica voltada a produzir a alteração de consciência com a produção de estados alterados de consciência. Para se ter certeza de que a técnica produziu um estado alterado de consciência é preciso que o estudo utilize medidas para avaliar o estado vivenciado durante a técnica. Dessa mesma forma não é possível afirmar que os resultados de psi são devidos a alteração de consciência, se essa alteração não for mensurada independentemente da técnica utilizada.

Infelizmente as pesquisas Ganzfeld contemporâneas não têm avaliado a alteração de consciência como um fator preditivo do desempenho psi (como também não o fizeram os estudos avaliados acima). Esses estudos têm focalizado sua atenção sobre outras variáveis, tais como a afinidade e os aspectos emocionais dos alvos, as relações entre os participantes, variáveis de personalidade, alvos estáticos ou dinâmicos, efeito experimentador e o efeito do emissor. Outras pesquisas têm estado voltadas para testar o modelo da redução do ruído de Honorton. Porém, neste modelo, Honorton mudou sua atenção em medir a alteração do estado de consciência para verificar outros fatores psi-condutivos, tais como se os sujeitos possuíam

experiências psi anteriores, se praticavam meditação ou outras disciplinas mentais, e se podiam ser classificados no pólo sensação/percepção do questionário MBTI (ALVARADO, 2000).

Essa perspectiva considera psi produzida em laboratório como sendo fruto de múltiplas variáveis, como continuará a ser visto neste trabalho, porém, não é possível que os resultados positivos obtidos na técnica Ganzfeld, ou qualquer outra técnica, sejam atribuídos a uma alteração de consciência, caso não haja uma mensuração que evidencie esse fato (ALVARADO, 2000).

Alvarado (1998, 2000) indica que as medidas para o estudo das alterações de consciência podem ser classificadas de duas maneiras: a) medida da forma geral da alteração e b) medidas de aspectos específicos da alteração. A primeira forma usualmente é obtida perguntando-se ao sujeito se sentiu a sua consciência alterar durante a experiência com a técnica, enquanto que a segunda, indaga sobre aspectos específicos relacionados com a alteração de consciência, como por exemplo, se houve mudanças na manifestação das imagens mentais, se houve perda da noção do tempo, se houve mudança na percepção corporal. Alvarado (1998, 2000) apresenta uma tabela dos estudos que relacionaram aspectos da alteração de consciência no Ganzfeld com a psi:

Tabela 16. Pesquisadores que relacionaram aspectos da alteração de consciência no Ganzfeld com a psi

Estudo	Variável	Relação significativa?
Stanford e Nelson	Diminuição do transcurso do tempo.	Sim*
	Mudança na imagem corporal.	Sim*
	Predominância de pensamentos desorganizados.	Sim
Palmer, Bogart, Jonas e Tart	Diminuição do transcurso do tempo.	Sim*
	Perda da sensação corporal.	Sim
	Grau de relaxamento.	Sim
	Espontaneidade de imagens.	Sim
Palmer, Khamashta e Israelson	Diminuição do transcurso do tempo.	Não
	Perda da sensação corporal.	Sim
	Imagens espontâneas, similares aos sonhos e estranhas.	Sim
Sargent	Espontaneidade de imagens.	Sim
	Similares às dos sonhos.	Sim
	Atividade mental estranha.	Sim
Sargent, Bartlett e Moss	Abundância e clareza de imagens visuais.	Sim
	Perda da sensação corporal.	Sim
Morris, Dalton, Delanoy e Watt	Quantidade de verbalização	Sim*

* Indica que houve uma correlação negativa

(ALVARADO, 2000, p.47; ALVARADO.1998, p.43)

A pesquisa psi tem se interessado como a relação dos estados alterados e psi por mais de um século, apesar disso, está claro que as tentativas para entender esta relação não tem sido sistemáticas, mas esporádicas (ALVARADO, 1998). Esse pesquisador indica que nenhum dos modelos propostos para explicar essa relação foi sistematicamente testado.

Desde os antigos dias do mesmerismo e da SPR até os recentes estudos, se tem acreditado que os EACs são condutivos para a psi. Porém, depois deste longo tempo e todo o

trabalho experimental, ainda existem dúvidas a respeito da necessidade dos estados alterados para produzir psi, e a respeito do que, se existir qualquer coisa, nos estados alterados, fazem deles condutivos de psi (ALVARADO, 1998, p. 49).

5.1.2 Fatores ligados aos participantes experimentais

Pesquisador psi-condutivo: podem as duas faces se unirem?

Na breve abordagem dada a este tópico, refletiu-se sobre seu duplo potencial. Por um lado o efeito experimentador pode dizimar facilmente perspectivas metodológicas colocando por terra o esforço de muitos trabalhos conduzidos ao longo de anos. Como foi observado em alguns estudos já discutidos, o efeito experimentador psicológico ou psi, constitui-se em variável interveniente constante e inevitável. Mas, se não é possível vencer o “inimigo”, “juntar-se a ele” talvez seja a melhor estratégia. Smith (2001) indaga se as variáveis psi-condutivas do experimentador poderiam ser exploradas para aumentar os efeitos psi. Não parece existir ainda uma metodologia capaz de fazê-lo, principalmente se considerarmos a psi do próprio experimentador. Desenvolvê-la talvez seja uma chave para o treinamento psi, e talvez o treinamento psi faça parte dela.

Características de personalidade

Neste item refletiu-se brevemente sobre os possíveis efeitos da "Extroversão x Introversão", "Abertura x defensiva" e "Pólo sentimento/percepção no MBTI" sobre os resultados psi. Parece não existir uma base experimental completamente coerente sobre estas relações, mas os indícios apontam na direção de que psi, se existir, interage com variáveis de

personalidade, afetando e sendo afetada por elas. Este fato não é apenas importante como indicador de áreas que precisam ser observadas para um procedimento experimental de sucesso, mas também por que pode sugerir que psi esteja associada ao crescimento do ser humano como um todo, fazendo parte de sua dinâmica e de sua evolução, tal como sugerem as filosofias antigas, como o Yoga, por exemplo. Todos os sistemas tradicionais de desenvolvimento psi apresentam referências de crenças que integravam psi a evolução do ser humano. Talvez este referencial integrador (ainda que baseado em perspectivas abertas e mutáveis) seja um ponto importante para um bom programa de treinamento psi.

Um tópico especial relacionado a personalidade diz respeito a *Criatividade*. Como pode ser observado abaixo, apenas dez estudos foram revisados, sendo que apenas um deles recebeu crítica. Os testes foram, em sua maioria, com procedimentos de resposta livre, verificando a *GESP*, procedimento adequado às populações e criativas, visto permitir maior expressão e criação. 60% dos estudos obtiveram significância estatística, contra 40% sem esta significância. Quando comparadas, as populações criativas obtiveram maiores escores que as não criativas, como pode ser observado no índice de 60% relacionado ao curso do desempenho, ou a comparação entre a condição experimental e controle.

Dalton (1997a), considerando estudos psi e criatividade até aquele momento, indicou que a base de dados suportava a relação entre o funcionamento psi e habilidades artísticas ou, ao menos, que os resultados indicavam que os participantes artisticamente dotados representam uma população importante para se trabalhar com foco no processo, ou seja, estudos voltados à compreensão de características de psi.

Nossa revisão parece também indicar a mesma direção, no entanto os estudos que buscaram relacionar medidas de criatividade com os escores psi não tiveram o mesmo sucesso que aqueles que compararam populações criativas com não criativas. O estudo [VPC73] obteve mais altos escores psi para os participantes com níveis maiores no teste *Alternate*

Uses, enquanto que a pesquisa [VPC76] obteve escores psi mais elevados para os participantes que se auto-relataram mais criativos. No entanto os estudos [VPC74, 75 e 77] não encontraram correlação entre as medidas (escalas e/ou auto-relato) e psi. Existem várias medidas de criatividade, e vários tipos de expressão. Músicos expressam criatividade de forma diferente que artistas plásticos ou escritores criativos. Assim, existe a dificuldade de mensurar de forma padrão os níveis de criatividade para correlacioná-los com os escores psi. As classificações de populações criativas e não criativas, por exemplo, carece de referências mais objetivas. O estudo [VPC70], por exemplo, considerou o nível de criatividade em função da profissão. Seriam donas de casa, professores e psicólogos menos criativos que escritores, atores e compositores? Sem que se utilize alguma mensuração mais elaborada parece ser impossível fazer tal comparação. Este mesmo estudo traz a tona também a possibilidade do efeito experimentador psicológico, visto que o pesquisador não era cego para classificação dos participantes, podendo tê-los tratado de forma diferenciada. O efeito experimentador psi também precisa ser refletido, visto que alguns dos pesquisadores que conduziram os estudos sobre criatividade foram, e alguns ainda são considerados pesquisadores psi condutivos (ex. Shlitz e Honorton [VPC75], Dalton [VPC77], Braud [VPC73]).

Tabela 17 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à criatividade

	No. estudos	Receberam críticas		Não receberam críticas		No. participantes	No. ensaios
Estudos de criatividade	10	1	10%	9	90%	790	6.817

Tabela 18 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de criatividade relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)

Tipo de estudo	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	8	2	0	0	0	0	80%	20%	0%	0%	0%	0%
1c.Forma de verificação	1	9	0	0	0	0	10%	90%	0%	0%	0%	0%
1d.Resultados estatísticos	0	4	3	1	2	0	0%	40%	30%	10%	20%	0%
1e. Curso do desempenho	0	0	3	6	0	1	0%	0%	30%	60%	0%	10%

Crença em psi

O efeito cabra e ovelhas, ainda com uma relativa pequena intensidade sobre os escores psi, é um dos efeitos mais bem estabelecidos na pesquisa psi. Ele interage tanto com os experimentadores como os com sujeitos. O experimento de Lovitts (1981), que produziu efeito cabra e ovelhas invertido ao informar seus sujeitos que o experimento tinha o objetivo de provar a inexistência de psi, pode sugerir o forte efeito modulador da crença sobre a manifestação psi. Talvez seja ele a chave da compreensão do sucesso dos estudos de hipnose com sugestão positiva para os escores psi, ou se constitua apenas em mais um fator a influenciar um sistema aberto, de múltiplas interações.

5.1.3 Fatores ligados aos alvos

Emocionalidade, preferência e significância, dinâmicos x estáticos, são os fatores que mais contam com suporte experimental relacionando-os com desempenho psi. Os três tipos de fatores parecem estar ligados com o sistema humano das emoções. Uma das funções da emoção é avaliar as mudanças no meio ambiente verificando se são favoráveis ou ameaçadoras ao organismo. Sob esse prisma, os alvos com conteúdo emocionalmente forte, podem ser mais interessantes de serem percebidos pela psi. Por outro lado, o que é

interessante emocionalmente para alguém não o é, necessariamente, a outrem. Eis o papel do segundo fator (preferência e significância pessoal dos alvos), que também conta com relativo suporte experimental. Um exemplo de efeito deslocamento pode talvez ilustrar esta situação. Uma participante de nosso estudo ganzfeld x não ganzfeld (SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2003) descreveu, acurada, detalhada e continuamente, por 28 minutos, um alvo que não estava sendo transmitido. Ele fazia parte do conjunto de alvos, mas não estava sendo mostrado para o emissor. Uma perseguição de carros de polícia foi descrita nos mínimos detalhes. Importante lembrar que esta participante não conhecia nenhum dos alvos. O fato constituiu-se o que nós convencionamos chamar de um erro de qualidade ou efeito deslocamento. Quando entrevistada ao final do estudo esta participante relatou ter trauma de infância relacionado à polícia. Naturalmente que isto pode ter sido apenas uma coincidência. No entanto, dados quantitativos deste mesmo estudo (relativos a avaliação dos alvos por parte dos sujeitos, sobre fatores de preferência pessoal e relação com a história de vida ou momento atual e/ou significado especial) parecem suportar este efeito. O último fator (alvos dinâmicos x estáticos), também parece se relacionar com o sistema das emoções. Os alvos dinâmicos representam o melhor a vida cotidiana e a suas emoções podendo, talvez por esta razão, ser “preferidos pela psi”. No entanto níveis elevados de acertos também são obtidos com alvos sem emocionalidade, sem significância pessoal e estáticos. Os fatores comentados parecem representar tendências, mas não excluem outras possibilidades, e tampouco são bem compreendidos.

5.1.4 Fatores ligados ao ambiente social - psi em grupos

Tabela 19 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de manipulação de variáveis psi-condutivas, relativos à grupos e a efeitos sociais

	No. estudos	Receberam críticas	Não receberam críticas	No. participantes	No. ensaios
Estudos de grupos	9	2	22%	7	78%
				320	17.225

Tabela 20 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de grupos relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)

Tipo de estudo	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	1	4	0	0	1	3	11%	44%	0%	0%	11%	33%
1c.Forma de verificação	4	3	0	0	0	2	44%	33%	0%	0%	0%	22%
1d.Resultados estatísticos	0	1	6	1	1	0	0%	11%	67%	11%	11%	0%
1e. Curso do desempenho	0	0	0	8	0	1	0%	0%	0%	89%	0%	11%

Dos nove estudos realizados, dois receberam críticas. O fenômeno mais presente nestes estudos foi a clarividência, seguida da precognição e *GESP* e o método mais utilizado foi o das respostas fechadas, seguido pelo método das respostas livres. Com 89% dos estudos alcançando significância estatística e esse mesmo valor relacionado ao sucesso das manipulações experimentais, esta categoria pode representar uma região rica, porém pouco explorada pela pesquisa psi. Os efeitos observados nas pesquisas, como o da dominância do gênero em grupos [VPC79, 80], da liderança [VPC81], humor [VPC82], vínculos sociais [VPC83], popularidade [VPC84] e clima ou atmosfera social [VPC85, 86] afetando os resultados psi, podem dar a impressão que a principal área deste estudo é a psicologia social e não a pesquisa psi. Esses resultados podem nos reportar aos primeiros estudos com grupos realizados por Curt Lewin (1975), nos quais constatou a influência de atmosferas autocráticas e democráticas na vida social de crianças. A qualidade do Campo Social, ou a totalidade dinâmica composta pela interdependência dos elementos do grupo (MAILHOT, 1976), parece afetar ou mediar as experiências psi. Sendo o grupo a base de manutenção do indivíduo, um

dos elementos de seu espaço vital e um instrumento para satisfação de suas necessidades (MAILHOT, 1976), faz sentido pensar que a sua complexidade afetaria a manifestação e/ou percepção de experiências mediadas pela psi.

Os estudos [VPC85, 86] de Carpenter (1988b, 2002) que mostraram escores psi integrados significativamente a sessões de psicoterapia grupal, traz-nos a mente a possível influência do trabalho emocional em relação à psi. Seja como moduladores (variáveis intervenientes) ou catalisadores (variáveis independentes), os fatores ligados ao ambiente social precisam ser considerados seriamente em estudos de treinamento psi.

5.2 ESTUDOS EXPERIMENTAIS DE TREINAMENTO PSI (TP)

Após a reflexão sobre os fatores psi-condutivos, passa-se a considerar os estudos de treinamento psi. O foco principal desses estudos foi o fenômeno da clarividência estudada principalmente por métodos de escolha fechada; em segundo lugar temos a *GESp* e os métodos de resposta livre. 71% destes estudos alcançaram significância estatística e em 44% deles houve um aumento de desempenho psi ou uma vantagem para o grupo teste em relação ao grupo controle. Em 5% dos estudos ocorreu o declínio do desempenho ou o grupo controle obteve resultados mais satisfatórios em que o grupo teste. Em 7% dos estudos verificou-se a estabilidade do desempenho ou o equilíbrio dos grupos experimentais. Este resultado apresenta-se positivo em favor destes estudos, visto que por acaso apenas 5% deles deveriam mostrar significância. Isto, naturalmente, não significa dizer que eles obtiveram sucesso no treino psi, apenas que os resultados são muito interessantes. Um olhar mais detalhado é mostrado a seguir, considerando subgrupos.

Como pode ser visto abaixo 55% destes estudos buscaram estimular o aprendizado de características pessoais da psi através do processo da retro-alimentação. 14% deles utilizaram

a visualização como foco de treinamento, 10% trabalharam com relaxamentos, 9% com crenças. Hipnose e meditação estiveram presentes cada uma em 5% dos estudos. 14% dos estudos utilizaram mais de uma abordagem.

Tabela 21 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de treinamento psi, relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e do curso do desempenho (conforme legenda no quadro 01)

	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	10	19	7	0	8	0	23%	43%	16%	0%	18%	0%
1c.Forma de verificação	33	10	0	0	2	0	73%	22%	0%	0%	4%	0%
1d.Resultados estatísticos	5	7	10	6	13	0	12%	17%	24%	15%	32%	0%
1e. Curso do desempenho	10	2	3	18	3	5	24%	5%	7%	44%	7%	12%

Tabela 22 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de treinamento psi, relativos ao tipo de treinamento conduzido

Tipo de treinamento conduzido	n	%
1 Do aprendizado de características pessoais da psi		
11 Através da retro-alimentação	32	55
2 De habilidades relacionadas ao desempenho psi		
21 Relaxamento - ritmos mentais baixos	6	10
22 Meditação	3	5
23 Visualização	8	14
24 Criatividade	1	2
25 Hipnose	3	5
26 Crença em psi	5	9
Total	58	100
27 Misto*	8	14

* Indica estudos que incluíram mais de um tipo de treinamento, computados nos itens correspondentes

Em termos do enfoque teórico adotado, 28 estudos sintonizam com a abordagem de aprendizagem pela retro-alimentação propostas por Tart, ainda que destes, 4 usaram métodos distintos dos empregados por ele [TP30, 31, 32 e 33], 3 estudos apostaram no treino da

coerência mental ou esforços sincronizados em grupo [TP29, 39, 40]. Em 4 estudos não foi possível definir o tipo de abordagem adotada [TP25, 26, 27 e 28]. Outros 5 combinaram fatores psi-condutivos com retro-alimentação [TP34, 35, 36, 37 e 38] e uma última experiência propõe a união de vários fatores [TP41]. Estes estudos são considerados adiante através destes subgrupos.

Em termos da duração dos estudos, vemos que em 61% (25) deles esta informação não estava disponível, sendo que a maioria deles refere-se aos estudos de retro-alimentação, os quais usualmente são curtos, durando poucos dias. Entre menos de 1 dia a 15 dias de duração, encontra-se 20% de estudos (8), enquanto que os estudos com extensão compreendida entre 16 e 31 dias alcançam o percentual de 4,9 (2). 12% dos estudos (5) indicaram ter a duração de vários meses e apenas um estudo indicou que a sua duração poderia chegar a mais de um ano. Como pode ser observada, a grande maioria dos estudos não ultrapassa o limite dos 15 dias de treinamento (cerca de 80%) o que, considerando a complexidade do suposto aprendizado envolvido, pode ser avaliado como um tempo muito curto. Por outro lado, os estudos mais prolongados indicaram a dificuldade de manter os participantes nos períodos de tempo propostos.

Com relação ao ambiente social, ele não pôde ser deduzido ou a informação não estava presente em 63% dos estudos. Em 34% deles um clima cooperativo, aquecido e humanista pareceu estar presente. No entanto pouquíssima atenção é dada em descrever e avaliar este clima e suas configurações, o que parece constituir-se numa falha visto a importância dos fatores sociais na mediação e/ou modulação da psi, como foi mostrado anteriormente.

Os critérios de seleção dos participantes não puderam ser identificados em 34% dos estudos. O fator “interesse pessoal” foi considerado em 15% dos estudos, enquanto que os relatos de psi ou avaliações prévias de psi com escores positivos foram observadas em 34%

nos estudos, principalmente naqueles relacionados ao modelo de aprendizagem de Tart, o qual sugere a necessidade de níveis básicos de manifestação psi para que a retro-alimentação produza o suposto aprendizado.

A informação sobre a postura em relação a psi, ou o fator crença, não foi disponível 12% dos estudos, sendo que nos demais estudos todos os pesquisadores eram favoráveis a hipótese psi, acreditando na sua existência. Tal informação não surpreende, visto existirem raros pesquisadores céticos em relação a psi que conduzam estudos nesta área.

5.2.1 Retro-alimentação

Como pode ser visto nas tabelas abaixo, os 24 estudos receberam seis críticas e incluíram 390 participantes os quais realizaram 116.436 ensaios, dos quais 44% testaram a clarividência e 32% a precognição, sendo que o fenômeno de *GESP* foi verificado 20% dos estudos. A *PK* foi verificada apenas em um estudo. Em 96% dos casos a metodologia utilizada foi de respostas fechadas, envolvendo principalmente geradores de eventos aleatórios. 74% dos estudos obtiveram resultados significativos e em 42% deles os escores aumentaram no percurso do experimento ou o grupo teste obteve resultados na direção prevista, em contraste com o grupo de controle. Em 29% dos estudos o curso do desempenho não foi informado, valor alto se comparado com os demais dados. Em 4% dos estudos um declínio foi observado ou o grupo teste apresentou menores escores psi que o grupo controle e em 8% dos casos esses resultados foram mistos.

A informação sobre a duração dos estudos não foi disponível em 92% deles, sendo que os dois estudos onde foi disponível observou-se a duração de nove e vinte dias [TP16, 18], respectivamente. Em cinco estudos um clima cooperativo, aquecido e humanista foi informado mas, em 75% dos estudos esta informação não estava disponível. Os participantes

de 58% dos estudos foram escolhidos por apresentarem níveis de psi razoáveis, sendo que em 29% dos estudos a informação não estava disponível e em 13% foram utilizados outros critérios. 83% dos pesquisadores eram crentes em relação a psi e em 17% a informação não foi disponível.

Tabela 23 - Síntese quantitativa geral dos dados dos artigos de treinamento psi, relativos à retro-alimentação

	No. estudos	Receberam críticas		Não receberam críticas		No. participantes	No. ensaios
Estudos de retro-alimentação	24	6	25%	18	75%	390	116.436

Tabela 24 - Síntese quantitativa dos dados dos artigos de retro-alimentação relativos ao tipo de fenômeno, forma de verificação, resultados estatísticos e curso do desempenho (vide legenda no quadro 01)

Tipo de estudo	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
1b.Fenômeno psi	5	11	1	0	8	0	20%	44%	4%	0%	32%	0%
1c.Forma de verificação	23	1	0	0	0	0	96%	4%	0%	0%	0%	0%
1d.Resultados estatísticos	0	4	6	5	9	0	0%	17%	25%	21%	38%	0%
1e. Curso do desempenho	7	1	1	10	2	3	29%	4%	4%	42%	8%	13%

O conjunto destes resultados parece apontar para o efeito positivo do aprendizado psi através da retro-alimentação. No entanto a falta de rigorosidade metodológica, não permite este tipo de conclusão. Por exemplo, os estudos não trabalharam com grupos de controle, com condições semelhantes, porém sem receber retro-alimentação ou recebendo-a de forma falsa. Uma exceção foi o estudo conduzido [TP23], porém os experimentadores não foram "cegos" na condição de pós-teste, ou seja, conheciam o conteúdo dos alvos, o que facilita vazamentos sensoriais.

O último experimento de Tart revisado [TP24] mostrou também o efeito da crença sobre os resultados. Um participante que acreditava que a retro-alimentação era necessária à psi apresentou escores na direção esperada (significativamente acima do acaso na condição de retro-alimentação e significativamente abaixo do acaso na condição de controle). Dois outros,

que acreditavam que a retro-alimentação não era necessária, apresentaram escores na direção inversa (acaso na condição de retro-alimentação e significativamente acima do acaso na condição controle). Importante notar que este efeito não foi verificado nos estudos prévios.

Ainda que Tart tenha interpretado os dados que revisou e suas próprias pesquisas como suportando fortemente a sua hipótese, este pesquisador também considera explicações alternativas para os dados que encontrou, (as quais parecem ser igualmente válidas para esta revisão) indicando que estes seriam produto: a) de um procedimento de seleção dos sujeitos, capazes de desenvolver sua habilidade por razões não conhecidas; b) talvez do feedback, porém a metodologia utilizada é frágil, necessitando de grupos de controle; c) da escolha dos participantes estudantes da faculdade da Califórnia, visto serem jovens e mais abertos para a ESP; e) da relação entre os experimentadores e os sujeitos, a qual foi amigável e aquecida; e f) a influência [psi] do experimentador.

5.2.2 Outros métodos

Estudos TP30, 31, 32 e 33

O artigo do estudo [TP30] não oferece muitas informações sobre o método utilizado no treinamento, tão pouco sobre as medidas objetivas dos resultados ou dos procedimentos contra vazamentos sensoriais. No entanto a técnica de "clarividência chinesa" mostra-se particularmente interessante, por oferecer retro-alimentação imediata, ser de simples execução, permitir uma quantidade grande de ensaios em pouco tempo e ser atrativa do ponto de vista motivacional, tendo sido originalmente criada para treinar a crianças. O estudo [TP31] a descreve com mais detalhes e acrescenta algo interessante, que é o fato do pesquisador "enviar energia qi" para os participantes. Do ponto de vista do efeito experimentador, o pesquisador parece assumi-lo intencional e ativamente para melhorar os

resultados experimentais, quebrando a dicotomia ilusória do pesquisador imparcial que estuda a realidade. Ao incluir explicitamente no experimento, utilizando uma suposta habilidade de envio de energia (efeito *PK* experimentador?), o pesquisador integra seu papel ativo no método, papel este que para ser desenvolvido possivelmente tenha necessitado treinamento pessoal e/ou espiritual.

A técnica em si pode receber melhorias, como é apresentado na experiência [TP41].

O estudo seguinte [TP32] mostra a sua utilização com uma única participante, porém não ficou claro se a participante utilizou a técnica para treinar sua habilidade ou apenas para demonstrá-la. Em [TP33] colaboramos com o pesquisador japonês H. Kokubo e desenvolvemos testes com esta técnica junto a estudantes colegiais. Algo interessante neste estudo é a utilização de geradores de eventos aleatórios para observar possíveis anomalias durante o período de treinamento (os resultados foram marginalmente significativos), abordagem que tem sido verificada em estudos contemporâneos como é mostrado nos estudos seguintes. Criaria o grupo um “campo de coerência mental” capaz de afetar equipamentos eletrônicos? Se sim, este campo seria favorável ao desenvolvimento psi? Estas questões precisam ser consideradas em estudos de treinamento psi, mesmo que não estejam voltados a avaliar o efeito PK do grupo.

Estudos TP29, 39, 40

O trabalho dos pesquisadores russos Lee e Ivanova [TP29] é um dos mais impressionantes apresentados nesta revisão, seja pelos resultados reivindicados, seja pelo método de treinamento utilizado que inclui o uso intensivo da hipnose, associado com técnicas retiradas de filosofias místicas, a retro alimentação e atividades em grupo. Se por um lado os resultados podem e devem ser questionados, visto que não foram replicados, por outro, o método parece ser muito sofisticado, integrando a combinação de vários elementos

num trabalho de sincronização de esforços ou, como tem sido chamado em alguns estudos: "coerência mental". O estudo integrou ainda medidas neurofisiológicas e sociais. Outro aspecto interessante é que informa que a habilidade *PK* é treinada ou desenvolvida, mas não é mantida, sendo que a sua manutenção poderia trazer prejuízos à saúde dos participantes, segundo correlatos neurofisiológicos encontrados. Esta perspectiva pode inspirar reflexões novas a respeito dos estudos de treinamento psi, incluindo reflexões éticas sobre os riscos implicados nestas pesquisas. Os trabalhos [TP39 e 40] focalizam em intensos workshops de aproximadamente uma semana, nos quais os participantes mergulham profundamente numa variedade de técnicas e estimulações, com o objetivo de obter uma "coerência mental" que possa ser percebida em geradores de eventos aleatórios. Os resultados se mostram instáveis e ocorrendo em direções diferentes das previstas. No entanto, traz à tona a questão de uma possível influência física (em RNGs) provocada pelo trabalho de treinamento em grupo. Se existir, teria ela alguma relação com outros escores psi? Questão que precisa ser considerada em estudos de treinamento psi.

Estudos TP25, 26, 27 e 28

O primeiro estudo, [TP25], lembra um pouco os estudos anteriores, envolvendo um treinamento intensivo de 12h, no qual práticas de hipnose, relaxamento e sugestões para obtenção de psi são realizadas. Os resultados foram interessantes, porém atribuídos a um participante e não ao grupo. O estudo [TP26] seguinte trabalhou com grandes grupos, manipulando a crença, possíveis aplicações práticas, estados modificados de consciência, obtendo efeitos psi em grupo marginalmente significativos. O estudo [TP27] treinou dois tipos de visualização para produzir *PK*, tendo uma delas (voltada à tarefa) obtido resultados positivos *PK*, enquanto que o [TP28] constituiu num estudo longo de treinamento, baseado na disciplina rígida e práticas intensas diárias, mas os resultados carecem de avaliação científica.

O único estudo que parece oferecer alguma contribuição é o [TP27] com o treinamento de visualizações, com foco na tarefa e não no processo, ou seja, visualizar a forma ou os detalhes do efeito não o produz, enquanto que visualizar a tarefa ocorrendo ou realizada sim. Esta informação contradiz a abordagem utilizada no estudo [TP29] que se utilizou de sofisticadas técnicas de visualização relacionadas ao processo.

Estudos TP34, 35, 36, 37 e 38

Na pesquisa [TP34] Delanoy integrou alguns fatores psi condutivos, como extroversão e crença na psi (na seleção dos participantes) e a técnica ganzfeld (também considerada psi-condutiva) com um procedimento de retro-alimentação realizado ao final da técnica. Ainda que os resultados não tenham sido significativos, alguns fatores subjetivos foram avaliados, permitindo alguma compreensão sobre os processos de avaliação dos conteúdos recebidos e dos alvos ao final do estudo. Estes fatores mais subjetivos podem ser trabalhados num estudo de treinamento psi, pela verificação se a melhoria deles conduziria a um aumento dos escores psi.

Em [TP35] vemos outro estudo de treinamento que integrou fatores psi-condutivos, como técnicas mentais diversas, as quais foram realizadas pelos participantes tanto no laboratório como em suas casas. Os testes foram realizados com procedimentos de resposta livre, e não apresentaram significância geral. As sessões realizadas com imaginação tiveram escores acima daquelas realizadas com concentração. Os participantes relataram ter tido escores altos e significativos, em suas casas, o que não ocorreu no laboratório. Seria este ambiente menos atrativo ou relaxante que aquele? Ou o nível de rigor metodológico, que potencialmente exclui vazamentos sensoriais, seria responsável por esta diferença? Ou ainda uma combinação entre ambos? Como visto anteriormente, o ambiente social deve ser considerado seriamente num estudo de treinamento psi. Tal como no estudo anterior os

aspectos fenomenológicos receberam atenção. Os participantes relataram mudanças positivas na vida prática, incluindo o aumentado do nível geral de autoconsciência e do uso prático de intuições (algumas, talvez, mediadas por psi). Eis uma ponte concreta entre um estudo de treinamento psi e o bem-estar dos seus participantes.

A pesquisa [TP36] é uma das mais conhecidas e polêmicas dentre os estudos de treinamento psi. Práticas de hipnose voltadas a aumentar a imaginação visual e a concentração, bem como uma série de testagem faziam parte deste treinamento que podia durar anos. Um dos supostos alunos deste treinamento obteve, ao longo dos anos, resultados consistentes e elevados. Estudos falharam ao replicar esse treinamento, porém fizeram modificações no mesmo e o próprio pesquisador não conduziu estudos de replicação de seu trabalho. Ainda que não tenha sido replicado, este estudo parece constituir-se num dos mais bem-sucedidos. É também o treino mais longo de todas as pesquisas revisadas. O foco no controle da visualização (através da hipnose) merece destaque, visto que outros estudos também obtiveram sucesso com estes tópicos. O estudo seguinte [TP36] inspirou-se no anterior, incluindo sessões de hipnose num trabalho de vários meses, incluindo o processo da retro-alimentação. Os dois participantes que concluíram o estudo mostraram uma taxa de crescimento de acertos significativa ao longo do treino. Uma falha grave, no entanto, ocorreu ao permitir que somente os participantes (sem a presença do pesquisador) conduzissem tanto os treinos como os testes, procedimento metodológico de segurança inapropriado contra vazamentos sensoriais. No entanto, a idéia por detrás desta falha merece atenção: envolver os participantes no processo, responsabilizando-os e motivando-os para o processo. Em estudos longos este envolvimento pode ser crucial para a motivação e conseqüente manutenção dos participantes no estudo.

O último estudo desta série [TP38] conduziu o treinamento da imaginação e da visualização de cores com sujeitos, através de sessões semanais. Os resultados *PK* antes e

depois do treinamento foram significativamente diferentes e na direção esperada. O efeito experimentador pode ter sido causa destes resultados, em função de que o pesquisador principal é considerado psi-condutivo.

Experiência TP41

A experiência apresentada em [TP41] serve apenas para ilustrar a possibilidade de integrar um trabalho voltado ao crescimento pessoal e transpessoal com os objetivos de treinamento psi. Os testes realizados tinham como objetivo fornecer aos participantes uma referência dos seus níveis de psi, porém as avaliações mais válidas para eles foram aquelas de caráter fenomenológico, ou seja, a sua experiência diária na testagem das possíveis capacidades psi-intuivas. Esta integração, aliás, parece ser útil para um estudo de treinamento psi. Esta experiência não se guiou por uma metodologia experimental, mas sim vivencial, desta forma pode apenas servir de inspiração para pesquisas futuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

6.1 VARIÁVEIS COMUNS E ESPECÍFICAS DOS SISTEMAS DE DESENVOLVIMENTO PSI

Variáveis mais comuns - como é de se esperar, basicamente todos os sistemas revisados buscavam encontrar uma fórmula (simples ou complexa) que produzisse o desenvolvimento e/ou estimulação de psi. A maior parte dos estudos de TP se enquadraram mais ou menos em uma ou outra abordagem teórica - aprendizado da psi através da retro-alimentação e modelo da redução da atenção dos estímulos (ruídos) externos. Vários estudos fizeram combinações entre essas duas abordagens, incluindo também os fatores psi-condutivos. Uma característica comum entre os estudos de TP é a curta duração, 80% deles não se estenderam por mais de 15 dias. Os estudos VCP são, por característica de método, curtos, sintonizando com os de TP. Considerando-se a complexidade e fugacidade dos supostos fenômenos em foco, este curto tempo dos estudos parece não ser adequado. As críticas de Mishlove (1983) sobre os estudos experimentais de TP e de VPC, de que os mesmos não consideram desenvolvimento continuado dos participantes, além das necessidades do experimento, parece ser comum na maioria dos estudos revisados. Pareceu ser também comum a não preocupação em oferecer uma estrutura cognitiva para o entendimento de Psi [ainda que temporária], ou considerações éticas relativas ao seu uso, reflexões sobre uma integração [ou impacto] destes supostos fenômenos com ou sobre o desenvolvimento da personalidade e bem-estar geral dos colaboradores.

Variáveis mais específicas - alguns estudos se focalizaram em questões pontuais as quais foram pouco ou não foram contempladas na maior parte dos estudos. Incluem estas a exploração de processos sociais em grupos de diferentes tamanhos, a avaliação de

características dos alvos experimentais, a avaliação de características de personalidade, características do pesquisador, crenças. Outra característica específica de alguns poucos estudos foi de propor a integração de vários fatores e/ou abordagens psi-condutivas. Estes estudos ou experiência foram os que mais se aproximaram de uma abordagem sistêmica [anteriormente apresentada] da realidade e dos fenômenos psi.

6.2 DISCUTINDO A EFICÁCIA DOS TREINAMENTOS PSI E OS RESULTADOS DE ESTUDOS QUE MANIPULAM VARIÁVEIS CONSIDERADAS PSI-CONDUTIVAS

Uma resposta direta à questão de que se os estudos reavaliados foram eficazes em treinar psi ou manipular variáveis psi-condutivas é não! Ainda que a maior parte deles tenha obtido resultados significativos e na direção esperada, de uma forma geral os estudos falharam em termos da elaboração de métodos capazes de excluir hipóteses alternativas àquelas testadas. Abaixo, enumeram-se as principais falhas encontradas:

1. Falta de grupos controle, o que foi principalmente observado nos estudos de retro-alimentação;
2. Falta do controle adequado da variável crença, tanto em relação aos sujeitos como os pesquisadores;
3. Falha em avaliar o real aprendizado, o que necessitaria de estudos mais longos. A grande maioria dos estudos realizados foi de curto ou curtíssimo prazo e sem a avaliação e/ou correlação de fatores aos quais se atribui aprendizado com os escores psi. Se um aprendizado ocorre, ele deveria ser mantido²⁶, e, somente um caso mostrou evidências de manutenção de um padrão alto de psi, supostamente adquirido através de um treinamento. Porém este

²⁶ Este é um pressuposto baseado nos processos de aprendizagem de habilidades não anômalas, podendo ser questionado, visto que o conhecimento sobre a natureza das supostas habilidades anômalas relacionadas à psi é ainda muito pequeno.

treinamento não foi replicado, e produziu apenas um exemplar. Todos os demais estudos não apresentaram testes posteriores para verificar a possível manutenção.

4. O efeito experimentador psi e psicológico parece ter sido amplamente ignorado pela maioria dos estudos. Sem que este efeito seja basicamente avaliado não há como excluí-lo das hipóteses concorrentes àquela testada.

5. Falta de parâmetros padrões para avaliar determinadas características ou estados (ex. hipnose, meditação, ganzfeld);

6. Falta de uma abordagem mais sistêmica e integrada em relação aos fenômenos psi, aos métodos para testá-los e as múltiplas variáveis passíveis de influenciá-lo.

6.3 REFLETINDO SOBRE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO: É POSSÍVEL TREINAR PSI?

Considerando as falhas acima indicadas

Inicialmente é preciso considerar que parece não existir um método único que dê conta adequadamente de todas as críticas apontadas acima e, as reflexões apresentadas não têm como objetivo criar tal método. Antes disso, buscam levantar possibilidades para serem exploradas, aperfeiçoadas ou, se necessário, descartadas. Os itens acima indicados são agora refletidos em ordem decrescente:

6. Alguns pesquisadores psi da atualidade têm considerado este suposto fenômeno como sendo multi-determinado; Parker (2000, p. 11-12), por exemplo, afirma: “É possível que experimentadores produzam resultados semelhantes, porém fazendo diferentes contribuições para o processo psi: um experimentador talentoso pode ser hábil em obter efeitos psi significantes de muitos sujeitos sob uma variedade de condições enquanto que

outros podem estar mais dependentes de receptores talentosos, e/ou emissores talentosos e/ou do material dos alvos certo.” Em seu modelo, Parker indica que a produção da psi em laboratório seria resultado da interação de 4 tipos de fatores. Os fatores do experimentador, os quais incluem empatia, cordialidade e expectativa de sucesso. Os fatores do receptor incluem experiência paranormal anterior, pólo percepção/sentimento no MBTI, extroversão, disciplina mental e experiência anterior em experimentos. Com relação ao emissor, inclui a relação biológica. Os fatores dos alvos incluem o conteúdo emocional dos mesmos e a mudança nesse conteúdo.

Modelo 01 - proposto pelo pesquisador Adrian Parker (2000, p.11)

O modelo acima não considera alguns fatores revisados, como por exemplo, o efeito psi do experimentador e os fatores de modificação de consciência, ainda que os estudos deste pesquisador sejam feitos com a técnica Ganzfeld (originalmente criada para estimular tal modificação). Tal modelo não pode ser considerado completo em termos de uma abordagem sistêmica, mas serve como exemplo de uma perspectiva prática e metódica que integra vários fatores. Parece não ser possível, no campo da pesquisa psi, focalizar apenas um aspecto e, ignorando os demais, tentar compreender o efeito de tal aspecto sobre o desempenho psi. Certamente que também não é possível controlar todas as variáveis potenciais relacionadas ao suposto fenômeno em foco, pois, até que o mesmo seja compreendido a possibilidade de variáveis é infinita. Por outro lado, é possível, ainda que difícil, considerar muitas variáveis

em um único estudo, tal como propõe Parker (2000) ou como fizemos em nosso estudo Ganzfeld x não Ganzfeld (SILVA, PILATO, HIRAOKA, 2003).

Outro aspecto importante desta possível abordagem sistêmica, é que ela não precisa se restringir ao contexto do laboratório, podendo incluir os colaboradores da pesquisa como seres em constante crescimento e evolução, e tentar contribuir com este processo, ainda que não haja garantias sobre esta contribuição. Tal como ocorre nos sistemas de desenvolvimento psi tradicionais, talvez seja necessário criarem-se referências, ainda que exploratórias e mutáveis, capazes de dar significado ao treinamento psi como um instrumento de crescimento pessoal. Alguns estudos revisados nesta pesquisa [TP34 e 35] sugeriram esta possibilidade e a nossa experiência com grupos de vivências [TP41] parece confirmá-la. Naturalmente que a criação ou empréstimo de tais referências demandaria uma pesquisa teórica, integrada aos estudos experimentais de treinamento psi.

5. Estudos recentes têm apontado para a necessidade de criação de parâmetros para avaliar determinadas características ou estados, bem como tem proposto metodologias capazes, talvez, de contribuir neste sentido (ALVARADO, 1998, 2000; CARDENÃ, 2006). Seja por vias de testes padronizados, investigações fenomenológicas ou referências fisiológicas/neurofisiológicas, ou ainda alguma combinação entre elas, os estudos psi, e em particular de treinamento psi, precisam avançar a padronização de suas medidas.

4. O efeito experimentador psi e psicológico parece ser a última fronteira da replicabilidade dos estudos psi (SMITH, 2001) e talvez seja também uma das chaves para os estudos de treinamento psi. Para conquistá-la, no entanto, talvez seja necessário que o pesquisador assuma explícita e conscientemente a sua postura interveniente na experimentação, incluindo seus fatores de personalidade e a sua própria psi. Para tanto é necessário que sejam avaliados e considerados como fatores influentes nos resultados. A manipulação destes fatores pode ser difícil, mas, talvez, não impossível.

3. A princípio, os estudos de treinamento psi precisariam ser mais prolongados, visto que uma avaliação razoável de psi, antes do treino e depois do mesmo, já tomaria cerca de 2 meses. É preciso considerar que a sensibilidade das técnicas experimentais é variada e que algumas pessoas se adaptam melhor com alguns tipos do que outros. Assim, supõe-se que uma avaliação seja mais consistente se incluir mais de um método, permitindo mais flexibilidade de expressão e adaptação dos participantes. Uma segunda avaliação posterior ao treino também se faz necessário (por exemplo, 2 ou 3 meses depois), para verificar se ocorre manutenção, aumento ou diminuição do nível dos escores em relação as duas testagens anteriores.

O treinamento em si, precisa ter claramente definido seus objetivos e as formas de avaliá-los. Se, por exemplo, inclui o treino da visualização, precisa encontrar uma ou mais formas de avaliar o nível desta habilidade, buscando correlacionar o curso deste desempenho com o curso dos escores psi, ou comparar os níveis iniciais e finais de ambas as medidas. Assim, cada foco do treino precisa ser mensurado e considerado em relação aos escores psi. Em contrapartida ao aspecto objetivo, a consideração fenomenológica parece também ser imprescindível, para que se possa compreender, sob o ponto de vista daquele que experimenta o treinamento, como que o mesmo está afetando as várias esferas da sua vida. Um especial cuidado ético se faz necessário visto que os supostos fenômenos alvos do treino não são compreendidos. Por outro lado, as técnicas treinadas e/ou os supostos aprendizados poderão ser utilizados em outros momentos da vida do participante, e é importante que estas informações sejam consideradas na pesquisa. Como por exemplo, alguns participantes do estudo [TP35] relataram que passaram a utilizar mais as intuições (algumas talvez mediadas por psi) em suas vidas práticas, o que também temos encontrado em nossa experiência com grupos de vivência [TP41]. A forma de manifestação destas experiências é semelhante àquelas ocorridas no grupo, ou nos testes psi? A fenomenologia das mudanças mediadas pelo

treinamento (que talvez se constituam ou venham a se constituir em aprendizados) precisa ser considerada em relação aos dados objetivos, visto que é ela que dará ou não sentido a estes.

2. A variável crença, tanto em relação aos sujeitos pesquisados quanto aos pesquisadores pode, talvez, ser manipulada de diferentes formas para que possa se compreender melhor o seu efeito sobre os experimentos. Para tanto estudos encobertos ou parcialmente encobertos podem ser conduzidos. Por exemplo, um trabalho voltado ao desenvolvimento interpessoal/emocional produziria uma melhoria nos escores em testes psi (encobertos ou semicobertos)? Outro exemplo, dois pesquisadores são treinados para conduzirem um treino de psi, um deles recebe a informação de que a técnica que irá conduzir é excelente, enquanto que o outro é informado de que a técnica não é muito boa, mas que por razões científicas precisa ser testada.

1. A questão da falta de grupos controle em experimentos de treinamento psi é bastante difícil. A utilização de grupos com finalidades encobertas (sujeitos ingênuos), talvez possa endereçar esta questão, tal como foi sugerido no item anterior. Outra alternativa é conduzir dois ou mais programas semelhantes, com procedimentos considerados cruciais sendo manipulados entre os grupos. Por exemplo, um grupo com objetivo de treinar vários fatores psi-condutivos em comparação com um grupo voltado a trabalhar processos de retro-alimentação.

Integrando os dados numa proposta inicial exploratória

Semelhante ao que foi indicado na consideração das falhas (item acima), parece não ser possível integrar o dados comentados numa única proposta de estudo e a sugestão oferecida busca apenas levantar possibilidades e reflexões muito breves, que precisam ser melhor estudadas e desenvolvidas teoricamente, ou ainda modificadas, antes de uma possível aplicação prática. O estudo sugerido tem caráter puramente exploratório, ou seja, de investigar

um leque amplo de possibilidades que, a partir dos resultados encontrados, poderão ser focalizadas em estudos pontuais sucessivos.

a. Pesquisadores - entre 5 a 9, com experiência em facilitação de dinâmicas de grupo.

b. Treino prévio dos pesquisadores - para que possam conduzir o treinamento psi dos participantes, os pesquisadores precisarão primeiro treinar a si próprios, ou seja, vivenciar o processo que irão conduzir. Algumas diferenças existirão em relação ao programa a ser aplicado, visto que um dos objetivos do treino prévio é aprender facilitar o treinamento que se está vivenciando. Outra diferença é que nas avaliações finais de psi, os resultados não serão disponíveis aos pesquisadores em treinamento, somente ao coordenador do estudo. Isto visa controlar o efeito experimentador psi na pesquisa a ser conduzida.

c. Os pesquisadores serão agrupados em duplas (facilitador e cofacilitador) de acordo com os níveis de seus escores psi, de forma que os participantes das duplas tenham escores proporcionais. Se forem 5 pesquisadores, formar-se-ão duas duplas (uma com escores psi mais altos e a outra com escores mais baixos) mais o coordenador. Se o número de pesquisadores for 9, formam-se quatro duplas.

d. No desenho experimental básico (para 5 pesquisadores), formam-se dois grupos (1 e 2) com cerca de 10 participantes (entre 8 e 12). Ambos os grupos farão o mesmo programa, permitindo, ao menos em parte, que o efeito experimentador psi seja avaliado, visto que é esperado que as duplas de pesquisadores tenham escores psi diferentes. Se forem semelhantes, mas não sugestivos de psi, o efeito está, a princípio, sob controle. Mas se forem semelhantes e sugestivos de psi, o método falha em avaliar o efeito. Em adição, para que este efeito seja considerado, também é necessário avaliar o efeito experimentador psicológico, o que pode ser obtido por avaliações dos participantes (sobre a qualidade da interação com os facilitadores e clima social, considerada para cada sessão).

e. No desenho ampliado (para 9 pesquisadores) criam-se mais dois grupos (3 e 4), os quais farão basicamente o mesmo programa, porém sem os treinos específicos para os testes psi, alguns dos quais serão encobertos. Estes grupos terão outro objetivo (ex. autoconhecimento e o desenvolvimento interpessoal e emocional), o qual não ocultará completamente os processos “intuitivos” (expressão que pode ser usada para despistar os fenômenos psi), mas não dará nenhuma ênfase a eles, tão pouco lhes atribuirá caráter negativo. Estes grupos servirão como controle parcial dos outros, sendo que um deles será conduzido por uma dupla de pesquisadores com escores psi altos e o outro por pesquisadores com escores psi baixos, se os escores variarem suficientemente para permiti-lo.

f. As avaliações psi (uma anterior e duas posteriores) incluirão: a) técnica ganzfeld, b) de visão remota e duas técnicas de clarividência, que são a c) chinesa [TP31] e d) com fotografias [TP41], usadas na forma convencional para os grupos teste e modificada para os grupos de controle. A modificação básica refere-se ao objetivo (focado na descoberta e trabalho das emoções), porém mantém os procedimentos básicos para que possam ser avaliadas em termos de psi. Os resultados psi destas técnicas não serão enfatizados e/ou divulgados (no caso das avaliações por juízes externos), ou seja, nos grupos de controle não haverá estímulo ao aprendizado via retro-alimentação. Registros de RNG serão considerados durante as sessões de treinamento e testes e comparados com outras medidas ou eventos desenvolvidos.

g. Avaliações psicométricas (de personalidade e de habilidades emocionais-interpessoais) acompanharão os testes psi prévios e posteriores. Registros de relatos (avaliação fenomenológica) serão conduzidos durante as atividades, havendo espaço específico para elas na forma verbal, e estímulo para relatos por escrito.

h. O programa de treinamento em si (excluindo as avaliações pré e pós-treinamento), terá cerca de cinco meses de duração com encontros semanais de 2,5h. Ele incluirá para todos

os grupos: a) treino dos fatores psi-condutivos (com ênfase nos processos de visualização, como sugerem os estudos [TP27, 29, 35, 36 e 38], com avaliações para cada tipo treinado (no caso dos grupos de controle, eles serão chamados de fatores de estímulo e transformação emocional) e b) treino do autoconhecimento e do desenvolvimento interpessoal e emocional (a presença de processos emocionais mediando, modulando ou afetando a interpretação e ação relacionada aos supostos fenômenos psi, parece justificar este fator). Os grupos teste terão, em acréscimo, o treino da tomada de decisão (TD) e resolução de problemas (RP) por vias psi. Basicamente todos os testes psi podem ser considerados sob o prisma da TD e RP, com a vantagem de que esta abordagem pode ser transportada para outras instâncias da vida, constituindo-se, desta forma, em fator motivacional aos participantes. Os estudos de Damásio (BECHARA e DAMÁSIO, 2005; DAMÁSIO, 1996) e Bierman (2000, 2004) parecem justificar esta relação entre TD e RP, processos fortemente afetados pelas emoções, e fenômenos psi.

g. Os participantes dos grupos serão solicitados a desenvolverem tarefas, relacionadas aos fatores treinados, em suas casas ou outros locais que não os dos grupos de treinamento. Estas tarefas serão controladas na sua frequência. Serão também estimulados a criarem novas atividades que possam estar relacionadas aos objetivos dos treinamentos. Eles serão selecionados por interesse e disponibilidade para as atividades propostas.

h. Caso esta proposta, ou alguma inspirada nela venha a ser implementada, necessitará de recursos econômicos para os pesquisadores. O projeto desta possível pesquisa poderá incluir recursos a serem pagos também aos participantes, como estímulo extra para a colaboração dos mesmos, porém, na divulgação da pesquisa com vistas ao recrutamento dos participantes, esta informação não deve ser divulgada, filtrando, desta forma, participantes que teriam como interesse básico o recebimento de tais recursos.

Reflexões finais e especulações

É possível treinar psi? Segundo a avaliação conduzida, como já foi indicado acima, os estudos revisados não foram eficazes em treinar psi ou manipular variáveis psi-condutivas. Assim, conforme os objetivos desta pesquisa a resposta é negativa, ou seja, os dados avaliados não evidenciaram que psi possa ser treinada. O que eles parecem evidenciar é que a complexidade desta questão é grande e que ela não foi considerada de forma suficientemente adequada (método) e sistemática (contínua) pelos pesquisadores de psi.

No entanto, com base nestes mesmos dados, não é lógico afirmar que não é possível treinar psi através de outras abordagens (como a sugerida acima ou outra a ser desenvolvida). Num nível mais amplo, a pergunta que norteou esta pesquisa parece permanecer sem resposta. Aliás, indagações - inquietações como estas (de origem não muito bem explicada) são muito boas, visto que mobilizam para pesquisa, ação, mudança. A continuidade na busca de respostas para estas e outras indagações deve continuar, pois que o que hoje recebe o nome de anômalo, amanhã, talvez, seja parte de nossas crenças e práticas regulares.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, C. H.; BROUGHTON, R. S. CL1-ganzfeld study: a look at brain hemisphere differences and scoring in the autoganzfeld. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 42., 1999, Palo Alto. **Proceedings of Presented Papers...** Palo Alto: Parapsychological Association, 1999. p. 3-18.
- ALEXANDER, C. **Physiology and psi**. Rhine Research Center class, Durham, 29 Jun. 1998. 2 videos 8mm. (2 h.).
- ALEXANDER, C.; PERSINGER, M. A.; ROLL, W. G.; WEBSTER, D. L. EEG and SPECT data of selected subject during psi tasks: the discovery of a neurophysiological correlate. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 41., 1998, Halifax. **Proceedings of Presented Papers...** Halifax: Parapsychological Association, 1998. p. 3-13.
- ALVARADO, C. ESP and altered states of consciousness: an overview of conceptual and research trends. **Journal of Parapsychology**. v. 62, p. 27-64, mar. 1998.
- ALVARADO, C. La percepcion extrasensorial y la alteracion de consciência: una nota metodologica y comceptual com respecto al Ganzfeld. **Revista Argentina de Psicologia Paranormal**, Buenos Aires, v. 11, p. 41-57, Enero-Abril. 2000.
- ALVARADO, C. S. **Aspects of the history of parapsychology**: I. Psychical research at the 1889 International Congress of Physiological Psychology. PF Lyceum Blog, no ar desde 2006. Disponível em: < <http://www.pflyceum.org/162.html>>. Acesso em 25 out. 2008.
- ALVARADO, C. S. Dissociation in Britain during the late nineteenth century: the Society for Psychical Research, 1882-1900. **Journal of Trauma and Dissociation**, v. 3, p. 9-33, 2002.
- ALVARADO, C. S. Historical writings on parapsychology and its contributions to psychology. **PA e-newsletter**, winter 2003.
- ALVARADO, C. S. On the centenary of Frederic W.H. Myers's Human Personality and Its Survival of Bodily Death. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 68, p. 3-43, 2004.
- ALVARADO, C. S.; ZINGRONE, N. L. Anomalías de interacción con el ambiente: el estudio de los fenómenos parapsicológicos. **Revista Puertorriqueña de Psicología**, v. 11, p. 99-147, 1988.
- ASTIN, J. A.; HARKNESS, E.; ERNST, E. The efficacy of "distant healing": a systematic review of randomized trials. **Ann Intern Med.**, v. 132, p. 903-910, 2000.
- ATKINSON, R. L.; ATKINSON, R. C.; SMITH, E. E.; BEM, D. J.; NOLEN-HOEKSEMA, S. **Introduction to psychology**. 13. ed. Fort Worth: Harcourt College Publishers, 2000.
- BALLARD, J. A. Affective assessment, belief in ESP, and relaxation in relation to scoring on

a psi task. In: WEINER, D. H.; MORRIS, R. L. (Eds.), **Research in parapsychology 1987**. Metuchen: Scarecrow Press, 1988. p. 51-55.

BALLARD, J. A.; COHEE, J. C.; ELDRIDGE, T. M. Target affect, anxiety, and belief in ESP in relation to ESP scoring. In: ROLL, W. G.; BELOFF J.; WHITE, R. A. (Eds.), **Research in parapsychology 1982**. Metuchen: Scarecrow Press, 1983. p. 195-196.

BANHAM, K. Feedback, learning and guessing. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 37, p. 72-73, 1973.

BANHAM, K. The effect of feedback on guessing. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 34, p. 226, 1970.

BARRIONUEVO, V. L. O. C. **Seguindo os passos de Charles Honorton**: uma apostila sobre os experimentos Ganzfeld. Curitiba: Ed. própria, 1994.

BARRIONUEVO, V. L. O. C.; Pallu, T. R. Ganzfeld: una perspectiva didáctica. In: ENCUESTRO PSI, 3., 1998. Buenos Aires. **Atas...** Buenos Aires: Instituto de Psicología Paranormal, 1998. p. 14-26.

BARRIONUEVO, V. L. O. C.; Pallu, T. R. Telepatia em los experimentos ganzfeld de la UNIBIO: 1993-1996. **Revista Argentina de Psicología Paranormal**. Buenos Aires, v. 11, p. 27-40, Enero-Abril. 2000.

BECHARA, A.; DAMÁSIO, A. The somatic marker hypothesis: a neural theory of economic decision. **Games and Economic Behavior**. v. 52, p. 336-372, 2005.

BELOFF, J. **Parapsychology**: a concise history. London: Athlone Press, 1993.

BELOFF, J. The "sweethearts" experiment. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 45, p. 1-7, 1969.

BELOFF, J.; BATE, D. An attempt to replicate the Schmidt findings. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 46, p. 21-30, 1971.

BELOFF, J.; MANDLEBERG, L. An attempted validation of the "Ryzl technique" for training *ESP* subjects. **Journal of the Society for Psychical Research**, v. 43, p. 229-249, 1966.

BELZ-MERK, M. Clinical parapsychology: today's implications, tomorrow's applications. In: UTRECHT II: CHARTING THE FUTURE OF PARAPSYCHOLOGY, 2., 2008, Utrecht. **Abstracts paper sessions...** Utrecht: Het John Bormanfonds & Parapsychology Foundation, 2008. p. 14-15.

BELZ-MERK, M. Counseling and therapy for people who claim exceptional experiences. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000,

Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 14-32.

BEM, D. J.; HONORTON, C. Does psi exist? replicable evidence for an anomalous process of information transfer. **Psychological Bulletin**, v. 115, p. 4-18, 1994.

BEM, D. J.; PALMER, J.; BROUGHTON, R. S. Updating ganzfeld database: a victim of its own success. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 65, p. 207-218, 2001.

BEM, D. Response to Hyman. **Psychological Bulletin**, v. 115, p. 25-27, 1994.

BIERMAN, D. Anomalous baseline effects in mainstream emotion research using psychophysiological variables. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 34-47.

BIERMAN, D. J. The Amsterdam Ganzfeld series III & IV: target clip emotionality, effect sizes and openness In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 38., 1995, Durham. **Proceedings of Presented Papers...** Durham: Parapsychological Association, 1995. p. 27-37.

BIERMAN, D. Non conscious processes preceding intuitive decisions. In: SIMPÓSIO DA FUNDAÇÃO BIAL: AQUÊM E ALÉM DO CÉREBRO, 5., 2004, Porto. **Actas...** Porto: Fundação Bial, 2004. p. 109-126.

BORGEOIS, R.L.; PALMER, J. Is intuition an example of practical ESP? Further explorations of a tool for identifying Intuitive talent for practical decision making. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 46., 2003, Vancouver. **Proceedings of Presented Papers...** Vancouver: Parapsychological Association, 2003. p. 21-30.

BÖSCH, H.; STEINKAMP, F.; BOLLER, E. Examining psychokinesis: the interaction of human intention with Random Number Generators - a meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v.132, p. 497-523, 2006a.

BÖSCH, H.; STEINKAMP, F.; BOLLER, E. In the Eye of the Beholder: Reply to Wilson and Shadish (2006) and Radin, Nelson, Dobyms, and Houtkooper (2006). **Psychological Bulletin**, v. 132, p. 533-537, 2006b.

BRAUD, L. W. AND LOWENSTERN, K. Creativity and psi. In: ROLL, W. G.; MORRIS, R. L.; WHITE, R.A. (Eds.), **Research in Parapsychology 1981**, Metuchen: Scarecrow Press, 1982. p. 78-80.

BRAUD, L. W., LOEWENSTERN, K. Creativity and psy. In: ROLL, W. G.; MORRIS, R. L.; WHITE, R.A. (Eds.), **Research in Parapsychology 1981**, Metuchen: Scarecrow Press, 1982. p. 111-115.

BRAUD, L. W.; BRAUD, W. G. Further studies of relaxation as a psi-conductive state. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 68, p. 229-245, 1974.

BRAUD, W. G. Psi-conductive states. **Journal of communication**, v. 25, p. 142-152, 1975.

BRAUD, W. G.; BRAUD, L. W. Preliminary explorations of psi-conductive states: Progressive muscular relaxation. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 67, p. 26-46, 1973.

BRAUD, W. G.; SCHLITZ, M. A. Conscious interactions with remote biological systems: anomalous internationality effects. **Subtle energies**, v. 2, p. 1-46, 1991.

BRAUD, W. G.; WOOD, R.; BRAUD, L. W. Free-response GESP performance during an experimental hypnagogic state induced by visual and acoustic Ganzfeld techniques: a replication and extension. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 69, p. 105-113, 1975.

BRIONES, F. L. (Ed.). **Desarrollo de la percepción extrasensorial: aprendizaje psi**. Barcelona: Noguer. 1983.

BROUGHTON, R. S. **Parapsychology: the controversial science**. New York: Ballantine Books, 1991.

BROUGHTON, R. S.; KANTHAMANI, H.; KHILJI, A. Assessing the PRL success model on an independent Ganzfeld base. In: HENKLE L.; PALMER, J. (Eds.), **Research in Parapsychology 1989**, Metuchen: Scarecrow Press, 1989, p. 32-35.

BROUGHTON, R. S. Exploring repeated sampling techniques in Field-RNG research. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 42., 1999, Palo Alto. **Proceedings of Presented Papers...** Palo Alto: Parapsychological Association, 1999. p. 35-47.

BROUGHTON, R. S. Exploring repeated sampling techniques in Field-RNG research. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 42., 1999, Palo Alto. **Proceedings of Papers...** Palo Alto: The Parapsychological Association, 1999. p. 35-47.

CABADO-MODIA, E. **A construção imaginária e simbólica do stress psicológico: a compreensão do stress numa abordagem lacaniana**. 2008. 480 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CARDENÃ, E. Anomalous experiences and hypnosis. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 49., 2006, Sweden. **Proceedings of Presented Papers...** Sweden: Parapsychological Association, 2006. p. 32-42.

CARDENÃ, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. (Ed.). **Varieties of anomalous experience:**

examining the scientific evidence. Washington: APA, 2000.

CARPENTER, J. Obituary Robert L. Morris. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 68, p. 422-431, 2004.

CARPENTER, J. Parapsychology and the psychotherapy session: their phenomenological confluence. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 52, p. 213-224, 1988a.

CARPENTER, J. Quasi-therapeutic group process and ESP. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 52, p. 279-304, 1988b.

CARPENTER, J. The intrusion of anomalous communication in group and individual psychotherapy: clinical observations and research project. In: SIMPÓSIO DA FUNDAÇÃO BIAL: AQUEM E ALÉM DO CÉREBRO, 4.; 2002, Porto. **Actas...** Porto: Fundação Bial, 2002. p. 255-274.

CASLER, L. "Active" versus "passive" GESP: a new approach. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 76, p. 167-176, 1982.

CASLER, L. The improvement of clairvoyance scores by means of hypnotic suggestion. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 26, p. 77-87, 1962.

CASTLE, R. L. V. Sleep and dreams. In: WOLMAN, B. B. (Ed.). **Handbook of parapsychology**. Jefferson: McFarland, 1977. p. 473-499.

CASTLE, R. L. V.; DAVIS, K. R. The relationship of suggestibility to ESP scoring level. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 26, p. 270-271, 1962.

CRANDALL, J. E. Effects of favorable and unfavorable conditions on the psi-missing displacement effect. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 79, p. 27-38, 1985.

DAGLE L. T. **The effect of immediate reinforcement in a two-choice ESP test**. 1968. Thesis (M.A.), Trinity University, 1968.

DALTON, K. **Comunicação pessoal**. E-mail recebido em out. 2002.

DALTON, K. Exploring the links: creativity and Psi in the Ganzfeld. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, HELD IN CONJUNCTION WITH THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 40., 1997, Brighton. **Proceedings of Presented Papers...** Brighton: Parapsychological Association, 1997c. p. 119-134.

DALTON, K. Is there a formula to success in the ganzfeld? observations on predictors of psi ganzfeld performance, **European Journal of Parapsychology**, v. 13, p. 71-82, 1997d.

DALTON, K. **Os experimentos Ganzfeld**. Palestra proferida na FACIBEM, Curitiba, 14 Out. 1997b. 2 videos 8mm. (2 h.).

DALTON, K. **The relationship between creativity and anomalous cognition in the Ganzfeld**. 1997. Thesis (Ph.D. in Parapsychology) - Koestler Chair of Parapsychology, Department of Psychology, University of Edinburgh, 1997a.

DALTON, K., MORRIS, R. L., DELANOY, D. L., RADIN, D., TAYLOR, R. AND WISEMAN, R. Security measures in an automated ganzfeld system. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 37., Amsterdam, **Proceedings of Presented Papers...** Amsterdam: Parapsychological Association, 1994. p. 114-123.

DALTON, K., STEINKAMP, F. ; SHERWOOD, S. J. A dream GESP experiment using dynamic targets and consensus vote. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 39., 1996, San Diego. **Proceedings of Presented Papers...** San Diego: Parapsychological Association, 1996. p. 57-72.

DALTON, K.; UTTS, J. Sex pairings, target type and geomagnetism in the PRL automated Ganzfeld series. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 38., 1995, Durham. **Proceedings of Presented Papers...** Durham: Parapsychological Association, 1995. p. 99-112.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

DEAN, E. D., NASH, C. B. Coincident plethysmograph results under controlled conditions. (1967). **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 44.1, n. 838, p. 1-14, Jan. 1967.

DEFLOIRIN, R.; SCHMIED, I. Paranormal experiences in the german population: conception of an empirical study. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 86-98.

DELANOY, D. L. Approaches to the target: a time for re-examination. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 32., 1989, Sandi Ego. **Proceedings of Presented Papers...** Sandi Ego: Parapsychological Association, 1989. p. 51-58.

DELANOY, D. L. The characteristics of successful free-response targets: experimental findings and observations. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 31., 1988, Montreal. **Proceedings of Presented Papers...** Montreal: Parapsychological Association, 1988. p. 230-246.

DELANOY, D. L. The training of psi in ganzfeld. In: ROLL, W. G.; MORRIS, R. L.; WHITE, R.A. (Eds.), **Research in Parapsychology 1981**, Metuchen: Scarecrow Press, 1982. p. 157-159. Abstract.

DELANOY, D.L.; MORRIS, R. L.; WATT, C.A. A study of free-response ESP performance and mental training techniques. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 98, p. 28-67, 2004.

DURCKER, S.; DREWES, A. return of the m&m's: a further study of ESP in relation to cognitive development. In: MORRIS, J. D.; ROLL, W. G. (Eds.), **Research in Parapsychology 1975**. Metuchen: Scarecrow Press, 1976.

EDGE, H. L.; FARKASH, M. Further support for the psi-distributed hypothesis. In: ROLL, W. G.; MORRIS, R. L.; WHITE, R.A. (Eds.), **Research in Parapsychology 1981**, Metuchen: Scarecrow Press, 1982. p. 171-172.

EDGE, H. L.; MORRIS, R. L.; PALMER, J.; RUSSH, J. H. **Foundations of Parapsychology: exploring the boundaries of human capability**. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.

EHRENWALD, J. **Telepathy and Medical Psychology**. New York: Norton, 1948.

EISENBUD, J. Chronologically extraordinary psi correspondences in the psychoanalytic setting. **Psychoanalytic Quarterly**, v. 56, p. 9-27, 1969.

EISENBUD, J. **Psi and Psychoanalysis**. New York: Grune and Stratton. 1970.

EISENBUD, J. Telepathy and the problems of psychoanalysis. **Psychoanalytic Quarterly**, v. 15, p. 32-87, 1946.

EPPINGER, R.; PALLÚ, T. R. **Sonhos, parapsicologia e aconselhamento**. Curitiba: Ed. Autores, 1997.

EYSENCK, H. J.; SARGENT, C. **Explicando lo inexplicado**. Barcelona: Editorial Debate, 1993.

FAHLER, J. ESP card tests with and without hypnosis. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 21, p. 179-185, 1957.

FAHLER, J.; CADORET, R. J. ESP card tests of college students with and without hypnosis. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 22, p. 125-136, 1958.

FAUTS, G. **The effect of reinforcement on telepathic behavior**. Paper read at Rocky Mountain Psychological Association, Las Vegas, 1973.

FODOR, N. Telepathic dreams. **American Imago**. v. 3, p. 61-83, 1942.

FODOR, N. **The Search for the Beloved**. New York: Hermitage Press, 1949.

FONTANA, D.; KELLY, E. W.; ALVARADO, C. S. Correspondence **Journal of**

Parapsychology, Durham, [Spring, 2006](#).

FREUD, S. **Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo (C)** o significado oculto dos sonhos In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de janeiro: Imago, 1997d. 1 CD-ROOM.

FREUD, S. **Conferência XXX Sonhos e ocultismo**. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de janeiro: Imago, 1997e. 1 CD-ROOM.

FREUD, S. **Psicanálise e telepatia** In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de janeiro: Imago, 1997b. 1 CD-ROOM.

FREUD, S. **Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana** In. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de janeiro: Imago. 1997a. 1 CD-ROOM.

FREUD, S. **Sonhos e telepatia**. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de janeiro: Imago, 1997c. 1 CD-ROOM.

GALLUP, G.H.; NEWPORT, F. Belief in paranormal phenomena among adult Americans. **Skeptical Inquirer**, v. 15, p. 137-146, 1991.

GELADE, G.,; HARVIE, R. Confidence ratings in an ESP task using affective stimuli. **Journal of the Society for Psychical Research**, v. 48, p. 209-219, 1975.

GERBER, R.; SCBMEIDLER, G. R. An investigation of relaxation and of acceptance of the experimental situation as related to ESP scores in maternity patients. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 21, p. 47-57, 1957.

GISSURARSON, L. R. Methods of Enhacing PK task performance. In: KRIPPNER, S. (Ed.), **Advances in Parapsychological Research**. v. 8, Jefferson: McFarland, 1997. p. 88-125.

GLICK, B.; Kogen, J. Clairvoyance in by hypnotized subjects: Positive results. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 14., 1971, **Proceedings of Presented Papers...** Parapsychological Association, 1971. p. 58-59.

GOULDING, A.; WESTERLUND, J.; PARKER, A.; WACKERMANN, J. A new system for the automated digital ganzfeld. THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 44., 2001, New York. **Proceedings of Presented Papers...** New York: The Parapsychological Association, 2001. p. 408-410.

GRELA, J. J. Effect on ESP scoring of hypnotically induced attitudes. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 9, p. 194-202, 1945.

HADDOX, Y. A pilot study of a hypnotic method for training subjects in ESP. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 30, p. 277-278, 1966.

HARALDSSON, E. Subject selection in a machine precognition test. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 34, p. 182-191, 1970.

HEATH, P. R. **The PK zone: a cross-cultural review of Psychokinesis (PK)**. New York: Universe, 2003.

HIRUKAWA, T., ISHAKAWA, M. Anomalouos flutuations of RNG data in Nebuta: summer festival in northeast Japan. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 47., Vienna. **Proceedings of Presented Papers...** Vienna: Parapsychological Association, 2004. p. 389-398.

HIRUKAWA, T.; HIRAOKA, R.; SILVA, F. E.; PILATO, S.; KOKUBO, H. Field REG experiments of religious rituals and other group events in Paraná, Brazil. In: ENCONTRO PSI, 3., 2006, Curitiba. **Livro de registro de trabalhos apresentados...** Curitiba: FIES, 2006. p. 17-26.

HONORTON, C. A further separation of high- and low-scoring ESP subjects through hypnotic preparation. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 30, p. 172-183, 1966.

HONORTON, C. Automated forced-choice precognition tests with a "sensitive". **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 65, p. 476-481, 1971b.

HONORTON, C. Effects of feedback on discrimination between correct and incorrect ESP responses. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 64, p. 404-410, 1970.

HONORTON, C. Effects of feedback on discrimination between correct and incorrect ESP responses: a replication study. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 65, p. 155-161, 1971a.

HONORTON, C. ESP e os estados alterados de consciência. In: BELOFF, J. **Parapsicologia hoje**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1976.

HONORTON, C. Meta-analysis of psi Ganzfeld research: a response to Hyman. **Journal of Parapsychology**. v. 49, p. 51-91, 1985.

HONORTON, C. Psi and internal attention states. In: WOLMAN, B. B. (Ed.), **Handbook of Parapsychology**. Jefferson: McFarland, 1977. p. 435-472.

HONORTON, C. Psi and internal attention states: information retrieval in the Ganzfeld. In: SHAPIN, B.; COLY, L. (Eds.), **Psi and States of Awareness**. New York: Parapsychology Foundation, 1978. p. 79-100.

HONORTON, C. Relationship between EEG alpha activity and ESP card-guessing performance. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 63, p. 365-374, 1969.

HONORTON, C. Rhetoric over substance: the impoverished state of skepticism. In: RAO, K. R. (Ed.), **Charles Honorton and the impoverished state of skepticism**, Jefferson: McFarland and Company, 1994. p. 191-214.

HONORTON, C. Separation of high- and low-scoring ESP subjects through hypnotic preparation. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 28, p. 251-257, 1964.

HONORTON, C. Significant factors In hypnotically-induced clairvoyant dreams. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 66, p. 86-102, 1972.

HONORTON, C. The ganzfeld novice: four predictors of initial ESP performance. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 35., 1992, Las Vegas. **Proceedings of Presented Papers...** Las Vegas: Parapsychological Association, 1992. p. 51-58.

HONORTON, C., FERRARI, D. C., & BERN, D. J. Extraversion and ESP performance: A meta-analysis and a new confirmation. In: HENKEL, L. A.; SCHMEIDLER, G. R. (Eds.), **Research in parapsychology 1990**. Metuchen: Scarecrow Press, 1992. p. 35-39.

HONORTON, C.; BARKSDALE, W. PK performance with waking suggestions for muscle tension versus relaxation. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 66, p. 208-214, 1972.

HONORTON, C.; BERGER, R. E.; VARVOGLIS, M. P.; QUANT, M.; DERR, P.; SCHECHTER, E. I.; FERRARI, D. C. Psi communication in the Ganzfeld experiments with an automated testing system and a comparison with a meta-analysis of earlier studies. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 54, p. 99-139, Jun. 1990.

HONORTON, C.; HARPER, S. Psi-mediated imagery and ideation in an experimental procedure for regulating perceptual input. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 68, p. 156-168, 1974.

HONORTON, C.; RAMSEY, M.; CABIBBO, C. Experimenter effect in extrasensory perception. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 69, p. 135-149, 1975.

HONORTON, C.; SCHECHTER, I. E. Ganzfeld target retrieval with an automated testing system: a model for initial Ganzfeld success. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 29., 1986, Rohnert Park. **Proceedings of Presented Papers...** Rohnert Park: Parapsychological Association, 1986. p. 399-414.

HONORTON, C.; STUMP, J. A preliminary study of hypnotically-induced clairvoyant dreams. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 63, p. 175-184, 1969.

HYMAN, R. Anomaly or artifact? Comments on Bem and Honorton. **Psychology Bulletin**, v. 115, p. 19-24, 1994.

HYMAN, R. The Ganzfeld psi experiment: A critical appraisal. **Journal of Parapsychology**, v. 49, p. 3-49, 1985.

HYMAN, R.; HONORTON, C. A joint communiqué: The psi Ganzfeld controversy, **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 50, p. 351-364, 1986.

INARDI, M. **A história da parapsicologia**. Lisboa: Edições 70, 1979.

IRWIN, H. J. **An introduction to parapsychology**. 3ª. ed. Jefferson: McFarland & Company, 1999.

JACKSON, M., FRANZOI, S.; SCHMEIDLER, G. R. Effects of feedback on ESP: A curious partial replication. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 77, p. 147-155, 1977.

JACOBSON, E. **Progressive Relaxation**. Chicago: University of Chicago Press, 1929.

JAHN, R. J.; DUNNE, B. J.; NELSON, R. D. Anomalías en ingeniería: una revisión de las investigaciones del equipo PEAR en la Universidad de Princeton. **Revista Argentina de Psicología Paranormal**, Buenos Aires, v. 31, p. 165-191, 1997.

JAMPOLSKY, G.; HAIGHT, M. A pilot study of ESP in hyperkinetic children. In: MORRIS, J. D.; ROLL, W. G. (Eds.), **Research in Parapsychology 1974**. Metuchen: Scarecrow Press, 1975.

JOHNSON, M.; NORDBECK, B. Variation in the scoring behavior of a "psychic" subject. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 36, p. 122-132, 1972.

JUNG, C. G. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 1990.

KANTHAMANI, H. Attentional sets and ESP scores. In: WHITE, R. A.; SOLFVIN, J. (Eds.), **Research in parapsychology 1984**. Metuchen: Scarecrow Press, 1985. p. 82-85.

KANTHAMANI, H.; KELLY, E. Awareness of success in an exceptional subject. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 38, p. 355-382, 1974.

KEELING, K. Telepathic transmission in hypnotic dreams: An exploratory study. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 35, p. 330-331, 1971.

KELLY, E. F.; KANTHAMANI, H. A subject's efforts toward voluntary control. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 36, p. 185-197, 1972.

KOKUBO, H.; SILVA, F.E.; PILATO, S.; HIRAOKA, R.; YAMAMOTO, M. Application of Psi Inductive Training for Brazilian Children. In: ENCONTRO PSI, 3., 2006, Curitiba. **Livro de registro de trabalhos apresentados...** Curitiba: FIES, 2006.. p. 119-123,

KOKUBO, H.; YAMAMOTO, M. Yunnan's procedure of screening test for anomalous somatic functions, **Japanese Journal of Parapsychology**, Tokyo, v. 4, p. 3-11, 1999.

KOKUBO, H.; SILVA, F.E., PILATO, S., HIRAOKA, R.; YAMAMOTO, M. Psi inductive training for Brazilian children, **Japanese Journal of Parapsychology**, Tokyo, v. 8, p. 47-50, 2004.

KREIMAN, N. **Curso de Parapsicologia**. Buenos Aires: Kier S.A, 1994.

KREIMAN, N.; IVNISKY, D. Effects of feedback on ESP responses. Cuadernos de Parapsicologia, v. 6, 1-10. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 37, p. 367, 1973.

KREIMAN, N.; IVNISKY, D. **Manual de procedimientos experimentales y estadísticos en parapsicología**. Buenos Aires: Editorial Texto Plus, 1998.

KRIPPNER, S. Experimentally-induced telepathic effects in hypnosis and nonhypnosis groups. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 62, p. 387-398, 1968.

KRIPPNER, S. (Ed.). **Advances in Parapsychological Research**. Jefferson: McFarland, 1997.

KRIPPNER, S. The Maimonides ESP-dream studies. In: RAO, K. R. (Ed.), **Charles Honorton and the impoverished state of skepticism**. Jefferson: MacFarland, 1994. p. 39-55.

LEE, A. G., O desenvolvimento de formas de esforços sincronizados em grupos para realização de telecinesia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL E BRASILEIRO DE PARAPSICOLOGIA, 1., 1997, Recife. **Anais...** Recife: IPPP, 1997. p. 12-21.

LEE, A. G.; IVANOVA, T.K.. Elaboration of methods of efforts synchronization in operator groups for realizing the telekinetic phenomenon. In: LEE, A. G. **The selected works in region of Parapsychology**, Moscow: Leonid L Vasilyev Fund of parapsychology, 1996. p. 66-89.

LEWIN, K. **Problemas de Dinâmica de grupo**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

LEWIS, L.; SCHMEIDLER, G. S. Alpha relation with non-intentional and purposeful ESP after the feedback. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 65, p. 455-467, 1971.

LINDMEIER, K. **A parapsicologia e a epilepsia numa visão junguiana**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

LINDMEIER, K. **Avaliação experimental da interferência de imagens-símbolos arquetípicos no fenômeno de clarividência em sujeitos portadores e não-portadores de**

epilepsia. 1998. 152 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

LOVITTS, B. E. The sheep-goat effect turned upside down. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 45, p. 293-309, 1981.

MACCOLLAN, E.; HONORTON, C. Effects of feedback on discrimination between correct and incorrect ESP responses: a further replication and extension. In: MORRIS, J. D.; ROLL, W. G. (Eds.), **Research in Parapsychology 1972**. Metuchen: Scarecrow Press, 1973.

MACDOUNOUGH, B. E.; WARREN, C. A.; DON, N. S. Gamma band (40 Hz) EEG and unconscious target detection in the psi task. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 166-178.

MACDOUNOUGH, B. E.; WARREN, C. A.; DON, N.S. A third replication of event-related brain potential (ERP) indicators of unconscious psi. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 41., 1998, Halifax. **Proceedings of Presented Papers...** Halifax: Parapsychological Association, 1998. p. 64-75.

MACDOUNOUGH, B. E.; WARREN, C. A.; DON, N.S. Event-related brain potentials (ERPs) to psi targets. **Proceedings of Presented Papers**: In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 42., 1999, Palo Alto. **Proceedings of Presented Papers...** Palo Alto: Parapsychological Association, 1999. p. 189-201.

MACHADO, F. Field investigations of haunting and poltergeists. In: UTRECHT II: CHARTING THE FUTURE OF PARAPSYCHOLOGY, 2., 2008, Utrecht. **Abstracts paper sessions...** Utrecht: Het John Bormanfonds & Parapsychology Foundation, 2008. p.13.

MACHADO, F. R. **A ação dos signos nos poltergeists**: estudo do processo de comunicação dos fenômenos poltergeist a partir de seus relatos. 2003. 304 f. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

MACHADO, F. R. **A causa dos espíritos** - Um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil. 1996. 249p. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996

MACHADO, F. R. **Experiências anômalas na vida cotidiana**: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. 2009. 344p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MACHADO, F. R. Psicología del poltergeist. In: PRIMER ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE PARAPSIKOLOGIA, 1., 1996, Buenos Aires. **Actas e trabajos presentados...** Buenos Aires: Instituto de psicología paranormal, 1996. p. 97-101.

MACHADO, F. R.; ZANGARI, W. Estudos de três casos poltergeist em São Paulo, Brasil. In: TERCER ENCUESTRO PSI, 3., 1998, Buenos Aires. **Actas e trabajos presentados...** Buenos Aires: Instituto de psicología paranormal, 1998. p. 75-81.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

MARTIN, D. R.; STRIBIC, F.P. Studies in extrasensory perception: I. An analysis of 25, 000 trials. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 2, p. 23-30, 1938.

MAY, E.; MCMONEAGLE, J. **Remote Viewing**. Rhine Research Center class, Durham, 22 Jun. 1998. 2 videos 8mm. (2 h.).

MERCER, S. Instrumental conditioning in a GESP experiment. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 31, p. 83-84, 1967.

MILTON, J. Should Ganzfeld research continue to be crucial in the search for a replicable psi effect? Part I. Discussion paper and introduction to an electronic mail discussion. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 63, p. 309-333, 1999.

MILTON, J.; WISEMAN, R. Ganzfeld at the crossroads: A meta-analysis of the new generation of studies. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, HELD IN CONJUNCTION WITH THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 40., 1997, Brighton. **Proceedings of Presented Papers...** Brighton: Parapsychological Association, 1997. p. 267-282.

MILTON, J.; WISEMAN, R. Reply to Storn and Ertel. **Psychology Bulletin**, v. 127, p. 434-438, 2001.

MILTON, J; WISEMAN, R. Does psi exist? Lack of replication of an anomalous process of information transfer. **Psychology Bulletin**, v. 125, p. 387-391, 1999.

MINTZ, E. **The Psychic Thread**. New York: Human Sciences Press, 1983.

MISHLOVE, J. **Psi development systems**. Jefferson: McFarland, 1983.

MONTANELLI, D. G.; PARRA, A. Conflictive psi experiences: a survey with implications for clinical parapsychology. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 178-190.

MORRIS, C. Parapsychology, biology, and anpsy. In: WOLMAN, B. B. (Ed.), **Handbook of Parapsychology**. Jefferson: McFarland, 1977. p. 687-715.

MORRIS, R. L., CUNNINGHAM, S., MCALPINE, S. AND TAYLOR, R. Toward replication and extension of autoganzfeld results. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 36., 1993, Toronto. **Proceedings of Presented**

Papers... Toronto: Parapsychological Association, 1993. p. 177-191.

MORRIS, R.; SUMMERS, J.; YIM, S. Evidence of anomalous information transfer with a creative population in ganzfeld stimulation. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 46., 2003, Vancouver. **Proceedings of Presented Papers...** Vancouver: Parapsychological Association, 2003. p. 116-131.

MORRIS, R.; WATT, C. La investigacion parapsicológica na Cátedra Koestler. **Revista Argentina de Psicología Paranormal**, Buenos Aires, v. 8, p. 147-166, 1997.

MOSS, T. ESP effects in “artists” contrasted with “non-artists”. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 33, p. 57-69, 1969.

MOSS, T.; GENDERELLI, J. A. ESP effects generated by affective states. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 32, p. 90-100, 1968.

MOSS, T.; PAULSON, M.; CHANG, A.; LEVITT, M. Hypnosis and ESP: A controlled experiment. **American Journal of Clinical Hypnosis**, v. 13, p. 46-56, 1970.

MURPHY, G. Field theory and survival. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 39, p. 181-209, 1945.

MUSSO, J. R., & GRANERO, M. Group GESP experiments tending to yield repeated positive results. In: ROLL, W. G.; MORRIS, R. L.; WHITE, R.A. (Eds.), **Research in Parapsychology 1981**, Metuchen: Scarecrow Press, 1982. p. 100-103.

NELSON, R. The Global Consciousness Project. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 42., 1999, Palo Alto. **Proceedings of Presented Papers...** Palo Alto: Parapsychological Association, 1999. p. 202-218.

NELSON, R.; BOLLER, E.; BÖSCH, H.; HOUTKOOPER, J. PortREG replication design and phase 1: results. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000b. p. 417.

NELSON, R.; BOLLER, E.; BÖSCH, H.; HOUTKOOPER, J. Studies of anomalous structure, PortREG replication phase 1. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000c. p. 420.

NELSON, R.; BOLLER, E.; BÖSCH, H.; HOUTKOOPER, J. The IGPP mind/machine consortium PortREG replication. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000a. p. 416.

NOGUEIRA, C. S.; PIASECKI, J. O.; ARAÚJO, E. C. S.; SILVA, F. E.; OLIVEIRA, J.; WESTPHAL, M. J.; GIRADELLO, H. Telepatia em sonhos: um estudo didático. In:

ENCONTRO PSI, 2., 2004, Curitiba. **Livro de registro de trabalhos apresentados...** Curitiba: FIES, 2004. p. 141-147.

ORLOFF, J. **Second Sight**. Boston: Warner Books, 1997.

PAIVA, G. J. Psicologia Cognitiva e Religião. **REVER** (PUCSP), v. 7, p. 183-191, 2007.

PALLÚ, T. R. Orientación en parapsicología: reacciones a psi. In: ENCUESTRO PSI, 3., 1998, Buenos Aires. **Actas e trabajos presentados...** Buenos Aires: Instituto de psicología paranormal, 1998. p. 82-85.

PALMER, J. A psicologia da ESP. In: PRIMEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL E BRASILEIRO DE PARAPSICOLOGIA, 1., 1997, Recife. **Anais...** Recife: IPPP, 1997b. p. 200-227.

PALMER, J. Attitudes and personality traits in experimental ESP. In: WOLMAN, B. B. (Ed.), **Handbook of Parapsychology**, Jefferson: McFarland, 1977. p. 175-201.

PALMER, J. Correlates of ESP-Ganzfeld magnitude and direction in the PRL and RRC autoganzfeld database. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, HELD IN CONJUNCTION WITH THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 40., 1997, Brighton. **Proceedings of Presented Papers...** Brighton: Parapsychological Association, 1997a. p. 283-298.

PALMER, J. Correlates of ESP-Ganzfeld magnitude and direction in the FRNM manual ganzfeld database. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 41., 1998, Halifax. **Proceedings of Presented Papers...** Halifax: Parapsychological Association, 1998b. p. 108-123.

PALMER, J. ESP research findings: 1976-1978. In: KRIPPNER, S. (Ed.), **Advances in parapsychological research**, v. 3, New York: Plenum, 1982. p. 41-82.

PALMER, J. Extrasensory perception: Research findings. In: KRIPPNER, S. (Ed.), **Advances in parapsychological research**, v. 2, New York: Plenum, 1978. p. 59-243.

PALMER, J. **Overview of parapsychology**. Rhine Research Center class, Durham, 9 Jun. 1998. 2 videos 8mm. (2 h.).

PALMER, J.; BROUGHTON, R. S. An updated meta-analysis of post-PRL ESP-Ganzfeld experiments: the effect of standardness. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 43., 2000, Freiburg. **Proceedings of Presented Papers...** Freiburg: Parapsychological Association, 2000. p. 224-240.

PARKER, A. A pilot study of the influence of experimenter expectancy on ESP scores. In: MORRIS, J. D.; ROLL, W. D.; MORRIS, R. L. (Eds.), **Research in Parapsychology 1974**, Metuchen: Scarecrow Press, 1975b. p. 42-44.

PARKER, A. A review of the Ganzfeld work at Gothenburg University. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 64, p. 1-15, Jan. 2000.

PARKER, A. Some findings relevant to the change state hypothesis. In: MORRIS, J. D.; ROLL, W. D.; MORRIS, R. L. (Eds.), **Research in Parapsychology 1974**, Metuchen: Scarecrow Press, 1975a, p. 40-42.

PARKER, A.; BELOFF, J. Hypnotically-induced clairvoyant dreams: A partial replication and attempted confirmation. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 64, p. 432-442, 1970.

PARKER, A.; GRAMS, D. Some variables relating to Psi in the Ganzfeld. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, HELD IN CONJUNCTION WITH THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 40., 1997, Brighton. **Proceedings of Presented Papers...** Brighton: Parapsychological Association, 1997a. p. 317-324.

PARKER, A.; GRAMS, D.; PETTERSSON, C. Further variables relating to Psi in the Ganzfeld. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 62, n. 4, p. 321-340, dec. 1998.

PARKER, A.; WESTERLUND, J.; GOULDING, A.; WACKERMANN, J. Recording the action as it happens: the digital real-time Ganzfeld. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 25., 2001, London. **Abstracts of papers...** London: Society For Psychical Research, 2001.

PARRA, A.; VILLANUEVA, J. Dimensiones de Personalidad y ESP durante sesiones de Ganzfeld. In: ENCUENTRO PSI, 3., 1998. Buenos Aires. **Atas...** Buenos Aires: Instituto de Psicología Paranormal, 1998a. p. 93-102.

PARRA, Alejandro; VILLANUEVA, Jorge. Dimensiones de Personalidad y ESP durante sesiones de Ganzfeld. **Revista Argentina de Psicología Paranormal**, Buenos Aires, v. 11, p. 9-26, Enero-Abril 2000.

PILATO, S.; HIRAOKA, R.; SILVA, F.E. Ganzfeld Digital Fisiológico: em busca de uma medida mais objetiva para psi. In: ENCONTRO PSI, 2., 2004, Curitiba. **Livro de registro de trabalhos apresentados...** Curitiba: FIES, 2004. p. 172-179.

PLAS, R. **Naissance d'une science humaine**: La psychologie: Les psychologues et le "merveilleux psychique" [The birth of a human science: Psychology: The psychologists and the "psychic marvellous"]. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2000.

PRATT, J. G. A decade of research with a selected ESP subject: An overview and reappraisal of the work with Pavel Stepanek. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE AMERICAN SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 1973, New York. **Proceedings...** New York: American Society For Psychical Research, 1973. p. 30.

RADIN, D. **Entangled minds**: extrasensory experiences in a quantum reality. New York:

Paraview Pocket Books, 2006.

RADIN, D. Further investigation of unconscious differential anticipatory responses to future emotions. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 41., 1998, Halifax. **Proceedings of Presented Papers...** Halifax: Parapsychological Association, 1998. p. 162-183.

RADIN, D. **Mentes interligadas**: evidências científicas da telepatia, da clarividência e de outros fenômenos psíquicos. Tradução William Lagos; São Paulo: Aleph, 2008.

RADIN, D. **The conscious universe**: the scientific truth of psychic phenomena. San Francisco: Harper Edge, 1997.

RADIN, D.; ATWATER, F. H. Entrained minds and the behavior of random physical systems. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 49., 2006, Sweden. **Proceedings of Presented Papers...** Sweden: Parapsychological Association, 2006. p. 153-163.

RADIN, D.; NELSON, R.; DOBYNS, Y.; HOUTKOOPE, J. Reexamining psychokinesis: comment on Bösch, Steinkamp, and Boller (2006). **Psychological Bulletin**, v. 132, p. 529-532, 2006.

RAO, K. R. (Ed.). **The basic experiments in parapsychology**. Jefferson: MacFarland, 1984.

RHINE, J. B. **The reach of the mind**. London: Faber & Faber, 1948.

RHINE, J. B.; PRATT, J. G.; SMITH, B. M.; STUART, C. E.; GREENWOOD, J. A. **Extrasensory Perception After Sixty Years**. Boston: Bruce Humphries, 1940.

RIESS, B.F. A case of high scores in card guessing at a distance. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 1, p. 260-263, 1937.

ROLL, W. G.; SOLFVIN, G. F. Meditation and ESP - an attempted replication and extension. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 40, p. 51-52, 1976.

ROLL, W. G.; SOLFVIN, G. F.; KRIEGER, J. Meditation and ESP - a comparison of conditions. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 42, p. 53-54, 1978.

ROSENTHAL, R. **Experimenter Effects in Behavioral Research**. Enlarged Edition. New York: Irvington, 1976.

RYZL, M. Training the psi faculty by hypnosis. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 41, p. 234-252, 1962.

SAKO, Y. Una Investigación de la Clarividência. In: ENCUENTRO PSI, 3., 1998, Buenos Aires. **Actas e trabajos presentados...** Buenos Aires: Instituto de psicología paranormal,

1998. p. 125-126.

SANFORD, J.; KEIL, H. The effect of “normal” vs. relaxed states of consciousness on ESP scoring using a GESP feedback testing device. In: MORRIS, J. D.; ROLL, W. D.; MORRIS, R. L. (Eds.), **Research in Parapsychology 1974**, Metuchen: Scarecrow Press, 1975.

SCHLITZ, M. J.; HONORTON, C. Ganzfeld psi performance within an artistically gifted population. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 86, p. 93-98, 1992.

SCHLITZ, M.; WISEMAN, R.; RADIN, D.; WATT, C. Of two minds: Skeptic-proponent collaboration within & parapsychology In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 58., 2005, Palo Alto. **Proceedings of Presented Papers...** Palo Alto: Parapsychological Association, 2005. p. 171-178.

SCHMEIDLER, G. **Parapsychology and Psychology**: matches and mismatches. Jefferson: McFarland, 1988.

SCHMEIDLER, G. R. Rorschachs and ESP scores of patients suffering from cerebral concussion. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 16, p. 80-89, 1952.

SCHMEIDLER, G. R. ESP experiments 1978-1992: the glass is half full. In: KRIPPNER, S. (Ed.), **Advances in Parapsychological Research**. v. 7, Jefferson: McFarland, 1994. p. 104-197.

SCHMEIDLER, R. S.; EDGE, H. Should Ganzfeld research continue to be crucial in the search for a replicable psi effect? Part II. Edited Ganzfeld debate. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 63, p. 335-388, 1999.

SCHMIDT, H. Clairvoyance tests with a machine. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 33, p. 300-306, 1969b.

SCHMIDT, H. O instrumental no laboratório de parapsicologia. In: BELOFF, J. **Parapsicologia hoje**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1976.

SCHMIDT, H. Precognition of a quantum process. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 33, p. 99-108, 1969a.

SCHMIDT, H. Quantum process predicted. **New Scientist**, v. 44, p. 114-116, 1969c.

SCHMIDT, H.; PANTAS, L. Psi tests with internally different machines. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 36, p. 222-232, 1972.

SCHMIDT, S.; SCHNEIDER, R.; UTTS, J.; WALACH, H. Distant intentionality and the feeling of being stared at: two meta-analyses. **British Journal of Psychology**, v. 95, p. 235-247, 2004.

SCHMIDT, H. A quantum mechanical random number generator for psi tests. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 34, p. 219-224, 1970.

SCHWARTZ, B. Possible telesomatic reactions. **Journal of the Medical Society of New Jersey**, v. 64, p. 600-603, 1967.

SCHWARTZ, B. **Psychic-Dynamics**. New York: Pageant Press, 1965.

SERVADIO, E. A presumptively telepathic-precognitive dream during analysis. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 36, p. 27-30, 1955.

SERVADIO, E. Psychoanalysis and telepathy. **Imago**, v. 21, p. 489-497, 1935.

SICHER, F.; TARG, E.; MOORE, D.; SMITH, H. Positive therapeutic effect of distant healing in an advanced aids population. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 41., 1998, Halifax. **Proceedings of Presented Papers...** Halifax: Parapsychological Association, 1998. p. 242.

SILVA NETO, S. A. **Paranormalidade e doença mental**: O fenômeno paranormal como causa e sintoma de distúrbios psíquicos. Olinda: Novo Estilo Edições, 1996.

SILVA, F. E. **Esquizofrenia & psi**. Curitiba, 1997. Trabalho apresentado a disciplina de Psicopatologia do curso de especialização em estudos da consciência das Faculdades Integradas Espírita.

SILVA, F. E.; HIRAOKA, R.; PILATO, S. Analizando estados no-ordinarios de consciencia y otros factores favoraveis para la telepatia: um estudo exploratório. **Revista Argentina de Psicologia Paranormal**. Buenos Aires, v. 14, jul. / out. 2003.

SILVA, F.E.; PILATO, S.; HIRAOKA, R. Digital and Physiological Ganzfeld: looking for a more objective measure of psi. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 58., 2005, Palo Alto. **Proceedings of Presented Papers...** Palo Alto: Parapsychological Association, 2005. p. 250-255.

SILVA, F.E.; PILATO, S.; HIRAOKA, R. Ganzfeld vs. no Ganzfeld: an exploratory study of the effects of Ganzfeld conditions on ESP. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 46., 2003, Vancouver. **Proceedings of Presented Papers...** Vancouver: Parapsychological Association, 2003. p. 31-48.

SMITH, M. D.; FOX, J.; WILLIAMS, C. Developing a digital auto ganzfeld testing system: some initial date. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 24., 2000, London. **Abstracts of papers...** London: Society For Psychical Research, 2000.

SMITH, M. D.; GORDON, M. S. The psychology of the 'psi-conductive' experimenter In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 45., 2002, Paris. **Proceedings of Presented Papers...** Paris: The Parapsychological Association, 2002. p. 247-

255.

SMITH, M. D.; SAVVA, L. Experimenter Effects in the ganzfeld In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION THE INCORPORATED SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 51 32., 2008, Winchester. **Proceedings of Presented Papers...** Winchester: Parapsychological Association, 2008. p. 236-249.

SMITH, M. D.; The problem of replication and the “psi-conductive” experimenter In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 44., 2001, New York. **Proceedings of Presented Papers...** New York: The Parapsychological Association, 2001. p. 320-333.

SMITH, M.; FERRIER, G. Parapsychology in introductory psychology textbooks: ten years on. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 42nd Annual Convention, 1999. p. 365-373.

SONDOW, N. **The relationship between hypnotizability, creativity and psi in the ganzfeld.** 1986. Thesis (Doctoral) - City University of New York, New York, 1986.

SONDOW, N.; BRAUD, L.; BARKER, P. Target qualities and affect measures in an exploratory Psi Ganzfeld. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 24., 1981, New York. **Proceedings of Presented Papers...** New York: Parapsychological Association, 1981.

SOUZA, D. Percepção extra-sensorial e alucinações. In: WAPNICK, K.; PRINCE R.; SAVAGE, C.; GROF, S.; ASSAGIOLI, R.; SOUZA, D. **Experiência cósmica e psicose.** Petrópolis: Vozes, 1991.

STANFORD, R. G. Ganzfeld and hypnotic-induction procedures in ESP research: toward understanding their success. In: KRIPPNER, S. (Ed.), **Advances in Parapsychological Research.** v. 5, Jefferson: McFarland, 1987. p. 39-76.

STEINKAMP, F. A guide to independent coding in meta-analysis. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 41., 1998, Halifax. **Proceedings of Presented Papers...** Halifax: Parapsychological Association, 1998. p. 243-259.

STEPHENSON, C. Cambridge ESP-hypnosis experiments. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 43, p. 77-91, 1965.

STOKES, D. M. Spontaneous psi phenomena. In: KRIPPNER, S. (Ed.), **Advances in Parapsychological Research.** v. 8, Jefferson: McFarland, 1997. p. 6-87.

STORM, L.; ERTEL, S. Does psi exist? Comments on Milton and Wiseman's (1999) meta-analysis of ganzfeld research. **Psychological Bulletin**, v. 127, p. 424-433, 2001.

STORM, L.; ERTEL, S. The ganzfeld debate continued: a response to Milton and Wiseman.

Journal of Parapsychology, Durham, v. 66, p. 73-82, 2002.

TADDONIO, J. L. The relationship of experimenter expectancy to performance on ESP tasks. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 40, p. 107-114, 1976.

TARG, E., SCHLITZ, M., IRVIN, H. J. Psi related experiences. In: CARDENÃ, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. (Ed.), **Varieties of anomalous experience**: examining the scientific evidence. Washington: APA, 2000. p. 219-251.

TARG, R.; COLE, P.; PUTHOFF, H. **Development of techniques to enhance man/machine communication**. Stanford Research Institute Project 2613 report., 1974.

TARG, R.; KATRA, J. **Miracles of mind**: exploring nonlocal consciousness and spiritual healing. Novato: New Word Library, 1998.

TARG, R.; KATRA, J. Remote viewing in a group setting. **Journal of scientific exploration**, v. 14, p. 107-114, 2000.

TARG, R.; PUTHOFF, H. E. **Extensões da mente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

TARG, R.; HURT, D. B. Learning clairvoyance and perception with an extrasensory teaching machine. **Parapsychology Review**, v. 3, p. 9-11, 1972.

TART, C. **Learning to use extrasensory perception**. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

THOULESS, R. H. Experiments on psi self-training with Dr. Schmidt's precognitive apparatus. **Journal of the Society for Psychical Research**, London, v. 46, p. 15-21, 1971.

TIMM, U. The measurement of psi. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 67, p. 282-294, 1973.

TORNATORE, R. P. The use of fantasy in a children's ESP experiment. In: WHITE, R. A.; BROUGHTON, R. S. (Eds.), **Research in parapsychology 1983**. Metuchen: Scarecrow Press, 1984. p. 102-103.

ULLMAN, M. On the occurrence of telepathic dreams. **Journal of the American Society for Psychical Research**, New York, v. 53, p. 50-61, 1959.

ULLMAN, M. Parapsychology and psychiatry. In: FREEMAN, A. M.; KAPLAN, H. I.; SADDOCK, B. J. (Eds.), **Comprehensive Textbook of Psychiatry**, 2nd ed., Vol. 2, Baltimore: Williams and Wilkins, 1975. p. 2552-2561.

ULLMAN, M. Psi and psychiatry. In: MITCHELL, E. D. **Psychic exploration**. New York: Putnam, 1974. p. 246-267.

ULLMAN, M. The nature of psi processes. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 13, p. 59-62, 1949.

ULLMAN, M.; KRIPNER, S.; VAUGHAN, A. **Dream telepathy**: experiments in nocturnal ESP. 2. ed. Jefferson: McFarland, 1989.

UTTS, J. An assessment of the evidence for psychic functioning. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 59, p. 289-320, 1995.

VASCONCELLOS, E. G. A Psiconeuroimunologia da AIDS. In: PAIVA, V. (Org.) **Em tempos de AIDS**. São Paulo: Summus, 1992c. p. 90-101.

VASCONCELLOS, E. G. AIDS e a morte psicossomática. In: PAIVA, V. (Org.) **Em tempos de AIDS**. São Paulo: Summus, 1992b. p. 32-37.

VASCONCELLOS, E. G. O modelo psiconeuroendocrinológico de Stress. In: SEGER, L. **Psicologia e Oncologia**: uma abordagem integradora. 2. Ed. São Paulo: Santos, 1992a.

VASCONCELLOS, E. G. **Topicos de psiconeuroimunologia**. 2. tiragem, ver. e ampl., São Paulo: Ipê, 2000.

WAPNICK, K. Misticismo e esquizofrenia. In: WAPNICK, K.; PRINCE R.; SAVAGE, C.; GROF, S.; ASSAGIOLI, R.; SOUZA, D. **Experiência cósmica e psicose**. Petrópolis: Vozes, 1991.

WATT, C. A. The characteristics of successful free-response targets: theoretical considerations. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 31., 1988, Montreal. **Proceedings of Presented Papers...** Montreal: Parapsychological Association, 1988. p. 247-263.

WATT, J. 2005 Presidential address: Parapsychology's contributions to Psychology. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 69, 2 p. 15-231, 2005.

WEZELMAN, R.; BIERMAN, D. J. Process oriented Ganzfeld research in Amsterdam series IVB (1995): emotionality of target material, series V (1996) and series VI (1997): judging procedure and altered states of consciousness. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, HELD IN CONJUNCTION WITH THE SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 40., 1997, Brighton. **Proceedings of Presented Papers...** Brighton: Parapsychological Association, 1997. p. 477-492.

WILLIAMS, B. J. Exploratory fild RNG study during a group workshop on psychic experiences In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 50., 2007, Halifax. **Proceedings of Presented Papers...** Halifax: Parapsychological Association, 2007. p. 156-168.

WILLIAMS, L. B.; DUKE, M. Qualities of free-response targets and their relationship to Psi performance. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION ANNUAL

CONVENTION, 22., 1979, Moraga. **Proceedings of Presented Papers...** Moraga: Parapsychological Association, 1979.

WILSON, D.; SHADISH, W. R. On Blowing Trumpets to the Tulips: To Prove or Not to Prove the Null Hypothesis - Comment on Bösch, Steinkamp, and Boller (2006). **Psychological Bulletin**, v. 132, p. 524-528, 2006.

WISEMAN, R.; SCHLITZ, M. Experimenter effects and the remote detection of staring. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 61, p. 197-207, 1997.

WISEMAN, R.; SCHLITZ, M. Replication of experimenter effect and the remote detection of staring. In: THE PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION CONVENTION, 42., 1999, Palo Alto. **Proceedings of Presented Papers...** Palo Alto: Parapsychological Association, 1999. p. 471-479.

YU, H.; SHAO, L.; SUN, Y.; FANG, L. The experimental research on extraordinary power of human body - Conductive training of ESP and PK to young people, **Journal of International Society of Life Information Science**, v. 16, p. 120-132, 1998.

ZANGARI, W. **Incorporando papéis**: uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de umbanda, 2003. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ZANGARI, W. A psicologia do ganzfeld. In: ENCUESTRO IBEROAMERICANO DE PARAPSICOLOGIA, 1., 1996, Buenos Aires. **Actas e trabajos presentados...** Buenos Aires: Instituto de psicología paranormal, 1996. p. 180-186.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. R. Experiências religiosas e experiências parapsicológicas entre estudantes universitários, In: CONGRESSO INTERNACIONAL E BRASILEIRO DE PARAPSICOLOGIA, 1., 1997, Recife. **Anais...** Recife: IPPP, 1997. p. 347-364.

Anexo 01 - Roteiro de operacionalização dos dados

(critérios para sistematizar variáveis comuns e específicas dos estudos, caracterizados em dois grupos)

1) Para os dois tipos de estudos:

1a. Identificação 1a1. Código (TP 99*, VPC 99**) 1a2. Autores e ano de publicação 1a3. Desenho experimental básico 1a4. Críticas? s / n 1a5a. Número de participantes 1a5b. Número de ensaios	1b. Tipo de fenômenos psi 1 () GESP (telepatia/clarividência) 2 () Clarividência 3 () PK (micro-macro) 4 () PK (DMILS) 5 () Precognição 6 () Não disponível - nd	1c. Forma de verificação 1 () Resposta fechada 2 () Resposta livre 3 () Resposta fisiológica 4 () Resposta encoberta 5 () Outro 6 () Não disponível - nd
1d. Resultados estatísticos 1 () não apresentado 2 () não significativo ($p \geq 0,05$) 3 () significativo ($p < 0,05$) 4 () muito significativo ($p < 0,01$) 5 () altamente signif. ($p < 0,001$)	1e. Resultados do curso do desempenho 1 () não apresentado 2 () declínio do desempenho psi ou grupo teste apresentou menores escores psi que o controle 3 () estabilidade do desempenho psi ou grupos teste e controle apresentaram resultados iguais ou semelhantes 4 () aumento do desempenho psi ou grupo teste apresentou melhores escores psi que o controle 5 () misto	

2) Estudos de treinamento psi: TP 99*

2a. Tipo de treino conduzido (incluindo combinações de 1 e 2) 1 () <u>da percepção / aprendizado de características pessoais relacionadas a psi.</u> 11 () retro-alimentação 12 () outro 2 () <u>de habilidades relacionadas ao desempenho psi.</u> 21 () Relaxamento - ritmos mentais baixos 22 () Meditação 23 () Visualização 24 () Criatividade 25 () Hipnose 26 () Crença em psi 27 () Misto - indicando 27 mais os números dos fatores	2b. Enfoque teórico adotado - por que se espera o sucesso? 2c. Duração do estudo 2d. Contexto social 2e. Critério de seleção dos participantes 2f. Dados dos pesquisadores (crença em relação a psi e formação)
---	---

3) Estudos manipulando variáveis consideradas psi-condutivas: VPC 99**

3a. Tipo de manipulação

3a1 () Exposição dos participantes a condições psi-condutivas. 11 () Grupos e efeitos sociais 12 () Hipnose 13 () Relaxamento 14 () Meditação 15 () Outros	3a2 () Os participantes são selecionados por manifestar características psi-condutivas. 21 () Disciplina mental (meditadores) 22 () Criatividade (artistas) 23 () Relatos ou desempenho psi 24 () Afetividade entre si (dupla) 25 () Outros
---	--

No caso de ambas, combinações são indicadas.

3b. Os fatores ou variáveis estão relacionadas:

1 () ao receptor 2 () ao emissor 3 () ao pesquisador 4 () aos alvos experimentais 5 () fatores alteração da consciência	No caso de mais de um, combinações são indicadas.
--	---

* TP = treinamento psi; 99 = código numérico para identificar os estudos

** VPC = variáveis psi-condutivas; 99 = código numérico para identificar os estudos

Anexo 02 - Origens do Modelo da Redução do Ruído e do Paradigma Ganzfeld.
(HONORTON, 1994, p.204)

O modelo da redução do ruído de Charles Honorton. (EYSENCK, SARGENT, 1993, p.73)

Anexo 03a - Quadro dos dados dos estudos de manipulação de VPC - Hipnose

1a1	3b	3a 2	3a 1	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1
VPC01	5		12	4	4	4	1	2	21	n	Grupo Hip x não Hip + baralho ESP	Greia (1945)		VPC01
VPC02	5		12	4	4	3	1	2 5	9000	4	Clarivid e PGC hipnose x desperto	Fahler (1957)		VPC02
VPC03	5		12	4	4	3	1	2	600	96	ESP hip x não hip	Van de Castle e Davis (1962)		VPC03
VPC04	5		12	4	4	3	1	2	2200		ESP hip x não hip	Casler (1962)		VPC04
VPC05	5		12	4	4	4	1	1 2	1500	48	ESP hip x não hip	Casler (1964)		VPC05
VPC06	5		12	4	4	4	1	1 2	2100	15	ESP hip x não hip	Casler (1964)		VPC06
VPC07	5		12	4	4	3	1	2	1000	1	ESP hip x não hip	Rao (1964)		VPC07
VPC08	5		12	4	1	2	1	2			ESP hip x não hip	Edmunds e Jolliffe (1965)		VPC08
VPC09	5		12	4	2	4	1	2	400		ESP hip x não hip (sugest - x +)	Honorton (1964)		VPC09
VPC10	5		12	4	2	4	1	2		20	ESP hip x não hip (sugest - x +)	Honorton (1966)		VPC10
VPC11	5		15	2	2	1	1	2			ESP imaginação x não imaginação (sugest - x +)	Honorton (1969)		VPC11
VPC12	5		12	4	4	5	2	1	16	n	ESP Hipnose e sonhos induzidos por hip	Krippner (1968)		VPC12
VPC13	5		12	4	4	5	2	1	34	n	ESP hipnose x não hipnose	Moss, Paulson, Chang, and Levitt (1970)		VPC13
VPC14	5		12	4	6	3	2	1	6	n	ESP em sonho hipnótico	Honorton and Stump (1969)		VPC14
VPC15	5		12	4	4	3	2	1	3	n	Telepatia em sonho hipnótico	Keeling (1971)		VPC15
VPC16	5		12	4	6	4	2	2	3	n	Clarividência em imaginação hipnótica	Glick and Kogen (1971)		VPC16
VPC17	5		12	4	6	4	2	1	2	n	Telepatia em sonho hipnótico	Rechtschaffen (1970)		VPC17
VPC18	5		12	4	2	3	2	1	8	n	ESP em sonho hipnótico	Parker and Beloff (1970)		VPC18
VPC19	5		12	4	2	2	2	1	6	n	ESP em sonho hipnótico	Parker and Beloff (1970)		VPC19
VPC20	5		12	4	4	3	1	3	5	n	PK com dados + sugest pós hipnose	Rhine (1946)		VPC20
VPC21	5		12	4	4	3	1	3	1	n	PK sobre números da loteria c/ e s/ hipnose	Breederveld e Jacobs (1979)		VPC21

Anexo 03b - Quadro dos dados dos estudos de manipulação de VPC - Meditação

1a1	3b	3a 2	3a 1	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1
VPC22	5		14	4	4	4	1	2	300	6	n	ESP c/cartas x c/ e s/ meditação	Gertrude Schneider (1970)	VPC22
VPC23	5		14	4	4	3	1	2	23200	27	s	ESP c/cartas x c/ e s/ meditação	Dukhan e Rao (1973)	VPC23
VPC24	5		14	4	4	4	1	2	27100	18	s	ESP c/cartas x c/ e s/ meditação	Dukhan e Rao (1973)	VPC24
VPC25	5		14	4	4	4	1	2	22000	14	s	ESP c/cartas x c/ e s/ meditação	Dukhan e Rao (1973)	VPC25
VPC26	12		14	4	1	2	1	2			s	Meditação e ESP	Osís e Bokert (1971)	VPC26
VPC27	5		14	4	5	2	12	23		20	n	ESP e PK c/s/ meditação	Braud e Hartgrove (1976)	VPC27
VPC28	5		14	4	4	3	1	3		1	n	PK RNG c/s/ meditação e Feedback alternado cego	Honorton (1977b)	VPC28
VPC29	5		14	4	1	2	2	1	6	16	n	Visão Remota com meditação	Solfvin, Roll e Krieger (1978)	VPC29
VPC30	5		14	4	4	3	1	3		50	n	PK com RNG 2 grupos c/s/ meditação	Matas and Pantas (1971)	VPC30
VPC31	5		14	4	6	5	1	3	1350	1	n	Meditação e PK RNG	Schmidt and Pantas (1971)	VPC31
VPC32	5	21		4	2	5	1	3		10	n	Meditadores e PK com RNG	Honorton and May (1976)	VPC32
VPC33	5	21		4	1	2	2	1		20	n	Ganzfeld com meditadores	Palmer, Khamashta e Israelson (1979)	VPC33
VPC34	5	21		3	2	4	5	3		3	n	PK sobre medidor de temperatura (1 dos 3 suj meditador)	Scheidler (1973)	VPC34
VPC35	5	21		4	4	4	1	3		277	n	PK sobre fias pré-gravadas meditadores x não metid.	Schmidt e Schitz (1989)	VPC35
VPC36	5		14	4	4	4	12	12		59	n	ESP resp. fechada e livre antes e depois de medit	Rao, Dukhan e Rao (1978 Apud Schneider, 1994)	VPC36
VPC37	5	21		4	6	2	1	2		24	n	ESP resp fechada medit x não medit	Harding e Thalbourne (1981 Apud Schneider, 1994)	VPC37
VPC38	5	21		4	6	3	2	6		25	n	Esp resp livre com meditadores	Braud e Boston (1986 Apud Schneider, 1994),	VPC38

Anexo 03c - Quadro dos dados dos estudos de manipulação de VPC - Relaxamento

1a1	3b	3a 1	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1
VPC39	5	13	3	4	3	1	2		n		Clavivência carias ESP pacientes hospital	Gertrude Schneider (1952, apud Honorton, 1977)	VPC39
VPC40	5	13	3	4	5	1	2		s		Clavivência carias ESP pacientes relaxados x não relaxados	Gertrude Schneider (1952, apud Honorton, 1977)	VPC40
VPC41	5	13	4	6	4	2	1	5	1		ESP em relaxamento progressivo resp livre	Braud and Braud (1973 apud Mishlove, 1983)	VPC41
VPC42	5	13	4	6	4	2	1	6	6		ESP em relaxamento progressivo resp livre	Braud and Braud (1973 apud Mishlove, 1983)	VPC42
VPC43	5	13	4	6	2	2	1		s		ESP em relaxamento progressivo resp livre	Braud and Braud (1973 apud Mishlove, 1983)	VPC43
VPC44	5	13	4	4	3	2	1	16	16		ESP em relaxamento progressivo resp livre	Braud e Braud (1974 apud MISHLOVE, 1983)	VPC44
VPC45	5	13	4	4	4	2	1	20	20		ESP resp livre em relax e tensão aval EMG	Braud e Braud (1974 apud MISHLOVE, 1983)	VPC45
VPC46	5	13	2	2	2	2	1	20	20	s	ESP resp livre em atividades do hemisfério direito e esquerdo	Braud e Braud (1975 apud MISHLOVE, 1983)	VPC46
VPC47	5	13	4	6	3	2	1	6	2	n	ESP resp livre induções para redução de múltiplos ruídos	Braud e Braud (1977 apud MISHLOVE, 1983)	VPC47
VPC48	5	13	4	6	3	2	2	100	100	n	CLV resp livre induções para redução de múltiplos ruídos	Braud e Braud (1977 apud MISHLOVE, 1983)	VPC48
VPC49	5	13	4	4	3	2	2	21	21	n	ESP em relaxamento progressivo resp livre	Stanford e Mayer (1974 apud MISHLOVE, 1983)	VPC49
VPC50	5	13	4	4	4	2	1	60	60	n	ESP resp livre em relaxamento progressivo + visualizações e/ grupo controle	Charleswoth (1975 apud MISHLOVE, 1983)	VPC50
VPC51	5	13	4	6	3	2	1	40	40	n	ESP resp livre em relaxamento progressivo + visualizações e/ gêmeos	Charleswoth (1975 apud MISHLOVE, 1983)	VPC51
VPC52	5	13	4	6	2	2	1		n		Ganzfeld x relaxamento	Wood, Kirk e Braud (1977 apud Mishlove, 1983)	VPC52
VPC53	5	13	4	6	2	2	2		n		Clavivência em resp livre após relaxamento progressivo	Miller e York (1976 apud Mishlove, 1983)	VPC53
VPC54	5	13	4	6	3	2	12	30	30	n	CLV e telepatia com alvos musicais + relaxamento 15 min.	Altom e Braud (1977 apud Mishlove, 1983)	VPC54
VPC55	5	13	4	6	3	2	1	16	16	n	GESp após relaxamento físico e mental + incubação	Braud e Thorsrud (1976 apud HONORTON, 1977)	VPC55
VPC56	5	13	4	4	3	1	3	20	20	n	PK com RNG + induções para funcionamento mental "emisfério esquerdo e direito"	Braud, Smith, Andrew, e Willis (1976 apud MISHLOVE, 1983)	VPC56
VPC57	5	13	4	4	3	1	3	40	40	n	PK com RNG + induções para funcionamento mental "emisfério esquerdo e direito"	Braud, Smith, Andrew, e Willis (1976 apud MISHLOVE, 1983)	VPC57
VPC58	5	13	4	6	2	1	3	40	40	n	PK com RNG + induções para funcionamento mental "emisfério esquerdo e direito"	Braud, Smith, Andrew, e Willis (1976 apud MISHLOVE, 1983)	VPC58
VPC59	5	13	4	6	2	2	2	1	1	n	Clv com palavras em Inglês e Telengu e/ s/ relaxamento	Rao (1979 apud MISHLOVE, 1983)	VPC59
VPC60	5	13	4	2	2	2	1	480	60	n	GESp resp livres e/ gravuras e instruções ativas e passivas para recepção	Casler (1982 apud Schneider, 1994)	VPC60
VPC61	5	13	4	3	3	2	2	312	78	n	ESP com resp livre relaxamento x concentração	Musso e Granero (1982 apud Schneider, 1994)	VPC61
VPC62	5	13	4	6	2	6	6	40	40	n	ESP em relaxamento	Ballard, Cohee, e Eldridge (1983 apud Schneider, 1994)	VPC62
VPC63	5	13	4	3	2	2	1	12	24	n	ESP e/ s/ relaxamento	Tomatore (1984 apud Schneider, 1994)	VPC63
VPC64	5	13	4	5	3	1	2	86400	96	n	ESP com cartas em condições de passividade x atividade	Kanthamani (1985 Schneider, 1994)	VPC64
VPC65	5	13	5 (24)	2	3	6	6		n		ESP condições de relaxamento e tensão, com alvos agradáveis e desagradáveis	Ballard (1988 Schneider, 1994)	VPC65
VPC66	5	13	5 (24)	2	3	1	3	1280	6	s	PK RNG e/ tensão e relaxamento, instrução p/ concentração ativa e passiva	Honorton and Barksdale (1972 apud Gissurason, 1997)	VPC66
VPC67	5	13	5 (24)	2	2	1	3	10	10	n	PK RNG e/ tensão e relaxamento, instrução p/ concentração ativa e passiva	Honorton and Barksdale (1972 apud Gissurason, 1997)	VPC67
VPC68	5	13	5 (24)	2	5	1	3	1	1	n	PK RNG e/ tensão e relaxamento, instrução p/ concentração ativa e passiva	Honorton and Barksdale (1972 apud Gissurason, 1997)	VPC68

Anexo 03d - Quadro dos dados dos estudos de manipulação de VPC - Criatividade

1a1	3b	3a 2	3a 1	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1
VPC69	12	22		2	4	5	2	1	216	144	n	Telepatia resposta livre c/ artistas e não artistas	Moss e Gengerelli (1968)	VPC69
VPC70	12	22		2	4	4	2	1	219	146	s	Telepatia resposta livre c/ artistas e não artistas	Moss (1969)	VPC70
VPC71	12	22		2	4	2	2	1	130	160	n	Telepatia resposta livre c/ artistas e não artistas	Gelade e Harvie (1975)	VPC71
VPC72	12	22		2	3	2	1	2	6000	40	n	Clarividência com baralho ESP para músicos e não músicos	Jackson, Franzoi, and Schneider (1977)	VPC72
VPC73	12	22		2	4	2	2	2	20	20	n	Clarividência com resposta livre x escores de criatividade	Braud and Lowenstein (1982),	VPC73
VPC74	12	22		2	3	2	2	1	12	60	n	Ganzfeld + escalas de criatividade em população não selecionada	Sondow (1986)	VPC74
VPC75	12	22		2	3	3	2	1	20	20	n	Ganzfeld com estudantes de arte	Schlitz e Honorton (1992)	VPC75
VPC76	12	22		2	4	3	2	1	32	32	n	Ganzfeld com artistas ou músicos	Morris, Cunningham, McAlpine e Taylor (1993)	VPC76
VPC77	12	22		2	4	5	2	1	128	128	n	Ganzfeld com população criativa	Dalton (1997a, 1997b)	VPC77
VPC78	12	22		2	6	3	2	1	40	40	n	Ganzfeld com participantes criativos	Morris, Summers e Yim (2003),	VPC78
1a1	3b	3a 2	3a 1	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1

Anexo 03e - Quadro dos dados dos estudos de manipulação de VPC - Grupos

1a1	3b	3a 2	3a 1	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1
VPC79	12		11	6	4	3	1	5	500000	5000	n	Precogñição em convenções de negócios e encontros sociais	Dean e Mihalasky (apud SMEIDLER, 1988)	VPC79
VPC80	12		11	6	4	3	1	6	354	354	n	Psi em classes colegiais	Friedman, Smeidler e Dean (apud Smeidler, 1988)	VPC80
VPC81	12		11	6	4	3	1	6			n	psi com duplas de estudantes de uma escola secundária	Kanthamani (1966 apud Schmeidler, 1988)	VPC81
VPC82	12		11	6	4	3	1	2			n	Clarividência com crianças - avaliando o efeito dos estados de humor	Schmeidler (1971 apud Schmeidler 1988)	VPC82
VPC83	12		11	6	4	2	6	1			s	GFESP em grupos grandes/pequenos de amigos/desconhecidos	Condey (1976 apud Schmeidler 1988)	VPC83
VPC84	12		11	6	4	3	6	6	325	325	s	PSI e padrões intragrupo em estudantes colegiais	Wiesinger (apud Schmeidler 1988)	VPC84
VPC85	12		11	6	4	3	2	2	52	6	n	Testes psi durante psicoterapia de grupo	Carpenter (1988)	VPC85
VPC86	12		11	6	4	5	2	2	386	7	n	Testes psi durante psicoterapia de grupo	Carpenter (2002)	VPC86
VPC87	12		11	6	6	4	2	2	24	24	n	Visão remota em grupo	Targ e Kutra (2000)	VPC87
1a1	3b	3a 2	3a 1	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1

Anexo 04a - Quadro dos dados dos estudos de Treinamento Psi (TP) - TP1 - TP20

1a1	2b	2a	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1
TP01	Retro-alim.	11	2	1	5	1	2	280	20	n	Teste adivinhação binária	Mercer (1967)	TP01
TP02	Retro-alim.	11	2	3	5	1	5	72000	4	n	PCG c/RNG 4 alternativas	Schmidt (1969a, c)	TP02
TP03	Retro-alim.	11	2	1	5	1	2	15.000	-	n	clarivid alvos impressos	Schmidt (1969b)	TP03
TP04	Retro-alim.	11	2	1	4	1	5	100	11	n	PCG c/RNG 4 alternativas	Haraldsson (1970)	TP04
TP05	Retro-alim.	11	5	1	3	1	5		14	n	PCG	Lewis e Schneider (1971)	TP05
TP06	Retro-alim.	11	2	4	4	1	5	15.360	1	n	PCG respostas binárias	Honorton (1971b)	TP06
TP07	Retro-alim.	11	2	4	3	1	2		34	n	CLV baralho Zener DT	Honorton (1970, 1971a) MacCollan e Honorton (1973)	TP07
TP08	Retro-alim.	11	1	-	3	1	2			n	CLV baralho Zener DT	Kreiman e Ivinsky (1973)	TP08
TP09	Retro-alim.	11	1	4	4	1	5	500		n	PCG máq. 4 esc. > erro	Schmidt e Pantas (1972)	TP09
TP10	Retro-alim.	11	2	-	3	1	1			s	GESP escolha binária	Dagle (1968)	TP10
TP11	Retro-alim.	11	2	-	5	1	1	628	2	s	GESP de 4 escolhas	Fauts (1973)	TP11
TP12	Retro-alim.	11	2	4	4	1	1	6.360	53	s	GESP de 3 escolhas	Fauts (1973)	TP12
TP13	Retro-alim.	11	5	4	2	1	1	600	1	s	GESP de 4 escolhas	Sanford e Keil (1975)	TP13
TP14	Retro-alim.	11	2	5	2	1	2		147	n	clarivid equip 4 escolhas	Targ, Cole a Puthoff (1974)	TP14
TP15	Retro-alim.	11	2	4	5	1	2, 5	2.208	1	+/-	clarivid e PCG equip 4 escolhas	Targ, e Hurt (1972)	TP15
TP16	Retro-alim.	11	2	4	5	1	5	508	1	n	PCG equip 4 escolhas	Kelly e Kanthamani (1972)	TP16
TP17	Retro-alim.	11	2	4	5	1	2	2.392	1	n	CLV baralhos abertos 52 cartas	Kelly e Kanthamani (1974)	TP17
TP18	Retro-alim.	11	2,4	1	5	1	5	500	1	n	PCG máq. 4 esc.	Schidt e Pantas (1972)	TP18
TP19	Retro-alim.	11	2	4	4	1	2		50	n	CLV máq. 4 e 10 esc.	Tart (1975, 1976a)	TP19
TP20	Retro-alim.	11	2	5	5	1	2		42	s	CLV máq. 4 e 10 esc.	Tart (1975)	TP20

1a)	2f	2e	2d	2c	1a)
TP01	nd	Psi media	nd	nd	TP01
TP02	Crente, engenharia	Psi media	nd	nd	TP02
TP03	Crente, engenharia	Psi media	nd	nd	TP03
TP04	Crente,	Psi media	nd	nd	TP04
TP05	Crente, psicologia	s/ critério	nd	nd	TP05
TP06	Crente	Psi media	nd	nd	TP06
TP07	Crente	nd	nd	nd	TP07
TP08	Crente	nd	nd	nd	TP08
TP09	Crente, engenharia	Acaso	Grupo desejando errar	nd	TP09
TP10	nd	Psi media	nd	nd	TP10
TP11	nd	Crença na psi e amizade	Estud. fac. amigos	nd	TP11
TP12	nd	nd	Estud. em sala de aula	nd	TP12
TP13	Crente, psicologia	nd	Dois amigos pesq no lab	nd	TP13
TP14	Crente, fisica	nd	Vários	nd	TP14
TP15	Crente, fisicos,	Psi alta	nd	nd	TP15
TP16	Crente	Psi alta	nd	dia - 9	TP16
TP17	Crente	Psi alta	nd	nd	TP17
TP18	Crente	Psi alta	nd	dia - 20	TP18
TP19	Crente	Psi media	Cooperativo aquecido humanista	nd	TP19
TP20	Crente	Psi media	Cooperativo aquecido humanista	nd	TP20

Anexo 04b - Quadro dos dados dos estudos de Treinamento Psi (TP) - TP21 - TP41

1a1	2b	2a	1f	1e	1d	1c	1b	1a5b	1a5a	1a4	1a3	1a2	1a1
TP21	Retro-alim. 11	2	2	2	1	2		7	n			Tart, Palmer e Tegington (1979 apud MISHLOVE, 1983)	TP21
TP22	nd	11	2	1	2	1	3		n			Braud e Braud (1978 apud MISHLOVE, 1983)	TP22
TP23	Retro-alim.	11	24	4	3	2	1		s			Braud e Wood (1977 apud MISHLOVE, 1983)	TP23
TP24	Retro-alim.	11	2	1	3	1	2		n			Tart e Targ (1985)	TP24
TP25	nd	256	5	4	3	12	1		s			Friedman, Gantz e Sinclair (1973 apud MISHLOVE, 1983)	TP25
TP26	nd	16	24		3	21	1		n			Barker, Messer e Drucker (1976 apud MISHLOVE, 1983)	TP26
TP27	nd	23	5	1	5	1	3		n			Morris, Nanko e Phillips (1979 apud MISHLOVE, 1983)	TP27
TP28	nd	27	2	4	5	1	2		s			Sean O'Donnell (1974 apud MISHLOVE, 1983)	TP28
TP29	Sincroniza esforços	2563	5	4	1	5	3		n			Lee e Ivanova (1996; LEE, 1996)	TP29
TP30	nd	36	5	4	1	25	123		s			(YU et al, 1998)	TP30
TP31	nd	11	5	1	1	2	2	179	s			Kokubo, e Yamamoto (1999)	TP31
TP32	nd	11	5	1	1	2	2	35	s			Yoichiro Sako (1998)	TP32
TP33	nd	11	5	3	1	2	2	93	s			Kokubo et al. 2004, 2006)	TP33
TP34	Fat psi cond + retro-alim.	11	5(42)	3	2	2	1	72	n			Delaney (1981)	TP34
TP35	Fat psi cond + retro-alim.	(123)11 - 275	(24)	4	2	2	2	174	n			Delaney, Morris e Watt (2004)	TP35
TP36	Hipose + retro-alim.	(1356)11 275	(42)	4	5	1	2	38.500	n			Milan Rylz (1962)	TP36
TP37	Hipose + retro-alim.	11 24	5(42)	4	4	1	1	1300	s			Luiz Fernández Briones (1983)	TP37
TP38	Visualiz. + retro-alime.	11 23	5(46)	4	3	1	3		s			Braud (apud Schneider, 1988)	TP38
TP39	Campo da consciência	27 (13)	5(46)	5	5	1	3		n			Radin e Atwater (2006)	TP39
TP40	Campo da consciência	27 (124)	5(46)	2	2	1	3		n			Williams (2007)	TP40
TP41	União de fatores	11 27(1234)	11 25 (12346)		3	21	2	1488	s			Treino autopercep. + fat psi-cond. retro-alim x psi	TP41

1a)	2f	2e	2d	2c	1a)
TP21	Crete	Psi media	Cooperativo aquecido humanista	nd	TP21
TP22	Crete	nd	nd	nd	TP22
TP23	Crete	nd	nd	nd	TP23
TP24	Crete	Misto em relação a psi	Cooperativo aquecido humanista	nd	TP24
TP25	Crete	Interesse	nd	dia - 0,5	TP25
TP26	Crete	Interesse	nd	nd	TP26
TP27	nd	nd	nd	nd	TP27
TP28	Crete	nd	nd	nd	TP28
TP29	Crete	Interesse desenvolvimento psi	nd	dia - 21	TP29
TP30	Crete	Variável	nd	mês - variav	TP30
TP31	Crete, biofísica, psicologia	Estudantes da Escola primária		dia - 1	TP31
TP32	Crete, psicologia	nd	nd	dia - 8	TP32
TP33	Crete, biofísica, psicologia,	Estudantes da Escola AL	Cooperativo aquecido humanista	2	TP33
TP34	Crete, psicologia	Escore allos em extroversão e crença na psi	Cooperativo aquecido humanista	mês - 6	TP34
TP35	Crete, psicologia	Tempo e motivação para participar	Cooperativo aquecido humanista	mês - 4	TP35
TP36	Crete	nd	nd	ano	TP36
TP37	Crete	Tempo e motivação para participar	Cooperativo aquecido humanista	mês - variav	TP37
TP38	Crete	nd	Cooperativo aquecido humanista	dia - 14	TP38
TP39	Crete	nd	Cooperativo aquecido humanista	dia - 7	TP39
TP40	Crete	nd	Cooperativo aquecido humanista	dia - 5	TP40
TP41	Crete, psicologia	Interesse em autoconhecimento e psi	Cooperativo aquecido humanista	mês - 9	TP41